Apresentação

Gota d'Água foi o nome dado à chapa que venceu as eleições do Diretório Acadêmico do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) da Ufes em 1976, época que se inicia a retomada do movimento estudantil capixaba, após a grande repressão do Regime Militar que culminou com o fechamento do Diretório Central dos Estudantes (DCE) em 1972. Estudantes do CCJE, juntos com colegas do Centro Biomédico (CBM), iniciam uma grande atividade voltada para eventos culturais que, gradativamente, foi evoluindo para o debate político. Numa mobilização sem precedentes na história do movimento estudantil no Espírito santo, em 1978 o DCE é reaberto após uma intensa campanha eleitoral, organizada à revelia dos gestores universitários. As palavras de ordem "Liberdades Democráticas", "Anistia Ampla Geral e Irrestrita", "Constituinte Livre e Soberana" e "Eleições Diretas", passaram a fazer parte do cotidiano dos universitários capixabas. Os estudantes buscam uma aproximação com outros setores da sociedade como os sindicatos, em especial com como os sindicatos dos metalúrgicos, dos professores e dos jornalistas. Os jovens atores universitários se aproximam também de outras instituições, como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e da Igreja, através das Comunidades de Base, que estavam em processo de organização na Grande Vitória. É a memória dessa participação de jovens universitários capixabas na segunda metade da década de 1970 que procuramos resgatar, buscando identificar vários aspectos envolvidos nesse processo, como as motivações pessoais para o engajamento na luta política, a orientação ideológica, as estratégias adotadas na busca de incorporação ao movimento de segmentos menos mobilizados da comunidade estudantil e seu engajamento com as lutas nacionais que ressurgiam naquele momento. Foram coletados vinte e um depoimentos onde são relatadas as várias facetas e episódios que marcaram profundamente a vida de muitos jovens capixabas que contribuíram para o retorno da normalidade democrática no país.

Prof. Me Paulo Roberto Fabres[i]

Coordenador de Pesquisa

Depoimento de Adauto Emerich**

Paulo Fabres: Por favor, comente para nós sobre quando o senhor ingressou na universidade e como que a foi o seu envolvimento e a sua inserção no movimento estudantil da Ufes.

Adauto Emerich: A minha entrada na universidade Federal do Espírito Santo foi em 1975 no curso de odontologia, no primeiro semestre. Quando eu entrei na universidade o Diretório Acadêmico (DA) do Centro Biomédico (CBM) estava fechado. Anteriormente, no início da década de 1970, houve alguns movimentos repressivos muito fortes que extinguiram o movimento estudantil, foi o período mais duro da ditadura. No ano de 1976, o DA do CBM foi reaberto tendo como presidente Aloísio Falquetto, que teve um papel importante na reestruturação burocrática, regimento, legalização. Ele foi um ator muito importante naquele momento, foi como se diz a pessoa certa na hora certa, uma pessoa muito comedida, não era panfletário, era uma pessoa do diálogo, e representou naquele momento todo o anseio do movimento estudantil que estava se reestruturando. Ele foi o nosso canal de passagem, vamos dizer assim, para a reestruturação do movimento.

PF: Quais eram as pessoas que participavam naquele momento?

AE: Havia algumas pessoas emblemáticas, a agente pode dizer na sociedade. Tinha a a Merli (Merli Alves dos Santos), o Antônio Claudino de Jesus, uma figura muito importante na estruturação e na reflexão dos caminhos que o movimento podia seguir naquele momento histórico, ou seja, de entender que o sistema político nosso não era monolítico, fechado, que tinha possibilidades de a gente interferir na sociedade, de se articular com a sociedade, para dizer que a maneira que a sociedade brasileira estava sendo conduzida era uma maneira nefasta e prejudicial, no sentido de se buscar mais justiça social e etc. Então o Claudino teve um papel importante, junto com a Merli. Eu posso trazer também o nome do Lauro Ferreira Pinto e de Ildeberto Muniz, o Paraíba, que foi uma pessoa também importante, o Geraldo Correia mas meu nome surgiu no

bojo daquele processo, principalmente pela Merli e pelo Claudino. Eu já tinha, e tenho até hoje, um perfil um pouco conciliador, de se articular melhor, e a gente vivia um processo histórico que você tinha que entender aquela conjuntura que era dramática, porque haviam dois decretos leis que eram o 477 e o 228, que cerceavam o estudante que não podia se reunir, discutir política e expressar suas idéias. Você falar isso nos dias de hoje parece que é um absurdo, mas a gente vivia na época o absurdo. Havia um medo permanente de que tinha alguém nos vigiando o tempo todo, de que tinha um "Grande Irmão" percebendo o que a gente estava fazendo, e nós sabíamos que existia na própria estrutura da Universidade a famigerada Secretaria Especial de Informação (SEI) que constava no Estatuto e Regimento Interno da UFES. Fui eleito presidente do DA do CBM em 1977, e nós adotamos, num primeiro momento, duas estratégias, que entendíamos como fundamentais, a realização da Semana Científica e a outra da Semana Cultural. Trouxemos para Vitória o Zuenir Ventura que escrevia na Veja, porque naquela época a revista Veja era uma revista que a gente tinha como referência, isso na década de 70. Um dado importante foi o apoio às nossas iniciativas por parte do Professor Rômulo Augusto Penina, que na época era Sub-Reitor Comunitário. O nosso movimento tinha uma forte ênfase na promoção de atividades culturais. O cineclubismo era ativo e havia os grupos de teatro do Centro Biomédico com pessoas muito interessantes e naquele momento, assim como o pessoal do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas como, por exemplo, a Eliza Lucinda que fez vários trabalhos com a gente. Eliza trabalhou muito através de um grupo que era coordenado por Magno Godoi, que era estudante de odontologia, Luciano Cola, que já é falecido, que fazia medicina. A antiga Fundação Cultural tinha recursos que a gente captava via universidade, e isso ajudava a aglutinar a massa estudantil e permitia fazer uma reflexão, pois sempre tinha uma mensagem política. Inclusive eu lembro que na peça "O Marinheiro" de Fernando Pessoa, e o Magno (Godoy) colocou no teatro Carlos Gomes uma frase de Pablo Neruda em que ele exaltava a importância da militância, etc. Nessas atividades culturais a gente sempre trazia alguma coisa no sentido de exaltar a dignidade humana e as liberdades. É aquilo que eu disse anteriormente, o sistema não era monolítico, a gente tinha espaços, havia brechas que você podia veicular algumas idéias. Acho que essencialmente era uma bandeira fundamental que estava colocada para a sociedade que era as liberdades democráticas e eu caminhei muito nessa direção

no meu vínculo com o Partidão, onde eu militava, embora não participasse da direção do partido. Na minha formatura, por exemplo, no meu convite de formatura em 1979 na odontologia, eu usei uma frase no início do convite que extraí de um texto do Gramsci, Antônio Gramsci, que foi um neo-marxista italiano importante, e algumas pessoas comentavam: "Pô você citou o Gramsci aqui." Porque ele falava sobre o *homo faber* e o *homo sapiens*, que todos nós éramos capazes de mudar a realidade independente do seu grau intelectual, que todos nós temos essa possibilidade de intervir na realidade. Trata-se de um texto belíssimo, eu usei esse texto dizendo para os dentistas sobre a importância de cada um se envolver a para ajudar, para melhorar o mundo, a visão de mundo e enfim a sociedade. Agora, fiz uma volta lá no final do meu curso, mas ainda em 1977, mas acho que a gente jogava mais no campo da política porque, por exemplo, nós trouxemos à Vitória o Ferreira Gular, que é um importante poeta brasileiro que trabalhou muitas questões das nossas raízes, da nossa cultura e da existência da brasilidade, da existência do brasileiro como uma possibilidade no mundo. Li algumas coisas dele, em especial o "Poema Sujo", que é uma obra prima. Lembro numa das palestras que ele deu de uma frase que diz assim: "Nós não podemos simplificar as coisas", e naquela época a gente trabalhava com um modelo muito polarizado de sociedade, via o capitalismo como um modelo coercitivo do imperialismo americano, e o outro modelo que era o soviético que a gente namorava, apesar de que naquela época já mostrava sinais de fraqueza mas que por uma série de ideologizações a gente não enxergava bem. Eu trabalhava no ponto de vista de escancarar tudo, de entender a realidade, nunca fui muito dogmático na percepção da política e tive algumas discussões os companheiros sobre as orientações dogmáticas. Dentro dessa análise você percebe que hoje no nosso estado tem pessoas, como o nosso governador (Paulo Hartung), e podemos citar aí uma lista imensa de pessoas que tiveram aquela experiência social, histórica e política, e que ajudaram muito a construir e dar uma percepção melhor do mundo que os cerca, e por isso aquele momento foi marcante para toda uma geração. Falar da gente é muito complicado, mas eu mesmo creio que isso ajudou muito no meu desenvolvimento na odontologia. É importantíssimo lembrar que na década de 1970 no Brasil havia um movimento dos sanitaristas, que era um movimento de esquerda. Em 1977 nós fomos participar da IV SESAC (Semana de Estudos de Saúde Comunitária) em Londrina, equem fez a abertura da SESAC foi o Sérgio Arouca, que depois se

tornou constituinte e foi um dos que ajudaram a fundar o SUS, que considero como o melhor sistema de saúde. O movimento sanitarista trouxe toda a lógica da saúde pública brasileira com três pilares: a universalidade da atenção, a integralidade e a equidade. Hoje se um cidadão for num hospital público ele tem direito ao atendimento, mas antigamente tinha que ter carteira de trabalho assinada. Isso é um negócio importantíssimo, na verdade a reforma sanitária é um projeto civilizatório para esse país, porque saúde é um direito do cidadão e um dever do Estado, está lá no artigo 196 da constituição. Eu digo que a reforma sanitária no Brasil era uma realidade, ela não atingiu ainda a plenitude, ela não é algo que a gente pode dizer assim: "está resolvido", mas problemas como esse o Canadá e os Estados Unidos têm, não é isso? O Michel Moore, que fez "Tiros em Columbine" está fazendo um filme sobre o sistema de saúde dos Estados Unidos. Por quê? Porque tem problemas, isso não é um problema só nosso. O movimento sanitarista da década de 1970 se aproximou da sociedade, dos movimentos populares. Então essa história, essa trajetória histórica, movimento estudantil, reforma sanitária, tudo isso tem pontos de interface que são importantíssimos. O movimento não era só um movimento voltado para uma bandeira política partidária. Claro que o PCB defendia também a reforma, mas era um movimento civilizatório, um movimento de mudanças de paradigmas da sociedade brasileira. Então se você me perguntar: "Poxa, mas e os frutos daquele movimento?" Um deles é esse, é ter contribuído fundamentalmente para a consolidação e a institucionalização da saúde, para uma política de estado nesse país, coisa que a educação ainda não é, coisa que o direito ainda é uma caixa preta. O Conselho Regional da Saúde em Brasília tem representantes dos usuários, quer dizer o cara não é médico, não é dentista, não é nada, ele é uma pessoa que usa o sistema e tem uma cadeira com direito a voz e voto. Então, do ponto de vista revolucionário, é um negócio espetacular. O dimensionamento disso para a nossa sociedade o tempo vai dizer, mas eu acho que é um grande avanço, começou lá. Aliás, do movimento estudantil do Espírito Santo na década de 1970 vários militantes tornaram-se sanitarista como, por exemplo, o Lelo Coimbra, Anselmo Tose que é o atual secretário de saúde do estado, Geraldo Corrêa, Merli Alves dos Santos, Antônio Claudino de Jesus e eu. Todo mundo vestiu essa camisa de defesa da saúde pública para ajudar a construir esse arcabouço da saúde de uma forma mais democrática, mais justa e humana para esse país. Então, percebo que a

nossa geração, dentro daquilo que ela lutou, essa foi uma bandeira que foi fundamental, e eu tenho o maior orgulho de ter participado, de ajudar a construir a reforma sanitária. Em 79 teve o episódio que eu não queria deixar passar, que era o episódio da conferência, da Semana de Saúde Comunitária que foi em São Paulo, no ABC paulista, foi em São Bernardo, e tinha toda uma conotação política importante porque a estruturação do PT estava começando lá e nós tivemos a repressão em cima, eram realmente eram os anos chumbo. Foi em março de 79 e nós estávamos reunidos no campus e começamos a definir os estudantes que iam para São Bernardo, e eu fui em um dos grupos, e eu era visado porque eu fui presidente de diretório, era fichadíssimo. Antes disso eu tinha sido preso em Belo Horizonte, mas aí quando eu fui para a rodoviária de Vitória, que era alí no Parque Moscoso, na antiga praça Mizael Pena, liguei para a minha casa avisando para minha família que ia viajar e falei: " Eu vou fazer essa viagem, eu estou no movimento, faço parte desse grupo que está discutindo a saúde coletiva, etc.". Mas quando eu estou dentro do ônibus, entraram dois caras com uma lista na mão. Quando eu dei uma olhada na lista o primeiro nome que vejo era Adauto Emmerich, também estava lá Antônio Claudino, Fernando Pignaton e vários amigos militantes, eu falei: "Pô, vai prender todo mundo". Então, de uma forma completamente absurda, eu fui chamado para sair do ônibus, "O senhor está preso", e dali eu fui colocado numa salinha dentro da rodoviária, fiquei ali esperando, muito tenso, muito preocupado, porque a gente só ouvia falar de pessoas que eram detidas e depois sumiam nesse país. Em seguida, eles me colocaram num carro e fui levado para a Polícia Federal na Avenida Vitória, ali perto da Faesa, em Monte Belo. Eu fui fichado, aliás, eu já tinha ficha na Polícia Federal, mas mesmo assim, tiraram impressão digital, fotografia, fizeram um interrogatório, pegaram a minha mala e abriram tudo e encontraram alguns folhetos ligados a política, mas a gente não tinha mais o que esconder. Dali eu fui levado para onde ficavam os cárceres, e eu fiquei dormindo lá de cueca, eu lembro que era mês de março e estava na entrada do outono e estava frio a noite, e eu não dormi naquela noite, evidentemente em função dessa tensão, a cabeça fica pensando num monte de coisas. Eu lembro que passou no corredor Fernando Pignaton, que também foi preso, e ele também estava de cueca e ficou numa outra cela.

No outro dia de manhã eu fui chamado, me deram as roupas, eu acho que naturalmente a prisão repercutiu muito na sociedade e deve ter havido alguma pressão da própria

reitoria da UFES. Eu lembro que estava sentado junto ao chefe da Polícia Federal e, no outro canto, Alberto Monteiro, que era o testa-de-ferro da ditadura dentro da universidade. E aí fizeram umas perguntas e depois falaram que iam me soltar mas falaram que queriam que não fosse viajar de novo. Eu inclusive nem voltei a viajar porque você toma uma porrada, e você sabia pela imprensa o que vinha acontecendo um pouco antes no país como a morte do operário Manuel Filho e do jornalista Wladimir Erzog, e você fica pensando: "Poxa, eu não estava naquele grau de enfrentamento com Estado como esses brasileiros importantes, mas a gente de alguma forma enfrentou o Estado". Hoje percebo o quanto nós fomos corajosos, quer dizer, a gente jamais deixou de entender que havia riscos, porém jamais deixou de entender que era importante dar aquela contribuição naquele momento que a sociedade estava vivendo, aquele estrangulamento das possibilidades democráticas. Em 1978 teve um encontro, eu acho que era o terceiro encontro nacional, era uma tentativa de articulação da UNE em Belo Horizonte, e fizemos uma reunião no campus e o meu DA fez muita pressão para não ir pois estava havendo muita pressão, muita mídia em cima. Resolvi ir, e quando eu estava chegando a Belo Horizonte fomos parados por uma estrutura militar muito pesada e entraram dois policiais pedindo os documentos de todo mundo, perguntando quem era estudante, e como que você vai negar que era estudante? É pior eu acho. Aí eu falei, "eu sou estudante", então eles falaram "o senhor está preso". Fomos levados para a Polícia Federal de Belo Horizonte de madrugada, e ficamos até a noite, passamos a noite toda até a amanhã do outro dia, e havia muita gente lá detida, eles fecharam todas as possíveis vias de acesso a Belo Horizonte. Eles prenderam exageradamente, prenderam até um time de futebol, gente que não tinha nada a ver com a história.

PF: Além do senhor quem mais de Vitória foi preso?

AE: Eu perdi essa memória. Isso deu notícia no jornal do Brasil, e o que me marcou nessa prisão é como que o Estado brasileiro tratou os cidadãos, a forma além de colocar você numa situação deprimente. A gente vê filmes, vê resgates do nazismo, todas essas questões que envolveram humanidade nesse século passado, mas cada um de nós, mesmo não tendo participado desse movimento foi atingido, todos se sentiam atacados. Você queria ver um filme, assistir a uma peça, mas não podia por que havia a censura, você era cerceado do seu direito de ir e vir porque tem um cara que é soberano e diz que

você não pode. Bom, voltando a prisão em Belo Horizonte, eu saí de manhã da polícia, fui fichado mais uma vez, preenchi um monte de coisas. O SNI, Serviço Nacional de Informação da ditadura militar era um aparato muito ativo que tinha o controle da sociedade, só que isso foi sendo minado.

PF: Como que era o impacto deste sistema repressivo dentro da universidade, dentro da Ufes? Estou falando agora não só em termos de liderança, mas no geral. Como isso refletia no meio acadêmico, principalmente entre os estudantes menos mobilizados?

AE: Aconteciam duas coisas, alguns colegas falavam: "Rapaz, não entra nisso não, isso está ficando perigoso. Você deveria parar com isso. Isso é complicado, você vê que aconteceu isso com fulano, tenta se formar como um bom profissional, se dedique aos estudos, você tem faltado muitas aulas.". Eu lembro que havia os dois lados, havia aqueles companheiros que eram mais companheiros da primeira hora, que diziam que tínhamos que continuar, mas também havia o outro lado. Na minha família mesmo eu lembro que a minha mãe se sentia muito pressionada, ela foi uma pessoa muito forte nisso, de valor, que sempre acreditou na importância da nossa participação, da nossa militância política social e etc.Mas de qualquer forma, a gente vivia um momento em que essas notícias não eram notícias que tinham destaque na mídia, era uma notícia que saia no cantinho do jornal. A própria imprensa também vivia numa camisa de força, as notas sobre nossas prisões saíam na página de polícia, não saía na parte de política. O recrudescimento também tinha alguns limites, eu sinto que a universidade trabalhava no sentido de não permitir que muitas forças de direita se manifestassem, eu sentia isso na estrutura. A gente tinha um acolhimento interno na universidade, o sistema não era monolítico e ele estava se exaurindo, já estava dando sinais de cansaço. Tanto é em 77 nós fizemos um trote em cultural que permitiu montar uma verdadeira biblioteca no diretório acadêmico, com livros sobre saúde pública, cinema, política. Claro não podia colocar ali "O Capital" de Marx, mas que já entrava alguma coisa. A gente usou muito o entendimento da cultura e da ciência para aprofundar na política. Era uma estratégia que a gente se apoiava, porque se fizesse semana de debates políticos capixaba ia todo mundo preso.

PF: Como que era a relação com os professores? Qual era a posição dos professores, de apoio ou de confronto?

AE: No meu caso na odontologia eu não tive muita solidariedade não. Eu acho que os professores eram muito reacionários, com uma formação política limitada. Na medicina naquela época tinha o Vitor Buaiz, que já era professor que tinha uma tendência mais no campo da esquerda e que depois ajudou a articular o PT no estado. Teve recentemente uma reunião na odontologia, organizada pelo Centro Acadêmico e nessa reunião foi feito um relato do movimento estudantil e eu até sai da reunião, porque eles fizeram a partir da década de 1980. Aí depois, a presidente do centro acadêmico veio me falar no outro dia: " professor, o senhor não ficou para o coquetel, não esperou". Eu falei: "Não, eu acho que a gente não deve viver sobre a mentira". Os atores que estavam na mesa são pessoas com as quais eu já tenho um enfrentamento político na odontologia.

PF: Comente mais sobre isto.

AE: É o pessoal do Conselho Regional de Odontologia que são extremamente reacionários, não querem discutir as questões importantes da classe e era também o presidente da Associação Brasileira de Odontologia daqui. Então eu optei em dar esse recado, e eu acho que foi bom para mim, foi bom, por que eu iria entrar em um bate-boca ali que não caberia. Então eu acho que o ajudei a retomar a história, eu disse para essa presidente do Centro Acadêmico: "Não, o movimento nosso na década de 1970 era essencialmente político". Era um movimento político, e aí eles começaram a falar que na década de 80 ajudaram a formar um pronto-socorro odontológico coisas assim bem pontuais. A gente tinha uma visão da sociedade, a gente tinha a reforma sanitária, como eu disse para você antes. Em 1977 nós fomos à Londrina, bom, você viajar de ônibus para Londrina para discutir políticas de saúde, isso era coisa de vanguarda, era um negócio importantíssimo, uma escola de vida, de política. Agora, a memória e a história cada um conta de um jeito.

PF: Houve um movimento importante no CBM ainda na década 1970, em plena ditadura, que foi a paralisação dos estudantes do CBM. Relate um pouco sobre a greve.

AE: Foi a primeira greve e foi após meu mandato, acho que foi em 1978 e já foi um amadurecimento do movimento onde se encontrou mais brechas dentro da conjuntura política e aquilo era historicamente possível. Essa greve teve um papel importantíssimo porque revelou novos atores. Entraram vários personagens importantes naquele momento como Fernando Pignaton, o irmão dele o Dunga (Eduardo Pignaton) que é uma figura humana também muito interessante, o Paraíba (Ildeberto Muniz de Almeida), o Anselmo Tose. A nova conjuntura política permitiu essa greve em função e uma crise que o hospital universitário vinha passando, a falta de investimento na educação, de verbas, salário de professor, contratação de professor, ou seja, uma crítica profunda a infra-estrutura educacional do Centro Biomédico. Essa greve trouxe problemas naquele momento, porque houve atrasos, eu acho que o curso de odontologia foi penalizado porque não houve reposição de aula, e aí todo aquele problema de você ter que estudar em períodos como janeiro, fevereiro, repor aulas, isso cria um pensamento conservador e o pensamento de direita reage em relação a isso. Mas foi um movimento que foi um marco em termos do enfrentamento com as questões políticas daquele momento.

PF: Houve muita pressão em cima do movimento grevista?

AE: Muita pressão, o Centro Biomédico foi praticamente cercado. A gente sentia que estava fazendo algo que estava incomodando a ditadura. Eu percebia é que a gente tinha muita força, mas não tinha noção dos limites dessa força. E havia também um cuidado de você não querer criar um problemaço porque a gente sabia das forças que a ditadura tinha. A gente atuava muito estrategicamente no sentido de procurar essas brechas. Como nós vamos fazer? Como nós vamos conduzir? Então, nessa primeira greve, a gestação dela, foi nas administrações anteriores do diretório, quando a gente foi criando núcleos de discussão e foi entendendo melhor, aglutinando mais forças de estudantes, porque naquele momento quem entrava no diretório, quem fazia parte do movimento sabia dos riscos, sabia o que estava fazendo. Então você para articular forças é um negócio complicado. Eu lembro que quando a gente tinha um companheiro, um amigo ou um colega que participava, é porque era um amigo de fé mesmo. Então havia muito uma fidelidade, tanto é que essas pessoas, grande parte delas é amiga até hoje, tem um laço que veio dos anos de chumbo, consolidou uma percepção da sociedade, uma

percepção do destino que a gente podia caminhar e lutar por liberdade, lutar por qualidade de vida, de lutar por uma saúde. Agora, lamentavelmente, eu diria que da mesma forma que o movimento sanitarista trouxe uma contribuição importante, uma coisa que a gente precisa discutir é porque o movimento dos advogados e dos economistas, por exemplo, não trouxeram uma contribuição importante para a sociedade. Eu estou dizendo que a gente tinha um cenário político para atuar, que era a ditadura militar, mas a gente tinha propostas para mudar o país, que eram as propostas do movimento sanitarista. Você percebe que tinha uma dimensão do ponto de vista da sociedade importantíssimo, porque tinha proposta. Os militantes políticos, principalmente na área da saúde, tinham uma proposta para mudar o cenário da saúde no país e isso ideologicamente tem um valor incomensurável porque não era só o discurso da transformação da sociedade, era uma proposta em que eu, como um ator político e também profissional, tenho para a sociedade. Eu acho que isso é uma questão nessa memória que eu acho importante resgatar.

PF: O Paulo Hartung se torna uma liderança maior dentro do movimento estudantil, e mais tarde ele faz a passagem para uma militância na vida política e partidária. Como que foi a consolidação do Paulo Hartung enquanto liderança dentro do movimento estudantil?

AE: Eu acho que o Paulo sempre foi uma pessoa muito preparada para a militância política. Como um ator da política estudantil ele foi uma liderança natural, ele não foi uma liderança fabricada, ele foi levado a ser líder e primeiro presidente da reabertura do DCE que foi no ano de 1978. A reabertura do DCE foi como um passo natural e foi um processo muito bem articulado. A gente tinha algumas conversas e ele sempre valorizava muito a análise da conjuntura, buscava entender o momento, eu acho que ele aplica muito esse modelo na atual gestão do governo dele, os passos dele são muito medidos, são muito calculados. E o movimento estudantil ajudou, contribuiu na construção da personalidade política dele, não tenho dúvidas disso. Claro que analisando a vida política dele, cada um tem a sua trajetória, você, a sua eu a minha, eu não faria um monte de coisas que ele fez, como por exemplo, não ter consolidado um partido político, não ter dado uma contribuição para um partido político, a minha impressão é que ele acabou se tornando além de um ator político, uma instituição. Eu

não estou fazendo uma análise pessoal desse momento eu estou fazendo uma análise política. Porque instituição? Porque hoje ele é um nome na política do estado que transcende ao partido, ele é mais importante do que um partido e isso para a sociedade não é bom, para o futuro nosso não é bom. Por quê? Porque o partido político ainda é uma instância jurídica, institucional, fundamental na transformação da sociedade. O José Serra fala recorrentemente que você entra e saí de um partido de acordo com a suas circunstâncias e necessidades. Mas eu acho que isso não é demérito para ele não. O Paulo é um grande representante da nossa geração, orgulho para a nossa geração, é um orgulho. Por quê? Porque a nossa geração ajudou a mudar o país, a transformar, e ainda continua participando. Se você for a vários setores da sociedade capixaba, vai à universidade, vai ao estado, vai à secretaria de saúde e em outras secretarias do governo do estado você vai encontrar pessoas que participaram desse processo e são extremamente ativas, estão em ação. Se você for colocar uma seta nesse espaço de tempo que essa geração participou, essas idéias são muito marcantes, ajudaram a consolidar a democracia, a derrubar a ditadura, ajudaram a construir processos importantes como o da saúde pública no país como eu já te relatei. Estas pessoas continuam acreditando que a política é o caminho, é o veículo importante e fundamental para mudar a sociedade, mas não somente no partido, é onde você estiver. Eu acho que é isso também de uma grandeza maior no entendimento que nós temos da política, da sua família, da sua casa, na universidade, no trabalho e nesse simples diálogo que a gente está tendo agora.

PF: O senhor gostaria de fazer mais algum outro registro, acrescentar algo mais ao que foi dito até o momento.

AE: Eu acho que esse trabalho que está sendo feito, que você está liderando, importantíssimo para resgatar, para mostrar para as novas gerações o que passou e a história que aconteceu nesse estado e no país, principalmente no período da ditadura militar, e dessa geração toda que participou. Eu acho que esse trabalho tem um valor inestimável, um valor que só quem está ligado à academia, só quem lida muito com livros principalmente sabe disso. Quem não sabe da onde vem não sabe para onde vai. Isso quer dizer o seguinte, precisamos conhecer a nossa história, conhecer nosso passado, torná-lo sempre vivo no nosso cotidiano para que a gente possa cada vez mais

não errar, se algum momento errou, ou a sociedade, ou o estado, ou o aparato militar, e que cada vez mais a gente possa contribuir e construir uma sociedade mais justa e fraterna para esse país e para o mundo. Paulo, eu acho que as minhas palavras finais são essas, parabéns pela idéia, já era hora de alguém se investir dessa responsabilidade que não é fácil, e eu sei disso. A propósito, eu me esqueci de falar que nós tínhamos um veículo de informação que ajudei a construir em 1977 que foi o "Questão de Ordem", que era o jornal do DA do Biomédico. O nome "Questão de Ordem" é porque a "questão de ordem" era uma palavra chave nas nossas assembléias. A gente resgatou tudo isso aqui e foi marcante e emocionante. Me senti muito bem dando essa entrevista para você, e relembrei de muita coisa que nunca mais eu tinha conversado com ninguém sobre isso. A minha memória talvez tenha falhado, mas o que eu disse, não tenha dúvidas disso, foi essencialmente a verdade do que aconteceu.

Muito obrigado pelo depoimento

Vitória, 05 de Março de 2007.

Depoimento de Anselmo Tose (*)

Paulo Fabres: Em que ano o senhor ingressou na Universidade Federal do Espírito Santo e quais foram os seus primeiros contatos na militância estudantil?

Anselmo Tose: Entrei no curso de medicina em março de 1977, a minha turma de medicina na Ufes tem vários atores conhecidos, o nosso subsecretário de saúde Chiquinho (Francisco José Dias da Silva), Fernando Pignatton, o Pig, Adão Célia, o famoso Carlinhos Bigode, Bezerra, os atuais prefeitos de João Neiva e de Aracruz, o Peiruquee e o Ademar Devens, e o atual secretário de saúde de Colatina e ex-secretário de estado Tadeu Marinho entre outros atores políticos, Geraldo Correia, o Geraldo não foi da nossa turma não, ele é um pouquinho mais antigo. Foi uma turma muito forte desde o início, a gente começa e já em julho a gente vai para o ECEM, com quatro meses de faculdade desemboca, deságua num encontro científico de estudantes de medicina em Santa Catarina, com aquelas discussões todas, ditadura militar, meio sem entender mas cai no meio do furacão e começa alguma coisa que havia despertado ali, então se rompe com nosso isolamento e começa aos poucos adquirir consciência política.

PRF: Como é que foi a sua inserção na política estudantil dentro do CBM (Centro Biomédico)?

AT: Se deu com esse abre alas que comentei anteriormente e também com uma turma da Emescam, numa delegação expressiva que foi participar do ECEM, uma delegação organizada por Merli (Merli Alves dos Santos), Claudino (Antônio Claudino de Jesus), Laurinho (Lauro Ferreira Pinto) dentre outros. A partir daí, surge uma grande vontade de participar do movimento estudantil, e a gente começa se envolver com a militância dentro do Centro Biomédico com todo esse pessoal que desempenhou um papel fundamental no revigoramento das lutas estudantis que culmina com a abertura do DCE em 1978.

PRF: Quais eram as bandeiras de luta do movimento em 1977 neste momento que o senhor inicia sua militância na política estudantil?

AT: Nessa época, quer dizer é difícil a gente lembrar, mas daquele período, a gente inclusive tem muito fortemente na cabeça a questão das liberdades democráticas, da anistia ampla geral e irrestrita, da liberdade de expressão, melhores condições de ensino, que são bandeiras que vinham muito fortemente. É a questão da democracia mesmo no Brasil, eleições diretas, isso era, a gente tem isso forte tanto como bandeira, como expressão do nosso trabalho, e também visualmente, graficamente, a gente fazia aquelas camisas que eram belíssimas naqueles movimentos que a gente fazia dentro da universidade, daquelas mais variadas bandeiras , a luta pela biblioteca, o Restaurante Universitário (Ru), no caso nosso a gente começa lá no CBM (Centro Biomédico), o CBM pertencia ao CEG (Centro de Estudos Gerais), pertencia ao CEG (Centro de Estudos Gerais), estava dentro de um departamento do CEG, aliás era um departamento que estava dentro do CEG junto com biologia e os demais cursos. Nós começamos ali no básico, naquele ambiente meio sujo, aberto, cheio de mato, essa coisa da luta estudantil vigia ali, depois ficaram quatro departamentos, veio o Centro Biomédico e a luta por uma quadra de esportes. A gente começa a fazer junto com movimento estudantil a questão do esporte, eu fui, por exemplo, antes de ser presidente do Diretório Acadêmico em 1979 eu fui presidente da Atlética. Quando a gente começou a gente participava do Junes (Jogos Universitários do Espírito Santo) e dos outros jogos do time, no Jupes, e tinha aquela rivalidade com a Emescam, quer dizer, a gente lotava aquele ginásio tanto da Ufes quanto da própria Emescam, era uma guerra saudável de torcidas, coisa que se perdeu logo à frente. Junto com movimento esportivo, o movimento cultural, aquelas festas até para arrecadar fundos para movimentos estudantil. Tinhamos aqueles famosos forrós no básico, era um movimento muito intenso, e a gente tinha uma marca muito grande, que era uma organização forte dentro da própria turma. Havia um pouco de tudo, tinha o pessoal envolvido com a literatura, música, teatro, esporte, cinema. Na direção da minha turma tinha o Oscar, poeta, inclusive um companheiro que participava muito, mas depois optou pela batina e foi ser padre, o padre Dauri Batista ele é até conhecido porque milita, ele é um militante muito forte de movimentos de base, enfim uma trajetória muito grande de participação no Biomédico.

PRF: O senhor vai participar também do PCB junto com outros militantes estudantis daquela época. Fale um pouco sobre a sua entrada no partido. Como que foi esse contato? Como que o senhor foi recrutado?

AT: Já estava na militância estudantil, tanto que quem organiza a saída ao ECEM , que na verdade aquilo ali foi um celeiro de recrutamento, de formação e recrutamento de novos quadros, Merli, Claudino essas pessoas que eu citei como Geraldo, e tantos outros Laurinho (Lauro Ferreira Pinto), Fernandão Herkenhoff, quer dizer, a ali a gente já estava num circulo, no circulismolo. Logo na seqüência, não tem as datas exatas na cabeça, a gente já estava participando eu acho que 1978, mas isso foi muito rápido, muito rápido e a gente já estava logo, logo participando e já cumprindo tarefas com responsabilidade na direção de células. Eu me envolvi muito, a gente teve a tarefa de organizar novas bases, a tarefa de prestar ajuda, de participar das discussões, a tarefa de reproduzir e distribuir material do partido, tudo clandestinamente, escondido, com mimeografo que é o que era que tinha na época. Então foi muito intenso, não teve muito rito de passagem, juntou a fome com a vontade de comer a gente encontrou na turma muitas pessoas que participavam diretamente. Havia apoio também muito grande de outras pessoas que não estavam dentro, mais ajudavam muito, era um movimento acadêmico muito intenso, muito forte de exigências de melhorias na sala de aula, teve movimentos que a gente rejeitou professores, teve movimento de lutas muito grande em função de algumas situações criadas, foi tão intenso que nos encontros para a reconstrução da Une nós saímos até clandestinamente de Vitória, disfarçados em um carro com pranchas, eu Dunga e Fernando Pignaton, fomos aqui na rodovia do sol e depois pegamos a Rio-Santos , porque foi lá em uma daquelas cidades do ABC, se não me falhe a memória em São Caetano, aquelas famosas idas para SESAC (Semana de Estudos de Saúde Comunitária). Também, aqui em Vitória nós organizamos aquela semanas culturais no Teatro Carlos Gomes eu cheguei a participar em 1978 veio aqui o Nelson Cavaquinho, Jamelão, Clementina de Jesus, e foi uma coisa muito rápida e tão intensa que é difícil assim relembrar a cronologia.

PRF: Naquele período havia o 477 o 228, o AI-5 em vigor no país. Como que essas leis de exceção, como que essa repressão atuava sobre o espírito do movimento estudantil no modo geral? Fale um pouco sobre isso, por favor.

A T.: Havia uma preocupação, mas eu acho que o movimento, a força do movimento era tão grande que a gente conseguiu avançar, talvez por agente não ter pego a repressão mais explícita que teve para trás em 1968, no período Médici e até um pouquinho depois, isso talvez não foi um fator assim de que era muito forte nas nossas cabeças do que era permitido, teve muitas passeatas, muito daquele envolvimento com a polícia com gás lacrimogêneo, mas não foi uma coisa que fez com que tivesse um recuo muito grande, nós tivemos prisões nas idas para SESAC de algumas pessoas, e outros movimentos de pichações eventualmente, mas nada assim... a gente não sabia para onde o país ia caminhar, mas nada e eu acho que impedisse o nosso avanço no movimento que era muito consistente. A gente eu acho que tem essas coisas dentro da sala de aula, muitas reuniões, a gente percorria todas as salas e divulgava nossas bandeiras, nossas reuniões, promovia as assembléias. Lembro daquela primeira greve que a gente teve aqui no estado que durou muito tempo lá no Centro Biomédico, debatemos o movimento pela reabertura ou pelo não fechamento do pronto-socorro do Hospital Universitário. Isto foi na época do prefeito Carlito Von Schilgen, e nós tivemos lá na prefeitura com o Paulo Hartung e com tantos outros nessa briga, enfim eu acho que a mobilização do estudantado era muito forte, eu acho que diminuía um pouco a preocupação com essas leis de exceção de maneira geral.

PRF: Há duas vertentes de interpretação em relação ao movimento estudantil e o PCB, uma de que o Partidão que organiza o movimento estudantil e outra que diz que o Partidão é que se organiza a partir do movimento estudantil porque ele recruta sua militância dentro das lideranças já atuantes na universidade. Qual a sua visão sobre isso?

AT: Eu acho que na minha fase, que é o que eu posso falar, eu acho que essas coisas se juntaram, conviveram mutuamente, um organizando o outro e vice-versa, foi o que eu vivi, tanto que o nosso exemplo é claro, nós fomos treinados sem saber, mobilizados sem saber, por mais que tivéssemos a intenção por quadros da direção partidária, quadros importantíssimos que estiveram conosco, e da mesma forma, eu vejo pelo que essas duas coisas se encontravam muito fortemente, eu acho que o Partidão organizando

o movimento estudantil, com movimento estudantil ajudando o Partidão, no crescimento do partidão.

PRF: Em temos de atores no movimento estudantil quem o senhor vê que teve um papel fundamental nesse processo enquanto liderança, enquanto organizador do movimento? Quem são as pessoas que o senhor destacaria como as grandes lideranças dentro do movimento?

AT: Nessa época pelo menos os que tinham uma relação mais forte conosco eu já citei alguns, a Merli, o Claudino, o Laurinho (Lauro Ferreira Pinto) mais escondido, menos de frente, o Adauto Emmerich eu to falando do CBM, tinha muita participação também, outros como o Fernandão (Fernando Herkenhorr), o próprio Geraldo Geraldo Correia), o Lelo (Lelo Coimbra) talvez um pouco menos, e depois com a minha geração no CBM vem um monte de gente, o Fernando Pignaton, O Ernestro Neves Neto, depois acho que descendo um pouquinho mais a Geisa, o Rui Marcoo, o Marcos algumas pessoas da odontologia o Paulinho Pignaton, o Jacy (Jacy Morandi), no movimento da enfermagem, a Sara, a Janette (Janette Sá) que agora é deputada estadual. No campus da UFES a nossa convivência era com o Paulo Hartung, depois vem Stan Stein, Neivaldo Bragatto, e algumas pessoas da engenharia acho que tiveram passagens importantes o Luis Cláudio que foi uma referência, o pessoal do CCJE que era muito forte, que tinha as lideranças que a gente convivia também. Era aquele negócio, havia uma divisão muito grande que era mais territorial, tinha pouco político, mas era mais territorial, o CBM ficava afastado, tinham movimento intenso muito forte, mas que quase se consumia ali, ele se juntava um pouco com o Campus da Ufes, mas essa pequena distância nos separava muito.

PRF: E a reabertura do DCE, porque o DCE estava fechado desde 1972 reabre em 1978, e havia toda uma legislação e toda uma pressão no sentido de que ele não fosse reaberto, pelo menos em um determinado momento. Relate um pouco esse processo que o senhor vivenciou?

AT: Eu acho que vivenciei muito, eu acho que isso vem com uma coisa muito natural desse movimento forte e em ascensão nos DAs, os congressos crescendo muito, esses encontros nossos nessas atividades todas culturais, esportivas, isso criou um ambiente,

eu lembro ali onde veio funcionava o DCE tinha exibição de filmes promovida pelo pessoal do cineclubismo, era uma coisa fantástica, dava muita gente, mobilizava muitas pessoas, aqueles movimentos de luta e tudo unificava a UFES como um todo, aquelas assembléias massivas, isso criou um caldeirão em termos de reconstrução do DCE, então acho que veio muito com essa mobilização intensa e também eu acho que com o amadurecimento de muitas lideranças, entre as quais o nosso governador atual Paulo Hartung que eu acho que foi a maior liderança produzida naquela época, e tantas outras mais, tínhamos muitas lideranças, muito competentes, muito capazes, muito preparadas para o trabalho que foi feito.

PRF: Secretário, dessa geração vários ex-militantes estudantis dessa época depois saem para vida pública, como é o caso do senhor, do governador, do Stan Stein, o César Colgnado, e tantos outros que se tornaram quadros importantes de partidos. Havia uma intenção já clara naquele período de se partir para a vida pública, de se ter uma participação a nível mais institucional dentro do estado, ou isso não foi um processo planejado? Relate um pouco sobre isso.

AT: Esse processo era consciente. Eu participei um pouco, talvez não tão intensamente como alguns, mais isso era consciente, quer dizer, o Partidão acreditava na democracia, acreditava na disputa do voto, a participação nas eleições, tanto que a gente, se eu me lembro muito bem como é, que a gente participou em 1978, isso me vem a cabeça, com candidatos: Carlos Gorschi, Nelson Aguiar, Valadão, Max Mauro, Herais de Aquino. A gente buscava os mais progressistas dos políticos da época, aqueles políticos que significavam uma coisa mais avançada para época, e a gente distribuía o apoio e tocava isso em frente, mas ficava claro que a gente tinha que ter alguém nosso, alguém que fosse para o parlamento, fosse para a disputa do voto, para que a gente pudesse ter um ator político genuinamente do Partidão e aí, nas discussões, surgiram vários nomes como o de Fernandão (Fernando Herkenhoff), que era o nome que a gente achava o melhor, mas alguns defendiam também o Lauro (Lauro Ferreira Pinto), o Laurinho, ele vinha de uma família de políticos com história e trajetória, mas isso depois numa série de movimentos que muitos conhecem essa história melhor do que eu, que conheço contado, apesar de ter participado de algumas coisas em alguns momentos importantes, desemboca no nome do Paulo Hartung que nem todo mundo achava que seria o melhor

quadro para isso, mas aí o resto a história se encarregou de mostrar. Eu lembro muito assim da nossa participação em 1982 na eleição do governo do estado, a convenção do MDB, a gente participava do MDB jovem, era o feriado e a convenção do então MDB foi lá no colégio do Carmo, eu me lembro muito bem Max (Max Mauro) e Camata (Gerson Camata), em disputa e o Partidão ali presente com voto, quando saiu Camata como candidato para governador, a gente tem isso muito forte na cabeça porque a gente participava muito desses momentos, desses fóruns.

PRF: O Partidão passa então a ter um papel preponderante vamos dizer assim na renovação política do estado, ele esteve presente dentro do movimento estudantil no seu momento de maior vigor de participação e entra também no processo eleitoral via MDB. Como se vê esse papel que o partidão desempenhou nesse período que vai de 1976 até 1982 com a eleição dos primeiros ex-militantes dentro da política partidária?

AT: A gente sempre se colocou como quem acredita na democracia como solução para resolver os conflitos, mesmo respeitando nunca se colocou como uma opção a questão da luta armada, das rupturas de forças, e nós apostamos nisso, apoiando candidatos como exemplo do Felício Correia (PCB/MDB) em Vila Velha que foi um dos mais voltados, teve outros exemplos por aí afora, teve a nossa participação na Serra, na prefeitura da Serra, que aquele movimento em Vila Velha, depois Motta, em Vila Velha o Vasquinho, naquele momento eram espaços progressistas, e foram. Eu considero que a trajetória nossa, nesse particular, foi muito positiva, foi muito construtiva. Entendendo a dificuldade de se avançar mais, a gente avançou muito elegendo depois quadros próximos ou muito próximos. Eu acho que tem expressões máximas como o Paulo Hartung, alguns deputados que nós elegemos César (César Colnago), eu, o Luís Paulo (Luiz Paulo Veloso Lucas) prefeito aqui também. Esse movimento se espalhou de uma maneira que eu acho muito positiva, o prefeito de Aracruz que é da minha turma, Ademar Devéns, que nunca militou, mas sempre acompanhou muito as coisas, e a gente vê nele uma pessoa que aprendeu, bebeu um pouco daquele momento, daquele movimento todo, e isso orienta muito o que ele faz hoje. Uma coisa que aconteceu anos depois, estou falando de 2004, estou falando de 22 anos depois que eu sai da universidade, eu saí no final de 82, então é um negócio que por si só mostra a

importância que teve o movimento estudantil lá da UFES, nessa participação com outros movimentos da sociedade, nas lutas que a gente fazia principalmente contra a ditadura e importância na formação de quadros, isso é uma escola sem igual.

PRF: Secretário você gostaria de fazer mais algum registro sobre essa passagem, mais especificamente sobre o movimento estudantil, alguma coisa que o senhor gostaria de falar que não foi dito.

AT: Não eu acho que está bom, eu acho que talvez um pouco ainda sobre o afastamento nosso do Partidão, e aí toda aquela discussão que começa a ocorrer um conhecimento maior do que aconteceu na URSS e em outros países, e um certo desencanto com algumas lideranças que a gente acreditava muito. Eu fui receber o Prestes quando ele voltou (do exílio), eu fui um dos que foram naquela kombi ao Rio. No tempo certo a gente começa a buscar novas idéias, mas eu acho que também uma reflexão muito madura, muito positiva e muito crescimento para todos, que eu acho que deságua depois na nossa participação na vida política, na vida pública aqui no estado. Eu acho que isso foi muito importante para que a gente pudesse, digamos assim, acompanhar as mudanças que aconteceram no mundo e não deixar de ser contemporâneo, porque muita gente ficou para trás, muita gente se perdeu, não entendeu o que estava acontecendo e definiu coisas absolutamente impraticáveis e impossíveis para o mundo de hoje.

P.F.: Obrigado Secretário

Vitória, 12 de Março de 2007.

(*) Anselmo Tose; Formado em Medicina pela Universidade Federal do Espírito Santo, exerceu a função de Secretário Municipal de Saúde da Prefeitura de Vitória entre o período de 1993 a 1997 durante a Gestão do prefeito Paulo Hartung e de 1998 a 2004 durante a gestão do Luiz Paulo Velloso Lucas e posteriormente Secretário Estadual de Saúde durante o governo Paulo Hartung de 2003 até o presente momento.

Depoimento Antonio Claudino de Jesus (*)

Paulo Roberto Fabres: Gostaria que o senhor me fizesse um relato de como que foi o início do movimento estudantil no Centro Biomédico.

Antônio Claudino de Jesus: Eu entrei na universidade 1973, fui contemporâneo de Merli Alves dos Santos, de Fernando Herkenhoff, Lauro Ferreira Pinto, Geraldo Queiroz e mais uma série de pessoas que foram muito importantes na minha participação na universidade. Logo a gente se juntou, mesmo que sem nenhuma intenção qualquer, se simpatizou, algo batia entre a gente, havia certa solidariedade. Éramos de turmas diferentes Merli e Cecília eram da minha turma, Geraldo, Lauro e Fernando Herkenhoff eram de um período anterior ao meu. Eles entraram em 1973 no primeiro semestre, nós entramos no segundo, e antes de nós já está lá o Aloísio Falquetto, que eu faço questão de não esquecê-lo, porque desde o início ele foi fundamental neste processo. Bom, ainda no primeiro ano de curso fiquei muito ligado a Merli, a Cecília, ao Roberto, que é de Colatina e faleceu pouco tempo, ao Chico, aí nós montamos um grupo de estudos matérias da faculdade, e nesse grupo fluíam discussões outras, sobre o momento que o país estava atravessando, como a ausência de democracia. A gente, de um modo geral, vinha do movimento secundarista, eu vinha de um movimento de Barra de São Francisco, onde estudei no Ginásio Independência na década de 1960. Lá a gente fazia um movimento cultural no grêmio, porque tudo era proibido, e através do movimento cultural a gente fazia nossa subversão, combatia os horrores da absorção de questões autoritárias pela escola, porque a ditadura se ramificava por dentro todas as organizações e instituições, para se consolidar evidentemente. Então, eu tive contato com o movimento político nesse período de Barra de São Francisco, havia lá Jorge Wilson Pereira, que era um antigo "comunistão", que inclusive acompanhei a prisão dele pela Polícia Federal em 1968. Depois fui para Colatina fazer o segundo grau, e em Colatina nos agrupamos e criamos um festival de música colatinense, para tentarmos fazer algum movimento, algum trabalho político. Havia um grupo grande em Colatina, esse grupo se dispersou completamente, muitos eu nunca mais ouvi falar. Eu cheguei Vitória para fazer a faculdade, e ao chegar à universidade encontro esses colegas que falei no inicialmente, e montamos o tal grupo

de estudos, mas o grupo não se conteve não se satisfez estudando anatomia, biologia, fisiologia, bioquímica e biofísica, a gente sempre acabava a discussão falando de política, sobre a ditadura e a ausência de liberdade democrática, sobre a necessidade de liberação da censura. Já vínhamos de uma participação no movimento secundarista e sentíamos a necessidade de discutir essas questões, embora em um grupinho fechado. Aos poucos o nosso contato com os companheiros da turma 1973-1 foi aumentando, e esse pessoal também já tinha essa identidade, essa vontade de maior participação. Nos juntamos com Aloísio Falquetto e começamos a discutir a necessidade de termos uma forma de representação estudantil, dada a estrutura muito autoritária do Centro Biomédico, pois a gente não aceitava e não conseguia engolir certas atitudes de alguns professores e chefes de departamento. Conseguíamos, felizmente, uma repercussão mais tranqüila dentro do Biomédico quando a gente começa o movimento de reabertura do Centro Acadêmico, o que era nossa intenção. Vale lembrar que os Centros Acadêmicos estavam banidos pela legislação, e daí surgiu a figura dos Diretórios Acadêmicos, como a entidade concedida pelo poder, cuja organização deveria ficar no âmbito do esportivo e social. Entramos por aí, e como todos os outros que nos antecederam, começamos criando a Atlética, organizando torneios, e então o nosso grupo, com Aloísio à frente, inicia o processo de organização do Diretório Acadêmico, o que acaba ocorrendo por volta 1975, tendo Aloísio na presidência, e nós em postos não muito importantes. A essa altura já éramos muito visados, a gente certamente já devia ter registro nos anais da ditadura por causa de algum movimento dessa época, mas eu nunca me interessei em ver esses documentos, que já foram liberados. Eu fui para o departamento cultural, eu tinha uma trajetória no teatro, festival de música e composições, a Merli para o departamento científico junto com Lauro, Careca para o departamento esportivo. Começamos com a tentativa de criar fatos que nos legitimassem dentro da universidade e, principalmente, fora da universidade, porque a gente entendida que era necessário ter apoio da comunidade, para que a gente não levasse qualquer movimento da universidade a qualquer fracasso, ao desvio, e depois não ter força na hora de um revés e não poder responder. Criamos então a Semana Universitária Científica e a Semana Universitária Cultural, isso em 1975 e que vingou até 1977. Para os eventos da semana cultural a gente trouxe aqui o Paulinho da Viola, Clementina de Jesus, e alguns espetáculos teatrais. No campo científico trouxemos alguns grandes nomes, na área da

saúde, na área de economia, sendo que alguns deles já morreram, como Samuel Pessoa, de grande expressão da parasitologia no mundo, que colocava claramente que a questão dessas doenças infecto-contagiosas não era um problema de cientistas nem de médicos, era um problema de transformação social. E era só de dizer isso que já era rotulado como comunista, perseguido, então ele foi cassado e tal. Mas quando em 1975 nós organizamos Diretório Acadêmico já havia um movimento que começava a se espalhar no resto da universidade, notadamente no CCJE, e havia um início de movimento no CT (Centro Tecnológico), lá tinha o Sebastião Salles de Sá, o Tiãozinho Sá, havia no CT um grupo bom trabalhando a área cultural e esportiva, mas com um movimento político propriamente dito por trás disso. O movimento cultural, na verdade, a minha representação maior em tudo isso, foi pela expressão cultural, foi o que o representei, foi o que eu organizei dentro do movimento estudantil com mais força. A partir deste movimento começa a surgir a idéia de ter representação nos Centros, a gente ainda não tinha direito a representações formais nos departamentos, nos Conselhos Departamentais, no Conselho Universitários, de Ensino e Pesquisa, de Extensão, de Curadores, não havia uma representação estudantil oficial. Então, a gente começou a criar uma representação, na informalidade, na tentativa de criar um fórum representativo dialogar com as direções da universidade. Ressalto que nesse período, quando nós entramos, o reitor era Máximo Borgo, que tem a triste memória na história dele, pois embora tenha sido um profissional do mais alto respeito no país inteiro no campo das ciências tecnológicas, trazia aquela época o fato de ter sido o reitor que tinha assinado talvez o maior volume de aplicações do 477 (Decreto Lei 477) no país, que tinha penalizado estudantes e professores antes mesmo do julgamento, que foram presos nos idos de 1970 a 1972. Entre os que foram penalizados havia um grupo com grande expressão aqui e nacional, como o Vitor Buaiz, que já era professor e que foi preso, a Beth Madeira, Iran Caetano, o Perli Cypriano, e uma série de outros companheiros do Biomédico, mas tivemos também colegas de outras faculdades penalizados. Borgo assinou a expulsão dessas pessoas antes do julgamento deles, afastando da universidade através da aplicação do 477, triste memória. A gente entra debaixo dessa memória, mas tivemos a sorte de, na seqüência, o movimento de força no Estado já pender para um certo liberalismo, tanto que logo a seguir veio o Elcio Álvares como governador, Arthur Carlos Gerhard tinha sido antes, e mesmo que sendo nomeados, eles não eram

governadores afinados ou perfilados com ideologia de exclusão, com a ideologia dominante de absoluto arbítrio, estupidez, o que permitia um certo movimento, inclusive na hora da escolha dos reitores. Aí então Manuel Ceciliano Salles de Almeida, o Manuelito, é nomeado reitor e isso traz para universidade um respeito às liberdades de expressão muito grande. A bem da verdade, dentro do campus da universidade nós não sofremos qualquer perseguição, e muitas vezes tivemos até a proteção de certas lideranças formais dentro da universidade, certas direções da universidade. O Penina (Rômulo Penina) veio como pró-reitor comunitário nos idos de 1975, e nessa época a gente tenta montar o chamado "Conselhão", que era uma forma de exprimir o pensamento dos estudantes já mobilizados da universidade, que era um número muito pequeno diante do total de alunos, não há como negar. Esse movimento, aos poucos, se alastra no âmbito da universidade, isso em 1976/1977, quando o movimento do CCJE se amplia e com a chegada de novas lideranças no Biomédico. A gente, até por uma questão da realidade vivida no país, da ditadura implantada - veja bem, quando entrei na universidade o presidente era Médici, talvez o mais cruel e carniceiro dos ditadores que nós tivéssemos - então a gente tinha um certo receio e arrebanhar massas e levar as massas para o matadouro, nós não sabíamos para onde estávamos indo e nem como estávamos indo. Então em 1975 criamos o "Conselhão", e também o Cineclube Universitário, e eu passo a partir daí coordenar o processo do movimento cultural na universidade junto com os grupo de teatro do CBM que foi um dos primeiros a se colocar, nesse período surgem outras pessoas, entre elas o Magno Godoi, Cátia Moura, lá no CCJE, Lucinha Chequer, e o movimento cultural passa a ganhar corpo.

PRF: O movimento estudantil começa a ter certa amplitude principalmente a partir da entrada do CCJE em 1976 e ao longo dos anos seguintes há um expressivo número de lideranças estudantil se filiando ao Partido Comunista, embora o Partidão ainda estivesse na ilegalidade. Fale como foi sua entrada no PCB e como que se deu o recrutamento do Partidão na universidade?

ACJ: Ainda em 74, em 74 a Merli Alves dos Santos chegou para mim e falou: "preciso ter uma conversa com você em particular, fora do nosso grupo discussões, que está avançando muito". Ela fala de luta pelos problemas, que nem eram muito lutas pelos

problemas internos do país, mas sobre os problemas internos universitários propriamente ditos. A gente colocava questões relacionadas à universidade para ter alguma identidade no nosso discurso com quem nos ouvia, para então, a partir deles, chegar a combater a ditadura, falta da liberdade expressão, censura, necessidade de eleições diretas, que mais tarde evoluiu para a constituinte, já nos anos de 1978/1979. Mas ainda em 1974 a Merli me chama, conversa comigo e fala do Partidão, toda cheia de dedos, eu viro para ela dou uma gargalhada e falo: "porque, você é do Partidão? Ela falou: "Você também é?"Eu disse: "não". Aí ela toma um susto, e eu falei: "mas a minha formação política toda vêm do Partidão da época de estudante secundaristas", e ai eu conto aquela história que eu comecei falando do Jorge Wilson Pereira, que me deu alguns livros de Gramsci, Lenin, Engels, Marx para ler isso quando eu tinha 13 a 14 anos. O Jorge foi aquele comunistão velho "comedor de criancinha" que pegava adolescentes de 12 a 13 anos e colocava para doutrinar. Então, logo nos primeiros momentos, eu já estava iniciando numa célula comunista na clandestinidade dentro da universidade. Não tenho dúvida que esta organização (o movimento estudantil) teve a coordenação ideológica do Partidão, que via na universidade um campo muito fértil de florescimento das idéias de contestação, de luta por liberdades, as liberdades democráticas. O Partidão neste momento sofre um grande golpe porque foi estourado o comitê central a reunião do comitê central em 74 em São Paulo, foi quando desapareceram dirigentes do partido, alguns dos quais até hoje não se tem notícias, não se sabe o que foi feito. O Partidão dá dois passos atrás, e Lenin ensinava que numa situação como essa não era hora de ir para o embate, por que nós estávamos francamente derrotados no embate cara a cara. Era hora de se buscar novos caminhos, então a palavra de ordem não era mais derrubar a ditadura, mas lutar pela liberdade democrática, essa era uma forma de dizer a coisa de uma forma menos agressiva.

PRF: Quais lideranças estudantis vão fazer parte do Partidão neste momento?

ACJ: Lá no Biomédico eles começam com Merli Alves dos Santos, eu, Lauro Ferreira Pinto, Fernando Herkenhoff, Geraldo Correia, entre outros, quer dizer, nós formávamos grupo de uns 15 no Biomédico, já recrutados. Agora, havia um escalonamento, porque era muito perigoso, então você tinha um núcleo forte que estava centralizado nos primeiros que citei, e os demais - Adauto Emmerick, que eu não queria deixar de

lembrar, porque foi muito importante nesse período e que mais tarde acabou sendo preso junto com Pig (Fernando Pignaton) em Belo Horizonte, quando foi para a SESAC (Semana de Saúde Comunitária) em Belo Horizonte, o que foi um trauma muito difícil - e havia um núcleo, digamos, periférico, sem qualquer pedantismo nisso, não havendo conotação negativa nisso, nem juízo de valor, mas, enfim, para quem não chegavam todas as informações, quer dizer, como é que chegavam até nós as deliberações do Comitê Central que estava no exterior, em que malote que vinha isso, quem trazia, quem eram os nossos emissários, quem era o dirigente estadual do partido, etc. Havia uma série de informações que não eram distribuídas a todos recrutados, que ficavam mais ao menos dentro do núcleo central.

PRF: E até que ponto o Partidão pautava as estratégias do movimento estudantil?

ACJ: Olha, tudo era discutido nesse núcleo, eu tenho clareza disso, quer dizer, participei inclusive disso. Todos os passos, todos os caminhos, todas as correções de rota eram primeiro discutidos neste núcleo, como num movimento de onda ia se liberando informações no nível que era possível liberar a cada circunferência da onda, e aí isso ia se espalhando. Certas questões eram discutidas no partido e depois se transformavam em bandeiras de luta do movimento.

PRF: A reabertura do DCE na UFES entra nessa orientação o Partidão?

ACJ: O DCE já é uma coisa que tem um pouco menos disso. Enquanto digressão já se falava sobre a reabertura do DCE desde 1974/1975, quando foi criado o "Conselhão". Já estava traçado desde então um perfil de que era preciso reabrir os Diretórios Acadêmicos, e eleger todas as representações formais, mesmo que a gente tivesse oposição dentro do próprio movimento, que houvesse vozes discordantes dentro do próprio Partidão no sentido que não se deveria ocupar os espaços formais que a ditadura havia permitido, mas, majoritariamente, o Partidão tinha a clareza de que era preciso minar esse processo, notadamente na universidade, e o Partidão volta os olhos para Universidade Federal do Espírito Santo e para o estado do Espírito Santo. Então, isso tem um vínculo nacional, uma direção nacional do partido. Já nessa época, a gente tinha claro que era importante ocupar esses espaços para rompemos barreiras e reabrir o DCE.

Nós tínhamos como meta não sairmos da universidade sem ter um DCE eleito, e foi no ano de 1978, quando essa turma que eu falei encerra o seu curso de medicina tendo elegido a primeira diretoria do DCE, tendo como presidente Paulo Hartung. Um pouco depois disso, em 1977, com Paulo Hartung, vem a chegada no Partidão de lideranças do CCJE como o Neivaldo (Neivaldo Bragato), Stan Stein, aí vem esse núcleo que na época era perseguido e hoje é governo no Estado. Então, quer dizer, ele (o PCB) tinha clara essa estratégia. É claro que a gente aprendia a cada dia como fazer o dia seguinte, mas como estratégia a gente tinha isso claro, a tática é que a gente ia ajustando para chegar lá.

PRF: Estudantes do Centro Biomédico já em 1976 e 1977, começam a fazer uma série de reivindicações de melhorias nos seus cursos, o que vai desencadear uma greve logo em seguida. Como que foi tomada essa decisão? Como foi o desenvolvimento desse movimento que terminou na decretação da primeira greve dos estudantes no CBM da década de 1970?

ACJ: Chegou determinado momento, um ano um ano e pouco depois que a gente estava com o movimento na roda, final de 1975 ou 1976, e que a gente viu que para ampliação do movimento era fundamental que se consolidasse as bandeiras de luta que repercutissem diretamente na vida dos estudantes. E aí começou as lutas pela melhoria de currículo, melhoria das condições da universidade, etc. O curso estava fraco, havia necessidade de melhoria do Hospital das Clínicas, e essa foi uma bandeira importantíssima, por que havia sempre a preocupação de fazer um gancho com a comunidade, e a comunidade padecia com a situação do Hospital das Clínicas. Isso teve uma boa repercussão, foi no momento que a gente começou a colocar essas bandeiras de luta que o movimento começa a se ampliar dentro da universidade, primeiro dentro do Biomédico, e que depois se amplia dentro da universidade com essa expressão de ligação das lutas internas como as lutas nacionais e, evidentemente, com os anseios e as necessidades do movimento popular. Desemboca então uma greve no Biomédico, uma greve que foi pioneira e que o Brasil inteiro prestou atenção. A direção da universidade conviveu bem com a greve, mas, evidentemente, o aparelho da repressão não, e tinha o "seu amigo", que era um representante da repressão na universidade, o Alberto

Monteiro, que se encarregava de fazer os boletins e de fazer com que a gente, quando não estava dentro da universidade, pudesse ser perseguido fora dela. Nós fomos seguidos várias vezes, recebíamos recados muitas vezes, fomos presos algumas vezes, mas tudo fora da universidade. No campus da universidade, essa é uma coisa que se deve ressaltar, a autonomia da universidade não foi brutalmente, estupidamente desrespeitada. Manuelito (Manuel Ceciliano Salles de Almeida) nunca permitiu que a polícia passasse do portão do campus, nem a Polícia Federal, nunca, a não ser quando vinha como escolta de autoridades. Quando internamente havia uma prisão de um estudante, ele mesmo intervia a favor do estudante, como fez no caso da sua prisão e da e da Rose de Freitas. Bem, voltado a questão da greve, eu e a Glecy Coutinho, do CCJE, tínhamos sidos eleitos representantes estudantis no Conselho Universitário - não por acaso que uma pessoa era do CCJE e outra do Biomédico - éramos os dois representantes, e criamos um movimento de maior expressão no Conselho. Buscou-se colocar aqueles que aparentemente tinha um ar mais light, a Glecy que tinha ar bastante light, e eu que por causa do movimento cultural tinha muita expressão, pois saía muito no jornal, na televisão, e isso me dava certa credibilidade. Aí então, o Ney Braga (Ministro da Educação) esteve aqui, e a gente soltou aquela carta de protesto pela invasão da UNB, e o Ney Braga vinha à Vitória e o "Conselhão" se reuniu e decidiu redigir uma a carta que ia ser distribuída no dia seguinte. Esse documento, inclusive, teve uma oposição interna dentro do movimento, o que gerou uma certa crise no movimento, pois haviam setores do nosso grupo que não concordavam que a gente soltasse a carta. Eu particularmente fui a favor dessa carta, e depois até fiquei meio constrangido porque levei companheiros a serem presos, pegos porque estava distribuindo o documento. Mas achava que era fundamental, que a gente não podia é receber o ministro que tinha permitido que um coronel virasse reitor da UNB, e ainda por cima que invadisse a UNB com as tropas do exército. Achávamos que era fundamental para gente que rebatesse esses episódios aqui e dissesse para ele da nossa insatisfação. Eu lembro que na véspera, quando saía da reunião do grupo que redigiu a carta, eu fui preso na porta de casa. Eu morava numa república, e só fui liberado às 4 da manhã para as oito estar lá (na Ufes), por que o ministro ia estar com o Conselho Universitário, e eu e Glecy eram os porta-vozes que iam entregar a carta ele. Quando eu cheguei, eu tomei um susto.

PRF: Qual era o teor da carta?

ACJ: O teor da carta era exigindo a imediata demissão do reitor UNB, um coronel cujo nome fugiu a memória, e a desocupação da UNB e o retorno à autonomia das universidades. Esse era o teor fundamental, mas claro que num tom de combate ditadura, combate ao militarismo, e o ministro era um militar, embora Ministro da Educação. Aliás, era muito comum que todos os ministros fossem militares. Não me lembro de muita coisa além disso. Mas aí, quando eu cheguei lá para audiência com ministro me vi rodeado de pró-reitores, sub-reitores, jornalistas, entrei assustado com aquilo, e fui falar com o reitor: "O que está acontecendo?" Ele falou: "O que está acontecendo é que nós já sabemos que você foi pego em casa, e que o negócio aqui está feio hoje, e aí então eu tenho que proteger vocês e por isso que a imprensa sabe disso, a imprensa então ficou filmando vocês o tempo inteiro e qualquer coisa que acontecesse até vocês entrarem aqui, da hora que saltaram do ponto de ônibus até aqui, aí vocês vieram acompanhados da entourage". Aí, tudo bem, a reunião com o Conselho Universitário transcorreu tranquilamente, e eu e Glecy pedimos a palavra, pois queríamos falar com o ministro e o reitor, e aí entregamos a carta a ele, ele leu e não respondeu. Eu só perguntei se eu tinha segurança para voltar para casa, e ele respondeu com podia voltar para casa tranqüilo. Voltei, não houve problema nenhum, depois disso não houve problema por conta dessa carta, por conta do que ele ouviu na reunião do Conselho Universitário.

PRF: Até que ponto o Decreto Lei 477 e todas as leis de repressão cercearam ou interferiram de alguma maneira nas bandeiras e nas estratégias de luta do movimento estudantil naquele momento?

ACJ: Eu acho que, evidentemente dificultou demais, quer dizer, tardou para sociedade inteira o processo brasileiro de modernidade, de democratização, enfim, de se colocar como uma nação ética, digna e respeitada. O nosso movimento também teve uma trava imensa, nós podíamos ter avançado com muito maior rapidez. Agora, confesso para você, às vezes eu fico analisando hoje o movimento estudantil, a dificuldade de

articulação, e fico pensando: "Poxa vida, será que o cerceamento que eles nos faziam é que nos dava todo aquele gás, que nos provocava para romper as amarras, e avançar e derrubar o muro?" Você lembra que nós ficamos acampados no campus em na época da SESAC de São Paulo? Os ônibus foram impedidos de sair e nós ficamos presos dentro do campus, porque Manuelito (Reitor da Ufes) falou: "daqui para dentro não entra. Polícia Federal". Do lado de fora, na Av. Fernando Ferrari, ficavam a Polícia Militar e a Federal, e nós lá dentro, sem poder sair. Ficamos acampados lá dentro basicamente uma semana, e todos os outros setores, alunos de todos os outros centros vieram e acamparam conosco. Fizemos um imenso acampamento em frente à reitoria, que era um castelinho do lado da Educação Física, e a comunidade, a sociedade, mandava comida para a gente. Veio o movimento de base da igreja, e os sindicatos, mandavam 300, 400 marmitex, refrigerantes, cigarros, mandava tudo, e nós ficamos lá, comendo e dormindo. Só saímos dali depois que foi retirada a polícia. As lideranças, eu por exemplo, que era representante do Conselho Universitário, e o presidente de DA, saíam no carro do reitor, com o reitor, para irmos a uma reunião no Palácio Anchieta para, em discussão com o governador, tentar resolver o problema e tirar a polícia de lá, para que a gente pudesse retornar às nossas casas. Quer dizer, essa é uma coisa que eu reflito e que eu acho um absurdo, que é acreditar que eu me mobilize por que sou cerceado. Acho que é obrigação de um cidadão estar mobilizado sempre. Mas que a repressão, tenha conseguido em algum momento nos esmorecer, pelo contrário. Agora, evidentemente que as táticas tinham que ser muito mais cuidadosas, com maior precaução. Então, o que a gente podia fazer em uma semana a gente demorava três meses para atingir aquele ponto, eu acho que nesse no plano individual sim, cada um de nós sofreu a repressão na pele ao seu jeito, alguns mais, outros menos.

PRF: E até que ponto o movimento estudantil conseguiu ter sua inserção nos movimentos sociais?

ACJ: Desde o princípio nós tínhamos clareza de que isolados aqui dentro a gente não representava nada, então a gente sempre buscava se aproximar dos sindicatos, que boa parte vivia na clandestinidade desde que foram fechados. Só em 1978 que o Lula consegue fazer a primeira greve no ABC, quer dizer, a gente consegue fazer a primeira

greve em 1977, por aí, ou seja, a gente faz a greve dos estudantes aqui antes do ABC paulista fazer a greve dos sindicatos, então isso foi um passo exasperado nosso. Falando nessa greve do CBM, depois nós ficamos com um problema, como voltar dessa greve? A história tem que ser contada direito, porque nos vimos com a greve na mão, com o Centro Biomédico mobilizado, pois os estudantes responderam, eles não foram às aulas, parou, virou problema. E nós sabíamos que havia uma hora que a gente tinha que voltar, mas a ditadura endureceu de um lado e o movimento se radicalizou de outro. Foi uma grande dificuldade, por que voltar sem ter nenhuma vitória, sem nenhuma reivindicação atendida era impossível. Então a gente obteve a primeira vitória, que eu não me lembro exatamente qual, acho que estava relacionada ao pronto socorro do Hospital das Clínicas, ou tivemos umas duas vitórias, e aí mostramos para o movimento que já tínhamos dado nossa demonstração de força, que tínhamos obtido alguma vitória, mas que não era com uma greve que a gente iria obter todas as vitórias, que seriam necessárias muitas greves, que seriam muitas outras formas de mobilização e de luta que poderiam, num conjunto, levar ao final feliz que a gente queria chegar. E conseguimos sair, mas eu me lembro de algumas noites que a gente passou em claro, tentando analisar, para não levar o movimento para o buraco e não ter um revés dentro do processo do movimento na universidade inteira, porque por conta do Biomédico nós podíamos levar um revés na universidade toda.

PRF: E o movimento conseguiu se articular com sindicatos, com as comunidades de base da igreja e outros setores da sociedade?

ACJ: Conseguiu, conseguiu. Conseguiu muito com a Igreja, muito com a Igreja do saudoso Dom João Batista, Dom Luis Scadinan que tinha uma visão muito clara de democracia, de liberdade, de necessidade de uma Igreja ligada a necessidades do povo. A gente buscou aproximação já desde o primeiro momento que começaram haver os primeiros revezes, e tivemos respostas sempre, foram solidárias às nossas manifestações, mandaram documentos de apoio quando a gente estava muito pressionado. A gente inseriu muito o Partidão nos movimentos sociais na época via movimento estudantil. Foram criados núcleos populares pela sua relação com a Igreja, mais do que com os sindicatos, que eram o segundo patamar de relação, até porque, os

sindicatos se encontravam em uma situação parecida com a nossa. A Igreja, apesar da teologia da libertação, sempre tinha uma blindagem tranqüila, mesmo com a ditadura, que não era louca de querer bater de frente, embora tenha feito isso, mas de uma forma menos contundente. Eles não iam bater na Igreja Católica, ou no Conselho das Igrejas Cristãs, e nas Comunidades Eclesiais de Base com o mesmo radicalismo que batiam em nós. E aí a gente se aproximou da Igreja, criamos núcleos lá e começamos a participar ativamente deste movimento. Na grande enchente se não me engano em 1978, o movimento estudantil foi basicamente o esteio da Igreja no atendimento aos flagelados. Havia aquela célebre frase de dom João Batista: "Só povo. Salve o povo". O Estado estava submerso, as comunidades doentes, famintas, sem abrigo, sem roupa, sem agasalho, e nós fomos para as portas dos supermercados e arrecadamos toneladas de alimentos e de roupas. Alguns estudantes foram de helicóptero do governo para comunidades ilhadas, junto com o pessoal da Igreja, aplicar vacinas. Eu particularmente fui para a região de Linhares, que estava toda tomada, com as comunidades ilhadas, levar medicamentos e dar atendimento médico. Eu já estava já para terminar o curso, estava no último ano, quando massificou a nossa participação na sociedade civil. E houve um reconhecimento muito grande da sociedade civil, da nossa identidade com ela, e da nossa vontade de agir junto e trabalhar junto.

PRF: Fale sobre as bandeiras de luta, a partir desse momento, que foram levantadas pelo movimento estudantil?

ACJ: As bandeiras não específicas, digamos gerais, era liberdade de organização e expressão traduzida no direito a sindicato livre, ao diretório livre, ao diretório das escolas livres, ao movimento secundário livre. Bom, falando do movimento secundário é necessário lembrar que da universidade nós fomos para dentro da Escola Técnica e do Colégio Estadual, organizamos núcleos do partido e organizamos o movimento secundarista, quando eu falo "nós", me refiro ao movimento universitário. Então, essa liberdade de organização e expressão era fundamental, e evolui para eleições livres - isso com muita dificuldade, porque haviam companheiros do partido ou do movimento estudantil que eram contrários, a luta pela constituinte que já nascia no final da década de 70. Havia aqueles que eram pela imediata derrubada de todo o aparato de leis

repressivas e pela tomada do poder. Outra coisa que precisa ser colocada é que o Partidão, embora ele fosse majoritário, hegemônico há um bom tempo e majoritário em sua maioria do tempo, pois ele não era o único a se movimentar, isso em 1977/1978. Já em 1976 o diretório do CCJE abre e traz uma massa maior, mesmo que não politizada, mas traz essa massa que foi importantíssima. Já tínhamos núcleos do PC do B, do MR8, mais tarde da Libelu[ii]. Teve alguns grupinhos menores e até núcleos de formação do PT num certo momento em 78 e 79 para frente, núcleos que eram oriundos de alguns desses partidos clandestinos ou que não se identificavam com nenhum deles, mas juntaram e começaram discutir a possibilidade de criar um outro processo, um outro partido, foi daí pelo menos foi como eu vi o surgimento do PT dentro da universidade.

PRF: É recorrente citar o PCB quando a gente fala de movimento estudantil. Pode-se afirmar que a direção do movimento foi dada pelo no núcleo que estava dentro do Partidão?

ACJ: Eu acho que até, até o início dos anos 80 com certeza. Por uns dez anos, de 1974 até 1984 eu tenho certeza que sim, quer dizer, tenho certeza, estou convicto. A certeza minha não é verdade histórica, mas enfim é a história que eu vivi, vi, participei e que posso contar. Outras versões podem existir, mas eu conversando com todos os companheiros de época, mesmo os que não eram do Partidão, e todos reconhecem que era impossível derrubar o direcionamento do Partidão de tão bem estruturado de tão arraigado, já que se encontravam os diferentes Centros e já chegando às massas dentro da universidade. Tanto que a gente basicamente, com quase certeza, todos os Diretórios Acadêmicos que formam nesse período tinham composição com Partidão se não eram a chamada chapa puro-sangue.

PRF: A universidade passou por uma ebulição cultural a partir de 1977 com atividades ligadas ao cineclubismo, teatro, literatura. Fale um pouco mais sobre esse fenômeno.

ACJ: Esse eu acho que foi o momento áureo do movimento cultural universitário e que repercute na sociedade capixaba, quer dizer, na verdade com a ditadura você não fechou apenas o silêncio político, mas em especial as artes, porque as manifestações artísticas e a cultural são melhor expressão do que se pode estar sentindo em um povo, e aí,

evidentemente, o que brotava era o que protesto contra a ditadura em espetáculos teatrais, nas músicas, nos filmes, etc. Isso chegou até a alguns segmentos da população, e eram apresentações clandestinas. Em 1975, no entorno de um núcleo que se montou com cineclube, e que se espalha com a discussão de montagens de grupos de teatro que resulta na Mostra de Teatro Capixaba da Ufes em 1976, o cineclube se espalha, todos os Centros tinham cineclube, até em Alegre. Então isso cria uma rede dentro da universidade e da universidade para a sociedade capixaba. Dentro da universidade surge, por exemplo, a Federação dos Cineclubes do Espírito Santo, que implanta cineclubes em doze bairros da periferia e nos morros de Vitória e na periferia da Serra, de Vila Velha, Cariacica, e mais trinta e seis no interior do estado do Espírito Santo. Você vê a dimensão da importância desse movimento cultural dentro da universidade. Só no âmbito do cineclube, no âmbito que era o que mais mobilizava o público e a imprensa, a gente vivia ganhando páginas inteiras nos jornais. E todo mundo entendia que aquilo era expressão do movimento estudantil e da política estudantil, e muita gente entendia que aquilo era expressão dos comunistas. Eu me lembro da frase daquele "araponga" no jornal A Gazeta, ' cara parece que ficou meio pirado, a ditadura abandonou, quer dizer que a ditadura, os resquícios da ditadura abandonaram, ele estava meio na merda e veio morar em Vila, e acabou dando uma entrevista abrindo o jogo para A Gazeta, e aí ele falou que quando veio para cá, ele e vários outros foram mandados para cá porque o aparelho central da repressão entendia que a Universidade Federal do Espírito Santo era um celeiro de produção de comunistas, e mais na frente ele disse que o que dá mais trabalho para eles era o tal do Paulo Hartung, o tal do Chicó (Robson Moreira) e o tal do Claudino, que ele não agüentava mais fazer relatório desses, caras davam muito trabalho esses caras, e ele cita o Paulinho "aquele do discurso político", o Claudino do cineclube e o Chico do teatro, ele pontua. Você veja que mesmo aparelho repressivo via a importância do movimento cultural que surgia ali, e que era coisa de comunista. Embora por trás disso tivesse comunistas, quem fazia isso não era comunista. Tinha os grupos, por exemplo, o grupo do Biomédico que tinha atores expressivos, como o Magno Godoi, que eram muito mais identificados com a Libelu do que conosco. Eles não tinham nada a ver com o Partidão, aliás, eles me criticavam, e criticavam a gente muito porque eles sabiam e reconheciam a gente, mesmo clandestinamente, e diziam que a gente no aparelho era burocrático, a gente

cerceava, a gente lutava pelas liberdades, mas cerceava a liberdade individual do militante. Havia discussão sobre drogas sobre sexo, e sobre isso sobre aquilo, e havia realmente um que de Stalin em algum comportamento estrutural nosso, e esse setor cultural é que batia em Gramsci o tempo inteiro. Recorrentemente a gente buscava discussão pelo viés de Gramsci para poder romper o chamado "centralismo democrático", ao qual estávamos subordinados, e muitas vezes ouvimos colegas falar que era melhor a gente sair fora, entendeu. A outra a coisa é o seguinte, dentro do próprio Partidão não éramos todos um pensamento só, tínhamos divergências de encaminhamentos, divergências de princípios e principalmente divergências de comportamento. Eu sofria muita crítica e revés internamente no partido que estava na clandestinidade. Eu nunca cheguei a direção na clandestinidade, fui presidente do partido no estado quando ele veio para a legalidade, sobrou para mim, mas na clandestinidade não porque eu fumava maconha, fazia teatro, rebolava, usava tamanco de salto isso não é o perfil de um comunista dirigente. Então, tinha também essas coisas, mais nada disso impediu que a gente tivesse junto num objetivo claro, concreto e maior que era democratização da universidade, a melhoria do ensino público e gratuito a defesa do ensino público gratuito, que estava muito ameaçada. Então, voltando às bandeiras, a derrubada da ditadura que era fundamental, eleições diretas, uma constituição via constituinte, enfim essas eram as grandes bandeiras de luta.

PRF: Militantes do movimento estudantil e mesmo o Partidão buscaram partidos que estavam na legalidade, no caso o MDB, como um canal de expressão e de luta também. Comente sobre esta participação no MDB.

ACJ: Nós tínhamos uma representação ali, na expressão do embate político, por que o Partidão defendia sempre que a gente deveria participar do que era permitido, mesmo que a gente fosse contra a forma como estava acontecendo. Por mais que a gente quisesse eleições democráticas diretas com partidos livres, ele defendia que a gente devia participar da eleição bipartidária, assim como na universidade, mesmo que fosse uma concessão ter dois representantes de todos os movimentos da universidade no Conselho Universitário, é importante que tenha. Então o MDB era nosso canal, mais tarde o PMDB, então a gente era um grupo dentro do MDB e cujas expressões nossas no MDB não eram notadamente comunistas de carteirinha, eram expressões

democráticas que sabiam que a gente era comunista, que nos davam espaço, com quem a gente trabalhava e que nos dava apoio, que nos dava apoio financeiro.

PRF: Quem participou dessa ligação com o MDB?

ACJ: Com o Partidão, de muita expressão teve Berredo de Menezes, daí que Berredo vira nosso candidato a senador, lá na frente Gerson Camata, que no embate no MDB no colégio do Carmo, Gerson versus Max Mauro, o peso que levou Gerson para governador foi voto do Partidão que tinham vários delegados no MDB. Notadamente esses dois.

PRF: E no movimento estudantil, quem eram as pessoas que iam para essas reuniões do MDB e que faziam esse vínculo?

ACJ: Fernando Herkenhoff principalmente, Fernandão principalmente, mas Paulo Hartung, Geraldo, Lauro. Eu não era muito desse movimento do partido formal. Eu ia para os comícios, fazia panfletagem, mas não era de ir para reunião de partido, ser delegado na MDB, eu freqüentava mais as reuniões do nosso partido na clandestinidade.

PRF: O senhor teve uma ligação maior com gestores da universidade, principalmente Rômulo Penina que foi sub-reitor e depois se tornou reitor. Havia por parte desses gestores, algum tipo de aconselhamento para não participar do movimento estudantil?

ACJ: Essa pergunta é fundamental porque na época tivemos vários problemas eu fui chamado de dividido, eu e mais um monte. De reformista sempre nos chamaram, se for reformar para melhorar eu reformo mesmo, tem problema não, está quebrando sua cadeira? Então traz aqui que eu reformo, é melhor ela concertada do que sem cadeira, mas eu levava na sacanagem. O grupo do biomédico foi muito criticado, teve um momento que o CCJE tinha medo da nossa aproximação, mas houve uma compreensão e se achegaram quando os outros centros entenderam, como o Centro Tecnológico, Centro de Artes, Centro Pedagógico que era núcleo forte do Partidão também. O movimento estudantil tinha também um núcleo forte em Alegre, estava bem espalhado, Em 1975 e 1976, quando a gente começa movimento do "Conselhão", Rômulo, Penina é

nomeado sub-reitor acadêmico. Vale lembrar que Penina vem do movimento estudantil da escola de odontologia, foi de liderança estudantil naquela época. Então o cine clube estava capengando muito, por que o cineclube tinha um projetor velho, e os estudantes, Osmar, Roberto, passavam filmes escondidos numa sala do CEG (Centro de Estudos Gerais) no horário do almoço. Eles distribuíam panfletinhos por baixo da mesa do Restaurante Universitário, que ficava no centro de vitória, com a permissão do "Tio Fenelon" que era o gerente do RU, figura fantástica, maravilhosa, que nos acolheu a todos matou a fome de todo mundo, mandou comida para quem estava escondido da polícia. O Fenelon permitia a planfetagem, mas não deixava não botar cartaz , ele dizia: "vão identificar vocês faz assim", ele nos orientava. Foi assim que recebi o primeiro panfletinho, e eu fui assistir ao filme Teorema, de Pasoline, cheguei lá e tinha vários estudantes, todo mundo sentado na cadeirinha de aula, a sala nem escurecido era, projetorzinho de 16mm quebrando toda hora, mas aí que eu me encantei por aquilo, me aproximei deles, comecei a trabalhar com eles, e já fui levando outros estudantes, pois eu já tinha um grupo grande de amigos e colegas de teatro da universidade, e a gente se juntou com eles e começamos a fazer cineclubismo, só que foi inviabilizando porque nós fomos ficando inadimplentes. A essa altura Penina chama os representantes do "Conselhão" para uma conversa e disse que estava disposto a dialogar, que achava que era uma boa reabrir os diretórios acadêmicos, e que gostava muito do movimento cultural e se havia interesse, porque a Funarte oferecia bolsas arte para as universidades, ele poderia conseguir algumas bolsas. O então presidente da Funarte era uma pessoa que ele conhecia há muitos anos, e então ele ofereceu uma sala para cineclube funcionar, dentro da estrutura da pró-reitoria, ofereceu bolsa para gente montar um grupo de teatro no Centro, deu uma força, e nós entramos claro que sempre com um pesinho meio atrás, desconfiado, santo quando dá muita esmola demais a gente desconfia. Tínhamos acabado de conhecer Penina e fomos com muito mais lentidão do que poderíamos ter ido. Com o tempo nós fomos vendo que não havia nenhum projeto estratégico de cooptação do movimento. Poderia até começar a ser montado a partir do fato de ter visto, ter podido observar melhor o movimento quando a gente se aglutinou ali em conjunto no movimento cultural, basicamente via sub-reitoria comunitária da onde surgiu a Mostra Universitária de Teatro. Esse movimento de cineclubes, o movimento musical, o movimento de artes plásticas, de onde sai Lando, Neuza Mendes, grandes

artistas hoje, O Penina escolhe pessoas da mais alta responsabilidade, respeito e profundamente democráticas, algumas das quais com passado ligado a comunistas, por exemplo Deuzira Madeira dos Santos, para ser coordenadora de folclore. A Beth Madeira, irmã da Deuzira, tinha acabado de sair da prisão, tinha sido presa como comunista no Biomédico e estava expulsa da universidade pelo 477, esse momento foi quando foi revertendo o processo, voltou todo mundo para concluir seus cursos. Estela Denard vai para o setor de artes plásticas, Terezinha Dora para o setor de música, então ele colocou pessoas estratégicas. O Penina foi um grande estrategista sobre a ótica do que a universidade precisava para se abrir para a sociedade, se legitimar e fazer com que os estudantes participassem da vida da universidade, mesmo não sabendo direito onde é que isso ia chegar, nem qual o tamanho da nossa pretensão. Ele foi um aliado tático para nós naquele momento, e que hoje gente vê que foi estratégico. Até hoje o Penina tem figurado em todas as gestões, em todos trabalhos democráticos que a gente faz, está sempre presente, hoje ele está no governo do Paulo Hartung , é uma personalidade de mais alto respeito, tanto ele quanto o Manuelito. Todas as discussões a gente fazia no "Conselhão", com os nossos diretórios, com o Partido Comunista, e levávamos as nossas posições para o Conselho Universitário, o máximo que eu cheguei a ouvir de conselho de Penina foram ponderações do tipo "não coloca isso nessa reunião de hoje que vocês vão ser vencidos, deixa primeiro eu colocar isso aqui, porque isso aqui vai criar uma demanda para o pessoal que é contra vocês, e quando vocês colocarem o que vocês querem vai ser menor do que isso que eu vou colocar agora, e em tão vocês têm alguma chance", ou, uma aulinha de estratégia tipo "não bota isso tudo de uma vez que vocês vão perder tudo, divide isso em três, ganhou o primeiro bota o segundo, eleição direta para o DCE junto com isso não, vocês vão perder tudo, pode botar, mas agora estou te avisando, nós conhecemos cada um deles", entendeu?. Então era nesse sentido que havia algum aconselhamento. Nem uma vez que eu me recorde, não sei se alguma outra liderança pode recordar, nenhuma direção universitária se dirigiu a mim para dizer "vocês não devem fazer isso", ou, "vocês fizeram isso errado". Quando a gente fez e deu errado, e ficamos acuados pela polícia, eu sempre os incitei a cumpriram com papel deles de direção universitária, que era garantir autonomia da universidade, impedir o desrespeito ao aluno, e todas as vezes que eu incitei isso aconteceu. Embora na época nós não tivéssemos tido medo de cooptação, tivemos até uma certa reação por parte de

algumas lideranças do movimento naquele momento, mas com o tempo isso foi superado, por que perceberam o quanto se avançou através dessa aproximação e que ninguém foi cooptado.

Obrigado pelo seu depoimento

Vitória, 02 de Março de 2007.

Paulo Roberto Fabres

(*) Antônio Claudino de Jesus formou-se em medicina pela Universidade Federal do Espírito Santo em 1979 na especialidade de patologia. Participou ativamente do movimento cultural do Diretório Acadêmico do Centro Biomédico entre os anos de 1975 a 1 978. Ingressou no Partido Comunista Brasileiro em 1974 onde militou até o ano de 1989, tendo assumido a secretaria geral quando o Partidão ainda estava na ilegalidade. Fundou o Cineclube da Ufes na década de 1970, foi Presidente do Conselho Nacional de Cineclubes por mais de dez anos, Vice Presidente da Federação Internacional de Cineclubes (2006 a 2009), e desde 2006 é Coordenador do Grupo Ibero-americano de Cineclubes. Exerceu funções de Assessor de Assuntos Estudantis (1979 a 1981) e de Sub-Reitor Comunitário (1988 a 1992) da Ufes. Foi Secretário de Cultura da Prefeitura de Vila Velha (1984 a 1986), Assessor Técnico da Secretaria Estadual de Meio Ambiente do Estado do Espírito Santo (1993 a 1994), Coordenador de Ciência e Tecnologia do Seplae (1994), Assessor Técnico da Secretaria Municipal de Meio Ambiente da Prefeitura de Vitória (1995 e 1997) onde também exerceu a função de Coordenador do Plano de Educação Ambiental (1998 a 2005). É professor do Departamento de Patologia do Centro de Ciências de Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo desde o ano de 1979, onde atualmente leciona a disciplina de Parasitologia.

---

[i] Bacharel em Ciências Sociais, Mestre em História Social das Relações Políticas (PPGHis-UFES), membro da Diretoria Editorial da Revista Sinais (ISSN 1981 – 3988), Pesquisador Associado e Coordenador da linha de pesquisa História e Memória e membro efetivo do Conselho Consultivo do Núcleo de Estudos e Pesquisas (NEI) do Departamento de Ciências Sociais (DCSO) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Depoimento de Cláudio Zanotelli (*)

Paulo Fabres[ii]: Que ano que o senhor entrou na universidade, em qual curso e como foi seu primeiro contato com o movimento estudantil?

Cláudio Zanotelli: Eu entrei em 1978, no curso de economia no CCJE. Meu contato com o movimento estudantil se deu pelo seguinte, em 1978 era época da volta do movimento estudantil, era época um pouco também do fim da ditadura, uma espécie de final melancólico e trágico da ditadura, a gente tinha uma relativa liberdade aqui na Universidade, apesar dos militares continuarem comandando o país, era o período do Figueiredo, 1979. Eu entrei na UFES no segundo semestre de 1978 e no primeiro semestre de 1979, se eu não me engano, teve o congresso de reconstrução da UNE. Então, participei dessas coisas todas aí. Fui ao congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes) em Salvador, aquele da reconstrução, participei do Diretório Acadêmico do CCJE, na época que você Paulo fazia parte.

PF: Como que foi seu engajamento no movimento estudantil? De que forma você chegou? Quem foram os seus contatos?

CZ: O seguinte, quando aqui entrei, no primeiro semestre havia um núcleo básico obrigatório, que funcionava no ICII, antigo Centro de Estudos Gerais. Eu já entrei num clima meio de rebelião, de certa maneira, havia um pouco isso no ar. Lembro que tinha um professor que pedia para fazer trabalhos que era o Artur Bogéa, na disciplina de Português, e fiz um trabalho sobre os torturados e desaparecidos por obra da ditadura. Era época do jornal "Opinião" que lia, bem como outros jornais de mesma fatura, aí fiz esse trabalho e o professor me deu dez o ano todo pela minha ousadia, imagino. O que era uma espécie de incentivo, digamos, à crítica. Mas, de outro lado, havia muita gente com medo na minha turma, a maioria tinha medo quando se falava de ditadura. Então, acho que foi uma conjunção de fatores, se me auto-analiso é um pouco talvez da história

pessoal, um pouco o clima, um pouco a possibilidade de contestação, um pouco a panela de pressão que estava explodindo, era um pouco de cada uma dessas coisas.

PF: Como é que era o ambiente do movimento estudantil dentro da universidade naquele momento?

Nesse primeiro período de 1978 eu não conhecia o CCJE, a gente ficava no que se chama hoje de CCHN (Centro de Ciências Humanas e Naturais), era o CEG (Centro de Estudos Gerais) na época, então eu na realidade não participava do movimento estudantil no primeiro período. A gente tinha mais discussões na sala de aula. A participação do movimento estudantil aconteceu a partir do segundo período quando passamos para o CCJE (Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas), é quando entro em contato com as pessoas que estavam no que se chamava o Diretório Acadêmico, centralizado para o CCJE todo, aí eu tive contato, acho que era a Marli (Marli Alves dos Santos) e algumas outras pessoas que depois vim saber que estavam ligadas ao Partidão, o Partido Comunista. Naquela ocasião tudo era proibido, então mesmo se as pessoas militavam em movimentos clandestinos não se podia saber. E aí eu fui de certa maneira cooptado um pouco por essa esfera de influência do Partidão. Mas isso durou uns meses. Me aproximei porque me interessava, tinha crítica, eu gostava de falar em sala de aula, etc. Fui convidado naquele período a ir o congresso de reconstrução da UNE, fomos num ônibus. Lá entrei em contato com pessoas de estados diferentes e outras correntes políticas. Foi uma coisa muito emocionante não sei se você mesmo foi Paulo, mas esse grande congresso da UNE foi um negócio que tinha mais de dez mil pessoas. Foi lá no centro de convenções de Salvador, o movimento estudantil emergia de uma mobilização enorme, todos os jornais estavam lá. O movimento estudantil tinha uma significativa importância na época. Talvez pelo histórico dos anos 50 e 60, pela repressão que sofrera e pelo fato que os movimentos populares estavam ainda muito amordaçados. Acho que o movimento estudantil era um pouco o porta-voz de vários setores da sociedade. Comecei a perceber, também, no encontro, que havia uma espécie de, enfim não sei como dizer isso, uma espécie de manipulação da parte do partidão, decidir de maneira centralizada quem eles queriam que fosse para tal ou tal cargo, o que deveria se falar, como se comportar, etc. e, portanto, rapidamente me distanciei deles.

PF: O senhor depois vai disputar as eleições do Diretório Central dos estudantes. Qual foi o grupo que o senhor se alinhou?

CZ: Na verdade eu não me aliei a ninguém, quer dizer, no fundo o que aconteceu é que tinha um monte de gente a Dóris, o Táurio Tessarolo, o Juvêncio, Maria Helena Signorelli, o Robson Côgo e outros que não me recordo agora, lá na economia, na administração, no direito, que estavam de uma certa maneira questionando a ditadura, questionando o poder, querendo participar mais. E ao mesmo tempo questionando essa espécie de estrutura hierarquizada que o Partidão manipulava mais ou menos. Acho que houve uma conjunção de insatisfações, na realidade eu não tinha partido nenhum, não tinha tendência nenhuma, o que aconteceu então foi uma espécie de movimento espontâneo. Pensando com recuo ninguém pertencia a nenhum partido, quer dizer as pessoas estavam questionando o que existia em termos de estrutura de poder, inclusive o Partidão da qual eu nunca fizera parte. Fui durante alguns meses "base próxima" como se dizia. Essa famosa "base" deveria se submeter a uma hierarquia leninista, stalinista. Então, foi isso, não havia politização politico-partidária, mas antes uma politização. A gente começou um movimento de discussão para lançar chapa para o Diretório Acadêmico do CCJE, montamos uma chapa que se chamará "Novo Rumo". Expressão recuperada por muita gente até hoje no campo político.

PF: O senhor participou inclusive de uma eleição do DCE numa chapa se eu não me engano com o Cláudio Chaulin Tose, com o Táurio Tessarolo, enfim, como foi a composição dessa chapa? Como é que ela se organiza?

CZ: Gostaria de voltar um pouquinho atrás para dar uma continuidade cronológica aos fatos. Quando acontece a primeira eleição no CCJE, com nossa participação nessa chapa "Novo Rumo", o nosso opositor será o Partido Comunista. Na época Paulo Hartung era o articulador, o homem que traçava as estratégias, eles tinham estudantes que faziam parte do movimento estudantil, como o Arimatéia, Stan Stein e vários outros. Surgimos em oposição a eles, em oposição à ditadura e também em oposição a tudo quanto é controle, manipulação. A eleição foi muito acirrada. Nós perdemos, não lembro mais por quantos votos, mas foram pouquíssimos votos diferença, dez votos ou coisa assim. Teve um combate ali que era reflexo de um combate maior que havia no movimento social e político no Brasil com o surgimento do PT. Não tinha o PT ainda, pois ele vai

surgir em 1980 ou 1981, mas a gente foi naturalmente caminhando em direção do PT sem que ninguém tenha previsto nada. Aí a gente perde essa eleição e começa um movimento, isso foi em 79, se não me engano foi no segundo semestre, começa, então, um movimento que era um movimento nacional através de diversos movimentos estudantis de criação de Centros Acadêmicos por cursos e nós nos jogamos a fundo nisso. A gente explodiu na realidade o Diretório Acadêmico que era uma estrutura centralizadora, assim tivemos eleições no segundo semestre de 1979 e no primeiro de 1980 para os centros acadêmicos. Começa a haver eleições e Centros Acadêmicos para tudo quanto é lado, entramos nessa luta também e paralelo a isso tem essa articulação ao nível da Ufes, porque não era só o CCJE, o CEG, o Centro Tecnológico, a Educação Física, o Centro Biomédico. Em todo lugar pipocaram oposições à estrutura centralizadora e à ditadura, etc. E aí a gente começa a compor uma chapa para o Diretório Central dos estudantes. Tive diversas conversas, até então eu não participava de tendência nenhuma. Articulamos e lançamos essa chapa com o Cláudio Chaulin Tose como presidente, ele era estudante de engenharia, e eu saí como vice-presidente. Haviam vários outros diretores, Juvêncio, Robson, e o pessoal da engenharia, o Vanderlei, o Reinaldo Centoducatte, atual vice-reitor da Ufes que era do curso de Engenharia. O Reinaldo Centoducatte era um dos articuladores das diferentes tendências que existiam. Na realidade haviam duas gerações, a minha que era a geração de quem tinha 18 a 19 anos e a geração daqueles que já tinham 25 anos ou mais e que estavam chegando ao fim do curso, que entraram na UFES em meados dos anos 1970.

Então eles um pouco que puxavam os fios e exerciam uma influência digamos na composição da chapa. Mas até então eu pessoalmente e outros colegas não percebíamos esse contexto político mais geral, fomos tomando consciência aos poucos.

PF: Em que ano foi formada essa chapa?

Em 1979 o nome dela era "Alternativa", o DCE tinha sido reconstruído em 1978, se eu não me engano. A primeira gestão da reconstrução foi a do Paulo Hartung como presidente e o que a gente chamava de Partidão ou "Reforma". Na época a gente os chamava de reformistas porque nós éramos os pretensos revolucionários. A "Reforma" também lançou uma chapa, não lembro qual era o nome, não sei se era reforma ou não, mas eu acho que não. A "Alternativa" teve sua campanha feita de uma maneira muito

artesanal, tinha a Moêma lá do Centro de Artes, o ZB, o Ernandes, a Magda da Educação Física, etc., no fundo foi à universidade toda, foi uma espécie de descoberta de outras pessoas em outros centros. O Chaulin, presidente da chapa, acabou renunciando ao cargo e eu assumi o lugar dele.

PF: Fale um pouco sobre esse episódio.

CZ: Nós ganhamos a eleição, foi uma surpresa geral, o partidão perdeu a eleição. Foi uma grande derrota política para eles. Naquela ocasião o DCE era centralista, me parece que isso mudou, quem ganhava uma eleição era a chapa que dirigia. Era uma espécie de centralismo sindical, não se podia criar outros sindicatos, a "entidade", parece coisa de macumba, era e é única. Havia um conselho de base com as representações dos Diretórios e Centros acadêmicos. Para aprovar as decisões necessitávamos ter maioria nesse conselho. O conselho era palco de uma disputa política ferrenha, os discursos eram todos preparados. Aos poucos fomos entrando nas casinhas das tendências e dos partidos políticos de esquerda ali representados pelos militantes. Nesse embate interno dentro da diretoria e externo com o partidão se desenvolveu um aprendizado com a democracia, mas com muito autoritarismo também. Acabamos uns e outros entrando em tendências que surgiam de partidos que estavam ainda na clandestinidade, mas que vão contribuir para a construção do PT, o MEP (Movimento pela Emancipação do Proletariado), a AP (Ação Popular) e a Centelha que depois vai se chamar Democracia Socialista, DS, Liberdade e Luta (Libelu) e outras que não lembro. Essencialmente eram essas quatro tendências que se encontravam no interior da diretoria vencedora, da chapa "Alternativa". Todo mundo queria emancipar o proletariado, representar o povo, etc. Essas tendências foram se organizando, no embate dentro do DCE. Cláudio Chaulin era próximo da AP que era dirigida, aparentemente, na UFES, pelo Reinaldo Centoducatte, a Sara, da enfermagem, era uma das cabeças do MEP. A Centelha tinha um recorte mais trotskista, bem como a Liberdade e Luta, então você tinha três ou quatro grandes movimentos que se disputavam. A saída do Cláudio Chaulin se dá nesse contexto de muita disputa interna pela direção. Dizia-se, também, mas essa era uma teoria do complô, maniqueísta, que o partidão teria tentado implodir a diretoria com uma manobra para seduzir e levar o Cláudio Chaulin a sair da presidência. Ele é primo do Anselmo Tose, médico e atual Secretário de Saúde do Espírito Santo, membro do grupo

do Paulo Hartung. O DCE fez coisas interessantes na época com as primeiras grandes greves de sua nova fase. Fizemos uma greve que durou três semanas, foi uma greve realmente muito seguida pelos alunos, os professores ainda não faziam as suas greves, nós que dávamos o caminho político dentro da UFES. Essas greves tinham assembléias de três a quatro mil pessoas e eram feitas no ginásio da Educação Física ou na frente da antiga reitoria, na pedra onde hoje está uma das administrações da Petrobras dentro da UFES. O Cláudio Chaulin pede demissão nesse contexto, foi um ato bem pessoal, provavelmente, em parte talvez porque ele estava cansado, nunca consegui saber realmente o porquê da demissão dele do DCE. Eu assumi como presidente no lugar dele. Na época eu já era "base próxima" da Democracia Socialista (DS), a Centelha do Movimento Estudantil. Nós éramos radicais, pelo menos no discurso, então a gente organizou piquetes, manifestações, greves, enfim. A "Reforma", como a gente dizia, fazia compromisso com a reitoria, nós não queríamos compromissos. Tanto que quando a gente entra no DCE fomos tratados a pão e água, somente tinha o espaço físico, não tinha mais nada. Isso de certa maneira nos ajudou, pois queríamos autonomia em relação à direção da Universidade. Eles tinham uma espécie de desconfiança total da gente.

PF: Qual era o clima geral na universidade em termos de mobilização do conjunto dos estudantes? Apesar de nós estarmos falando dos anos de 1980 e 1981, até que ponto a repressão ainda inibia essa participação ou causava um certo receio?

CZ: Olha Paulo eu pessoalmente nunca tive muito medo de repressão naquela época, hoje em dia eu penso, é muito curioso isso porque alguns anos antes provavelmente nós estaríamos todos presos, como ocorreu com a geração de 68, 69,70 até meados dos anos 1970. Em meados dos anos 70, as coisas mudam, era a presidência do Geisel, brigas nas hostes do poder entre linha dura e linha mais branda dos militares. As pessoas não podiam se exprimir antes de 1978, como nós nos exprimíamos a partir dessa data. Havia certa tolerância à liberdade de expressão, claro que não havia uma liberdade absoluta, éramos fichados, tinha espiões da policia no nosso meio. Havia aquele medo, aquela coisa difusa em relação à ditadura, mas nos rebelávamos, conquistávamos espaço, etc. O Partido Comunista procurava recuperar seu espaço dentro da UFES nos "queimando", dizendo que fazíamos o jogo da ditadura: instilando o veneno da suspeita, da

desconfiança entre nós. Havia, portanto paranóias várias, no entanto, havia uma mobilização, uma vontade de expressão muito grande, porque na realidade nós estávamos saindo de um momento de obscurantismo total e a gente sentia certa ameaça. Lembro de uma coisa anedótica, a gente saiu para pichar muro em Vitória de madrugada, coisa que se fazia muito, lá pelas tantas chegou a polícia, todo mundo saiu correndo, eu me escondi dentro de um lava jato de um posto de gasolina na Esplanada Capixaba, passei a noite escondido. Prenderam o Carlos Lobo e o Caldas que foram levadas para a Polícia Federal. Fiquei escondido até as 6 horas da manhã, eu não tinha nem dinheiro para a passagem, muito menos para telefonar de um orelhão para o Perly Cypriano que ficou de receber um comunicado nosso em caso de problema, e depois peguei um ônibus, entrei pela frente, para não pagar a passagem, conversei com o motorista, fui para casa e dormi, porque eu passei a noite em claro. Na Ufes estava um reboliço pois sabiam dos presos mais não sabiam onde eu estava, então o pessoal ficou imaginando as piores coisas, "Cláudio foi preso, torturado, desapareceu". Alguém lá pelas tantas falou: "Vamos ligar para casa dele, porque de repente ele está em casa." Aí ligaram eu estava dormindo. O pessoal ficou puto (sic) comigo. "Pô não avisou!" Eu expliquei a situação. Então tinha perigo, tinha riscos, mais eu não acho que fosse uma coisa tão importante. Quanto a outra parte da sua questão sobre a mobilização eu acho que havia uma mobilização muito grande, a gente fez assembléias grandes com praticamente o efetivo do campus de Goiabeiras todinho, aquele ginásio da educação física ficava cheio nas arquibancadas e na quadra, eram assembléia realmente massivas. A partir de 1980 tem uma outra ruptura pelo menos no que diz respeito a mim, quando eu sai dos movimentos de extrema esquerda, na realidade meu militantismo durou um ano e meio, parecia uma eternidade para a gente na época. Em 1980/81 eu saio da DS, o PT já estava criado. A gente ajudou a criar o PT em 1980, fundamos o primeiro núcleo dos estudantes do PT no estado, ajudamos a fundar alguns núcleos do PT na periferia, em São Pedro notadamente, mas depois eu me afasto.

PF: O senhor falou sobre a ligação do movimento estudantil com o PT, pelo menos de uma parcela do movimento estudantil com o PT. Como é que se deu isso?

CZ: Foi como eu te falava a pouco, a coisa foi tão natural, quer dizer todas essas tendências/partidos de esquerda, de extrema esquerda, entraram no PT. Então nós

automaticamente estávamos no PT, participamos das primeiras reuniões do PT, eu junto com outros, fomos os primeiros 100 escritos no PT de Vitória. A extrema esquerda ajudou a construir o PT, participou da fundação do diretório regional, municipal e do núcleo dos estudantes e outros núcleos.

PF: E como era a vida cultural da universidade naquele momento, em 1980 e 1981?

CZ: Acontecia aquela coisa com o grupo da comunicação, com Magno Godoy, lançaram uma peça eu não lembro o nome, acho que *Espíritus Santus* uma espécie de ironia sobre o Estado e a universidade. Explodiam e pipocavam os movimentos espontâneos de teatro, de dança, poesia, etc. Eu particularmente quando saio do militantismo, continuo de uma certa maneira militando, em 1980 e 1981 formamos um grupo de uma maneira muito informal com um monte de gente , inclusive com militantes do partidão, a Gleciara e o Saint-Clair. Todos saiam de uma situação de militantismo putos (sic) com essas hierarquias. Nos juntamos para além das diferenças ideológicas e começamos a fazer leituras novas que não se encontravam nas cartilhas dos partidos de esquerda (Nietzsche, Artaud, Deleuze, Guattari). Começamos a fazer festas, lembro que em 1981 a gente faz aquela festa: " Viva o Verde, Viva Mais Viva a Alegria, Viva a Paz", um slogan fácil que a gente fez, e aí mobilizamos, foi ali no Centro de Artes. Teve pinturas corporais, danças, fizemos uma manifestação no centro de Vitória acompanhada da projeção de filmes na Costa Pereira e da orquestra sinfônica do Espírito Santo dirigida na época pelo maestro Jaciguai Lins. Compramos com a renda da festa centenas de rosas e fomos distribuí-las na avenida Jerônimo Monteiro na hora do rush, cinco, seis horas da tarde. Tínhamos idéias libertárias, anarco-desejantes, como a gente chamava. Buscamos sair do doutrinarismo da esquerda. Esse grupo conglomerou dezenas de pessoas tinha o Zé Antônio, músico, Mauro Paste, Zoidinho, o Zocra, Ernandes, eu, Gleciara, Viviane Mosés, eram dezenas de pessoas que queriam discutir outras coisas, debater outras coisas, criar outras coisas. Houve um movimento muito grande, organizamos espetáculos aqui nas pedras – ao lado do Restaurante Universitário - tentando reviver a ultra-vanguarda do pós 68 francês: o teatro sem corpo de Antonin Artaud (não usávamos palavras mas o gestual dos corpos nus e pintados em danças lúdicas e eróticas), mobilizávamos 200 a 300 pessoas ali na frente do RU, ao ar

livre, que ficavam fascinadas pela nossa ousadia. Havia sede grande de descobertas diversas e variadas. Estou falando muito daquilo que eu participei, mas existiam outros grupos fazendo outras coisas. Nosso grupo ficou sendo chamado de Grupo do Ócio, nome que adotamos pela vontade de nada fazer fazendo tudo, pelo prazer da preguiça e da criação espontânea, pelos momentos de desejo e inventividade, buscando gozar sem entraves!!!

PF: Você teve contato com o Balão Mágico[ii]

CZ: Não, na realidade eu participei daquilo que se chamava na época "O ócio" a turma do ócio, como falei anteriormente. Nosso ponto de encontro eram as pedras localizadas próximas do Restaurante Universitário, que ficaram sendo chamadas de "pedras do ócio". Debatíamos Nietzsche e outros autores, fizemos alguns seminários sobre Nietzsche e sobre Antônio Artaud com Daniel Lins, terapeuta reichiano e filósofo. Hoje ele está na universidade Federal do Ceará. Ele era o nosso mentor intelectual de certa maneira. Porém nós éramos muito anarco, não havia estrutura, nem chefe e o grupo de desfez como surgiu, de um dia para o outro, sem dramas...Saí da Ufes em 1983, fui para a França em 1984. Uma parte desse movimento do ócio irá compor o que será denominado de "balão mágico" em referência a um programa de televisão famoso na época. Porém eu já não estava mais aqui, isso foi nos anos oitenta, não participei porque tomei distância de tudo e fui morar e estudar na França, donde voltei em 1998, 14 anos depois...

PF: Tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar nesse depoimento, que acha que vale a pena registrar da época.

O prazer de ter participado do um aprendizado humano, a importância que foi, para mim, um contato com outras coisas que na vida cotidiana a gente não tinha. Inventamos uma utopia, era possível construir outras coisas, era possível debater, criar, ter prazer, militar e reconstruir o mundo, é um pouco que fica para mim. Mas também a conscientização política que obtive, acho que isso foi muito importante.

Obrigado

Vitória, 06 de Maio de 2007.

(*) Cláudio Zanotelli.

Graduado em Planejamento do Território e Urbanismo - Université de Paris X, Nanterre (1988), mestrado em Geografia e Prática do Desenvolvimento no Terceiro Mundo - Université de Paris X, Nanterre (1993) e doutorado em Geografia Humana, econômica e Regional - Université de Paris X, Nanterre (1998), pos-doutorado no LATTS/ENPC (França) em 2005. Atualmente é professor Associado da Universidade Federal do Espírito Santo e Coordenador do Mestrado em Geografia da UFES. Editor de Revista Geografares - UFES , membro do Conselho Editorial das Revistas Cadernos Prudentinos - SP e parecerista da Revista Terra Livre. Realiza pesquisas atualmente sobre Fragmentação e segregação urbana e sobre Regiões Metropolitanas.

Depoimento de Constantino Colodetti -Tino (*)

Paulo Roberto Fabres[ii]: Como que foi o seu contato com o movimento estudantil na época da chapa Gota D'água e as suas motivações que o levaram a ingressar no movimento?

Constantino Colodetti: O movimento estudantil, eu entrei no movimento porque, vamos dizer assim, é como uma história pessoal, e uma história de vida e de uma sociedade. Na época em que eu entrei na universidade, que comecei a entender melhor as questões econômicas e políticas, e comecei a conviver com pessoas que tinham também em esse sentimento de como que era a realidade brasileira, nasceu em cada um aquela convicção de que o Brasil não poderia viver sobre aquela repressão que ele vivia. Por conta disso e, não só aqui, mas também isso tinha acontecido em outros países, chegou-se a conclusão de que nós deveríamos fazer algum esforço para poder provocar um processo de mudança, de abertura, ou seja, o nosso objetivo maior não era muito a questão da desigualdade social a nível econômico, e sim uma participação democrática, ou seja, a questão era que nós queríamos viver num país em que houvesse a democracia. Então, como essa é uma convicção, isso estava dentro de cada um, nas nossas conversas na cantina e no próprio diretório estudantil, começou a parecer aquela vontade de participar do processo nisso. Nessa conversa veio a questão da reabertura dos diretórios, por que os diretórios até então, eu não me lembro exatamente, mas eles tinham também sido fechados, então, para poder participar começou aquela discussão de formação de chapas. Basicamente tinha duas correntes, uma corrente foi liderada por Joaquim Silva (Quincas) na qual eu participei como tesoureiro, e aí participou Paulo Fabres, Neivaldo Bragato, Paulo Hartung e etc, e tinha uma outra corrente, que era mais ou menos uma divisão de classes, ou seja, tinha o Antonio Abigail dos Santos, o Jajá, que hoje é o diretor da FDV, uma pessoa conhecida que também liderou um movimento, ele também tinha uma veia de participação só que numa visão diferente, ou seja, então nós tínhamos quase que uma corrente de esquerda e uma corrente de direita, se é que assim a gente pode falar. Aí apareceu o Robson Moreira, o Chicó, e então nós montamos a chapa e fomos para a eleição, foi quando demos o nome Gota D'água inspirado na música de Chico Buarque de Holanda, e que aquilo ali já era o limite de tolerância que a gente

tinha para conviver sob a repressão, e essa repressão era nítida em nível de participação nas discussões em sala de aula, era o momento que o país estava vivendo, nós vivíamos em um momento, isso foi em 1974, 1975, um momento em que o país vivia uma repressão muito forte.

PRF: Quem eram essas pessoas nesse primeiro momento da Gota D'água que iniciaram a retomada do movimento no CCJE?

Constantino Colodetti: Basicamente era o Joaquim Silva, o Paulo Fabres, Haroldo Correa Rocha, Neivaldo Bragato, Emilio Simão Dias Vieira, Toninho Perim, entre Outros que eu não lembro o nome agora. O Paulo Hartung naquela época tinha um envolvimento, mas ele não ficou à frente da chapa, ele veio participar depois na parte de esportes. Curiosamente ele era jogador de handebol e liderava a área de esporte, porque a gente tinha pessoal que cuidava da área social, da área de esportes, da área política, havia uma divisão natural de tarefas e funções dentro do grupo e cada um obviamente se voltava para aquilo. E tinham várias pessoas, eu infelizmente não vou lembrar o nome, tinha o Edson Barros da loja de tintas, também existiam pessoas de outros cursos tipo aquele baiano que é o médico e que eu não me lembro qual o nome dele, que participou muito com a gente, fez muitas discussões. Então nós conseguimos, vamos dizer assim, essa chapa veio a ser a chapa vitoriosa e aí nós começamos um processo de participação para fazer com que aquilo que a gente achava que era interessante acontecesse.

PRF: Quais eram as bandeiras de luta do movimento naquele momento?

Eu diria assim, o principal era que estudante tivesse voz nas decisões que eram tomadas no país, existia desigualdade como até hoje existe, a grande desigualdade econômica que a nossa sociedade vive, só que, diferentemente, naquela época a juventude procurava um caminho político para resolver, hoje a gente está vendo que criminalidade virou uma bandeira de luta de desigualdade na nossa sociedade, ou seja, naquela época a gente achava que se a gente tivesse uma democracia, uma participação, a gente resolveria o problema, hoje às pessoas acham que você resolve o problema tomando aquilo que o outro tem, só que em nível de juventude hoje o que eu percebo é isso.

PRF: E as outras bandeiras além dessa questão da democracia, quais eram as

outras bandeiras do movimento?

CC: O movimento tinha também a questão de alavancar a indiferença que existia numa parte dos estudantes, ou seja, enquanto existiam pessoas muito ativas existia também uma grande parcela dos estudantes que se mantinham indiferente, ou seja, eles viam a universidade única e exclusivamente como uma formação técnica, para te dar uma profissão para você ganhar um dinheiro. Então a gente achava que nós deveríamos fazer com que essas pessoas viessem a participar desse processo ao invés de ter uma visão unicamente carreirista como estudantes e profissionais, que ele pudesse também participar. Curiosamente, o nosso movimento teve um essa felicidade, ou seja, as pessoas fizeram seu curso, se transformaram em profissionais e hoje conseguem dentro da política, das empresas, fazer acontecer aquilo que eu acredito que eram os ideais daquela época.

PRF: Quais foram às primeiras ações em termos de promoções, eventos, enfim, as primeiras iniciativas do grupo?

CC: É muito difícil lembrar porque já passaram mais de trinta anos, mas eu lembro que uma das coisas que ficaram muito marcadas na minha vida foi a questão do sebo de livro. Nós fizemos uma reunião e criamos, construímos um barraco de madeira, onde todo mundo levava àquilo que não estava lendo para com que os outros que não tinham pudessem alugar ou comprar por um preço barato. O que eu lembro é na época aquilo acabou virando um contraste,porque em termos de arquitetura a obra da Ufes era uma obra nova, ela tinha sido construída recentemente, e nós fizemos um barraco de madeira que contrastava totalmente com a arquitetura dos pavilhões do CCJE. Uma outra que nós fizemos foi um jornal mural, um quadro para as pessoas colocarem os artigos de jornais, que tinham que ser carimbados pela direção do centro, e tinha uma chave. Eu lembro nitidamente que eu fui com Joaquim lá na Escola Técnica, na marcenaria da Escola Técnica de Vitória para poder pedir que se fizesse aquilo, fizemos e trouxemos para cá e fixamos. Depois tinha umas coisas que incomodavam muito, como a questão da limpeza no CCJE, a gente achava que aquilo incomodava, nós fomos atrás de tonéis e aí teve envolvimento de Paulo Hartung para pedir ao pai dele um caminhão para poder a gente colocar isso aqui no centro, isso foi colocado. De forma que antes, dá para perceber que antes da Gota D'água, a gente enxergava o centro de uma forma e depois a

gente tem uma memória de que as coisas mudaram com aquele movimento, quer dizer, o antes e o depois, foi um movimento realmente que deu resultado.

PRF: Era então uma estratégia do movimento colocar a questão da limpeza, do acesso ao livro como uma maneira de mobilizar os estudantes em torno de uma ação coletiva voltada para questões de rotina e práticas da vida estudantil?

CC: Aquilo eram coisas menores dos ideais que existiam naquela época, mas eram coisas que a gente achava que aquelas ações, quando feitas em conjunto, levavam a um entendimento para uma participação maior, ou seja, a gente estava participando para melhorar qualidade que a gente tinha aqui no centro em relação aquilo que a gente poderia contribuir. Era a forma que a gente tinha de contribuir, ou seja, as pessoas eram ativas e era um movimento político, nitidamente político, que sofria repressão, mas que também tinha o seu dia-a-dia, por exemplo, a luta por uma sala, no início a gente não tinha sala adequada para funcionar, depois nós conseguimos com muita luta que nós tivéssemos uma sala, um jogo de xadrez, enfim. Promovemos também o Carnatrote, que foi um outro evento muito importante que nós fizemos, uma festa para receber os calouros com músicas de carnaval na quadra de esportes aqui nos fundos, e era muito grande, hoje a gente lembra que era um negócio grande e que foi muito interessante,envolveu todo mundo. Depois nós tivemos algumas frustrações, eu me lembro de uma que é muito interessante, a gente tinha um pessoal que trabalhava com movimentos culturais, encenavam peças de teatro, no caso o Auto da Compadecida que o Gobbi (José Luiz Gobbi) é que estava à frente. Mas lembro de que nós resolvemos promover um o folclore, a gente achava que nós deveríamos beber na fonte do folclore. Então nós resolvemos fazer um evento envolvendo o folclore. Aí começamos a estudar quais os grupos folclóricos que existiam naquela época e que eu acho que existem até hoje, tinha em Guaçuí, em Conceição da Barra, então nós resolvemos trazer o grupo Ticumbí de Conceição da Barra para poder fazer um apresemntação aqui na Ufes, então a gente achava que se trouxéssemos o Ticumbí aqui e a gente ía lotar o ginásio, que ia ser um show do outro mundo. Aí resultado, corremos atrás de um ônibus, se eu não estou enganado eu acho que a Águia Branca cedeu um ônibus, e eles vieram para cá e quando chegaram , e eles vêem assim tipo com família, mas não trouxeram, ou melhor, eles esqueceram muitos instrumentos, então a apresentação ia ser oito horas da noite e aí

nós tivemos que sair procurando onde podíamos, eu sei que foi um esforço muito grande, primeiro trazer as pessoas para cá, depois para começar a apresentação. Resultado, ela só aconteceu com uma audiência pequena, ou seja, uns gatos pingados. Não tínhamos experiência alguma, era o começo do começo, o ambiente no campus naquele era de total apatia desde 1972 quando o DCE foi fechado pela Polícia Federal, o DA até então só promovia churrascos e festas. Isso foi em 1976, estávamos tateando, procurando um caminho para alcançar o conjunto dos estudantes. E isso foi alcançado, pouco a pouco, em 1978, dois anos depois deste início o DCE é reaberto.

.

PRF: Uma das primeiras iniciativas desta lideranças estudantis foi promover várias palestras e debates, um tentativa de criar um espaço de debates e reflexão no meio acadêmico. Comente sobre essas iniciativas.

CC: Na verdade as palestras que aconteciam eram muitas palestras onde nós convidávamos pessoas que normalmente tinham atividade na área, voltada para a área econômica, formação econômica, e alguns casos até no direito, e pessoas que tinham uma visão também aderente a visão que era a nossa visão, ou seja, pessoas que tinham o mesmo norte. Lembro que nós chamamos José Louzeiro para fazer uma palestra, essa também foi uma curiosidade, e a palestra não tinha sofrido o "carimbo" da administração, da diretoria do CCJE. Então eles (a administração do centro) desligaram a luz do auditório, eu lembro que o Louzeiro estava falando e de repente caiu a luz, aí o Chicó, que é o Robson Moreira, que era um dos rebeldes que se dessem uma prova de rebeldia ele provavelmente tiraria nove e meio, ele foi lá e ligou a luz outra vez. Enfim, nós conseguimos finalizar a palestra, mas assim com muito tumulto e muito medo. Depois dessa palestra, se eu não me engano, teve uma convocação de comparecimento a Polícia Federal, o Joaquim, talvez ele possa confirmar isso depois, o Chicó e mais alguém que foi citado tiveram que comparecer a Polícia Federal para explicar porque que tinha sido convidada aquela pessoa para fazer a palestra.

.

PRF: E qual era o tema do livro do José Louzeiro?

PRF: O Zé Louzeiro falava sobre o livro que ele escreveu que foi "Araceli Meu Amor", hoje eu já não lembro muita coisa, mas que a sociedade dominante, no caso a classe dominante de Vitória, tinha os seus recursos para fazer com que determinados crimes

não viessem à tona, não fossem descobertos, e ele falava mais, se eu não me engano o tom da fala dele era mais uma questão política dentro do direito, ou seja, como que você poderia fazer que o direito no Brasil pudesse ter decisões que fossem decisões que fossem mais iguais e não decisões que favorecessem a determinados grupos, isso é o que eu lembro.

PRF: Naquele momento estavam em vigor os decretos 228 e o 477 que regularizavam e cerceavam a participação do movimento estudantil Havia ainda a Assessoria de Segurança e Informação ligada ao aparelho repressivo da ditadura que funcionava organicamente na universidade sendo chefiada por Alberto Monteiro. Como que era o espírito dos estudantes com relação a esse aparato de repressão?

CC: Existiam duas visões com relação a isso, havia um grupo menor de estudantes que achavam que essa coisa só poderia mudar através da força e que comungava com aquele processo de guerrilha, e tinha um outro grupo que achava que essa questão era uma questão passageira, como o foi, e que achava que através de uma participação no movimento estudantil e da própria política, porque vários colegas nossos foram para a Política, só que não mais na universidade, mas que na política partidária, você poderia mudar a forma como a sociedade era organizada. Então a gente achava que tinha que mudar, que ia mudar, mas não era só nós, tínhamos a imprensa que também estava por trás, que era o caso do "Pasquim" e do jornal "Movimento" que nós líamos diariamente. A gente achava que nós iríamos mudar aquilo, e na verdade não foram os estudantes, nesse processo como um todo foi a sociedade brasileira que fez com que isso fosse superado, e hoje nós não vivemos mais com ameaças de ditadura, com falta de liberdade de expressão, enfim, eu acho que essas duas visões que eram as duas visões que existiam entre os estudantes.

PRF: O senhor teve uma maior atuação ao longo de 1976 e 1977, e depois acompanhou de perto o desenvolvimento do movimento estudantil até 1978. Qual momento o senhor considera mais marcante ao longo deste período?

CC: Para mim o que ficou mais marcado de tudo isso foi de como que, numa situação de opressão de um ideal, pessoas de origens totalmente diferentes, de classes diferentes,

nascidas em locais diferentes, com realidades diferentes, conseguem se agrupar para poder com lutar por um ideal, ou seja, nós reabrimos o DCE em 1978. Nós nos agregamos em torno de um ideal, e por força das circunstâncias em que a gente estava vivendo que era momento político que o país vivia, então é uma prova de que a sociedade junta os grupos, e que ela consegue se transformar, foi o que ficou mais nítido. A gente também fazia muitas festas, nós éramos muito unidos, eu pelo menos acho isso. Dificilmente o estudante de hoje vai ter aquilo que nós tivemos. Nós tivemos uma época muito boa em termos políticos, de participação, de amizade, e de festa, de viagens, enfim era um grupo onde eu consegui fazer mais amigos, embora eu tenha feito também muitos amigos na minha vida profissional depois da universidade, mas fiz grandes amizades, e todas com pessoas da mais alta qualidade em termos de honestidade, e eu acho que o Brasil precisa exatamente disso, de pessoas com um ideal, sérias, honestas, e unidas para poder resolver os problemas que se apresentam.

PRF: Gostaria de fazer mais algum registro?

CC: Eu acho que um registro que poderia se fazer é levar uma mensagem para pessoas que participaram, de que aquilo que nós fizemos, aquilo que nós lutamos, a gente pode continuar no nosso dia-a-dia, carregando talvez aquelas mesmas bandeiras, não contra a opressão que não é o caso hoje, mas, vamos dizer assim, de fazer com que o Brasil tenha uma situação econômica e uma situação política melhor, porque hoje nós vivemos além da crise das diferenças materiais uma crise de moral, uma crise política muito grande, ou seja, a questão da seriedade e da honestidade no meio político está muito prejudicada. Então, acho que essa participação da sociedade é muito importante, ou seja, nós temos que participar do processo na medida do possível para poder fazer com que a gente tenha um Brasil melhor. Por último, acho que tenho que agradecer a você Paulo, por estar tendo essa paciência, estar dedicando esse tempo, que eu acho que é muito importante, e sem isso a gente não consegue registro da história, e resgatar e fazer disseminar, pois acho que é muito importante conhecer o nosso passado e poder mostrar para as pessoas.

Muito obrigado pelo depoimento

Vitória, 30 de Junho de 2007.

(*) Constantino Colodetti ingressou no curso de administração de empresas da Ufes no ano de 1974 e concluiu sua formação em 1977. É pós-graduado em Contalibilidade Gerencial pela Ufes e fez curso de Mercado de Capitais na Bolsa de Valores de Nova Iorque. Trabalhou na área de controladoria da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST) de 1982 a 2007. Participou da Comissão Executiva da chapa Gota d'Água como tesoureiro, embora, curiosamente, o nome que está registrado como tesoureiro no Termo de Posse emitido pela secretaria do CCJE seja o de Enéas Lobo Diniz. Teve uma participação de destaque entre as primeiras lideranças surgidas a partir de 1976 atuando ativamente em todas as frentes abertas pela militância dentro do movimento estudantil. Hoje trabalha como consultor de controladoria interna da Arcelor Brasil.

Depoimento Estanislau Kotska (**Stan Stein)**

Paulo Fabres: Como se deu esse contato do senhor com movimento estudantil?

SS: Bom, há a necessidade de esclarecer uma fase anterior a essa época do movimento estudantil porque eu já tinha entrado na universidade no curso de engenharia em 1973, e nesse curso de engenharia e eu tinha um amigo que morava também em Vila Velha chamado Eduardo Loureiro Calhau, que tinham uma namorada que é irmã da Lucinha (Chequer), que era do curso de economia e também irmã da Tininha, da Cristina Chequer Gomes) que era estudante do serviço social, e que veio a ser esposa do Paulo Hartung. E no curso de engenharia eu fiquei até 1975, e de lá saindo em 1976, quando buscando alternativas de sobrevivência na medida em que meus pais estavam com a família grande e passando por uma situação de crise econômica, e eu precisava ganhar mais confiança e também um trabalho para me sustentar. Então, em janeiro de 76 eu fui para a Alemanha para melhorar o conhecimento da língua alemã. De lá retornando em agosto do mesmo ano, e decidido a abandonar o curso de engenharia em função da experiência que eu tive na Europa conhecendo brasileiros que foram exilados, expulsos, ou que julgaram conveniente sair do Brasil naquela época, conheci pessoas da universidade de São Paulo, da USP e do curso de história, filosofia e de outras universidades que agora não me recordo. E nesse período eu passei a ver no Brasil lá de fora, quando estive na Alemanha como olhos que eu não tinha como ver aqui dentro em função da censura que existia nos meios de comunicação, jornais ou seqüestro de jornais que era muito comum na medida em que matérias eram contrárias ao interesse da ditadura. Então, quando retorno em agosto de 76 eu decidi abandonar o curso de engenharia e aí me escrevi para o vestibular de ciências econômicas, a minha visão, o meu projeto de vida na área de tecnologia de engenharia foi deixada de lado, tentando ver alguma coisa na área de ciências sociais e econômicas. Fiz o vestibular, passei, comecei o curso no primeiro semestre de 77 lá no básico, no CEG (Centro de Estudos Gerais). No meu retorno eu encontro com meu amigo Eduardo Calhau e passo a conversar sobre a grande novidade que eu trazia de lá, que foi a experiência na Holanda em que eu fiz a viagem no país todo de bicicleta, e Eduardo também andava de bicicleta na época, e a partir desse contato do meu colega de engenharia com a atividade do

ciclismo eu vim a conhecer a Lucinha Chequer que era a irmã da namorada do Eduardo, o que passou a ser a responsável pelo *circulismo* comigo dentro das teorias do marxismo, do marxismo, leninismo, da formação do pensamento político dentro do PCbão (Partido Comunista Brasileiro) e a Lucinha, que passou a ser o contato comigo nessas reflexões o que vinha a agregar informações do plano teórico aquilo que eu vivi como experiência na Europa no ano de 1976 e desde então a já no segundo semestre quando começavam as disciplinas no CCJE. Então a gente saía do CEG do básico e vinha para o CCJE, ficava mais lá uma outra disciplina de cálculo, alguma coisa assim que a gente fazia lá, mas as outras todas eram no CCJE. Então já no segundo semestre de 1977, a Lucinha me fazia as apresentações dos colegas que já estavam envolvidos com a discussão da política estudantil, aí onde eu vim conhecer o meu entrevistador, vim conhecer Paulo Hartung e outros colegas do curso de economia e também dos outros cursos do CCJE. Depois disso, já depois do mês de agosto, próximo de setembro, participando da assembléia de uma discussão coletiva, aberta para formação de chapas para o diretório acadêmico do CCJE. Então, já no segundo semestre de 77 eu começo a me engajar dando seguimento aquela motivação que nasceu lá quando eu conheci brasileiros que me falaram de sua experiência quando sofreram as agressões do regime militar no início dos anos 70 que foram para a Europa onde eu os conheci. Então essa proximidade do Eduardo me fez conhecer a Lucinha e da Lucinha aos seus colegas, ao grupo do Paulo Hartung, aí começa então a minha agregação a esse grupo em função sobretudo do que me pareceu ser um grupo pensante. Essa foi a opção porque eu não me filiei a outras correntes que existiam, sobretudo períodos depois no movimento estudantil na universidade, essa capacidade de pensar, refletir nos grupos de estudos sobre temas brasileiros onde a gente leu Josué de Castro - Geografia da Fome e outras obras sobre a história, e sob uma ótica da história não contada em função das ações dos famosos, dos imperadores, dos reis, dos poderosos, mas tentando mostrar a história também, sobretudo, como fruto do trabalho do homem. Nessa sua luta aí foi muito importante aquela obra do Leôncio Babaum, História Sincera da República, e está aí agregando-se literatura, que também tinham valores de formação histórica, como quase a obra completa em que foi disponibilizada para muitos de nós estudante da obra do baiano Jorge Amado, nós tínhamos, tinham obras, trilogias que falavam da experiência dos trabalhadores no Porto de Santos na Bahia, e sempre com essa visão do homem, do

trabalho do homem, do trabalho organizado como forma de também interferir na sua realidade.

PRF: O Senhor vai ser num primeiro momento vice-presidente do diretório acadêmico do CCJE, no ano seguinte presidente do DA e em 1980 presidente do Diretório Central Acadêmico em 1980. O senhor também se filia ao Partido Comunista Brasileiro que ainda estava na clandestinidade. Como se deu esse contato com o partido comunista brasileiro? Como que foi seu recrutamento pelo partido? Qual o papel que o senhor desempenhou no Partidão?

SS: O contato com o partido comunista brasileiro se deu através da Lucinha, que foi a responsável por fazer o *circulismo* comigo. Essa era a linguagem da época, a gente identificava as pessoas que tinham capacidade de raciocínio, de reflexão, e de liderança e tentava atrair essas pessoas para reflexão que se fazia, e assim que fizeram comigo. Lucinha é quem foi responsável por essa abordagem começando a partir então daquele contato que eu lhe falei do Eduardo Calhau que namorava e irmã Lucinha. Aí a coisa evolui com a agregação de leituras na medida em que essas literaturas iniciais que eu lhe falei eram adensadas já com a leitura teórica, Marta Rameca, textos próprios do Karl Marx, a leitura e o estudo do manifesto comunista e de outras obras, do próprio Lênin. Grupo de estudo para analisar que havia uma coisa interessante que era uma reflexão que tentasse ver não uma aplicação uma automática do que esses livros traziam, a gente tentava e exercitava naquela época um raciocínio acerca da nossa realidade: O que o povo brasileiro pensava? O que nós pensávamos? O que nossos colegas estudantes pensavam? Como fazer propostas que pudessem ser exeqüíveis?. Em suma eu traduzia essa reflexão que me tornou muito caro, é uma postura contra o desvario e isso me fez me manter próxima desse grupo que a gente buscava não uma repetição automática de visões teóricas, mas aplicar aqui uma perspectiva de transformar a nossa realidade. Isso foi o grande ganho que eu entendo que esse período trouxe para a minha existência pessoal, para minha existência profissional e para minha existência política no período

em que eu estive envolvido, e assim foi verdade. A partir dessa discussão com Partido Comunista eu passo a agregar também atividades na seleção de textos, na reprodução de textos, porque muitos textos eram difíceis, quase impraticáveis encontrá-los em livrarias do Brasil, alguma coisa vinha editada de Portugal, e muitas vezes tinham que ser em xérox, cópias feitas às escondidas. Não pôde entregar um original desses em qualquer lugar para se fazer a cópia xérox porque havia um clima de delação muito forte, o que colocaria em risco a nossa segurança. Então, muitas vezes fui eu o responsável por ter a guarda dos originais e de ir a algum local para fazer cópia, inclusive tendo sido necessário fazer locação de máquinas xérox como sendo uma atividade do diretório acadêmico do CCJE, uma dessas centrais de reprodução que a gente usava para fazer cópias a preço de custo para os estudantes que ficava ali no prédio do serviço social e as máquinas, além de atender os estudantes, nas horas vagas atendia a reprodução de texto para o estudo dos grupos que iam se formando não só no curso de economia, mas no curso de administração, no curso de contabilidade, no curso de comunicação, no curso de direito, no curso de serviço social, enfim, era uma produção organizada de textos com graus variados de complexidade para ir formando, agregando novas pessoas sempre a uma discussão. Não se tinha ali a reprodução de um credo automático de se acreditar nisso estaria adotando, não. O que era mais importante era essa reflexão crítica a partir, obviamente, dos elementos que essas publicações traziam para nós. Então, no segundo semestre de 77 eu participo da primeira eleição da minha vida de estudante na universidade, vindo a compor a chapa do diretório acadêmico do CCJE na condição de vice-presidente tendo à frente da presidência o colega Neivaldo Bragato. Em 1978 é feita uma nova assembléia para discutir abertamente a formação da chapa e ali, como que espontâneo, não me recordo de ter sido uma exposição em voluntarista, quero crer eu, mas havia uma convergência para que eu fosse, com entusiasmo, eu desejei também ser, e acabei compondo a chapa na condição de presidente do diretório acadêmico do CCJE no período de 1978 a 1979. Esse período foi marcado por uma série enorme de movimentos, de participação em encontros estaduais de estudantes. O estímulo não só no curso no qual eu fazia parte, o curso de economia, mas que os estudantes dos outros cursos também procurassem participar dos eventos nacionais de seus cursos, como o Encontro Nacional de Estudantes de Administração, o ENEADE, mas tardiamente o pessoal da contabilidade, o pessoal do curso de direito, de comunicação, que eram

formas também de se oxigenar e trocar idéias com estudantes de outras universidades, além disso, também o escopo da mobilização, da gente fazer a arrecadação, festas para que a gente conseguisse o dinheiro para alugar os ônibus e fazer então nosso transporte Muitas dessas viagens não aconteceram porque a ditadura interceptava o trajeto dos ônibus, mau saindo da garagem mandava retornar para a garagem, e a gente ficava no meio do caminho esperando esse ônibus que nunca vinha, mas nunca voltamos todos para casa, a gente sempre tentou e conseguiu alternativamente fazer alguns de nós chegar ao destino apesar de nossos ônibus seqüestrados e os motoristas proibidos de cumprir o contrato conosco. Isso em algum momento tem um desdobramento interessante porque a receita que nós tínhamos alcançado para alugar dois ônibus da viação Águia Branca para uma viagem não sei se para Santo André, em São Paulo, e essa viagem não aconteceu, conseguimos que a empresa devolvesse o dinheiro na medida em que ela não cumpriu o contrato, ainda que por força da ditadura, mas nós não viajamos e queríamos nosso dinheiro de volta. Conseguimos numa boa negociação intermediada pelo Bragato com um dos diretores da viação águia Branca, recuperarmos dinheiro e fizemos uma assembléia para discutir o que fazer com esse dinheiro, e a minha proposta foi aprovada, nós utilizamos o dinheiro para comprar um instrumento tecnológico necessário a mobilizar e agilizar a nossa comunicação com os estudantes e até mesmo com os movimentos sociais fora da universidade, na medida em que esse aparelhos se tornou útil inclusive nas comunicações dos sindicatos, tratou-se de uma gravadora eletrônica de estêncil. Antigamente a gente fazia os jornalzinhos com estêncil a álcool, de péssima qualidade visual, opaco, sem contraste, difícil de aderir as pessoas na leitura de um material produzido com estêncil a álcool, e compramos um mimeografo a tinta, preto, de boa qualidade e esse gravador. Então a gente poderia pegar recortes de jornais, de revistas, fotografias, colocar na máquina, no nosso mimeografo, e saí então um jornalzinho em preto e tons de cinza de acordo com as tonalidades do que era reproduzido nesse estêncil eletrônico, com isso ganhando as nossas publicações uma qualidade visual muito boa, infinitamente superior a do mimeografo a álcool com aquele papel liso, com aquele tom azul sem nenhuma nitidez. Isso fez muito potencializar-se a nossa capacidade de comunicação com os estudantes e a nossa relação com outros movimentos sociais, como foi o caso com a União de Professores do Estado do Espírito Santo e outros sindicatos, sindicato dos metalúrgicos,

também construção civil. Ainda no início de 1979 quando houve aquela enchente que trouxe um enorme prejuízo para a economia e, sobretudo, muito sofrimento para os capixabas. No final de janeiro e início de fevereiro eu estava lá no campus, no CCJE, fazendo a instalação de água para levar água num lavatório e um filtro de água para gente beber nosso diretório acadêmico, lá no prédio do curso de economia, pois a direção do centro não atendida o nosso pedido, e no final de janeiro nós decidimos fazer a execução dessa obra por nossa própria conta, com equipamento, ferramentas, picareta, colheres de pedreiro, e assim asseguramos um pouco mais de autonomia na sede do nosso diretório acadêmico porque tinha como lavar o rosto, lavar a mão e tomar água filtrada. Nessa ocasião então é que a gente ouvia pelo rádio as notícias da enchente que vinha sobretudo pelo Rio Doce prejudicando as comunidades ribeirinhas, Colatina, Linhares e alguns rios próximos com muitos flagelados, e também, a essa nossa capacidade de comunicação com a sociedade vem resultar dessa abertura de mente dos estudantes, que aprovou a idéia de se usar aquele dinheiro para se comprar esse equipamento o gravador eletrônico de estêncil. A participação no movimento estudantil tinha um método de reflexão que adveio da tecnologia do PCB, as formas de organização, as células de reflexão, os grupos de estudo, as instâncias maiores, mais coletivas, esse debate foi para mim a maior escola de formação de pensamento crítico e verdadeira cidadania. Em 1979 o diretório central dos estudantes têm o final do mandato de Paulo Hartung como primeiro presidente depois do regime militar, e nós compusemos uma chapa eu fui vice, candidato a vice-presidente com o (Fernando) Pignaton do Centro Biomédico e nós não obtivemos êxito nessas eleições, venceu o candidato Ceolin, lá da engenharia, o que significou um grande retrocesso no movimento estudantil com a capacidade de organização nula, totalmente inexistente em função desse vazio do DCE depois de Paulo Hartung. No ano seguinte, em 1980, acho que outubro ou novembro forma-se uma nova chapa do Diretório Central dos Estudantes na qual faço parte como candidato a presidente tendo a meu lado o Ernestro Neris, que era do curso de medicina, o Fernando Pego, a Yasmim Poltroniere, a Maria Angela Coser que era estudante do curso de matemática do Centro de Estudos Gerais, a Rosa Helena, minha irmã que era do curso de serviço social, enfim membros de quase todos os centros da universidade inclusive o nosso braço de representação lá no Centro Agronômico de Alegre. Então foi uma movimentação muito ampla no sentido de

retornar essa reflexão que lhe falei no início de 1977, 1978. É que a direção do DCE com Ceolin significou um grande retrocesso e a gente consegue a partir de 80, com a nossa eleição também representativa e com intensa a participação dos estudantes, consegue incentivar a retomada dessa reflexão, agregando também no movimento cultural o festival de Alegre, que foi uma iniciativa do nosso grupo. A gente dá continuidade a ele, ao cineclube com a nossa presença não só na universidade mas também nos bairros, nós tínhamos alguma relação com um movimento de bairros, de moradores, sindicatos, lá na Glória com os trabalhadores da indústria Chocolates Garoto, pois tinha gente de nossa relação e de reflexão dentro do PCB que tinha uma participação lá, e a gente participava dessas reflexões. Além das reflexões acadêmicas, nós estávamos muito preocupados com qualidade do ensino e onde a gente pôde ter pessoas mobilizadas com a reflexão de a respeito da qualidade do curso que estava fazendo, das alternativas de enfoque de fontes de informação para sair de um tecnicismo muitas vezes centrado em correntes ideológicas ou técnicas de fora do país no nosso curso de economia, a teoria monetarista de Chicago, a gente tentava não abolir isso mas ter ao lado disso outras formas de reflexão a respeito tanto na economia como também na engenharia no tocante a discussão da geração de tecnologia, pois entendíamos que o Brasil deveria fazer com relação à pesquisa e desenvolvimento, para gente não ficar apenas reproduzindo as patentes de tecnologias registradas pelos EUA que era um país que tinham a maior referência no país, na economia sobretudo pela grande influência que teve no financiamento do próprio regime militar. Então nós produzimos debates na área da engenharia com aquele empresário de origem alemã no Brasil que ousou o desenvolvimento de indústrias com tecnologia própria e acabou sofrendo um embate muito sério, na visão dele com sabotagem de seus equipamentos por parte de grandes corporações multinacionais, foi o caso do empresário Kurt Rudolf Mirow que nós trouxemos aqui para fazer uma discussão a respeito da sua obra chamada: "Ditadura dos Cartéis". Também trouxemos uma ampla divulgação na sociedade e não sobrou um único lugar vazio no auditório onde ele fez a sua apresentação no Colégio do Carmo, o doutor em Ciências Políticas formado em Gasglow, uruguaio de nascimento, brasileiro por opção e que publicava na época a sua obra da sua tese de doutorado chamado: "1964 A Conquista do Estado", que era um relato escrito dos antecedentes de preparação para o grande movimento político da ditadura, os antecedentes, como o

capital financeiro industrial internacional se articulou para ter dentro do Brasil órgãos de imprensa, jornalistas levando a idéia para construir o imaginário coletivo para acreditar na ameaça do comunismo como sendo a negação dos valores brasileiros, a destruição da basílica de Nossa Senhora de Aparecida e outras coisas que se publicaram naquela época. Então nós tivemos sim uma participação muito intensa.

PRF: Qual é o nome deste sociólogo?

SS: René Armand Dreifuss. Ele esteve como professor na universidade, se eu não me engano na PUC de Minas Gerais e passou por outras universidades aqui no sudeste do Brasil. Essa obra dele que foi uma espécie de lançamento que nós fizemos aqui em Vitória. "1964 A Conquista do Estado", então ali ele revela as fontes, as provas de financiamento de recursos, de milhões de dólares que foram enviados para o Brasil para que a revista "O Cruzeiro", "Fatos e Fotos" e outros jornais fizessem aquelas notícias sensacionalistas, preparando a população para apoiar a que o que veio a ser a grande marcha de 31 de março de 1964, quer dizer não foi por acaso, não foi um movimento interno do Brasil. Esse foi também um dos tantos eventos que nós promovemos como forma de discussão crítica, conhecimento da nossa realidade. Tivemos também aqui um fim de semana intenso de convivência, debates, conversas com Gregório Bezerra que foi um líder comunista do nordeste do Brasil, que nasceu mais ou menos em 1900 e que passou a maior parte da vida dele preso, preso político que se alfabetizou depois de adulto. Ele participou das discussões sobre a miséria dos trabalhadores dos canaviais do nordeste e contou a experiência dele. E sempre a gente tendo essa forma de conhecer a experiência de luta e assim poder enriquecer também a nossa própria experiência na busca de uma transformação do nosso curso. e aí surgiu a comissão de reforma do curso de economia, do curso de direito, quando vários cursos na universidade tiveram essa discussão de reformulação dos seus currículos, no curso de economia, e isso foi importantíssimo porque nós introduzimos, ou conseguimos re-introduzir, as disciplinas teóricas do pensamento filosófico, as grandes correntes de pensamento da formação da teoria econômica. Nos outros cursos, da mesma maneira, houve um grande avanço e acredito que isso venha a ter impacto hoje na nossa sociedade na medida em que nós temos uma universidade que, apesar de alguns percalços, produz e se tivesse um debate

maior poderia estar produzindo até muito mais. Mas acredito que nós lançamos uma semente que produziu bons frutos nessa discussão, nós não fazíamos meramente a política do aparelhamento a gente discutia a questão acadêmica, a gente discutia as condições ambientais de se chegar ao campus da universidade que nas épocas de chuva tinha-se água até o meio da canela e foi o nosso movimento que fez com que a universidade colocasse aquelas passarelas, elevando lá 40 a 50 cm para que nas épocas de chuva o estudante não chegassem todo encharcado e ficasse lá febril, gripado e etc, porque tinha que atolar 30 a 40 cm dos pés naquele aguaceiro. Então muita coisa que nós fizemos foi fundamental para a nossa formação, como a discussão de cidadania e formação de lideranças. Eu acredito que foi o período mais rico da minha vida.

PRF: Você gostaria de fazer mais algum registro sobre o movimento estudantil, infelizmente nosso tempo está se esgotando, algum outro registro sobre essa época do movimento, alguma coisa a mais a acrescentar.

SS: Sim, eu acredito que é importante recuperar um pouco de uma experiência que foi boa lá atrás e que acredito que possa ser boa para os estudantes que vem depois de nós. Nós percebemos, numa das primeiras passeatas que fizemos, a grande revolta da população quando nós fechamos totalmente a via, a avenida. Não tinha como ninguém passar, ouvimos críticas, reprovações intensas e na próxima passeata nós tomamos cuidado para que não fizéssemos o bloqueio das avenidas. Nossos colegas discutiam e cuidavam do limite, a passeata vai andar nessa linha, do lado de cá vai passar ônibus, caminhão, táxi, automóvel, e a gente aprendeu que com isso o fluxo fluía, tinha um pouco de retenção mais muito menos do que o acontecia antes, e recebemos a partir daí a reflexão e a aprovação da população porque colocamos as nossas faixas de frente, para quem estava de frente poder ver, de costas para quem estava atrás na retenção poder ver, de comprido virado para quem estava na calçada, nas lojas, no comércio do lado de cá, e de comprido virado para quem estava do outro lado, ou passando de ônibus, ou do outro lado da avenida, de tal maneira que todos sabiam o que estava acontecendo. Então a gente pode ter muito mais agregação, e o que foi fundamental, o que resulta disso tudo é a grande descoberta da solidariedade que hoje é um valor que a nossa república traz em nosso artigo 3º. Quiçá a gente possa incentivar os jovens de hoje, aos estudantes de hoje

a tomar a si a reflexão do significado disso. A república do Brasil tem como objetivo a criação de uma sociedade livre, justa e solidária. Eu tive a oportunidade de vivenciar, de praticar concretamente uma perspectiva de liberdade, de justiça e de solidariedade. Nós ajudamos os flagelados da enchente, juntamos com o movimento da igreja se eu não me engano era Dom João Batista da Motta e Albuquerque o arcebispo aqui de Vitória na época, e nós, quando o governo não teve a sensibilidade para ver a gravidade da que momento, fizemos um gesto de solidariedade que ficou registrado num documento produzido, assinado pela igreja, pastoral da igreja católica e de outras igrejas e de outras confissões e o movimento estudantil chamando: "O povo. Só o povo. Salva o povo." Eu acredito que nós deixamos um legado que pode servir de reflexão, que ninguém repita mas que saiba tirar das suas reflexões esse substrato, a solidariedade vale a pena como resultado final de nossa existência, a gente alivia, a gente pode facilitar a superação dos graves problemas que nós temos e que teremos no futuro cada geração com o seu enfoque.

Obrigado.

Vitória, 09 de Julho de 2007

Depoimento de Fernando Luiz Herkenhoff Vieira[ii]

Paulo Fabres – Fale sobre trajetória até o momento em que o senhor entra em contato com o movimento estudantil na UFES?

Fernando Herkenhoff - Basicamente eu vim de Cachoeiro de Itapemirim para Vitória com um pensamento de esquerda um pouco difuso. Talvez pela influência do meu pai Alceu Vieira que era um militar da baixa oficialidade de esquerda que se opôs ao golpe de 64 e talvez também uma influência importante vamos dizer foi o fato de que eu nasci e cresci num ambiente católico liberal Um pensamento liberal que eu não chamaria nem ainda de esquerda, mas de um *catolicismo* liberal com preocupações sociais a partir do papa João XXIII que foi bastante encampado pelo meu tio João Herkenhoff que eu chamo de tio-pai, já que o meu verdadeiro pai faleceu muito jovem e João morava conosco. Eu diria que quando eu quando vim para Vitória fazer o pré-vestibular eu já tinha umas idéias de esquerda e já me opunha ao regime autoritário, tanto que eu tinha o apelido de "vermelho" na república. Eu acompanhei também a intervenção na Casa do Estudante de Cachoeiro de Itapemirim que me deixou perplexo. Da mesma forma acompanhei a intervenção no Diretório Acadêmico da Medicina no Centro Biomédico da Universidade Federal do Espírito Santo, na qual tinha alguns conhecidos e nós trocávamos idéias nos botecos da vida. Então eu já entro na faculdade numa posição de esquerda, numa posição socialista e antiditatorial. Acho importante dizer que a palavra socialismo nesta época tinha um significado positivo, generoso e transformador, ao contrário de agora que tudo de bom e revolucionário é determinado pelo mercado.

PF - Quais foram seus contatos, como que foi o processo de adesão ao grupo que estava à frente do movimento estudantil do CBM?

FH - Tudo foi muito curioso porque comumente entre os estudantes de medicina as primeiras identidades são mais acadêmicas ou às vezes proximidades de classe social. Há também afinidades que não são fáceis de serem explicadas. Primeiro eu me entrosei com grupo de amigos (que são amigos meus até hoje) que pensavam livremente, mas não tinham um projeto de enfrentamento do regime militar, um projeto de lutar contra a

ditadura militar e pela construção de uma sociedade mais justa que nós pensávamos ser o socialismo.

PF - Quem fazia parte deste grupo?

FH - Ângelo Santi, Getúlio Camporês, Teobaldo Heleodoro, Márcio Mello, enfim era nosso grupo de estudo. A partir do terceiro ano, sem me afastar deste primeiro grupo de amigos, eu me aproximo mais a um outro grupo que era formado por Lauro Ferreira Pinto, Paulo Bresciani, Geraldo Corrêa e João Carlos Gobbi. Através de conversas e discussões a gente decide se engajar mais fortemente na luta na luta pelas de liberdades democráticas e contra o regime autoritário. Paulo Bresciani que era um estudante exemplar e grande amigos se engaja menos, mas nunca deixou de nos apoiar. Sem abandonar nossa vida acadêmica, a gente decidiu participar da luta contra a ditadura militar já que tínhamos uma compreensão de que o regime autoritário era uma anomalia, e nos indignava a repressão que nossos colegas militantes do PC do B haviam sofrido. Pensávamos que este processo era uma coisa descabida, violenta e sem sentido.

PF - O movimento no Centro Biomédico da UFES já estava organizado no Diretório Acadêmico neste momento?

FH - Não. O movimento passa dois anos semi paralisados, mas são os militantes do PC do B de então que podem falar melhor sobre esta época. Era um grupo muito forte e composto de intelectuais de esquerda como o Iran Caetano, Marcelo Neto, Guilherme Lara, Gustavinho, Tião, Marcos Lyra Brandão e Luzimar Nogueira Dias. Este grupo de simpatizantes e militantes do PC do B sofreu uma repressão brutal em 70-71: Foram presos, punidos; alguns são encarcerados e alguns fugiram da polícia política. Então houve uns dois anos de vácuo político no curso de Medicina. Nesses dois anos fomos nos aproximando de um grande grupo mais amplo onde eu entro mais engajado politicamente. Faziam parte do grupo, pessoas próximas ou militantes do "Partidão". Amigos inesquecíveis como Lauro Ferreira Pinto , Geraldo Corrêa, Merli Alves dos Santos e o Claudino de Jesus. Merli provavelmente era mais informada do que nós, pela sua ligação com o grupo de Davi Capistrano de São Paulo. Este pessoal do Partidão já

vinha com a idéia de um socialismo fundamentado na democracia. Na época denominava-se Eurocomunismo.

PF – O senhor se lembra quem foi da chapa do Diretório Acadêmico que reabriu esse processo do movimento?

FH: Aloísio Falquetto e nós formamos uma chapa que marca a reabertura do Diretório Acadêmico do Centro de Biomédico. Ele não era ingênuo e sabia que se juntava a pessoas ligadas à política do Partidão e que tinham uma posição contrária ao regime autoritário. Depois ele é sucedido por um dos melhores militantes do Partidão, o Dentista Adauto Emerich. Fez uma ótima gestão. Ambos são atualmente professores de excelência no Centro de Ciência da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo. Quero recordar também aqui um homem que também fez parte desse núcleo original que foi o Ildelberto Muniz apelidado de Paraíba. Talvez ele tenha sido um dos elementos mais dinâmicos e renovadores do Partidão do Estado do Espírito Santo. Foi que ano essa chapa você lembra? Você lembra de quem mais participou? Não me lembro muito não, não me lembro muito não. Mas sem dúvida há o engajamento tardio de gente como nós que já estava no quinto ou sexto ano de medicina, já tendo, certamente de se preocupar com residência médica, carreira docente, definição profissional e pessoal. Nós fomos sucedidos por uma turma de jovens que deram um grande vigor e renovação ao movimento. Mais marcantes para mim foram Fernando Pignaton, Ernesto Negris, Ancelmo Tose e Tolentino Ferreira. Era muita gente. Sei lá, nós tínhamos, eu calculo uns 200 militantes organizados em bases, às vezes por turma, por centro universitário ou por área de atuação. Bom se recordar que era uma época de muito medo da repressão política e de muitas incertezas. Só o fato de a gente ter conseguido essa união entre os estudantes, sem hostilidades contra nós, foi um elemento fundamental na evolução do movimento estudantil. Porém, nós falávamos mais em democracia e defendíamos as reivindicações e os interesses dos estudantes. Quero ressaltar aqui como homenagem o meu encontro com Merli Alves dos Santos e Antônio de Claudino de Jesus. Eles foram fundamentais porque todos nós começávamos a participar em uma organização política com a qual a gente mais se identificava mais (Partidão). Até porque a esquerda armada e revolucionária havia sido derrotada pelo

regime militar. Acredito que naquele momento não havia ninguém ingênuo: nós nos identificávamos com uma política reformista e com uma tática de luta fundada na redemocratização, fosse nas escolas, fosse nos movimentos sociais e também no único partido de oposição consentido que era o MDB. Nos movimentos sociais propúnhamos lutas de interesse geral e melhorias específicas e assim por diante. Então era um programa diferente do que o da esquerda revolucionária havia propugnado anteriormente. Eu não estou julgando se era melhor ou pior. Participamos em uma outra época e propúnhamos um movimento de resistência que combinava uma oposição combativa ao regime, mas que não apostava no enfrentamento militar e na luta armada. Enfim, éramos embora do velho Partidão bastante mais moderado do que existia anteriormente.

PF - Como explicar o número significativo de líderes estudantis na época que foram fazer do Partido Comunista Brasileiro que ainda estava na ilegalidade?

FH - Eu não sei explicar porque ocorreu no Estado do Espírito Santo essa entrada maciça de estudantes no Partidão. Esta foi uma particularidade nossa. Na Bahia, por exemplo quem se expandiu muito foi o PC do B.

PF - Ou ocorreu o contrário, o partido comunista vai recrutar sua militância dentro do movimento estudantil?

FH - Bom se você me permite antes eu quero fazer uma recuperação histórica que esse núcleo inicial que mencionei, se encontra com um grupo defasado do partido comunista de 40 anos.. Era um núcleo pequeno que havia sido organizado no ES 40 anos antes. Os "velhos comunistas" foram para a ilegalidade em 46. Nós renascemos em 75, 76. Encontramos o João Trindade que era uma liderança popular lá da Serra. Doutor Caetano Magalhães,o Hermógenes da Fonseca um grande estudioso da cultura popular e o seu Agostinho Silva que era um negro de fino trato. Um homem que não fez o segundo grau, mais que possuía uma enorme sabedoria. Havia também o Almir Neves, intelectual capixaba e irmão do Médico humanitarista Ademar Neves que dava nos prestava assistência. O Almir Neves já tinha mais de 70 anos de idade e ainda

continuava vivo na militância. Também não posso me esquecer do Clementino Dalmásio que ainda está vivo e ativo. Ele e Antônio Granja que também militou no PCB no ES estão completando 100 anos. Então esse nosso grupo de jovens reencontra 40 anos depois dos com esses "velhos comunistas" que tinham ficado meio perdidos no espaço e no tempo, meio almas penadas, mas que possuíam uma grande sabedoria: a questão fundamental era a unidade das forças democráticas para enfrentar o regime militar. Este foi o grande patrimônio da criticada linha revisionista do Partidão inaugurada no V Congresso em 1958. Nós nos diferenciávamos bastante dos "velhos comunistas" porque eles sentiam uma verdadeira veneração pela União Soviética, o que não era certamente o caso da nossa geração que já tinham ouvido Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Beatles, Rolling Stones. Com isto quero dizer que já havia entre a gente uma vertente crítica ao chamado Socialismo Real, embora isso não fosse explorado, até porque isso causava um grande incômodo e mal-estar nos "velhos comunistas". Apesar de revisionista, eles não suportavam críticas mais duras à União Soviética. Vou retomar o tema de como era feito recrutamento para o partido: nos intervalos de aula, nas cantinas, nos botecos, nas festas estudantis e em reuniões comunitárias. Nós tínhamos um grupo de recrutadores admiráveis. Na segunda levada, eu não posso me esquecer do José de Arimatéia, hoje mais conhecido como irmão da artista Eliza Lucinda. Ernesto Negris, Fernando Pignaton, Anselmo Tose e Francisco Silva. Eles se juntaram à Lauro Ferreira Pinto, de inteligência e bom senso admiráveis, as irmãs ,Merli e Marli Alves dos Santos, Antônio Claudino de Jesus, Geraldo Corrêa e Paulo Hartung que era um mestre organizador. Então a gente ia se multiplicando, e a corrente do movimento estudantil denominada UNIDADE ligada ao PCB cresceu muito nas escolas e Universidades do Estado do Espírito Santo. Era uma corrente reformista que apostava no fim da ditadura através da união das forças dos movimentos sociais e também através de uma ação institucional no MDB.

PF – Essa estratégia era discutida de forma sistemática dentro do Partidão?

FH - Era uma estratégia de ampliar o partido e fazer o partido crescer; crescer sua influência dentro de uma chamada linha do Sexto Congresso do PCB que rejeitara a luta armada, e confirmara a crítica ao Stalinismo que foi aprovado no Quinto Congresso do

PCB em Agosto de 1958. O Sexto Congresso do PCB reafirma a linha de Unidade Democrática para derrotar o regime militar Eu diria que ainda continua atual a linha do Sexto Congresso adaptada ao Século XXI onde a Democracia e os Direitos Humanos assumem uns papéis fundamentais, acima dos sistemas políticos e econômicos. Estas formulações extraordinárias ainda são atuais. Eu gosto de brincar dizendo que ainda sigo na minha atuação política e na vida em geral a linha do Sexto Congresso do PCB.

PF - Quais foram às bandeiras de luta do movimento estudantil nessa época?

FH - Olha, sem querer ser dono da verdade, basicamente você tinha um grupo "revolucionário" mais radical de esquerda colocando a questão de enfrentamento da ditadura militar que tinha como palavra de ordem: Abaixo a Ditadura. Nesta época, é bom se recordar, a luta armada já havia sido derrotada. Tinha um grupo reformista composto pelos militantes do Partidão e setores autênticos do MDB, havia também um outro grupo importante, que vamos aqui chamar respeitosamente de movimentos alternativos como o aqui denominado "Balão Mágico". O Balão Mágico veio a ter muita influência dentro da Universidade e talvez fosse portador dos novos tempos. Comportamento e atitudes pessoais eu não discuto. Acho, entretanto, que eles tinham até mais sintonia com a modernidade e com a pós-modernidade do que todos os socialistas ou comunistas. Então basicamente eu acho que havia esses três grupos. A gente começa recrutando e crescendo muito e eventualmente perdíamos e ganhávamos as direções dos diretórios ou centros acadêmicos, mas éramos uma força enorme e bem organizada. Havia reuniões regulares, pauta de discussão seguida de decisão no voto. Vamos levar o panfleto ao povão, vamos fazer uma faixa de protesto, vamos participar deste ato pró-democracia e assim sucessivamente. Havia um ritual quase religioso. A pauta da reunião quase sempre constava de: 1) Informes gerais. 2) Conjuntura Internacional. 3) Conjuntura Nacional. 4) Conjuntura Local e Plana de Ação.

PF - Quais eram as palavras de ordem do movimento?

FH- As nossos eram: Liberdades democráticas. Queremos liberdades democráticas e queremos os democratas unidos pela liberdade, Isto nos diferenciava dos grupos que

vieram depois a se aglutinar em torno do PT e do próprio PC do B cujas palavras de ordem eram Abaixo a Ditadura e eventualmente levantaram socialismo como palavra de ordem, como se o Brasil pudesse então dar um salto mágico para o socialismo. O tempo foi passando e com as lutas democráticas e republicanas o país foi se abrindo e a democracia se afirmando. Portanto este caminho que apostava na luta unitária pela liberdades democráticas se mostrou acertada.

PF – Como o movimento estudantil se engajou na luta da anistia e da constituinte?
Nós nos engajamos muito. Eu não vou falar que nós lideramos o movimento, mas brincando um pouco, no mínimo fomos a banda de música do movimento, inclusive aí já municipalizada em Vila Velha, Serra, Vitória, Cariacica e no Interior do Estado. Nos engajamos muito na luta pela anistia. Depois nos engajamos muito na luta pela Assembléia Nacional Constituinte depois que o voto direto perdeu no Congresso Nacional e mesmo quando o PT repudiou processo, nós apoiamos a eleição indireta de Tancredo Neves e continuamos a defender uma nova constituição. Aí eu acho importante resgatar um pouco dessa história: não só o PT não participa da Convenção congressual que elegeu Tancredo Neves e decretou na prática o fim da ditadura militar como não assina a Constituição Brasileira. Isto é gravíssimo. O Partido dos trabalhadores ainda não assinou a Constituição "burguesa" do Brasil. Ou seja, Os Petistas ainda estão fora ou acima da lei. Então você vê que eram duas matrizes muito diferentes. Eu sei que não estamos aqui para falar do presente, mas as diferenças já estavam no nascedouro: uma matriz reformista e aliancista de forças políticas como os "velhos comunistas" propunham, pois eles sabiam que para fazer uma grande tarefa você precisa juntar forças, juntar gente, buscar consenso dentro do jogo democrático, sem muitas pré-condições e sem pré-julgamentos terminais. Isto dá muito trabalho, mas não existe outra fórmula conhecida que tenha dado certo. A outra matriz que se aglutina em torno do PT, se anunciando como a novidade revolucionária pura repudia tudo o que houve no Socialismo Real e assume os ares de que somente eles eram portadores da boa nova e da salvação do povo. Acho desnecessário falar aonde esta concepção do Partido dos Trabalhadores foi parar. Pior, eu acho que não vai piorar.

PF - Onde o movimento estudantil na universidade manifesta mais ativamente,

com mais vigor? Como ele se distribuiu dentro das várias áreas e dos vários centros acadêmicos?

FH - É eu posso estar enganado. Inicialmente sem dúvida alguma no Centro Biomédico onde em 1977 e 1978 nós fizemos a primeira greve da Ufes. Aí um detalhe: levantávamos questões específicas de interesse dos estudantes, mas, sempre defendíamos liberdade democrática: Era assim: nós precisamos disso, nós queremos boas salas de aula, nós queremos bons professores, Eram reivindicações corporativas que interessavam ao conjunto dos estudantes. Agora, sempre no final a gente colocava a questão da democracia ao afirmar que aquilo estava daquele jeito porque o país vivia um regime autoritário, o que aliás não é bem verdade. De qualquer forma, nos culpávamos a ditadura pelo caos e situação de abandono do ensino e do sistema de saúde público. Tudo isso a gente colocava na conta da ditadura.

PF - Como quer era o movimento nas outras áreas na universidade?

FH - Olha eu me lembro de hoje do Partidão de uma influência muito grande no CCJE cujas lideranças mais conhecidas eram o Paulo Hartung e o Neivaldo Bragatto. Mas existiram outras pessoas que eu não me recordo muito bem. Os meus principais contatos eram os Stanislau Stein, Deise Orleg, Lucinha Chequer (irmã da Cristina Gomes) e também tinha uma turma lá grande no CCJE simpatizantes do Partidão. Aquele terreiro era mais do Paulo Hartung, Neivaldo Bragato, Stan Stein e José de Arimatéia. Eu conhecia menos do que eles.

PF – Qual era o grau de mobilização dos estudantes dos outros centros acadêmicos e de alguns cursos em especial da universidade?

FH - Nos outros centros tivemos uma participação boa na engenharia, mas éramos minoritários. Hegemonizavam os grupos que depois vieram a se aglutinar posteriormente em torno do PT. Hora perdíamos eleição num Centro Universitário e depois vencíamos num outro. No Curso de Serviço a gente também teve uma presença muito marcante, eu não tenho os números e não me lembro mais de muitas pessoas.

Nunca estivemos bem no curso de enfermagem que era liderado principalmente pela atual deputada Janete Sá e principalmente pela Sara Souzaque era a cabeça do grupo da enfermagem e ligada ao chamado MEP (Movimento de Emancipação do Proletariado). Depois o tempo foi passando eu me formei eu fui ser professor no Departamento de Ciências Fisiológicas. Era uma loucura: trabalho e engajamento na luta docente. Inicialmente o que havia entre os docentes era uma despolitização muito grande. Felizmente ou infelizmente, a grande maioria dos docentes não se interessava pela luta política contra a ditadura e nem conheciam bem os partidos e as organizações que travavam seus embates nos bastidores. Entre os docentes, organizamos no Partidão um grupo de vinte a trinta professores de diversas áreas. Mas ali já se configuravam uma ampla maioria simpática ao PT. Diga-se de passagem, eram os petistas mais puristas e dos mais radicais do Estado. Eram poucos os petistas moderados na Universidade.

PF - Na época estava em vigor tanto o AI-5 como decreto-lei 477 que impedia a participação no movimento estudantil. Como que esses dispositivos do regime militar inibiram ou exerceram algum tipo de coerção sobre o movimento estudantil?

FH: O Ato Institucional Número n° 5 era mais usado para cassar parlamentares e o Decreto-Lei 477 foi usado principalmente nos anos 70 contra os estudantes opositores ao regime. A guerra do Araguaia, no início da década de 70 e a sua derrota militar demarcam a derrota política da resistência armada. Quase todos os estudantes tinham medo dos "subversivos que ainda permaneceram nas universidades. Ainda havia uma sombra de pessoas ligadas à "subversão" dentro da universidade. Alguns que não foram penalizados porque eram jovens demais e foram então chamados de inocentes úteis pelos agentes do regime militar. Eles eram marginalizados nas Universidades. Havia aquele receio de se meter com os comunas "subversivos". Eu diria que isso durou de 70 a 74. Havia ainda muito controle político. Por isto muita gente se resignava. Para isso havia em todas as Universidades Brasileiras um serviço de controle político, Eu acho que os nossos colegas se surpreendem com o renascimento do movimento estudantil em 1977. Eu e esse grupo de reorganização já estávamos no quarto, quinto ou sexto ano de medicina. Já era para estarmos pensando mais seriamente em nossas carreiras, na nossa

profissão. Entretanto entramos de cabeça no renascimento do movimento estudantil. Entretanto nós entramos com a retaguarda de jovens estudantes do primeiro, segundo e terceiro ano que nos apoiaram. Embora militância, estudo e a profissionalização não sejam excludentes, era muito difícil manter a atividade política e a profissional. Importante recordar que sete colegas do Centro Biomédico foram punidos pelo 477. Iran Caetano, um bravo militante do PC do B sumiu 6 anos, mas foi homenageado pela minha turma que tinha uns 6 militantes do Partidão sendo escolhido para fazer o juramento de Hipócrates. Demos um tapa de luva no esquema repressivo da Universidade.

PF – Sobre a reabertura do DCE em 1978, como foi pensado, organizado e implementado este projeto?

FH - Foi dentro desse reflorescimento do movimento cujo eixo fundamental era a reorganização da União nacional dos Estudantes. Era um imenso desafio ao regime militar. Recriar a UNE exigia uma energia enorme, pois era quase que decretar o fim da ditadura. Tanto que diversas forças políticas de um leque que vai da esquerda mais radical à mais reformista estava interessada neste processo. Refundar a UNE passava pela reorganização de Diretórios e Centros Acadêmicos e a criação de Diretórios Centrais dos Estudantes nas principais Universidades do País. Então nós e outras forças políticas fundamos aqui o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal do ES. Neste caso acho que teve mérito maior, o que eu denominei a segunda leva da nova geração. Uma geração intermediária na qual se destacavam Paulo Hartung, Ildelberto Muniz, Fernando Pignaton, José de Arimatéia, e Anselmo Tosse e Ernesto Negris. Paulo Hartung, sem dúvida nenhuma foi o grande articulador deste processo tanto que foi o primeiro presidente da refundação do DCE. Ele trabalhava em grande sintonia com o estudante de jornalista da Universidade Federal Fluminense Luís Carlos Azedo e com o estudante de Engenharia de Produção da PUC do Rio de Janeiro Luís Paulo Veloso Lucas. Outras pessoas de outros centros e de outras correntes políticas colaboraram no processo. Recordo-me bem no curso de Engenharia de Reinaldo Centoducatte, Antonio de Oliveira Santos Filho, Luis Cláudio Ceolin , Ronaldo Borgo,

José Augusto Gava e Evandro Brozeguine (este do PCB) que participaram da reorganização do Diretório da Engenharia e depois disputaram conosco a eleição do DCE.

PF – Quais foram as questões colocadas na composição da chapa vencedora que teve como presidente o autal governador Paulo Hartung?

FH - Discussão interna, de como nós vamos compor, quais são as nossas bandeiras. Com que plataforma nós vamos fazer a campanha; havia toda uma discussão dos diversos centros e, salvo engano meu, o primeiro candidato eleito que fazia parte da nossa estrutura é o Paulo Hartung que tem uma Vitória esmagadora. Neste tempo (1975-1980) nós ainda uma tínhamos muita força, entretanto éramos acusados reformistas, revisionistas e de sermos agentes do partido fundado pela ditadura, o Movimento Democrático Brasileiro. Esse ruído em relação ao Partidão pegou desprevenidos muitos estudantes inexperientes e despolitizados e, a segunda ou terceira eleição do DCE o Fernando Pignaton perde, perde por pouco, mais perde. No outro ano o Partidão, pela base, retoma a direção do movimento da Ufes, tendo como presidente o DCE o Stanislau Stein e depois se mantém com o José de Arimatéia.

PF - Pelo que o senhor está colocando o Partidão teve um papel decisivo na reorganização do movimento universitário?

FH - Não só na universidade, mas também nas escolas técnicas em algumas escolas particulares. Onde houvesse espaço para gente abrir organização e participar da luta no movimento nós chegávamos juntos. Nós éramos muito unidos e estávamos convictos que era justo derrotar o regime militar. Não tinha ninguém inocente no Partidão. A nossa linha era reformista mesmo, mas me parece que era a tática correta para reconquistar as liberdades democráticas, acabar com 477, acabar com o AI-5 e derrotar o regime militar.

PF - Cite as principais lideranças do movimento estudantil que participavam das atividades do Partido Comunista.

FH - Fora essas lideranças iniciais citadas já que a primeira leva da nova geração ficou

mais na retaguarda, eu mencionaria o Ernesto Negris , Anselmo Tosse, Fernando Pignaton, Eduardo Pignaton, José de Arimatéia, Stanislau Stein, Francisco Silva e também as mulheres Irene Léia, o Deise Osleger, Lúcia Cheguer, Marli Alves dos Santos , Geisa Ramos. Corria na cidade a informação que o Partidão era um clube de beleza. E era mesmo. Muitas mulheres bonitas e guerreiras estavam lá dentro.

PF - Houve um episódio do lançamento da candidatura de Berredo de Menezes como candidato ao Senado Federal lançada pelo movimento estudantil. Como se deu o apoio a Berredo de Menezes?

FH - Berredo de Menezes sempre nos deu cobertura, mas nem sempre participava de reuniões de base e da direção do Partidão. Eu penso que esta candidatura foi fundamental. Eu acho que fazia parte da matriz do Partidão, porque as outras organizações desprezavam o MDB, mas nós apostamos na luta dentro e através do PMDB. Tivermos neste momento uma grande convergência entre as personalidades democráticas e os militantes do partido. Este processo estava inteiramente dentro da nossa linha política. Quero ressaltar que o professor Roberto Beling que não era do PCB liderou conosco toda uma estrutura de apoio a candidatura Berredo de Menezes que era uma espécie de anti-candidatura. O Berredo também se dizia parte do partido e talvez fosse mesmo. Ele não era organizado, mas participava nas reuniões fora do partido como se fosse nosso militante. Na casa dele foram realizadas reuniões históricas. Nós apoiamos o Berredo de Menezes, como uma candidatura autêntica. O seu lema era: Berredo o Senador que não tem Medo. Também apoiamos para Deputado federal o Max Mauro que também era um homem combativo. Se não me engano na questão estadual ficamos divididos: uns apoiaram Salvador Bonomo, outros Nélson Aguiar e outros o Dílton Lírio. Berredo de Menezes foi, sem sombra de dúvidas o carro chefe. Eu desconfio até hoje que Berredo ganhou aquelas eleições e que ele foi garfado no interior pelo Senador Moacyr Dalla, candidato das forças conservadoras do Espírito Santo. Os militantes do Partidão também foram decisivos na convenção do PMDB que escolheu Gérson Camata como seu candidato ao Governo do Estado. Max Mauro, que fora então derrotado, ficou muito aborrecido porque ele se considerava mais portador da tradição progressista no ES e Gérson Camata vinha da ARENA (partido de sustentação do

regime autoritário). Na eleição seguinte apoiamos Max Mauro que foi muito hábil em conquistar a unidade das forças democráticas do Estado e fez um bom governo da mesma forma que seu antecessor.

PF - Qual era a ligação que o movimento tinha com outras organizações como a igreja, comunidade bases e sindicatos?

FH - Você está levando a uma questão muito interessante, ante de entramos no Partidão eu Geraldo Corrêa, Lauro Ferreira Pinto e João Gobbi participamos junto à Cáritas Diocesana de Vitória junto com Vitor Buaiz e Bete Madeira na Pastoral da Saúde. Nós íamos aos bairros pobres da Região Metropolitana de Vitória fazer educação popular em saúde e higiene. Naturalmente que sempre politizávamos a discussão. Quase todo o que estava ligado à Cáritas Diocesana vinha ou da esquerda católica, da esquerda revolucionária ou do movimento sindical. Esse grupo se junta mais tarde e forma o Partido dos Trabalhadores no Estado do Espírito Santo. O tempo foi nos afastando, mas sou amigo até hoje de muitos padres e do Vítor Buaiz por causa deste momento de generosidade. Depois ficamos um pouco do lado de fora pois tínhamos ligação com um partido reformista e revisionista. Porém não saímos do movimento comunitário. Na Serra principalmente através do Carlos Rios, César Colnago, Adão Célia e Luis Carlos Bezerra chegamos a ter uma participação muito importante nos movimentos populares. Também em Vila Velha trabalhamos com os (Max) Mauro e Vasquinho em diversos movimentos comunitários. Tivemos uma participação intensa nestes dois municípios. Porém a maioria dos movimentos de bairro e comunitários estava influenciado pela esquerda da igreja católica e de forças associados Vitória sempre foi difícil entrar. Sempre foi meio dominado pelos vereadores. Eram um fenômeno muito curioso e isso teve desdobramento até hoje, configurada na facilidade com que o denominado "crime organizado" entrou fácil em Vitória. Um dado curioso que quase não se fala e acho que estou falando aqui pela primeira vez para você, não é uma grande notícia e não tem nada de espetacular. Quando nós estávamos juntando aquela velha guarda dos "os velhos comunistas" conhecemos o Sizenando Pechincha. Eu acho que a vida desse homem precisa ser levantada porque ele era um mulato escuro elegantíssimo, respeitadíssimo, cultíssimo, progressista e bem sucedido e tinha uma liderança enorme no meio sindical. Então eu, Geraldo Corrêa, Lauro Ferreira Pinto com o apoio

incondicional do Sizenando Pechincha, estávamos de repente dirigindo reuniões com 40 dos principais sindicalistas aqui do estado. Ou seja, militantes do Partidão entravam de cima para baixo no movimento sindical. Sizenando Pechincha era simpatizante do Partidão e não era bem aceito pelos sindicalistas da Oposição Sindical. Morreu jovem em um acidente aéreo. Ele jogou no nosso colo um movimento sindical que não tinha muito fundamento teórico e para o qual estávamos despreparados. Muitos nem sabiam quem era KarlMarx, Gramsci, socialismo e comunismo. Aproximaram-se de nós em confiança ao Sizenando Pechincha. Mas chegamos a disputar voto a voto na formação da CUT aqui no Estado. O pessoal da oposição sindical ligado ao Partido dos Trabalhadores chamava esses sindicalistas de Pelegos ligados ao regime militar . Chegamos a disputar a hegemonia do movimento sindical aqui no estado na reorganização da CUT. Esta participação não foi muito consistente porque logo depois houve uma fragmentação dentro do partido: uma parte muito importante e relacionada ao movimento sindical rompe com o PCB. Neste momento a gente sangrou muito, a gente perdeu muitas forças e até hoje não recuperamos o espaço neste setor social.

PF – Qual um outro registro que o senhor gostaria de fazer?

FH - O que eu acho é que a minha geração foi uma geração muito engajada. Enfim, ela acreditava muito numa mudança do Brasil, que é um de país muito importante, porém socialmente o mais injusto do mundo. Achávamos que essa mudança seria conquistada pelo socialismo. Achávamos também que este processo não ocorreria de forma violenta, apostávamos na via democrática. Penso que a maioria de nós já éramos eurocomunistas, expressão utilizada para as forças políticas que defendiam uma via pacífica e democrática ao socialismo. Localizadamente talvez houvesse uma vertente Stalinista no Partidão do Espírito Santo. Porém ela era amplamente minoritária. Eu acho que a gente já tinha uma visão mais aberta. Eu diria a você com sinceridade: eu tenho muito orgulho dessa geração que de forma complexa, contraditória, humana com erros e acertos, com vaidades encobertas ou explícitas, mesmo que ela esteja agora mergulhada nessa cultura de mercado individualista. Apesar de tudo eu tenho muita orgulho dessa geração. Eu acho que ela deu um rumo, o caminho de um pensamento político mais elaborado, menos simplista, menos maniqueísta. Acho que essa foi a nossa maior contribuição. Conforme disse anteriormente eu ainda sigo a linha do Sexto Congresso do Partidão:

Unidade e luta para mudar. Nunca esmorecer e convencer a sociedade que ela tem que lutar mas deve respeitar as instituições democráticas. Eu acho que a geração que está aí cada um ao seu modo, ao seu estilo as suas particularidades não deve perder a esperança. Eu tenho muito orgulho da minha geração do Partidão, até porque, e para surpresa minha, não me vem à memória nenhum caso de uma pessoa de que eu tenha que me envergonhar seriamente. Eu acho a utopia socialista não só acabou. Acabou a forma como que ela se configurou: autoritária, violenta e sem capacidade de promover o desenvolvimento econômico e social baseado no humanismo. Acho também que nós estamos vivendo um momento arriscado sem nenhuma utopia humanitária. Você vê uma cultura do individualismo sem regras e sem limites. Cada um faça por si porque resto não me interessa. Não me parece que esta cultura, este tipo de sociedade, apesar dos avanços científicos e tecnológicos, vai dar certo. Chame de o que se quiser. Porém a idéia de solidariedade, de respeito aos povos e aos direitos humanos, da justiça social, da democratização do conhecimento são ainda fundamentais e eu, ainda as chamo de idéias socialistas. O nome não é a questão fundamental.

PF - Você gostaria de finalizar com mais algum registro?

FH - Eu queria agradecer você essa sua oportunidade de dar esse depoimento. Estou a sua disposição, acho muito importante. O Partidão foi um grupo que especificamente no ES teve uma influência cultural, política e social muito relevante. Então acho que esse trabalho que você está fazendo é um trabalho de grande valia.
Obrigado
Vitória. 26 de abril de 2007.
Paulo Roberto Fabres

[ii] *Fernando Herkenhoff Vieira Membro de uma família de educadores e intelectuais cachoeirenses de formação católica, Fernando Luiz Herkenhoff Vieira nasceu em Cachoeiro de Itapemirim em 25 de agosto de 1953. Seus pais, Alceu Vieira da Silva e Maria Estellita Herkenhoff Vieira, tiveram mais cinco filhos, Maria da Graça, Maria de Fátima, Antônio César, Maria Helena e Maria Goretti. Iniciou seusestudos no*

Estabelecimento de Ensino Alfredo Herkenhoff, que pertencia à própria família, formando-se em técnico de contabilidade por esta instituição de ensino. Simultaneamente cursou o científico, equivalente ao atual nível de segundo grau, no tradicional Colégio Estadual Liceu Muniz Freire de Cachoeiro de Itapemirim. Em 1971 iniciou sua formação superior na Universidade Federal do Espírito Santo, concluindo o curso de medicina no ano de 1979. Titulou-se mestre pela Ufes e cursou o doutorado em fisiologia cardiovascular na Ufes em um programa de intercâmbio com na Universidade de Milão. Enquanto estudante de graduação, participou ativamente da militância estudantil do Centro Biomédico (CBM) onde desempenhou a função de Diretor do jornal Questão de Ordem. Ingressou no Partido Comunista Brasileiro (PCB) ainda na ilegalidade, ocupando o cargo de Secretário Geral entre os anos de 1979 a 1989. Foi Presidente da Regional do Espírito Santo da SPBC - Sociedade Brasileira de Progresso da Ciência de 1996 até 1999, e como acadêmico exerceu a função de Chefe do Departamento de Ciências Fisiológicas do CBM da UFES por um período de dois anos, onde continua atuando como professor adjunto da cadeira de farmacologia, lecionando também na Emescan. Foi nomeado Secretário Estadual de Ciências e Tecnologia (SECT) na primeira gestão do governo Paulo Hartung, ficando à frente da secretaria nos anos de 2003 e 2004, quando também criou a FAPES-Fundação de Apoio a Pesquisa do Espírito Santo

Depoimento de Ildeberto Muniz de Almeida (Paraíba)

Paulo Roberto Fabres[ii]: Por favor, comente como foi o contato do senhor com o movimento estudantil da ufes na segunda metade da década de 1970.

Ildeberto Muniz de Almeida: Quando eu entrei na universidade tinha uma retomada de recriação do diretório do Centro Biomédico, e eu me lembro que um dia eu estava em sala de aula e deu uma invasão na sala, entram uns alunos falando de uma promoção do diretório e distribuindo o primeiro número do jornal do Centro Biomédico que era o "Questão de Ordem", era o equivalente ao jornal "O Grito" do CCJE. Nessa entrada a Merli, era uma das pessoas que estavam no grupo, que conhecia minhas irmãs da odontologia, já me deu uma provocada direta: "Oh você! Paraíba, podia ir lá visitar o DA", e me convidou para reuniões. Eu já tinha tido na infância e na adolescência uma participação cuidando de biblioteca de grêmio estudantil, de publicações e de atividades de um grupo de jovens na Paraíba, aí eu me interessei. Eu gostava muito de leitura, então fui para o DA, num primeiro momento pensando em ajudar, participar em duas coisas, um jornalzinho que eu já ia contribuir, e tinha pensado em ajudar a criar uma biblioteca no Centro. Nessa época, quando entrei para a universidade, o pessoal pedia que todo o calouro doasse um livro para a biblioteca do Centro Biomédico, só que não colocava a disposição dos alunos, os livros eram doados para o DA mais não havia um processo de empréstimo dos livros organizados, então eu me dispus a fazer isso. Aliás, depois quando conheci o Geraldo Corrêa, eu deixava uma garrafinha de cachaça no armário da biblioteca, era ótimo lugar, pois e a gente podia tomar umas doseszinhas, e o Geraldo era meu principal concorrente nos meus produtos. Então, a minha ida para o DA foi com essa chamada direta do pessoal que já estava no movimento. Nessa época, no movimento do Centro Biomédico estava participando o Aloísio (Aloísio Falqueto) além de algumas pessoas da turma dele, e já tinha a participação de algumas pessoas da turma anterior, que era a turma da Merli (Merli Alves dos Santos), que tinha o Claudino (Anônio Claudino de Jesus), Lauro Ferreira Pinto, o Laurinho, o Lelo Coimbra, o Geraldo Corrêa e o Fernando Herkenhoff que tinham entrado antes e saíram da faculdade em 78, então ficaram uns três anos durante esse tempo que eu estava lá, e eles eram meus gurus desde quando comecei a acompanhar as atividades do DA. O

jornalzinho foi uma coisa que se manteve durante muito tempo, e foi sempre um ponto de atração e de polarização de algumas coisas no DA, atraia algumas pessoas interessadas em contribuir e ajudava a divulgar algumas das coisas que gente tinha falado. Até lembro que uma das maiores encrencas que a gente arranjou, e que foi já bem mais na frente, foi quando Sebastião Lírio, o Tiãozinho Lírio, psiquiatra em Vitória, fez uma crônica em que e ele dava uma gozada quando Woytila que havia sido nomeado Papa, "vulgo João Paulo", e a igreja incomodou o rapaz, e havia alguns alunos que participavam do DA e que eram mais ligados à Igreja, e foi uma dificuldade para gente gerenciar aquela confusão. Então, eu sei que mais adiante acabei sendo candidato a presidente do DA. O meu nome foi escolhido porque terminei me envolvendo com várias dessas atividades e me tornando conhecido. Teve uma outra coisa que a gente implantou no Centro Biomédico, e que me dava uma puta de uma representatividade, eram os livros de medicina sempre foram caros para caramba, e a gente descobriu que a universidade tinha um serviço que permitia fazer a compra de livros diretamente das editoras, o serviço reembolsável universitário, e eu que organizei essa coisa dentro do Biomédico. Então eu era conhecido como o cara que ajudava a comprar o livro barato por gente de todas as turmas dentro da escola. Naquela época o DA tinha uma quantidade de iniciativas, tinha um grupo da atlética que a gente procurou nunca deixar descolar do DA e manter como parte da própria diretoria do diretório, e acompanhava isso, tinham os grupos culturais, os grupos de teatro, tinham as semanas de arte. Eu lembro que uma vez, já na época do DCE reaberto, eu fui ao Rio com Merli e com Broseguini para convidar artistas para uma semana de arte, e isso me colocou numa situação que quando eu tive que escrever um memorial para universidade, eu fiz questão de escrever que eu tomei cafezinho feito pela Clementina de Jesus, que eu fui à casa dela com Brosequini convidá-la para o show. Por conta da semana de arte nós fomos conversar com do Nelson do Cavaquinho, João do Vale, Paulinho da Viola, e outros artistas. Então, como a gente fazia muito desses shows e outros eventos culturais, isso ajudava a gente a arrecadar dinheiro e colocar o bloco na rua.

PRF: O PCB neste momento já tinha um núcleo se organizado dentro do CBM, em que momento o senhor entra para o Partidão?

IMA: Se eu não me engano, com essa minha entrada no DA, a Merli percebeu que eu

era um cara que lia para caramba, e ela começou a fazer aquele trabalho de sugerir leituras: lê "Os Dez Dias que Abalaram o Mundo", lê "História da Riqueza do Homem", lê as obras da Marta Harnecker, e aí depois disso amigo, vem um documento do partido. Só que a formalização vem em 1978, foi no mesmo ano em que a gente teve aquela primeira greve do CBM, aquela greve que era a primeira greve dos estudantes do ES, na verdade a primeira greve depois de uns dez a doze anos que não acontecia uma no movimento social de ponta lá. Então, ao mesmo tempo em que a gente estava organizando a mobilização dos estudantes, preparando reivindicações para levar para Manuelito (Manuel Ceciliano Abel de Almeida), o reitor, já vinha uma discussão sobre o Partidão, e eu na verdade não estava sabendo, pois não era um participante direto dessa iniciativa, mas alguns dos meninos como o Lelo, o Lauro, o Paulo Hartung, eles já sabiam que aquilo que a gente estava fazendo, a maioria das posições políticas que a gente já vinha defendendo internamente e na relação com o movimento estudantil fora do estado era a política do PCB, e aí era só formalizar. Eu acho que essa formalização da minha entrada no Partidão se dá por volta de 78, antes disso, a gente já trabalhava com essa política, tínhamos muitos contatos com muitas pessoas que depois eu vim saber que eram do PCB fora do estado, mas eu ainda não sabia que eram do PCB.

PRF: O senhor vai participar da primeira chapa de reabertura do DCE. Fale um pouco desse processo, como foi desencadeada essa campanha de reabertura e como que você o Sr. foi incluído na chapa que concorre ao DCE?

IMA: Ao mesmo tempo em que tinha sido criado o diretório do Centro Biomédico, na universidade também já tinha sido criado o diretório do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, e se eu não me engano na engenharia veio logo depois, e havia outros diretórios em outras unidades da universidade. Quando a gente começa a fazer as primeiras mobilizações, antes ainda da greve do CBM, já existiam alguns contatos entre pessoas dessas entidades. Eu não era um articulador desse movimento, mas eu me lembro de chegar nas reuniões do DA e ouvir os relatos da Merli, era uma pessoa mais participativa nessas articulações. O Claudino tinha um contato com área da cultura, e ele também tinha trazia algumas informações do campus de goiabeiras e fazia uma articulação via movimento cineclubista, que também juntava pessoas de diferentes unidades. Acho que o Lauro e o Lelo também participavam das articulações, então

houve várias reuniões e começou essa paquera, esse namoro entre as entidades. Quando se decide lançar a proposta do DCE, isso em 1978, eu era presidente do DA do CBM e estava terminando minha gestão, saindo da diretoria, se não me engano quem me sucedeu foi o Anselmo, hoje Secretário Estadual de Saúde do Espírito Santo. Nessa época, a turma que entrou na universidade teve um número muito grande pessoas que vieram para a militância estudantil, e eram pessoas com uma grande qualidade, como o Fernando Pignaton, o Anselmo, o Ernesto Negris, o Adão Célia e tinha mais o Bezerra, o Pardal, e outros companheiros. Dessa turma, se eu não me engano, chegamos a ter umas dez pessoas dentro do PCB, isso em apenas uma turma de medicina, era comunista a dar com pau. Então, a gente tinha pensado mais como liderança para o DCE o nome do Fernando Pignaton, que terminou entrando na chapa como vice-presidente. Lembro que nessa época, já próximo da montagem da chapa, estava ocorrendo movimento no CBM, uma disputa com o curso de enfermagem que tinha sido recém-criado, e houve numa briga com a direção do Centro Biomédico, e o Paulinho (Paulo Hartung) estava acompanhando esse movimento, então, quando veio a reunião para escolher a chapa do DCE, a gente havia decidido de eu não ir para o DCE, mas ficar ajudando o Anselmo no CBM, já que estávamos mandando o Pig (Fernando Pignaton), e em 1978 terminava o curso dessa leva mais antiga, o Lelo, o Lauro, a Merli e Claudino estavam saindo da universidade. Mas aí Paulinho bateu na mesa e disse "não, a gente tem que botar no DCE o que a gente tem de melhor em cada local, então o Paraíba tem que vir", e o meu nome foi incluído na chapa, contrariando um pouco que a gente tinha discutido internamente no Biomédico.

PRF: Comente essa ascendência do Paulo Hartung enquanto uma liderança dentro do movimento estudantil. Ele começa a sua militância no CCJE, com o Chicó e com Quincas, ainda que muito timidamente, e não participa como candidato ao DA do CCJE em nenhum momento, mas aparece como cabeça de chapa na chapa que concorre a reabertura do DCE. Como é que se deu essa ascendência e a consolidação dele dentro do grupo, despontando inclusive como a maior liderança estudantil dentro da Ufes?

IMA: Dentro desse grupo, pelo menos as pessoas com quem eu conversava mais, eu lembro que, por exemplo, eu tive muito pouco contato com o Chicó dentro do

movimento, o Neivaldo sempre foi um sujeito muito mais fechadão, era uma figura que nessa movimentação política sempre foi de extrema confiança do Paulinho, e sabia carregar uma carroça. Eu puxava no CBM e ele puxava em outros locais, mas nas nossas reuniões o Paulo mostrava uma oratória maior, e uma grande habilidade em resolver conflitos, em fazer discussões. Esse era um pouco do papel que no CBM cabia a pessoas como o Laurinho que era um grande solucionador de conflitos, o Fernando Herkenhoff, outro grande articulador, mas eram aquelas figuras mais velhas e eles não podiam mais com concorrer porque estavam saindo da universidade no ano que DCE é reaberto, que foi no final de 1978. Então, a idéia era procurar um nome de uma área com representatividade e conhecida dentro da universidade, e dentro da universidade, entre as pessoas que já estavam na área de influência do partido nessa época, na engenharia tinha uma figura que também que era uma e liderança importante mas que não tinha essa mesma facilidade de exposição que tinha o PH, que era o Broseguine (Evandro Broseguine), que entrou na chapa. Então foi juntando esses nomes, eu não sei, eu não me lembro de um processo, a única coisa que realmente marcou era que a gente tinha discutido para eu não ia para chapa.

PRF: Fale um pouco sobre a Une. Houve uma grande mobilização em torno da reabertura da Une, inclusive com enorme repercussão na imprensa. A Ufes tem uma participação significativa no encontro, promoveu uma série de discussões internas, tirou comissões etc. Fale um pouco sobre esse processo de trabalho de reabertura da Une?

IMA: No começo do movimento estudantil, nas primeiras atividades do DA a gente tinha uma dificuldade grande de como trabalhar a politização, e havia inclusive fonte de divergência com algumas pessoas mais politizadas e que pensavam politicamente o momento em que estávamos vivendo, que era como que o movimento estudantil se mostrava às vezes muito tímido. A greve do Centro Biomédico foi uma greve essencialmente baseada numa mobilização do tipo: está faltando lâmina não sei aonde, está faltando material, então era um movimento político mas que na sua expressão pra fora, na sociedade, não estava questionando tanto, batendo de frente com a idéia de combate à ditadura ou luta pela democracia, não era tanto assim. No entanto, quando a gente começa ligação com movimentos de fora do ES a agenda de política entra na

ordem do dia. Não vai haver mais nenhuma plataforma de chapa de diretório que não entrasse com uma discussão sobre como a gente vê a situação do país, isso entra naturalmente na agenda, e na agenda nacional essa organização do movimento de recriação da UNE é uma agenda essencialmente política, porque é contra aquele estatuto político que proibia a organização estudantil. Isso a gente tateou durante um período com muito medo, mas a gente entra nesse movimento muito influenciado por essa agenda de fora. Em relação à criação da Une, já é um momento que dentro da universidade se manifesta de maneira mais clara o surgimento de outras posições políticas dentro da universidade. Se você lembrar bem, por exemplo, quando nós disputamos a eleição do DCE, se eu não me engano tinha cerca de 8 chapas e a votação da nossa chapa foi um negócio, foi uma votação muito grande em relação ao percentual de alunos da universidade votando, quase 80% era da nossa chapa. No momento do aparecimento da discussão da Une já existiam várias outras forças políticas organizadas e disputando politicamente esse espaço com outras chapas, e para gente houve alguns problemas também de natureza interna ligadas ao PCB. A principal questão que incomodou muito a gente lá no ES nessa eleição, foi o fato de que a gente se acendia em um discurso de que era um momento de frente política pela democracia, de unir todas as forças, e quando vêem esse momento de eleição o partido, nacionalmente, decide lançar uma chapa puro-sangue, e a gente entendia aquilo como algo que contrariava o discurso político do partido, ou seja, era uma decisão que priorizava muito mais aproveitar o momento da eleição para arrebanhar quadros, "vamos organizar a gente aqui, então eu trago gente para o meu partido, etc.", então eu estou pensando muito mas no meu umbigo do que naquilo que eu dizia que era o que eu pensava da sociedade e da política. Isso gerou atritos, teve alguns problemas. Agora houve também uma mobilização grande, porque naquela época, você vai lembrar, houve várias tentativas da nossa articulação com o movimento nacional e praticamente todas as vezes que a gente organizava alguma tentativa de fazer estudante de ES ir para um encontro em outro estado a Polícia Federal prendia os ônibus, criavam mil e uma dificuldades. Isso criava mobilizações que, aí assim, era um espaço de politização importante, porque era um momento de você discutir o nosso direito de ir e vir, que está na constituição e não está na vida, que porra é essa? Então, nesse sentido, a polícia ajudava muito a politizar a discussão, a facilitar essa discussão. E na própria ida para o congresso (da Une), eu fui

mandado pelo partido antes, então não fui com grupo, mas eu tinha fotos de manifestações na saída do pessoal. Toda essa articulação ia politizando essa discussão, já era um momento em que essas reivindicações e essa idéia de caráter mais geral estavam presentes no dia-a-dia. Então, no DCE, por exemplo, nós organizamos uma publicação muito bonita pela anistia, um material pela constituição, uma discussão para pensar na universidade, possibilitando ampliando o leque de discussões e saindo daquilo que durante muito tempo era nosso velho discurso, de que nós devemos nos ater as lutas específicas, nos interesses dos estudantes concentrados nas dificuldades que eles têm na sala de aula, e esse momento mudava essa postura.

PRF: Houve alguma conexão maior do movimento estudantil com os movimentos sociais de um modo geral neste período?

IMA: Houve algumas. Talvez uma que foi mais forte tenha sido nas enchentes do começo do ano de 1979 no Espírito Santo. O DCE já estava criado e com aquelas enchentes nós nos propusemos criar um grande movimento de solidariedade, então mobilizando estudantes para fazer o trabalho de coleta de alimentos, e esse trabalho foi feito com uma estreita articulação com a Arquidiocese de Vitória. A Arquidiocese era também um ponto de apoio importante para nós fazerem uma manifestação política. Se estivéssemos sentindo que o clima não estava bom, Dom João abria as portas da igreja para que a gente pudesse fazer cultos ecumênicos, e então se reunia no espaço. O contato com a Igreja já existia antes no CBM e uma ponte para isso vinha com Fernandão (Fernando Herkenhoff) e com o Laurinho (Lauro Ferreira) que tinha uma história, uma trajetória muito ligada à Igreja em Vitória. Então, nesse movimento da solidariedade às vítimas das enchentes nós nos mudamos para uma sala na arquidiocese e ocupamos várias salas com coletas de material. Mobilizamos um número enorme de estudantes na coleta e distribuição de materiais. Na última hora o Élcio Álvares, que era governador, ainda tentou se apropriar de algumas coisas, tipo pegar o caminhão que a gente estava mandando para o interior e colocar a faixa do governo, e nós entramos numa briga lá para poder tirarmos as faixas. Eu lembro de ter recebido no DCE uma semana depois que terminou esse movimento, uma carta de um jovem que era um documento muito bonito de agradecimento, falando como ele viu aquela mobilização, aquela solidariedade. Havia ainda algumas outras pontes. O pessoal da cultura tinha

outras pontes, que andavam até sozinhas como, por exemplo, o movimento cineclubista. A gente incentivava a criação de cineclubes em bairros, então, uma das pontes que gente, pensando enquanto partido comunista, fazia para entrar no movimento de bairros foi essa.

PRF: O senhor comentou que num primeiro momento a vitória do grupo no DCE foi quase esmagadora, mas que no momento seguinte surgiram outros grupos se colocando como oposição. Fale um pouco sobre o surgimento desses outros grupos.

IMA: Desde o início de já existia uma visão política que era muito pequena, mas que estava sempre presente que era, a gente brincava falando, que era a família Libelu. Tinha o Fred, tinha o Paulo Vinhas, que foi assassinado lá no ES depois daquele movimento de Jacaranema na região de Vila Velha. O Fred, o Paulo, e tinha mais um jornalistazinho, como é que o nome dele? Aliás, o Fred era jornalista. Fred, Luís e Paulo, os três. Eles tinham uma capacidade de fazer um barulho impressionante, de participar em todos os momentos, apareciam nas assembléia, quando acontecia alguma reunião geral. Eles apareciam sempre com propostas diferentes, como estivessem fazendo movimento de radicalização mais forte. Nós tinhamos os ditos do PCB, e um deles era: " Melhor dar um passo com mil do que mil passos com um." Na verdade essas coisas ficam, uma palavra de ordem, que quando você vai olhar o dia-a-dia você nunca sabe quantos passos estão sendo medidos em cada proposta, não né? Mas a gente via a proposta deles como mais radicais, mais da esquerda. Depois esse é o primeiro grupo, isso está presente logo desde cedo, posteriormente, entre várias áreas da universidade.

PRF: Teve o caso do Cláudio Zanotelli, Tataca (Taurio Tessarolo), o Chaolin. Há algum marco partidário, ideológico, programático ou estratégico que dividiu o grupo nesse momento?

IMA: Uma das coisas que aparece é a organização do MEP (Movimento de Emancipação do Operariado), e tinha a AP (Ação Popular) também. Parece que a primeira grande oposição surge pela organização desses dois grupos, mas a história política desses grupos, como é que eram, as pessoas e as vinculações, eu não sei bem te localizar. Uma parte disso vem por fora da universidade, por exemplo, no Biomédico entra na enfermagem uma menina que é uma liderança política importante, era uma

pessoa que já entrava com uma história de militância, a Sara. A Sara era casada com um militante político ligado à igreja, que durante muito tempo nós namoramos tentando trazer para o PCB, mas ele termina se engajando no MEP. Então, a área de influência dela dentro da universidade termina sendo ali dentro do Biomédico mesmo, por exemplo, a Janete Sá, enfermeira que foi depois trabalhar com os ferroviários, acho que é deputada estadual lá o ES, vem desse grupo. No Centro Tecnológico, na engenharia, vem o Reinaldo, com um outro grupo, uma outra área de influência, que eu acho que é de onde vem Chaolin que ganha a eleição no segundo momento. Aquele momento da segunda eleição, da perda, uma coisa importante que eu acho que pesou para gente, foi que nós ficamos muito tempo naquele ano sem a figura do Paulinho, que era o presidente do DCE e a principal liderança nossa, e ele fica muito fora do estado por causa dessa discussão da Une.

PRF: Para algumas pessoas o PCB exerce um papel determinante no movimento estudantil. Até que ponto o senhor concorda com esta leitura, ou havia outros grupos não identificados partidaria e ideologicamente que também se mobilizaram e tiverem um papel expressivo dentro do movimento?

IMA: Essa premissa do meu ponto de vista é verdade, só que é o seguinte, por exemplo, como eu te falei, até mais ou menos meados de 1978 havia uma influência do partido, mas era uma influência não orgânica, no sentido que nós não estávamos organizados. Aparentemente, a única pessoa que estava vinculada organicamente ao partido naquela data era a Merli, com um vínculo em São Paulo. Houve problemas de relacionamento entre a Merli e Lauro, Lelo, tanto que quando nós organizamos o primeiro grupo do PCB no ES havia uma intenção de fugir da área de influência dela. A partir do momento que a gente se organiza formalmente, a influência que já vinha pela política agora passa a ter um direcionamento no sentido de também construir o partido e crescer dentro do partido, isso no Centro Biomédico e no CCJE foi expressivo, e depois cresceu em outras áreas também, nós chegamos a ter dentro da universidade perto de 180, talvez mais de 200 militantes, pessoas que se vincularam ao partido. Eu era responsável pela reprodução da Voz Operária que a gente recebia de fora do país e eu acho que a gente distribuía de duzentos a trezentos jornais ali dentro.

PRF: E sobre a greve no CBM especificamente, teve uma orientação do partido no sentido de deflagrar o movimento? Fale um pouco de como que se deu esse processo da greve no biomédico.

IMA: O processo da greve começou assim, primeiro estava havendo um grande descontentamento de alunos, principalmente na área básica da universidade, e no biomédico tinha medicina, enfermagem, odontologia e ciências biológicas. Então, no laboratório faltava material, microscópios não funcionavam, faltava luz, e alguns professores reagiam com gracinhas. Naquela mesma época estava em formação, em montagem, a formalização do partido, mas nós não tivemos nenhuma discussão de partido que definisse seguinte: vamos fazer a primeira greve aqui isso com objetivo político. Pelo contrário, nas reuniões, quando em assembléia a proposta de greve surge, ela surge atropelando a gente. Vai-se relatando dificuldades na negociação com a reitoria, aí você faz uma assembléia, reúne um grande número de estudantes, daí levanta alguém despolitizado, mas que fala de forma enfática, e defende greve, e a assembléia vai atrás. E aí a gente conduziu o processo, a gente, enquanto partido, teve uma interferência depois. Como é que caminha para fechar esse negócio? O que fazer agora para forçar a negociar, a ceder alguma coisa para gente fechar? Como todo o término de greve foi um processo dificílimo. Teve uma cena, eu não sei se você conheceu o Jaci (Jaci Morandi) da odontologia, que foi assassinado no Espírito Santo anos depois. O Jaci foi o menino que teve uma grande presença e participação dentro da odontologia, de levantar as reivindicações, e conduzir a greve com a gente. Quando ele viu em assembléia, depois de um tempo, a gente com uma baita de uma dificuldade para ter uma resposta da universidade no sentido de já ter uma resposta do tipo "o material chegou", e ele viu que o movimento caminhava para votar o fim da greve, ele se declarou assim: "fui traído pelas costas, fui esfasqueado pelas costas", foi uma fala que bateu na gente de forma muito dura, muito difícil. Eu não lembro mais quantos dias durou aquela greve, mas ela teve uma certa duração, e o movimento com dificuldades para se sustentar, então, nesse momento, partido vai ter uma influência maior.

PRF: Naquele momento estava em vigor os decretos 477 e o 228 que cerceavam a participação do estudante no debate político, e dentro da estrutura da universidade existia a Secretaria Especial de Informação com vínculo direto com o aparelho repressivo da ditadura. Como que isso interferiu no movimento e como os

estudantes em geral reagiam diante das ameaças inerentes a esse clima repressão política?

IMA: Olha, todos nós tínhamos medo, acho que estou falando por todos nós, mas ao mesmo tempo, e principalmente o grupo que estava mais na diretoria do movimento, tinha a vontade de tocar o barco para frente. A presença da repressão se fazia em diferentes momentos, por exemplo, era comum a repressão ir a noite à universidade, e colocar panfletos molhados em cima de alguns pontos, e de manhã, quando a gente estava chegando, aquilo já tinha secado e o vento espalhava aquele material com denúncias contra a gente, chamando de esquerdista, de comunista, e essa era uma das formas que ela agia. Outra era interferência eram as prisões, como a do Adalto (Emmerick) em Minas Gerais. Uma das atividades nossas era participar dos encontros nacionais, e a gente organizava delegações a polícia vai lá e prendeia os ônibus. Uma vez respondemos a essa ação da Polícia Federal com um acampamento, uma vigília dos estudantes dentro da universidade, ali perto da antiga educação física. Tinha outras formas, por exemplo, na época da greve do CBM, um dia cheguei em casa, e uma das minhas irmãs mais novas, que tinha vindo recentemente da Paraíba falou: "Olha, veio aqui um homem e falou que era seu amigo", e eu perguntei: "O que ele queria?", e ela respondeu: "Ele queria entrar aqui e pegar umas coisas suas aí". Uma menina com 17 anos vindo do interior da Paraíba estava no apartamento, aí o cara entra, mexe nas minhas coisas, pega um monte de coisas lá. Eu não sei se ele chegou a localizar, mas naquele dia eu tinha e exemplar da Voz Operária que eu tinha recebido, vinha da França, e no partido eu era o homem da máquina que cuidava da tarefa de reproduzir o jornal, e eu estava com várias cópias no apartamento, não sei se levou alguma para dizer que minha ligação era com PCB, pois estava em local que não era mais fácil de achar. Esse tipo de coisa acontecia, ou acontecia você ser intimado para conversar. Teve uma coisa engraçada envolvendo um funcionário do DCE, onde todo mundo sempre me chamava de Paraíba, e apareceu um sujeito lá, não sei se era do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) ou da Polícia Federal, com uma intimação em nome de Ildeberto Muniz de Almeida, esse funcionário olhou disse: "Não é aqui, não tem ninguém com esse nome", e aí, três ou quatro dias depois, eu fui receber em casa a intimação. Então, aparecia dessa maneira, a gente sempre discutia e procurava ajuda. De onde menos se esperava, algumas coisas aconteceram, por exemplo, quando já não era

mais estudante, e estava fazendo movimento comunista na área de São Pedro, aquela área da invasão tinha uma influência grande do PT e da Igreja, e o ex-deputado federal o Nelson Aguiar, e um cara ligado à igreja chamado Rui, foram me ameaçar e dizer que se eu não saísse lado bairro eles irão denunciar à polícia que tinha comunistas lá. Eu sei que o Fernando Herkenhoff foi quem deu a peitada no Nelson por conta desse episódio.

PRF: O senhor chegou a participar do período em que o grupo sai do movimento estudantil e entra na disputa eleitoral partidária, que culmina com a eleição do Paulo Hartung como deputado estadual e do Stan Stein e Felício Correia como vereadores?

IMA: Isso começa dentro da universidade na eleição de 1978. A gente estava com o DCE recém-criado e nós fizemos um grande comitê de apoio à candidatura ao Berreiro de Menezes para o Senado, e levamos muito desse movimento dos estudantes para a rua, se eu me lembro, na primeira passeata feita em Vitória nessa época, uma passeata que a gente faz já dentro desse movimento político da eleição de 1978, numa vinculação com o MDB que se cristaliza. Quando você perguntou sobre a repressão, uma das defesas que o pessoal dizia para gente era o seguinte: "você tem de se filiar a um partido político, porque se forem lhe processar pelo DL 477 que te proíbe política na universidade, etc., você é um militante do MDB". Então, a gente ia buscando também, em função disso, essa presença no MDB. E nós éramos grupos de apoio do interesse muito grande das candidaturas majoritárias, já que a gente botava gente na rua para panfletar, e era muita coisa, Em Vitória a gente fazia arrastão no centro, ia para os pontos de ônibus, onde tinha sinal de transito, fazíamos arrastão nos bairros, e eramos todos cabos eleitorais diferenciados, cabos eleitorais que não estavam pedindo dinheiro para nenhum candidato.

PRF: O senhor gostaria de comentar ou fazer algum outro registro sobre movimento estudantil?

IMA: Eu acho, mais a título de reflexão final, que uma coisa que teve uma importância grande no Espírito Santo, é na hora que vão surgindo outros movimentos. Eu me lembro, por exemplo, que ao participar a uma manifestação durante a greve de trabalhadores da construção civil, eu lembro de uma cena, eu lendo um documento de apoio a uma greve de trabalhadores, haviam uns vinte mil trabalhadores lá no centro, e

minha mão não conseguia parar de tremer. Então, essa interlocução com outros movimentos sociais, em apoio um surgimento de lideranças, independentemente do que seja a história hoje de cada um. Você tem um número grande de militantes políticos ali que nascem nos movimentos sociais, e é uma coisa bem diferenciada, pois não era um cara que estava nascendo ligado a um grupo de interesses específicos, e isso tem uma influência grande na política do estado, além de ter um papel mesmo, naquele momento, no país que estava vivendo. Tanto para pensar democracia como para pensar a esquerda também fizemos muitas merdas. Eu mesmo acreditei numas verdades que hoje eu diria que prefiro que fiquem no meu "currículo mortes", umas besteiras, como ter apoiado algumas pessoas, principalmente no movimento sindical que depois se revelaram grande desastre, mas é aquela história, a gente estava contribuindo. No Espírito Santo, uma coisa que facilitou para que se tivesse uma grande expressão foi o fato de ser um estado pequeno, e é impressionante, por exemplo, que por causa disso, a gente acabava tendo uma visibilidade, uma proximidade com o poder que você quando vem para o estado como São Paulo vê um outro mundo, é uma distância significativa.

PRF: O senhor acredita que hoje o Espírito Santo sofre alguma influência de todo esse engajamento político dos estudantes daquela época, que esse grupo que forjou o pensamento político e a sua ideologia dentro desse movimento hoje interfere, consegue interferir de alguma maneira no estado?

IMA: Eu diria que as pessoas vão ficando maiores do que essas histórias dos partidos. Por exemplo, se você olhar no PT uma pessoa como Vítor Buaiz, que em Vitória era uma liderança ligada ao PT e que consegue ser prefeito, se eleger governador, ele se elege com tamanho muito maior do que um partido. No Espírito Santo a gente tem hoje várias lideranças políticas importantes no estado, o governador, ex-prefeito de Vitória que me recebia no Rio quando ia para reuniões do partido dormia na casa dele, o filho da Mariazinha Lucas, o Luis Paulo (Luiz Paulo Veloso Lucas), e essas pessoas estão na política local como deputado federal, ou deputado estadual, secretário de estado,

outros talvez militando em uma área médica como o Laurinho, por exemplo. Para mim foi uma surpresa que o Lauro Ferreira não tivesse virado um militante político, e algumas outras figuras que tiveram uma influência grande. Eu acho que depois de algum tempo, o que essas pessoas são hoje é reflexo daquilo, mas é também muito mais

reflexo da caminhada que elas fizeram depois como políticos. Vou fazer o último registro pessoal. Eu saí do ES e eu estava me sentido assim: durante muito tempo a gente foi um grupo de militantes e um grupo de amigos, só que alguma das pessoas que vão para a política e se tornam maiores do que isso. Quando a gente era um grupo de amigos, um grupo de militantes, eu podia discutir e apresentar minhas divergências e tudo bem, só que quando as pessoas vão para a política e assumem seus projetos, e aí, agora eu não sou mais um partido, agora eu sou esse projeto aqui, se eu não sou uma adesão integral a tudo que é que a pessoa faz, eu viro meio que uma pedrinha no sapato. Então os tipos de questionamentos, as relações mudam. Tinha um velho senador lá no ES, o Dirceu Cardoso, ele dizia: " Na política a gente engole sapo todo dia, mas jacaré a gente tem que vomitar." E eu sentia que tinha jacaré que eu engolia, e se fosse vomitar também era dizer: "melhor se afastar, procurar outro caminho", mesmo não discordando no geral e admirando muito a obra política de algumas dessas pessoas, os jacarés que são um pontuais, essas coisas são desse jeito.

Obrigado.

São Paulo, 05 de Março de 2007.

Adicionar currículo

Depoimento de Irene Leia Bossois (*)

Paulo Fabres[ii]: Comente como foi o primeiro contato que a Sra. teve com o movimento estudantil e como se deu sua participação no início do movimento que desembocou com a eleição da chapa Gota d'Água em 1976 ?

Irene Léia Bossois: Veja bem, Eu ingressei na Universidade em 1974, mas interrompi por um ano para participar de um Programa de intercâmbio. Retomei à faculdade no segundo semestre de 75 e num primeiro momento tive uma decepção bastante grande com a universidade, com a faculdade, com a qualidade do ensino, além do que, jánaquele momento, era uma pessoa razoavelmente politizada e tinha uma contradição m a falta de democracia no país. Então quando eu vi algumas pessoas se movimentando em torno de reorganizar o movimento estudantil , e se me recordo bem, foi no curso de Direito que teve início este processo, eu me aproximei, comecei a conversar com as pessoas, comecei a participar, na medida em que era convidada. Então, nesse primeiro momento o que havia era uma insatisfação com a faculdade, com a pobreza da vida universitária de então, e também uma insatisfação com a falta de democracia no país, mas não havia ainda qualquer alinhamento ideológico.

PF: Quem eram as pessoas que estavam nesse primeiro momento que a Sra. teve contato no Diretório Acadêmico do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas?

Olha Paulo, eu me lembro de você, eu me lembro do Quincas do curso de Direito, eu me lembro do pessoal do Serviço Social também mais eu não consigo lembrar bem os nomes. Com a chapa Gota D'água este movimento tomou vulto. O primeiro núcleo foi ali. Tinha o Quincas (Joaquim Silva), o Chicó (Robinson Moreira) que agitava o movimento cultural, tinha você, o Heitor e a Tereza Colnago do curso de Administração, o Haroldo Corrêa Rocha do curso de Economia, e o pessoal do curso de Serviço social de quem não me recordo bem agora. Numa segunda fase, o pessoal do curso de economia começou a aumentar a participação movimento e aí o movimento cresceu bastante. Nesta fase me recordo do Neivaldo Bragato, do Paulo Hartung, do Paulo Perdigão, do Paulo Dias, de um colega de codinome Bahiano e das colegas Marli Alves dos Santos, depois Lúcia Checker, Bernadete Vieira, Daise Osleger. Ao mesmo tempo, o movimento se estruturou no curso de medicina e aí a lista de nomes é extensa:

Merli, Geraldo Correa, Wellington Coimbra, Fernando Herkenhoff, Fernando Pignaton, Anselmo Tose, Ernesto Negris, Adão Célia, Bezerra, Carlos Rios, e na odontologia os Emmerich, o Paulo e o Adauto. Tinha o pessoal da engenharia também e eu me recordo agora do Fernando Pego. Citei apenas as lideranças, mas muito mais gente participava.

PF: Existe uma visão disseminada entre várias lideranças da época de que o Partido Comunista Brasileiro, o Partidão, teve um papel preponderante dentro do movimento estudantil. A senhora compartilha dessa leitura?

ILB: Eu acho que sim, eu acho que teve um papel importante porque embora o movimento tenha começado, no meu modo de entender, sem um alinhamento ideológico. Em minha opinião, o movimento surge de um sentimento de insatisfação, com a Universidade e com a situação política do país, e a influência do Partido comunista veio dar mais organicidade ao movimento, maior clareza política e direção

PF: Quer dizer que essas pessoas quando chegaram no movimento estudantil já pertenciam ao quadro do partido?

ILB: Eu não posso dizer isto por que eu não sei. Nesse momento, eu não era filiada ao PCB, eu fui me filiar depois, já quase saindo da faculdade. Então eu não sei quem já era e quem não era do partido na fase inicial do movimento. Tem um fato que precisa ser registrado: as principais lideranças eram masculinas. Tinha uma liderança feminina forte, mais os principais quadros eram sempre masculinos.

PF: O movimento estudantil na Ufes, na época da eleição da chapa Gota d' Água que foi em 1976, estava completamente desorganizada sem nenhuma capacidade de mobilização, sem nenhuma representatividade dentro da comunidade acadêmica, dos estudantes. A partir da Gota d'Água a gente vê que vai começar a haver um processo de politização, inclusive de posições ideológicas bem mais definidas como você a senhora mesma mencionou. Como que foi construído esse processo? De que forma? Havia leituras de texto, foi o partido comunista, foi o contato com outros centros. Como que a senhora vê essa evolução, esse crescimento da politização dentro do movimento estudantil?

I.L.B.: Olha eu me lembro que tinham os grupos de estudo, textos eram distribuídos a gente criava grupos de estudos, líamos, refletíamos. Em nível do partido eu não posso responder já que eu não era quadro do PCB nesse momento, mas imagino que esses textos viessem de lideranças do partido comunista porque vinham de lideranças que eram claramente identificadas com a tendência a unidade. Então existiam os grupos de estudo e toda uma cultura de refletir sobre a conjuntura, de fazer análise do momento político, que era uma coisa que a gente não tinha o hábito de fazer. Por isso que eu digo que possivelmente o partido deu maior consistência a esse movimento. A prática da leitura e da reflexão sobre a realidade política permitiu o maior amadurecimento das pessoas. Acho que isso começou um pouco por aí, sendo que os encontros nacionais temáticos também contribuíram. Teve inclusive aquele episódio da proibição do ônibus, da saída do ônibus que iria a um encontro da SESAC (Encontro Nacional de Saúde Comunitária) em São Paulo. Eu tentei ir em um ônibus de carreira e fui retirada do ônibus por um policial. Fui interrogada durante 40 minutos porque eles estavam com uma lista das pessoas na rodoviária e eu não percebi e tentei viajar assim mesmo.Quando o policial pegou meus documentos e verificou que meu nome estava na lista deles, me retiraram do ônibus e levaram para um interrogatório. Eu consegui ser liberada, porque Lúcia Checker , que também iria viajar, viu o episódio e chamou o advogado Ewerton Guimarães, que foi quem me liberou . Então existia sim, a repressão era forte e a gente tinha muito medo, a gente participava do movimento estudantil, mas sempre com muito receio, era uma coisa realmente tensa esse aspecto da repressão, a gente esperava a qualquer momento alguma coisa, alguma reação.É claro que enfrentamos uma conjuntura mais branda, porque já pegamos o período da distensão do Geisel. Mas distensão não significava fim da repressão.

PF: Como é que era o contato dos estudantes capixabas com os estudantes de outros centros? Que tipo de contribuição e quais os desdobramentos que esses encontros acarretavam dentro do movimento estudantil da Ufes?

Olha eu acho que este contato gerou uma grande politização do movimento. Eu me lembro da primeira CESAC que eu participei em Ribeirão Preto –SP. Eu fiquei chocada com o nível de politização e divergência. As pessoas brigavam por posições políticas de forma muito aguerrida, as tendências se confrontavam, era quase uma guerra verbal. Eu

fiquei meio perdida porque ainda não sabia quem era quem naquele momento. Então eu acho que esse contato com movimento estudantil em nível nacional forçava a gente se posicionar porque inevitavelmente quando você chegava nos encontros e as tendências estavam ali posicionadas, votando segundo a orientação particular. Então a gente tendia a se aglutinar em torno das pessoas que eram mais próximas, e aí a gente tinha que tomar posição porque o movimento em nível nacional já estava extremamente influenciado por posições ideológicas diversas e a configuração da esquerda brasileira se refletia claramente no movimento estudantil.

PF: Por favor, comente mais sobre a questão das mulheres. Existia um número significativo de mulheres participando do movimento estudantil Ufes. Havia um debate das mulheres quanto ao papel que elas estavam desempenhando, ou esta reflexão se dava mais no nível individual?

I.L.B.: Olha, não existia muito espaço para tratar dessa questão. Isto era sempre tratado como questão secundária, isso não era importante, mas a própria participação movimento nos levava ao contato com esta reflexão. Eu particularmente comecei a participar do movimento de mulheres em nível nacional, mas não tinha muito espaço para as mulheres. Nós mulheres participávamos, sem dúvida, mas do que eu me recordo a gente sempre ficava na posição de "tarefeiras" no processo, as grandes decisões não nos era dado a conhecer. A gente tinha de encaminhar as decisões tomadas pelas lideranças. E nós trabalhávamos bastante. Eu me recordo de passar o fim de semana na faculdade ajudando a fazer o jornal do Diretório Acadêmico, de distribuir o jornal e etc. Também participei muito do movimento cineclubista. Essa foi uma experiência muito rica. Este era um movimento mais aberto e participei de jornadas nacionais de cineclubes. Cheguei a organizar um cineclube de bairro, no caso, o bairro Ataíde em Vila Velha, que funcionou quase um ano. Participei também da peças "*O Auto dos 99%*" que foi uma experiência muito interessante. A partir da reconstrução do DCE, uma nova forma de receber os estudantes foi formulada. Em vez de se fazer o trote, tinha-se uma recepção festiva, com bandas e uma apresentação do " Auto dos 99%" que era uma peça que refletia sobre o pouco acesso à universidade. Infelizmente esta prática não criou raízes e hoje se vê o trote de volta.

PF: Algumas pessoas inclusive debitam ao movimento cultural um papel importante na reestruturação do movimento estudantil dentro da Ufes. O movimento cultural era considerado como uma forma de agregar pessoas e um meio também de politização dos estudantes. A senhora compartilha desta visão?

I.L.B.: Eu acho que esses dois movimentos caminharam em paralelo, tanto o movimento cultural quanto o movimento estudantil se alimentaram um do outro. É claro que os eventos culturais tinham apelo maior e um grande poder de mobilização. Eu me recordo das semanas de cultura, promovidas pelo Centro Acadêmico do Biomédico, que extrapolavam em muito os muros acadêmicos.

PF: Quem participava do movimento cultural?

I.L.B.: Olha, muita gente fazia parte, mas eu me recordo da Merli e do Claudino de Jesus, que eram as principais lideranças desse movimento. No caso do movimento cineclubista, especificamente, me recordo de Ana Saiter, Clóvis Mendes, Marcos Valério entre outros. Quando passamos a criar cineclubes em bairros, lideranças do chamado "movimento popular" também passaram a participar dos cursos de formação cineclubista.

PF.: Pode-se afirmar de que essa ligação do movimento cultural da universidade com os bairros como uma forma de aproximação efetiva da política estudantil com a uma luta política das comunidades, da população de um modo geral?

I.L.B.: Acho que sim, tanto que eu representei o movimento estudantil no movimento dos transportes em Vila Velha. Eu representava o DCE nesse movimento, que foi ummovimento muito grande, um movimento pela melhoria dos transportes urbanos na Grande Vitória. Então o movimento estudantil criou pontes com as lutas mais gerais da população.

PF: Quais eram as principais bandeiras do movimento estudantil?

I.L.B.: As duas principais bandeiras do movimento estudantil local eram "pelas liberdades democráticas" e por "melhores condições de ensino".

PF: O movimento estudantil teve alguma participação na campanha da constituinte e da anistia?

I.L.B.: Nesse momento eu já estava saindo da faculdade, mas houve sim, houve muita discussão sobre a constituinte e sua importância. A bandeira da constituinte era uma das principais dentro da bandeira das liberdades democráticas, tanto quanto a campanha pela anistia.

PF: Até que ponto a existência do decreto-lei 477 e do decreto- lei 228 e toda as leis restritivas inibiam efetivamente a participação política dos estudantes?

I.L.B.: Inibia muito porque as pessoas tinham muito medo, tanto é que até minha família foi incomodada. Um informante, não sei de qual polícia, que nos conhecia, chegou para uma irmã minha e mostrou o meu dossiê, e disse para ela o seguinte: "Se ela parar de participar agora não vai acontecer nada, mas se ela continuar participando eu não posso responder pelo que vai acontecer". Então chegou um momento em que eu tive que me mudar, eu tive que sair de casa porque se eu ficasse em casa a minha família ficava temerosa, incomodada, tentando controlar onde que eu estava, onde que eu ia. A partir deste momento eu passei a morar com uma colega de faculdade, que morava perto da Universidade. Em fim, o medo e a repressão de fato inibiam a participação no movimento.

PF: E com relação aos professores, algum problema dentro da sala de aula?

I.L.B.: Tinha, tinha eventualmente conflitos em sala de aula porque os próprios professores tendiam a inibir um pouco certos tipos de discussões que aflorassem sobre temas políticos . Existiam também professores que não davam aula e algumas turmas chegaram a reivindicar mesmo troca de professor, então existiam conflitos neste nível também.

PF: Até que ponto também o movimento estudantil ficava dentro só de um pequeno núcleo de lideranças ou ele era maior do que a própria liderança? Havia uma mobilização pelo menos em determinados momentos de um número significativo de estudantes em torno das questões colocadas pelos diretórios

acadêmicos?

I.L.B.: Inicialmente sim. As assembléias eram muito participadas, depois eu acho que o movimento começou a entrar em desgaste. Também houve uma extrema politização com o alinhamento às posições das diversas tendências e eu acho que isto afastou um pouco o conjunto dos estudantes.

PF.: A senhora gostaria de fazer mais algum outro sobre o movimento estudantil deste período?

Eu acho que foi uma experiência muito rica para todo mundo que participou, apesar das contradições, das discussões, dos rachas que às vezes que até rompiam amizades. As pessoas não separavam muito a posição ideológica das relações pessoais. Algumas facções eram muito sectárias mesmo. Mas, de qualquer forma, acho que foi um momento muito rico de tomada de consciência, de olhar para além do projeto pessoal, de pensar o país, de ter uma perspectiva mais larga. Eu acho que teve esse papel sim.

Obrigado.

Vitória, 11 de Junho de 2007.

Paulo Roberto Fabres

Contato: Fabres.paulo@gmail.com

.(*) Irene Léia Bossois é economista formada pela Universidade Federal do Espírito Santo em 1980, mestre em Planejamento Urbano e Regional pela UFRJ, Especialista em Políticas Públicas pela Universidade de Vila Velha. Exerceu cargo de Assessora de Planejamento e posteriormente de Secretária Municipal de Planejamento de Vila Velha e atualmente exerce a função de Assessora Especial da Secretaria de Estado de Economia e Planejamento.

Como citar esta entrevista:

BOSSOIS, Irene Leia. **Geração Gota d'Água: Memória de um movimento estudantil pelas liberdades democráticas no país. Universidade Federal do Espírito Santo 1976–1980.** 2007. Entrevista concedida a Paulo Roberto Fabres, Vitória, 11 de jun. 2007.

Depoimento de José Luiz Gobbi (*)

Paulo Fabres[ii]: No momento em que você ingressa na universidade inicia-se certa efervescência política e cultural na UFES como um todo, principalmente com o cineclubismo e o teatro, . Fale desta experiência.

José Luiz Gobbi: Era a forma de expressão concreta à cultura o fazer o teatro. A gente podia se juntar ali naquela época, ainda naquela época cacetada política rolava, então era um escape, e havia um grupo que se reunia em nome disso, da arte, da cultura, do fazer, do pensar, procurar textos, estudar tinha os grupos, como havia na engenharia com Tião (Tiãzinho Sá), saudades, e tinha o CCJE que era o pessoal mais louco, que queria brincar mais, provocar mais, tanto que num ano a gente vem com Ariano Suassuna, num outro vem com Nilson Henriques, uma comédia rasgada que acabou ficando em cartaz no Carlos Gomes e ganhou todos os prêmios. Eu lembro que na mostra (Mostra do Teatro Universitário) na época tinha Amilton de Almeida, e que ele escolhia os melhores, funcionava como uma premiação nacional. Isso movimentava não só a cidade como a imprensa também, que ficava durante uma semana em função daquilo, e publicavam-se os preparativos dos espetáculos, eu me lembro de páginas com o ensaio. Hoje a gente não tem uma mídia voltada para essa cultura produzida aqui, considerando um artista local, o artista capixaba, uma pessoa produtiva ou carismática ou com glamour. Ela só exalta tudo que vem de fora, "BBB", enquanto os artistas capixabas não estão tendo mais espaço. E nessa época a gente tinha os jornalistas Tinoco dos Anjos, Amilton de Almeida e outros que davam espaço, que iam atrás enquanto se estava ensaiando, a gente tinha foto publicada em ensaio. Hoje, para você conseguir esse espaço do seu espetáculo, você não consegue publicar espetáculo quando você está em cartaz, que eles vêm com frescuras, só botam as coisas de fora. Naquela época Vitória vivia essa efervescência, a imprensa, os estudantes, não era uma coisa pensada, era uma coisa desejada e que se praticava. Todos trabalhavam em função de alguma coisa dessa produção, desse festival que movimentava Vitória durante uma semana. Eu entro na Ufes, direito, em 1975, vieram me chamar, por que sabiam de uma experiência que eu tinha vinha do colégio Jardim América, no Festival de Teatro na Bahia, quando eu com dezesseis anos representei o Espírito Santo, e acabei tirando primeiro lugar lá, vim para Vitória e já com 17 anos, tentando fazer teatro, se unindo ao

Sérgio Benevenuto, César Cola, Marta Baião, tínhamos um grupo, e Carla Falce, tínhamos um grupo de teatro no Clube Vitória que trabalhava aos sábados, eram os piqueniques teatrais, isso ainda aos 17, eu não tinha entrado na Ufes. O Rogério, Nazaré Pereira, e outros, Florenza Monjardim que hoje está na TVE do Rio, a gente se reunia no clube Vitória no Parque Moscoso, aos sábados e domingos, e ensaiávamos nesse período a peça que era um texto de César Cola com Sérgio Benevenuto e tentam chamar um diretor, porque ninguém era diretor a gente é que ia para lá ensaiava, ensaiava tipo três meses, e a gente já estava cansado de ensaiar, e resolvemos chamar alguém, como o Paulo de Paula, mas foi, o Amilton de Almeida foi, achou muito bonito aquele grupo de jovens tentando uma coisa, mas não assumiu e o grupo acabou. Um dia eu chego do Rio encontra Carla Falce sentada na escada e ela falou assim: "Acabou Gobbi", porque não tinha para onde ir, não tinha como fazer. Entra na universidade o Prof. Gilson Sarmento, recém-chegado de um doutorado nos Estados Unidos, e ele propõe a sub-reitoria comunitária, ao Rômulo Penina a criação da Mostra de Teatro Uni8versitário. O Gilson é o grande idealizador da Mostra Universitária, o grande idealizador, Gilson Sarmento, ele tem esse crédito. O Rômulo Penina era quem realizava e Gilson criava, era uma dupla muito boa, acho que um dos melhores momentos da universidade. E Gilson criou isso. Então cada centro, departamento, compunha um grupo e montava um espetáculo, e e chamaram, mas já me chamaram com uma peça escolhida, já tinha tudo, ele só não estava conseguindo o que eu tinha vivido no ano anterior que era não avançar porque todo mundo quer fazer, mas não tinham a direção. Na verdade no Epírito Santo o diretor se confunde com o produtor, muito. Você na verdade é diretor para produzir o seu espetáculo, você não tem um produtor opcional, que pega e contrata o diretor. Eu já vivi essa experiência com o grupo "Ponto de Partida", mas é outra história, que me contratou, esses produtores me contrataram para dirigir o espetáculo, eu só tinha que dirigir, quando você é produtor você manda também, o diretor tem de se calar em nome do produtor muitas vezes. E me chamaram para dirigir e começamos os ensaios num auditório da Rede Gazeta, que era na Av. General Osório, no décimo andar do edifício A Gazeta, onde funcionava o jornal. Teve uma história muito engraçada, por que o cangaceiro que era Joaquim Silva, e ele tinha que usar uma arma, e a gente, já naquela época havia uma preocupação de que ele tinha que usar o objeto, que tem que ter essa convivência, familiaridade com esse objeto, então o Robson Chicó (Robson Moreira),

que fez o Chicó e que o nome até pegou, o João Grilo (Robson Silveira) e o Chicó, eles carregam até hoje esses apelidos tamanho sucesso que fizeram e como desempenharam bem, como convenceram com os papéis, até ganhou prêmio na época do Amilton, revelação, bom, o Robson Chico me chega com uma espingarda que pegou com um sapateiro em Santo Antônio, considerando que 1975 a espingarda já era antiga pois era de enfeite e ficava pendurada na parede, o Chico no meio do ensaio começa a apontar do fundo da platéia apontando para os atores no palco e gritava: "Vou atirar", todo mundo corria para um lado, "Vou atirar", e aí ele puxa o gatilho, repentinamente, um estrondo, um buraco na parede, todo mundo ficou parado, um olhando para a cara do outro, como se a morte passou aqui perto agora. Como ninguém tinha mais condição de fazer nada, e eu como diretor tinha aprendido, eu falei: "Bom gente, por hoje chega, vamos para casa agradecer por nossas vidas, porque por muito pouco, uma brincadeira num causa um desastre em véspera de mostra de teatro universitário". Além disso, nessa peça, o Ariano Suassuna propõe que o Jesus Cristo seja negro, e eu tentei. Mas não podia chamar ninguém de fora, só podia ser estudante da Ufes, tinha essa regra, não poderia ser nem da outra faculdade diferente aqui de Vitória que era a Emescam, faculdade de medicina, na época era faculdade de filhinho de papai, dos ricos, mas não se podia chamar. E eu saí à procura de um negro, um estudante negro que tivesse características do personagem, e em toda a Ufes tinha quatro negros, dois a idade e o tipo físico não permitiam mais pelo biotipo desenhado pelo autor, pelo Ariano Suassuna, e dos outros dois tinha um não quis porque ele preferiu basquete, então seria o esporte ou o teatro, naquela época já era muito difícil se ter uma atividade mesmo. No esporte não havia essa concentração, ou essa quantidade de grupos, hoje você tem as quadras, comunidades, o esporte para resgatar os jovens. Para te dizer a verdade a cultura, o teatro, tudo tem uma função social apropriada pelo governo, inclusão social, pelo menos está se fazendo, mas se confunde muito os grupos profissionais com esses outros grupos que vêm a rebote de periferias, é um trabalho social e não um trabalho artístico. Bom, e fica eu procurando negro, dos dois um prefere o basquete, o esporte, e o outro topou, mas o cara não dava imagem à palavra, ele falava quadrado como quem diz redondo, e ele falava redondo como quem diz quadrado, ele era horrível, eu não lembro o nome, ele chegava atrasado, até que um dia ele faltou o ensaio, e eu já estava

aqui engasgado e ele aparece no outro dia dizendo que tinha faltado por que ele tinha ido se preparar para dar uma entrevista para "A Gazeta", "eu vou sair numa página domingo". E realmente saiu, ele era dono de uma agência de domésticas, mas ao mesmo tempo, quando ele saiu no jornal ele chamou atenção, e quinze dias depois que ele está preso porque era golpe agência dele. Aí fiquei eu, o único possível negro universitário, preso. Aí me autorizam a procurar outro na Emescam, ora bolas, na Ufes não tinha, na Emescam que era dos ricos, qual era negro que tinha acendido economicamente e socialmente para ter um filho dentro da Emescam, então não tinha. A solução vai ser chamar um branco, a essas alturas a gente precisava de um herói, não mais um ator. Eu não tinha escolha, precisava de um amigo que topasse decorar um texto imenso, que é um ato inteiro, é o terceiro ato se eu não me engano, é o segundo ato porque ele comanda todo o julgamento, e em questão de dias. Aí me aparece Paulo Júnior, convido da Emescam, o Gilson autorizou, o Gilson, das suas mágicas vindas dos EUA, tinha um bastãozinho preto que você manchava assim na pele ele ia espalhando até tomar uma cor, parte da mão e braço, e rendia. Eu sei que o Paulo Júnior era todo dia, toda vez que tinha apresentação, e a peça fez muito sucesso, ela acabou pegando o circo da cultura que na época existia e que rodava o estado, a peça durou um ano, nós apresentamos por esse interior todo, Afonso Cláudio, Alfredo Chaves, e nessas cidades geralmente na casa paroquial, não tinha um teatro, não havia espaços culturais, a casa paroquial, lado contíguo à igreja, é que servia para levar os grupos, e as pessoas da cidade hospedava a gente, não precisava nem dormir em hotéis, não tinha nem tantos, mas era assim, dois na casa de fulano, dois na casa de outro, do prefeito, dos líderes comunitários, eu sei que eles levavam as peças e a gente viajava. Auto da Compadecida ficou um ano em cartaz. Eu lembro que Beatriz Abaurre considerou melhor espetáculo do ano, ela era presidente da Fundação Cultural, adoro, grande Beatriz Abaurre, grande musicista, grande pessoa, e ela acabou levando essa peça, uma peça para o povo. E eu me lembro de uma apresentação em Cachoeiro, no Circo da Cultura, e tinha um parque de diversão ao lado, vendia maçã do amor, eu não esqueço porque eu acho bonito comprar maçã do amor, era legal. E a gente foi fazer a apresentação, e eu fazia o padre corrupto que tenta enganar o Chico, e aquela platéia de povo, isso há 32 anos atrás, de gente do interior tendo contato com o teatro, esse teatro de Suassuna que fala diretamente, ele é visceral no sentido da cultura popular, dessa comunicação com o cidadão brasileiro real. Eu sei

que a platéia foi tão tomada, se convenceu tanto que um cara puxou, sacou uma peixeira e saiu correndo atrás de mim, ele queria me matar porque eu estava enganando o Chicó. O Chicó naquele momento era o ídolo dele, da platéia, é o anti-herói brasileiro no texto, mas a platéia se encanta com ele, ele safado, ele dá golpe, ele engana, mais ele é puro, ele ingênuo ao mesmo tempo, ele dá um golpe para ajudar a um ou a outro, mas não é para tomar de ninguém nada, não é para enriquecer não. Só os golpes que vemos hoje os nossos grandes políticos ensinando, aliás, escola do crime no Brasil se faz na política, se começa lá pelo congresso, uma grande escola. Eu sei que o cara saiu correndo atrás de mim, atravessou o palco, passou por debaixo da lona e o povo tentando segurar, até que seguraram o cara, mas não adiantava, e ele: "Vou te pegar, vou te pegar, você não vai escapar não, fica aí enganando o Chicó, ele é meu amigo". Então ele se sentiu o dono da história, do universo de Suassuna, desse gênio capaz de criar uma peça que leva a população para dentro dela, aliás, o próprio o auto da compadecida é uma cidade. O Suassuna tem muito isso, e ele trabalha espaços geográficos, as peças dele têm um contexto geográfico, são cidades, são reinos, a fantasia dele ela é cosmopolita no sentido de que ela não tem aquele drama de personagem, ela tenha drama da comunidade, desse relacionamento, desse jogo social que é viver em comunidade.

PF: Diga uma coisa, havia uma censura. Fala um pouco sobre essa censura e como é que ela afetava vocês.

JLG: O Auto da Compadecida tinham censor chamado Minas Brasil, eu não esqueço por que eu achava que era nome de estrada de ferro, porque tinha Vitória-Minas eu achava que a Minas Brasil saia de Minas para o Brasil inteiro, dava um pouco essa concepção. No teatro Carlos Gomes era engraçado, tinha duas cadeiras para censura permanentes, elas existem até hoje mais já foram remuneradas, mas era escrito "censura". Você tinha que mandar o texto e o seu texto vinha com cortes, você tinha que ficar obedecendo todos esses cortes. E tinha o ensaio geral, a peça só podia ser apresentada depois que censores, policiais federais, com certezas pessoas dotadas de inteligência superior, porque eles tinham uma capacidade de julgar um Suassuna, um Sófocles ou Shakespeare. Lembro de Antígona, quando a Polícia Federal convocou Sofocles para depor, isso é famoso, não é brincadeira, e mandaram dizer que ele tinha morrido há dois mil anos, então eles queriam falar com algum membro, algum

descendente da família. E os policiais, com essa ignorância na época a censura, porque era um absurdo você submeter a criação, produto intelectual a essa visão fechada, tosca de quartel. Eu sei que eles iam e era curioso, porque há gente fazendo o ensaio eles se intrometiam em tudo, eles mudavam a marcação. Uma vez eu briguei com um ator e o sensor invocou comigo, e ele exigiu que eu não podia mais virar de frente, ele queria assistir a peça mas eu tinha de falar tudo de costas, porque se ele visse a minha cara ele proibia. Pois fizemos o ensaio geral com eu de costas, eu, o diretor do espetáculo, fazendo um personagem grande na peça, eu tive que interpretar de costas, e isso doía porque se eu era diretor, eu não podia olhar para frente e eu me sentia muito mal por um pessoa ter esse poder, de me fazer tirar meu rosto, fazer a minha cara sumir. Eles fizeram pessoas desaparecerem quanto mais um rosto. E era curioso que durante a apresentação eles ficavam com o texto e uma lanterninha, com a platéia do teatro lotado, e se você não falasse ou alterasse alguma coisa do texto eles iam com a lanterninha, eles levantavam e interrompiam o espetáculo, eles tinham esse poder. Eu nunca precisei disso, não tive esse problema, prezava por fazer por causa do público não por causa deles, porque é muito chato você está com teatro cheio, o público rindo, brincando e curtindo, seguindo o espetáculo e alguém grita: "Para! Essa palavra não pode dizer." Quer dizer, quebra o encanto e a magia. Então para evitar esse desastre para o público, em respeito ao público, a gente respeitava a censura sim, mas a vontade era de mandar à merda, francamente. Eu lembro, eu tinha uma peça com o Tião (Tião Sá), a Rainha do Rádio, espetáculo em 1981. Eu excursionei pela Europa, apresentamos em Paris, em Lisboa com sucesso, e foi um grande sucesso aqui, ficou naquela sala no Centro de Artes, era de um teatro que tinham lá pequeno, um teatro de bolso, e a peça a décima nona apresentação, um sucesso, sucesso, apresentamos na rua em Manguinhos, isso já era uma decorrência, esse trabalho daquela mostra universitária, pessoas que se encontravam e formaram novos grupos, procurando novos trabalhos, aquela experiência que esse projeto de Gilson Sarmento permitiu, porque na verdade todas as pessoas daquela época estão fazendo arte de alguma forma, aqui ou pelo Brasil, ou fora do Brasil. Então o Gilson teve esse poder de juntar essas pessoas e dar "boom" para que em seguida, alimentadas, elas buscassem então outros produtos, outros trabalhos e se juntando por outras formas, fazendo outras coisas. Rainha do Rádio, monólogo do jornalista César Fiote Filho, que até me procurou devido ao sucesso, e a décima nona

apresentação ia para Cachoeiro, e tudo tinha que pedir autorização para a Polícia Federal, para fazer uma sessão extra se tivesse, para ter uma autorização, já estava numa istensãozinha da ditadura que falava-se que ia melhorar, ia ter abertura, as coisas iam melhorar, haviam esses ventos mais frescos na cidade, na mente, no Brasil, na política. Quando peço autorização para apresentar em Cachoeiro, a polícia federal pedindo que eu fosse até lá, ou seja, você já ia com medo, essas coisas aconteciam, a gente ia com medo muito grande, e a gente avisava a todo mundo, "estou indo a polícia federal", "oh, vou a Polícia Federal", porque a gente sabe muito bem que acontecia. Estacionei a minha moto, me mandaram ficar sentado esperando, veio um censor, um senhor moreno, primeiro me sabatinou sobre a história do teatro, e me falou que tinha recebido uma denúncia, que na peça apesar de ser uma mulher que eles tinham autorizado, tinham me dado a licença me permitido fazer espetáculo, mas estava usando um homem no lugar de uma mulher, e que absurdo, esse homem começava a peça nu, Mas essa idéia é porque ele entra com uma máscara branca, como uma máscara grega, e depois ele se travaste de mulher, ele se transforma em mulher, de frente para o público e muda todo o corpo, mudo o centro gravitacional porque o corpo feminino é diferente do corpo masculino.,Hoje mais do que nunca, eu interpretando a Marli há quinze anos, mais de um milhão de pessoas já viram essa peça, eu sei o que foi mudar o meu corpo masculino, mudar meu centro, o meu eixo, o meu centro de apoio, toda a movimentação de mulher e o Tião fazia isso. Foi curioso, eu digo isso porque me deu uma certa revolta, na época a Bette Cazé estava começando, muito jovem, e o censor sugeriu: "porque você bota um homem, porque que você não bota uma mulherzinha bonitinha, uma bucetinha tipo a de Bette Cazé, essa gostosa", e Bette começando, eu não conhecia Bette Cazé mais eu me ofendi por ela, e me ofendi enquanto criador, enquanto artista, que ele queria dizer o que eu devia fazer, aí não interessava o projeto, a minha proposta. as a peça estava proibida para ir para Cachoeiro, tinha de apresentar no outro dia de manhã para ele. Que horas? Nove da manhã. Aonde? Não tinha lugar. No boé do teatro, á em cima, no terceiro andar, nove da manhã. Aí eu falei para o ator entrar com uma sunga porque não tinha iluminação, o palco estava ocupado, ia ser aquela coisa, com a luz de manhã, ali na Costa Pereira, e eu pedi se o ator poderia... Não a peça tem que ser como é apresentada. A nudez que usava no palco era com contraluz, você não via de frente, era uma luz que vinha de trás, você via o contorno do ator, ele ia transformar a

coisa numa coisa vulgar, não tinha o contexto que eu dava. Bom, chegamos ao teatro, o Tião começa a maquiar a máscara, e chega o censor acompanhado de esposa e da mãe da esposa. Eu achei estranho, eu ia fazer uma apresentação para censura, e ele queria ver porque eles tinham liberado espetáculo pelo texto e não sabiam que eu usava um homem no papel, mas o cara me chega com a esposa e a mãe. Mas uma vez eu tentei convencê-lo de que o ator podia usar uma sunga a nudez... "Não". Aí ele conversou com a mulher, voltou, e disse: "não, a peça tem que ser como ela está sendo apresentada para a platéia". Está bem, fizemos a peça. O Tião apresentou e eu fico olhando para a cara deles. "Eu posso viajar para Cachoeiro?" Ele perguntou se era de noite para Cachoeiro. Então ele pediu licença, foi lá falar com a mulher, eu sei que ela... "Aí que maravilha! Bem que minhas amigas falaram. Mamãe a gente ia perder isso mamãe". Resultado, a censura me fez fazer uma apresentação para esposa e sogra porque a peça tinha acabado a temporada e elas não tinham ido ver. Eles tinham esse poder, inventou uma história para eu apresentar a peça para a mulher dele porque ela tinha reclamado, como é que ela ia ficar sem ver a peça, a peça era sucesso. Mas eu tive que passar por isso, passei. Foi lindo, foi bonito, depois viajando com espetáculo, e eu acho que o Brasil passou por isso e saiu mais bonito.

PF: Você falou de uma figura muito querida por todos que conviveram com ela, Tiãozinho Sá. Fala um pouquinho da figura dele. Quem foi Tião Sá?

JLG: Tião era cozinheiro, Tião era amigo, Tião era engenheiro, Tião ator, Tião era cantor, Tião era bailarino, Tião era amor. Tião era muito bonito. Eu convivi muito com Tião. O Tião é o meu outro lado, não sei, o meu espelho, o meu alter-ego, o meu, eu vivia Tião, eu gostava, Tião fazia tudo mudar, Tião tinha um dom de levar essa felicidade para as pessoas, e a sensação boa de segurança por mais violenta que estivesse à tempestade, parece que ele conseguia criar um outro mundo, transformar isso. E Tião trabalhou em muitos espetáculos meus, o Guaranizinho, Rainha do Rádio, Ed. Wilson: o bandido da luz de néon, foi com grupo Ponto de Partida, texto do Luiz Carlos e Beto Costa, viajamos juntos para Europa, viajamos juntos pela Europa, vi tudo o que ele passou. Tião tinha um dom de enriquecer qualquer instante, qualquer situação, qualquer ambiente, ele era querido, Tião tinha um dom de transformar uma abóbora de quintal num creme maravilhoso na madrugada e alimentar as pessoas, naquela época

tínhamos fome, tínhamos sede. Ele falava um poema enquanto você consertava um carro, trocava um pneu. Não sei, Tião fazia o mundo ficar mágico, fazer o mundo ficar bonito, deve estar fazendo lá em cima também.

PF: Fala um pouco sobre outras pessoas do grupo, como Magno Godoy, Elisa Lucinda, Marta Baião. Quem são essas pessoas?

JLG: Essas pessoas eram os outros grupos que tinham na Ufes. A Marta, a Marta trabalhou comigo, até porque fez Ponto de Partida, olha, eram os proeminentes, Marta, Eliza. O Magno Godoy, hoje eu acho que é mais reconhecido inclusive o trabalho dele, mais espaço, mais mercado, porque se por um lado esse progresso, essa mudança, essa liberdade também trouxe descaminhos entre a gente cada um seguiu, uns se deram bem, Eliza conseguiu achar o espaço dela nacional, fiz uma peça de Elisa Lucinda, estreei aqui com Alcione Dias, foi espetáculo recomendado, dica da semana dos jornais no Rio, foi muito legal. Eu preferia falar assim, não dessas pessoas, porque seria um exercício muito forte lembrar de todo mundo agora, eu queria dizer o seguinte, que naquela época, esse projeto que a universidade tinha, ela aglutinou pessoas, identificou grupos, caracterizou grupos que produziram e que hoje ainda estão aí, os que estão, estão aí fazendo teatro, fazendo arte de alguma forma, direta ou indiretamente, como um hobby rotineiro mesmo, mas uma atividade extra aí na noite, mas as pessoas estão fazendo alguma coisa, e aquela efervescência cultural, aquele projeto que a gente entrava na universidade, e as pessoas já estão querendo saber como é que vai ser o teatro desse ano, aquela preocupação com cursos, montagens melhores. A segunda mostra, eu lembro muito bem disso, as montagens mais ricas, mais elaboradas. E ela identificou as pessoas, ela fez essas pessoas trazerem um sonho delas, à vontade, os desejos delas, para outros sonhos, para outros desejos, e concretizou. Eu acho que há um vazio, esse vácuo na cultura porque a universidade não tem uma atividade cultural voltada para a comunidade, mas posição daquilo que é feito lá. Hoje a universidade vive dela, ela não interage, ela não oferece a essa comunidade de uma forma ampla uma mostra de cinema, tem as pessoas fazendo os cursos lá dentro de comunicação, não sei o que, filmagem, câmera, mas que fica lá dentro. Eu acho que podia voltar às mostras, de hoje até novas mostras, mas ampliar o foco das mostras, não são mais teatro, cinema, dança, música, mas criar festivais e movimentar. Isso aí traria uma coisa que a gente briga

muito no Brasil, essa coisa da centralização da produção que Rio - São Paulo as grandes emissoras, as grandes redes que massacra e torna inútil o artista regional, o artista local. Um elogio que se ouve, que é muito bom, é quando perguntam porque que você não vai para o Rio. Ora, eu acho que deveria ter uma legislação no Brasil que contemplasse, que garantissem não mais só retransmissora, pois nós não temos emissoras de TV aqui, ela só retransmite o que uma outra rede nacional produz, diferente de outros países onde os artistas sobrevivem do próprio trabalho porque existe um percentual, uma empresa ela não pode ser retransmissora, em ela tem que produzir no local que ela está uma quantidade da sua programação. Se você pensar 30% hoje numa grande rede como é o tamanho da A Gazeta, dá 8h de produção local, então a gente poderia ter novelistas, cantores, artistas, como acontece lá fora no primeiro mundo, onde você nunca ouviu falar da pessoa e ele é um milionário, porque ele é famoso na cidade dele, no estado dele, ele não tem que ir embora. E compra-se aquilo que é peneirado nacional, que aí vêm as Madonas, os Michel Jackson das vida, um telejornal, mas só vão aqueles que são peneirados, mas não deixa, não mata aquele artista, existe mercado de trabalho. A lei brasileira hoje, do jeito que está, ela concentra esse mercado, ela o distribui em poucas mãos. O artista é um mendigo esperando por quem detém esse mercado. A cultura brasileira tem endereço, ela não é brasileira, ela tem um endereço ou é Jardim Botânico, ou é não sei o que. Isso é muito estranho, isso é ruim para o país em desenvolvimento porque identidade dele é massificada, homogeneizada e pasteurizada, o norte o nordeste e o sul, as diferenças do Brasil entram num caldeirão, onde se remexe e sai uma coisa, um produto igual, como se o Brasil fosse todo igual, e não é. Então, eu queria uma legislação que permitisse para o artista do Acre ser sucesso no Acre, o de Rondônia sucesso em Rondônia, o do Espírito Santo, em Cachoeiro, não existe. Nesse ponto nós não tivemos uma evolução, tivemos uma involução, arte e a cultura brasileira têm um dono e tem um endereço, e não é o povo.

PF: Você gostaria de fazer algum registro sobre essa vivência sua na universidade, algum registro a mais.

JLC: Não sei, agora acho até legal, falei muito me emocionei, lavei assim um pouco a alma com esse depoimento meu, mas está me o trazendo sorriso, o gozo de voltar a esse tempo e relembrar das loucuras, das fomes, dos sanduíches que dividimos, dos reais,

dos cruzeiros que juntávamos para comprar o nosso conhaque, não sei o que, aliás o Claudino era o rei do conhaque Dreia, o gim com tônica, campari o diabo. E tinha também, na época, a gente já se fumava um baseado sim, às vezes que o grupo estava ensaiando, a gente vai tomar um refrigerante e aquilo demorava, aí voltava com uma história de que colocava um canudinho no refrigerante e entupiu não sei o que, nada, estava fumando um baseado por Manguinhos da vida. Então havia tudo isso, e era muito bonito, muito bonito.

Muito Obrigado Gobbi.
Obrigado a você Paulo Fabres
Vitória, 20 de Junho de 2007.
Paulo Roberto Fabres

Currículo Gobbi

Depoimento de Maria Marta Baião (*)

Paulo Roberto Fabres[ii]: A senhora fez parte de um grupo de teatro no Centro de Artes em um momento que o teatro teve uma vitalidade muito grande na Ufes. Comente um pouco sobre esse movimento cultural da universidade daquela época.

Marta Baião: Eu acho que antes de entrar para a universidade eu já tinha uma relação muito forte com artes, tanto é que o meu curso foi artes plásticas, e eu acho que era um momento muito difícil, era época da ditadura, era um dos períodos mais duros, e a gente tinha muito prazer em acionar a cultura até para fazer as nossas revoluções internas e externas. Então eu acho que o teatro que a gente fez nessa época dentro da universidade foi uma coisa importantíssima, até porque eu acho que muitas pessoas que temiam se manifestar politicamente, através do teatro eles tinham a oportunidade de falar coisas, até porque a universidade, ela tinha, eu lembro, a gente sabia que cada sala de aula tinha a presença da Polícia Federal, a gente sabia que qualquer coisa que a gente falasse a gente corria risco, mas a gente curtia muito poder através da arte falar coisas que certamente a grande maioria da população entendia, e quem estava ali para reprimir e censurar não tinha capacidade de perceber. Foi uma época de muitas metáforas, a gente brincava com isso, a gente descobria coisas muito interessantes para falar e que certamente todo mundo entendia, menos quem era que tinha necessidade de entender. A gente fazia as mostras de teatro dentro da universidade que começou em 1975, e eu acho que a primeira que eu participei uma peça totalmente atípica, eu lembro até hoje, da Maria Clara Machado que tinha o costume de escrever peças infantis, e aquela peça adulta, totalmente voltada para a questão das metáforas, eu acho que cumpria nesse período coisas muito importantes, porque a censura que a Polícia Federal ia assistir e ela mandou tirar somente uma bandeira brasileira, só o óbvio que eles interditaram, e a gente falava coisas e eles gritavam com a gente, foi uma época de se fazer teatro com muita censura e isso para gente eu acho que estimulou bastante a nossa criação, a gente descobriu que a arte, a gente reafirmou acho que para cada um de nós, que a arte era revolucionária, que ela era tão importante que a polícia estava lá para falar para gente o que a gente podia falar, então acho que dentro da Ufes foi uma das coisas mais importantes, porque a gente se organizava através da arte, a gente organizava o DCE e

os DAs dos Centros Acadêmicos, eles tinham coisa muito forte, eu acho que uma das coisas mais fortes desse período era arte, porque era a forma que a gente tinha também de fazer enfrentamento, um enfrentamento com os militares com toda essa censura, e com toda essa crueldade que foi praticada com tanta gente, e que até hoje estão impunes de alguma forma. Então eu tenho uma lembrança muito boa, foi muito bom viver um período como esse, fazendo uma revolução.

PF: E quem eram as pessoas que mesmo nesse momento estavam fazendo teatro, participando do movimento cultural? Quais eram os espaços usados, eram dentro ou fora da universidade?

MMB: Eu acho que as coisas dentro da universidade, elas extrapolavam, elas iam muito além disso. Os companheiros da época e companheiras de teatro, eu lembro das peças, das pessoas eu não sei, tem o Claudino (Antônio Claudino de Jesus), o Robson Moreira (Chicó), o Robson Silveira, o Felisberto Costa, o Tião Sá, a Eliza Lucinda fez acho que as primeiras ainda, a Pupagatti fez uma peça até do Augusto Boal era uma quantidade imensa de pessoas, é como se fosse hoje o carnaval, apesar do carnaval hoje não revolucionar grandes coisas, mas a gente fazia uma preparação o ano inteiro, é como se a universidade girasse em torno desta a mostra de teatro. Os teatros ficavam lotados, tinham filas, as pessoas chegavam cedo, era uma coisa muito grande, era muito grande, e o fato da gente passar o ano ensaiando, buscando textos, quanto mais forte, quanto mais de esquerda melhor. Eu acho que poucas pessoas se dedicaram a fazer clássicos, clássicos eu digo ligados à tragédia, com a visão de mundo determinista, aristotélica. Foi uma época que se explorava muito o teatro de Brech, o teatro do Boal, que eram pessoas que revolucionavam e que tratavam da questão da reflexão, da ação, e poucas pessoas se prendiam a uma estrutura aristotélica, uma estrutura determinista, que induz o outro a ter terror, quer dizer, a catarse em Aristóteles é exatamente isso, as tragédias e todos os clássicos que vieram causar terror e repouso. Então, esse teatro parece que não tinha muito lugar, me parece que ele retornou hoje e você vê muita gente faz Hamelet, muita gente faz Otelo muita gente faz peças com essa estrutura, mas naquela época, as peças, elas tinham uma outra estrutura, e principalmente uma estrutura épica, que você convidava o outro a participar, o outro a agir, a refletir, e então acho que minha formação, eu tive o privilégio, de ter uma formação enquanto artista muito, muito de

qualidade para mim, de muita qualidade e de muita dignidade, até porque a gente pensava em mudar o mundo, e ainda pensa em mudar o mundo com a arte que a gente faz.

PF: O movimento estudantil, paralelo a toda essa promoção cultural dentro da universidade, também tem um revigoramento muito forte, uma presença muito grande dentro da vida da universidade. Esse movimento cultural estava ligado essa militância do movimento estudantil?

MMB: É eu acho que tudo estava ligado, como eu disse gente usava muito muitas exposições de arte, de fotografia, desenho, muita música, não era só teatro. Era um momento muito rico, e a cidade, ela fervia em termos culturais, tudo se fazia, tudo era possível fazer, a gente encontrava meios e a universidade era um espaço facilitador desse encontro e dessas várias formas de manifestação artística, e a militância política, ela estava totalmente ligada a isso. Eu acho que poucas pessoas daquela época que faziam teatro e que faziam música não tinham posição, todo mundo tinha, ou de esquerda ou de direita, e a grande maioria felizmente esquerda. Eu na época tinha muita certeza do que fazia, eu morei em Vitória numa rua, eu me criei numa rua onde foram muitos presos políticos, e as nossas mães, elas acolheram a assembléia da Faculdade de Filosofia que era ali perto e então eu acho que a gente teve uma história, e a minha rua era de artista, a rua Barão de Monjardim, ela era uma extensão da Ufes porque vários estudantes de lá tinha laboratório de fotografia, em todos os espaços todo mundo desenhava, os porões era onde a gente ensaiava as nossas peças, então, assim, a militância política, ela quase que obrigatoriamente estava ligada à questão da arte e da cultura.

PF: A senhora concorreu ao DCE junto com o Robson Moreira, o Chicó, numa chapa anarquista chamada Bicho de Sete Cabeças, disputando contra o grupo do Partidão e de outras tendências que surgiram no movimento estudantil. Qual era o projeto que os anarquistas traziam? A senhora se lembra qual eram os principais confrontos de idéias envolvidas na disputa pelo DCE?

MMB: Eu tava pensando um pouco sobre isso, porque eu me juntei as pessoas que pensavam muito parecido comigo, era uma época em que se estudava muito marxismo, eu tinha idéia do que eu queria, em que campo que eu estava, agora, eu só sabia que não

me agradava a nenhuma das coisas que existiam ali e que me ofereciam enquanto partido, e ai eu acho que a gente foi descobrindo algumas coisas do anarquismo, da filosofia anarquista, da teoria anarquista, e isso me aproximou desses, dessas chapas, dessas pessoas que o Robson fazia teatro, que eu lembre eu não sei todas as pessoas, quem eram os sete, o Robson Silveira também era dessa chapa, então, assim, a gente tinha uma concepção diferente, era possível ter uma política no campo de esquerda diferente, e assim, eu acho que a gente tinha uma aproximação com Bakunin, era o que a gente conhecia, era que a gente tinha acesso. Então, assim, era uma época mais de ação, para muitos, eu acho, pode ter sido uma época de concepção, de montar suas teorias e saber onde que estavam enquadradas, eu não, eu primeiro tinha uma ação e depois eu fui descobrir aonde que eu me encaixava dentro desse campo todo que se oferecia naquela época, e eu descobri que o que eu queria mesmo era o que eu sonhava o mundo que eu desejo, que desejava era um mundo anarquista, um mundo onde as pessoas não têm que ter chefes, as hierarquias caem e você é responsável por você, e era essa forma que eu via o mundo e que vejo até hoje, mudei muito pouca coisa nas minhas concepções políticas.

PF: Além do teatro a senhora falou em fotografias e literatura. Quais foram os eventos culturais que aconteceram, os mais significativos, dentro da universidade nesse período?

MB: É, foi criada uma galeria de arte onde todos tinham acesso, muitas mostras de desenhos, pinturas, muitos salões e todos podiam concorrer. Eu acho que essa coisa, não que a universidade estava dando para alguém a possibilidade, mas parece que todos dentro dessa universidade que eram ligados à arte resolveram participar, por que a elite sempre teve acesso à arte, sempre publicou, como se a arte fosse um produto dessa elite, e nós conseguimos fazer o contrário, que todos os estudantes interessados participassem das exposições e muitos participavam, todos podiam concorrer, então foi uma época que eu acho que a gente conseguiu desconstruir um saber sobre a cultura totalmente equivocado, de que cultura se compra, se adquire, apesar de sermos uma elite porque estávamos dentro de uma universidade numa época daquela, então nós éramos elite de alguma forma. Mas a gente buscou fazer foi desconstruir essa idéia de que quem canta, quem faz - o fazer é artístico, que o acesso a arte era coisa da elite. Isso para a gente era

muito claro, que a gente podia ter acesso ao fazer e acesso a ter conhecimento. A questão do conhecimento era uma coisa muito forte para todos nós naquela época, eu não sei se a gente tinha tanta consciência do que isso significava, mas a gente tinha uma intuição, um sentimento de posse sobre as manifestações, sobre essas linguagens artísticas. Eu sou fotógrafa desde aquela época, sou fotógrafa profissional trabalhei no jornal Posição que era um jornal de extrema esquerda, desde 1973, 1974 eu já ilustrava, fotografava, sou artista plástica e ilustro desde daquela época, faço exposição e sou atriz desde daquela época também, eu me profissionalizei em todas essas coisas.

PF: Além da senhora, quais as pessoas que fizeram parte desse grupo, que participaram ativamente do movimento cultural da Ufes, que continuam fazendo teatro, trabalhando com artes e cultura até hoje?

MB: Olha, eu acho que poucas pessoas, o Robson Moreira (Chico) está exercendo a sua profissão de jornalismo e também exerce a de ator, a Elisa Lucinda, mas a Elisa eu não sei se atuava tão politicamente na época, mas era uma figura importante dentro do movimento cultural, ela sempre foi atriz e continua sendo a atriz. E eu não consigo mais lembrar de ninguém que continua sendo ator, assim atriz e ator, o Felisberto que também tinha uma atuação, mas dentro da questão do teatro ele continua ele dá aulas de teatro ele se formou em engenharia e hoje ele é professor de teatro da USP. Eu acho que ós continuávamos, até porque eu acho que a arte que todos nós temos, essa coisa da arte ligada a gente, mas parece que a gente vai estimulada a pensar que você fosse improdutiva, porque a arte não rende dinheiro, e as famílias, elas não estimulam, eu acho que eu, ao contrário, sempre soube que era atriz, eu não seria outra coisa, não saberia ser outra coisa que não artista, nunca pensei em mudar a minha profissão, e fui extremamente estimulada a seguir dentro da minha profissão, mas eu lembro de poucas pessoas que continuaram dentro da profissão.

PF: Até que ponto a reabertura do Diretório Central veio ajudar a manter essa efervescência cultural lá dentro da universidade? Houve algumas ações mais marcantes nesse período?

MB: Eu acho que o DCE era bem aberto essas questões, inclusive porque se percebia que nesse momento a gente precisava falar em outra língua até para ser ouvido, como eu

já comentei. O DCE era muito forte, muito poderoso, tinha pessoas extremamente e vinculadas à questão cultural, política, tanto é que hoje muitas pessoas que passaram por aquele DCE de uma forma ou de outra estão num mundo político. Eu sou feminista, milito, sou militante, o Claudino (Antônio Claudino de Jesus), milita em outra área que é o cineclubismo. Sabe, acho que todos nós que seguimos nisso sim, eu acho que as pessoas, a grande maioria continua dentro da política de uma forma, ou de outra dentro do Estado ou dentro do movimento organizado, do movimento civil organizado, eu acho que todos continuam envolvidos com política, todos ainda querem mudar o mundo seja le no conceito que for, mais todo mundo ainda quer mudar o mundo. E o DCE era muito forte, eu fui na abertura da UNE em Salvador, e eu lembro, nossa, foi emocionante. Eu já naquela época me sentia privilegiada de participar de momentos históricos tão importantes para a vida política nacional, e até da nossa cidade, nós participamos dessa abertura e foi a chapa Unidade que ganhou, e eu como anarquista eu não fiquei triste de jeito nenhum, eu acho que a gente tem como participar, não da direita, de jeito nenhum, mas da esquerda. Você encontra formas de participar e eu participei.

PF: Fale um pouco sobre a questão das mulheres, da participação das mulheres no movimento estudantil e no cultural. Havia um número expressivo de mulheres participando? Havia uma reflexão sobre a questão do papel da mulher dentro da arte, da cultura de um modo geral e da política?

MB: Não, olha eu acho que essas coisas partem de uma necessidade assim, eu sempre escutei desde pequeninha que eu era feminista, isso nunca me incomodou, nunca me incomodou e eu escutava dentro da minha família, eu escutava na escola, eu escutava na universidade, o DCE as pessoas da Unidade adoravam se referir "ela é feminista ela é feminista" e eu não tinha acesso as teorias, não tinha, eu sabia que existia coisas erradas, que a dominação masculina era absurda, que a violência contra a mulher era absurda, que até dentro das artes as mulheres foram impedidas de atuar no teatro até o século XVIII quase XIX, os homens eram treinados para ter voz, gestualidade de mulher, então isso, tantos equívocos já me perturbavam naquela época, eu morava numa rua de classe média e eu tinha uma grande quantidade de vizinhas que sofria violência dos maridos, e tudo isso eram questões muito fortes para mim e desde de muito pequenininha, fui criada numa família matriarcal, de mulheres muito fortes que são referência para mim,

foram uma referência desse mundo feminino, e eu naquela época não tinha, hoje eu sou militante, estudo, vou atrás da minha tese de mestrado na Usp, na ECA em artes cênicas, ela recupera essa história das mulheres, das personagens femininas, mas na época eu sabia que eu era feminista, eu sabia que essa questão da dominação me incomodava, que para mim era um absurdo, mas eu não tinha ainda acesso a todo movimento feminista que São Paulo já tinha de certa forma, a Europa e os Estados Unidos já tinham as feministas, eu tinha acesso à informação mas não a teoria de fato.

PF: A senhora tinha algumas companheiras dentro do movimento cultural que tinham essa reflexão também, ou a senhora era uma espécie de andorinha solitária fazendo verão?

MB: Eu acho que... Ah! Eu esqueci de uma grande atriz companheira. que é a Euça Gil, que é uma puta atriz, que atuou dentro do movimento, para mim uma das melhores atrizes, e ela tinha uma reflexão talvez não tão grande, a gente não era, a gente não tinha acesso a tanta informação dos movimentos na Europa, Estados unidos a não ser a forma como a mídia colocava, que desqualificava e ridicularizava, e isso não me atingia de jeito nenhum, mas Euça Gil era uma companheira que pensava de uma forma próxima. Eu acho que eu era meio uma figura, era respeitada, nunca fui desrespeitada, dentro das minhas idéias, mas eu não tinha grandes companheiras feministas não, tinha companheiras mas de assumir esse feminismo não, eu acho que eram até mais a questão das mídias em relação ao feminismo, foi muito cruel, desvirtuou, desqualificou e roubou o significado do que é ser feminista. Hoje a gente ainda luta para recuperar o nome que foi perdido, que foi deformado, e o feminismo não é nada mais que defender seus direitos, as mulheres que se descobrem tão importantes, tão úteis a sociedade, tão fortes quanto os homens e não é uma questão de ódio, é uma questão de amor, as mulheres que gostam das outras mulheres, e que respeitam as outras mulheres que gostam e que amam a humanidade, e por isso querem ver um mundo mais harmônico, e só vai ser harmônico no dia que as pessoas perceberem que homens e mulheres não podem viver uma relação de dominação, as mulheres não podem viver violência cotidianamente, e isso era uma coisa anterior, era uma coisa que eu acho que desde pequenininha eu assisti muitas cenas de violência, e isso me fez ter certeza de que o mundo não poderia ser com essa crueldade toda. Hoje eu acho que as pessoas, as universidades, não estimulam

ainda que se desfaça equívocos tão absurdos que a milênios coloca a mulher na condição inferior ao do homem.

PF: A Marli Alves dos Santos no depoimento dela, fala até que o mundo da liderança estudantil daquela militância, da linha de frente, era um mundo mais masculino, tanto é que são poucas as mulheres que assumiam uma posição na representação estudantil formal. Dentro do movimento cultural havia essa questão? Era um mundo também de dominação masculina, que a mulher participava apenas como coadjuvante?

MB: Era, e a Merli e a Marli faziam a diferença nesse setor, elas eram lideranças e eram lideranças muito fortes e muito respeitadas, mas era um mundo masculino, extremamente machista e que a gente abria caminho a cotoveladas, porque se não a gente era engolida. A gente queria fazer a revolução junto, a gente só queria isso, a gente não queria estar na frente, a gente queria estar ao lado, eu acho que é essa percepção e que os homens nunca perceberam, mass era um mundo extremamente machista e masculino, é claro que era da maioria masculina, mais tinha lideranças e eu não posso esquecer da Merli e da Marli que eram pessoas muito fortes a Merli era super forte nesse movimento, era uma liderança talvez uma liderança até com mais visibilidade do que muitos homens que estavam lá na frente com cargos e tudo mais.

PF: O Paulo Hartung participa daquele movimento e aos poucos vai se firmando como uma liderança expressiva, vai se legitimando dentro do movimento estudantil. Como é que a senhora viu essa ascensão dele? Fale um pouco sobre a trajetória do Paulo Hartung na política estudantil.

MB: Eu acho que Paulo Hartung, o Paulinho, ele é incrível. Eu acho que as pessoas sabem um pouco de si, que caminho que elas querem tomar na vida, e elas começam a se estruturar na sua adolescência e de que forma eu vejo o mundo, e como que eu vou me colocar nele, e eu acho que Paulinho ele tinha muita certeza da forma como ele queria se colocar no mundo. Era impressionante eu ficava abismada, com 24 anos, a gente andando por São Pedro, naquelas palafitas, e nossa, a relação dele com o espaço era de poder, assim, era uma coisa, enquanto a gente caminhava ele ia assim: "Eu quero mudar! Eu não quero ver isso deste jeito". Ele tinha certeza de que um dia ele ia mudar

aquele tudo. Então, eu acho que a questão do ser político ele mexe muito com os aspectos estruturais, e o Paulinho tinha uma visão de estrutura. Eu queria uma revolução no campo das idéias, assim eu sonhava em mudar, e sonho em mudar, no campo das idéias, mas a visão de um político é uma visão muito maior em termos de estrutura, e Paulinho ele já tinha sim, ele já tinha toda essa visão de mundo, e extremamente humanizada, chamava muito atenção, tudo nele era político e no sentido positivo porque quando se fala hoje político se fala com significado pejorativo, fazem questão de falar que político é uma coisa que não serve. Mas todo ser é político, o mundo é movimentado a política, não existe quem não seja político. Esse caminho dele eu acompanhei com 24 anos, eu fiz a foto dele de campanha, e na foto ele usava barba e de perfil parecia muito com Fidel Castro e Che Guevara, e todos da campanha falavam: "Não, não pode essa foto", e eu falei: "Mas eu quero essa foto", então ele fala assim: "Então vai ser essa foto", e eu tenho até hoje, é super bonita, e aquela que foi para rua é a que eu escolhi e que ele falou: "É essa então". Eu lembro muito que ele aceitava coisas que pudessem mudar até no formato, na arte, na imagem, o que a gente pode apresentar como novo e sair dessa imagem conservadora que se exige que tenha para até mascarar uma realidade.

PF: Uma pessoa com papel muito importante na vida cultural da universidade da época que foi Antônio Claudino de Jesus. Fale um pouco sobre o Claudino?

MB: Claudino, assim, eu tive uma relação super legal, aprendi muita coisa com Claudino, até porque ele era muito corajoso e muito articulado. O incrível é que ele não foi ser político, ele tinha uma articulação, ele entrava dentro da sala do reitor, e falava com o Penina de uma forma que parecia que ele que era o reitor, e ele era estudante de medicina. Então ele era uma liderança, ele era uma liderança polêmica, era muito polêmico porque as pessoas tinham um puta preconceito por que ele assumia o lado homossexual, ele enfrentou muita coisa, com isso e se fazia respeitar porque é inteligentíssimo, é articuladíssimo e era uma puta liderança que sabia costurar todos os acordos por baixo, era ele quem fazia, ele foi um cara que garantiu muita coisa, até para o próprio Paulinho, e para muitos políticos, ele garantiu muita coisa nessa articulação dele, um cara extremamente inteligente e articulado.

PF: Tem que alguma coisa que a senhora gostaria de acrescentar, que gostaria de deixar registrado sobre esse movimento estudantil e sobre o movimento cultural?

MB: Eu acho que uma das coisas que para mim hoje muito importante é ter vivido tudo isso, é eu acho que nós somos pessoas privilegiadas por ter a oportunidade de ter vivido tudo isso, e eu acho que a minha vida em São Paulo hoje é reflexo disso tudo que eu vivi lá atrás, assim, é memória, se você tem memória você certamente não vai ser dominado. Eu guardo com muito orgulho essa história toda da minha militância , eu sou militante e feminista em São Paulo, isso aqui onde estamos agora é a sede de uma ONG que chama CIM - Centro Informação Mulher, é o maior acervo da América Latina na história da mulher, e tudo o que eu faço aqui vêm desse caminho, vem dessa história que se construiu lá e da oportunidade que eu tive de viver coisas tão importantes, com pessoas tão importantes e tão verdadeiras. Eu acho que se eu tivesse vivido num formato como mandavam, se eu tivesse seguido o senso comum, certamente seria extremamente infeliz, e eu pude com isso tudo que eu vivi em Vitória, dentro do teatro, dentro da universidade, na minha militância, com as pessoas que eu convivi, que eu morei, que eu convivi politicamente, artisticamente, profissionalmente, eu acho que me permitiram viver nessa cidade e de forma totalmente de acordo com a minha visão de mundo, tudo meu tem este conceito. Eu aprendi a fazer valer a minha concepção de mundo em todos os lugares, dentro de um teatro, dentro da minha casa, na rua, numa passeata, dentro de um supermercado, de um banco, tem de fazer valer esse mundo que eu quero, com homens e mulheres iguais, e todos podendo viver de uma forma sem dominação, sem exploração é esse o mundo que eu quero.

Obrigado

Paulo Roberto Fabres

(*) Marta Baião é atriz, diretora teatral, fotógrafa e ilustradora. Ingressou no curso de Artes Plásticas da Universidade Federal do Espírito Santo no ano de 1974 tendo concluído sua formação em 1981. Cursou o mestrado de Artes Cênicas na USP e pós-graduação em Formação Psicodrama na PUC-SP. Atuou no movimento estudantil da Ufes na área cultural do Diretório Acadêmico do Centro de Artes e concorreu a eleição do DCE em 1978 na chapa Bicho de Sete Cabeças. Atualmente, além das atividades

ligadas ao teatro e a fotografia, atua como coordenadora do CIM (Centro de Informação à Mulher), uma Ong feminista que tem sua sede na cidade de São Paulo.

Entrevista realizada em São Paulo em 05 de Março de 2007.

.

Depoimento Marli Alves dos Santos

Paulo Fabres[ii]: Quais foram as motivações que levaram a senhora a participar do movimento estudantil do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo?

Marli Alves dos Santos: Eu entrei no movimento estudantil muito influenciada pela minha irmã Merli, pois ela já estava engajada nesse processo todo de militância, preocupada com as questões da democracia. Eu tinha uma afinidade muito grande com ela, então, ela foi a principal pessoa que me motivou a participar do movimento estudantil a partir das leituras e das discussões que a gente tinha em casa sobre a ditadura militar naquele período. Então, meu envolvimento teve muito a ver com uma forte influência dela na minha formação, nessa parte inclusive de questionar, de se preocupar com a questão da democracia.

PF: Qual era o quadro da universidade naquele momento o movimento estudantil de modo geral dentro da Ufes?

MAS: Quando nós entramos na universidade em 1976 encontramos acho que nada. Existia ali uma série de pessoas que tinham entrado na economia e que era uma turma muito interessante, com o Paulo Hartung, o Neivaldo Bragatto, o Tataca (Taurio Tessarolo), o Perdigão (Paulo Roberto Horta Perdigão), e mais uma série de colegas da minha turma e nós então, rapidamente, tivemos pontos de convergências e começamos a pensar em reativar o movimento estudantil dentro da universidade. Então, na verdade, eu acabei também recebendo influências de outros colegas, e aí a gente resolveu participar de um movimento dentro da universidade. Mas, assim, não é que eu era uma liderança, que eu cheguei fui tomando a frente. Eu fiz parte de um grupo maior e eu tinha uma afinidade com aquilo tudo, eu me identificava, pois eu já tinha uma formação na época do colegial e eu já me interessava, já tinha uma leitura, já lia uma literatura que era proibida naquela época, e eu também tinha influência em casa da Merli que era a pessoa que estava mais engajada nesse processo. Então acabou convergindo em uma série de coisas, e isso para mim acabou vindo meio que naturalmente ali junto com os nossos colegas.

PF: O professor Pedro Mansur chegou inclusive num determinado momento organizar alguns grupos de estudos com a participação de alguns alunos para discutir textos e conjuntura política. A senhora participou dessa experiência? Qual foi o papel que o Mansur exerceu sobre esse grupo próximo a ele?

MAS: O Pedro Mansur também teve um papel importantíssimo nessa época. Foi uma série de aspectos que convergiram para que houvesse aquela explosão do movimento estudantil no CCJE. O Pedro era nosso professor de economia e ele trazia toda discussão do marxismo que ele tinha tido na UNICAMP, e como ele era a pessoa que estava muito próximo dessa discussão do marxismo na economia, ele acabou dando aquelas aulas maravilhosas para gente, e houve uma interação muito forte dele com o grupo que depois foi a liderança do movimento estudantil no CCJE. Ele também foi ficando muito empolgado e, na verdade, havia uma reciprocidade pois ele também encontrava eco conosco, pois estávamos querendo descobrir o mundo, então, houve realmente um ponto de inflexão muito interessante para minha formação, porque eu estava descobrindo o mundo de um outro jeito, e achava maravilhoso ter ido fazer economia porque me possibilitou ver o mundo de uma maneira diferente, apesar de já ter uma preocupação com a questão da ditadura, da democracia no Brasil, etc. As aulas que Pedro dava para gente eram aulas apaixonantes, aulas maravilhosas. Ele começou a trazer de livros, ele gostava muito do Paulo Hartung, gostava demais do Paulo Hartung, e ele acabou comprando e doando uma série de livros que ficavam na casa do Paulo Hartung, e a gente então tinha acesso a esses livros. Foi quando a gente começou a conhecer toda a produção do pessoal da Unicamp, dos economistas marxistas da Unicamp e de outras bibliografias do marxismo inclusive. O Pedro abastecia a gente com livros, e nós também tínhamos os encontros, às vezes num bar, às vezes passávamos uma noite inteira discutido com ele os livros que a gente leu. A gente se reunia muito na casa do Paulo Hartung e também algumas vezes em ambientes como um bar, um café lá no centro da cidade. A gente também fazia muita festa, as festas da nossa turma eram festas maravilhosas, eram festas que tinham na casa da Silvana na Praia da Costa, e ali também eram momentos de confraternização que também propiciavam essa discussão das questões filosóficas do mundo naquela época. Se tem uma coisa que para mim foi importante era que nós conciliávamos muito essa coisa da vida, do bem, dessa celebração. Nós fazíamos muita festa, nós juntávamos muito o

grupo da nossa turma e agregávamos outras pessoas de outros semestres, de outros anos da faculdade, então a gente fazia uma coisa alegre e agradável, e nisso Pedro ajudou muito.

PF: Naquele momento o movimento estudantil ainda quer dizer a participação do estudante na vida política era cerceada existia 477 em vigor, havia uma assessoria de segurança e informação dentro da universidade com Alberto Monteiro. Até que ponto essa repressão cerceou, limitou ou exerceu alguma influência dentro das estratégias do movimento estudantil?

MAS: É óbvio que isso limitava. Limitava porque nós tínhamos medo, quer dizer, eu tinha medo. Tinha medo, pois, por exemplo, muitas das reuniões que a gente fazia eram sigilosas, então, isso inibia de certa maneira, mas por outro lado também era um motivador, quer dizer, era uma coisa que o considero de dois lados porque ela também nos fazia ter alguma utopia, uma meta de transcender aquilo tudo, de conquistar um futuro melhor, então você tinha uma limitação das liberdades que nós gostaríamos de ter, mas era ao mesmo tempo uma bandeira que nos impulsionava a romper com este cerceamento da liberdade.

PF: E quais eram assim as principais bandeiras do movimento estudantil tanto as que se referem às questões internas da universidade quanto as mais gerais?

MAS: A gente se pegava muito nas questões relativas às liberdades democráticas, mas a forma como a gente fazia divergia muito dos outros grupos de esquerda. O que nós fazíamos era batalhar por questões mais concretas do nosso dia-a-dia, por exemplo, melhores condições de ensino e a participação nos órgãos institucionais da universidade, e nós éramos muito criticados por isso, então a gente achava que nós tínhamos que melhorar a qualidade da educação a partir da sala de aula, a partir da nossa participação dentro dos órgãos colegiados da universidade, e nós brigávamos por isso e conseguíamos avançar. Eu mesmo fui representante estudantil no colegiado do CCJE, e a gente acreditava que isso fazia diferença, enquanto outros grupos achavam que isso não era importante. Então eu acho que tinha as grandes metas, vamos dizer assim, maiores e mais amplas, mas tinham também questões muito concretas internas da universidade que a gente queria ir conquistando paulatinamente. Talvez fosse um pouco

essa idéia de resultado, isso nos aproximava, vamos dizer assim, da massa de estudantes, porque dava certa legitimidade, e nós não estamos preocupados em só brigar por questões muito estratosféricas, muito distantes, e esquecendo o dia-a-dia do estudante. Então, por exemplo, nós tínhamos como uma estratégia ser bons alunos. A gente tinha uma preocupação em estudar, em ter um bom currículo, participar das aulas, mas também, para ter legitimidade, ser respeitado tanto no conjunto dos alunos e dos professores que nos apoiavam, e nós fazíamos alianças com os professores, e também com os estudantes, com os colegas dentro da universidade.

PF: Você citou que haviam diferentes grupos de lideranças que disputavam espaço dentro do movimento ou que divergiam de suas estratégias e de concepções? Fale um pouco desses grupos?

MAS: Existiam grupos dentro da própria universidade que era do pessoal que estava em outros centros acadêmicos, como o da engenharia, ou que estava em outras faculdades e que faziam oposição frontal e aberta à nossa militância. Nós tínhamos uma posição clara de participar como um movimento mais de massa, de estar mais próximo e de lutar por uma participação mais efetiva dentro da própria estrutura, mas existia então esse movimento que contrapunha essa visão de que você tinha que lutar pelas liberdades democráticas, pois entendiam que não era uma bandeira que levaria a democracia, tanto é que depois de num determinado tempo o nossa liderança foi enfraquecida e outros grupos acabaram assumindo o DCE na eleição que sucedeu a gestão de Paulo Hartung.

PF: O Partidão (PCB) mobilizou algumas lideranças que foram fundamentais dentro do movimento estudantil. Até que ponto ele exerceu influência na pauta do debate e até que ponto ele foi o determinante na definição das bandeiras do movimento? Qual foi o papel efetivo que o Partido Comunista Brasileiro exerceu dentro do movimento estudantil no CCJE?

MAS: Eu acho que foi total. Nós começamos o movimento sem ter essa vinculação direta com Partidão, mas, obviamente, as pessoas que exerciam mais influência política e que nós respeitávamos e acreditávamos por suas idéias já tinham obviamente uma conexão com Partidão. Nós começamos o movimento no CCJE sem ter essa vinculação direta, mas obviamente que tinha essa influência. Depois quando o Partidão foi

refundado no Espírito Santo, em Vitória, a nossa participação como membros do Partidão passou a ser mais orgânica, mais orientada, e ai se deu toda influência do Partidão tanto na parte teórica quanto nas diretrizes gerais da política, de como deveriam ser as grandes metas do partido. Nós todos participávamos disso e levávamos isso, na medida se possível, para dentro da política da universidade, e isso contribui muito para a nossa formação, quer dizer, a minha pelo menos tem muito a ver com esse período em que eu passei a ser uma militante do Partidão. Eu lembro que quando eu fui convidada a participar do Partidão, na minha célula eu era a única mulher do grupo do curso de economia lá do CCJE. Então isso era uma coisa que teve um certo peso na minha vida, e nossa política estava sempre pautada em cima de uma orientação mais teórica e mais aprofundada nas grandes diretrizes da política do Partidão.

PF: A senhora comentou que era a única mulher dentro da célula do partido. No movimento estudantil, principalmente no CCJE, houve a atuação importante de algumas mulheres como a Irene Léia Bossoi, a Deise Lemos, Tereza Colnago, Regina Zanoti, entre outras, quer dizer, havia um grupo significativo de mulheres participando do movimento estudantil. Qual o papel e o espaço que elas tiveram? Comente um pouco sobre isso.

MAS: No caso da representação estudantil primeiro e quando refundamos o partido depois, a participação era de um grupo pequeno, e eu tinha essa participação como mulher num grupo que era predominantemente de homens. Mas obviamente que depois, com o passar dos anos, as mulheres passaram a participar e o Partidão tinha essa política de recrutar outras pessoas. Essas mulheres que você citou, elas todas participaram do movimento estudantil tendo um papel fundamental, não o vamos dizer assim de frente, como uma liderança, que chegava lá na frente das assembléias e colocava as questões, mas que tinham um papel fundamental para influenciar a massa de estudantes pois eram pessoas que eram lideranças nas salas de aula, eram lideranças em outros espaços, então existiam múltiplas possibilidades de tentar recrutar e contar as pessoas para virem para Partidão. Uma coisa que me incomodava nessa época era de fato que apesar de ter esse espaço dentro do movimento estudantil eu sentia que existia uma tensão muito forte em relação a questão feminina ali dentro, então, portanto, eu sentia que existia um machismo muito grande, e isso me incomodava. Acho até que essas mulheres poderiam

ter tido oportunidade de participar mais à frente, mas eram um pouco refreadas até por uma visão mais machista das nossas lideranças masculinas. Eu sentia que a Merli também era refreada, pois os espaços eram mais contidos para que as mulheres pudessem se manifestar.

PF: As mulheres discutiam isso?

MAS: Discutiam, discutiam. Eu lembro que a gente conversava muito e isso incomodava outras mulheres também. Depois, com o passar dos anos, isso foi ficando muito claro para mim, quer dizer, as posturas, as atitudes, etc., eram atitudes machistas de tentar dar mais proeminência para os homens. Então essa questão de gênero que a gente fala hoje era presente. No discurso inclusive, como militantes do partido, as mulheres tinham direitos iguais, teoricamente, mas na prática os espaços que eram dados para os homens não eram os mesmos dados para as mulheres. Acho que isso, de certa maneira, refreou um pouco as possibilidades de liderança que poderiam emergir desse processo, eu acho que isso foi uma dificuldade que nós tivemos nesse período.

PF: Existem registros de mulheres que participaram da diretoria executiva dos diretórios acadêmicos ou do DCE após a reabertura?

MAS: Nós tivemos, por exemplo, no CCJE uma ou outra participando, mas a predominância era dos homens, mas isso não era uma coisa muito fácil, não era uma coisa que, no meu entender, na minha interpretação, na minha percepção, existia certa resistência. Isso não era algo que entrasse como princípio, que se defendia e acreditava. Não era porque tinha certa pressão, porque tinha linha do partido etc e tal. Mas eu achoque esse não foi um ponto só no nosso movimento no Espírito Santo, isso foi uma prática que aconteceu e até hoje ela ainda existe dentro do país. Os espaços para as mulheres ainda é um espaço mais restrito mesmo e embora se tenha hoje um discurso muito democrático, de participação, de igualdade e oportunidades, isso não acontece de fato. É só a gente perceber a proeminência das mulheres que militaram no Partidão dessa época e como que elas estão na política do estado, por exemplo. Então você vê que tem uma predominância gritante dos homens, e eu sentia isso, era uma coisa que me incomodava muito porque eu tive uma formação na minha casa, com o meu pai , e eu fui descobrir isso depois fazendo a minha auto biografia que o meu pai foi o maior

feminista que eu conheci, porque ele tinha uma visão aberta com relação às mulheres, e essa era uma questão muito forte dentro da minha casa. Então eu esperava, e muitas vezes eu acho até que provocava algumas tensões, porque naquela época isso me incomodava. Então poder participar de num espaço democrático na minha casa, o meu pai nos consultava, conversava conosco sobre isso, ele me ensinou a dirigir com 14 anos sempre dizendo que a gente tinha que ser independente, tinha que trabalhar, em fim, tinha todo o discurso dele mesmo naquela época. Então eu esperava que isso também tivesse um certo eco num espaço da política, principalmente no Partidão.

PF: De um modo geral como a senhora via as mulheres na universidade quanto a formação de uma visão crítica em relação ao papel que era reservado para elas? Elas tinham consciência e lutavam contra esta posição secundária ou absorviam o papel que eram atribuído a elas?

MAS: Tinham, tinham essa consciência sim. Nas conversas este assunto emergia, elas tinham consciência dessa posição de ser periferia, de ser chamada para aquelas tarefas menos importantes, de não ter um estímulo e um incentivo para poder romper com os medos, com as inseguranças todas que nós todos temos na condição de mulher. Isso era um pouco mais evidente e até a gente percebia que nas disputas políticas de liderança havia uma certa dificuldade de lidar com as lideranças de maior peso dentro do movimento.

PF: Qual era o ambiente intelectual e cultural da universidade naquele momento? Havia uma restrição muito grande em termos de leitura em geral e vários livros estavam proibidos. Como a senhora descreveria esse ambiente cultural e intelectual entre os anos de 1976 a 1980?

MAS: Na minha percepção era um paradoxo. Nós tivemos um movimento que era muito rico na questão cultural, pois nós tínhamos uma preocupação com diretrizes políticas do movimento e buscávamos e estimular a participação dos estudantes a partir de um movimento cultural, seja através do movimento do cineclube, do teatro ou da semana cultural. Foram desenvolvidos projetos dentro do movimento estudantil que propiciariam essa integração com a comunidade dos estudantes, e isso foi uma estratégia do movimento estudantil porque estávamos debaixo de uma ditadura e se

entrássemos de frente, contrapondo toda aquela limitação e opressão partir de outras questões mais radicais nós nos ficaríamos isolados. Então, como uma estratégia política, era a partir de um movimento cultural, que se mostrou extremamente eficiente, que se dava o processo de conscientização, e eu carrego na memória a contribuição do movimento cultural minha formação filosófica comunitária, pois muitas dessas experiências transcendiam a sala de aula. A sala de aula era limitada por que os professores tinham medo de colocar as questões, com exceção do Pedro Mansur e depois do Izildo (Izildo Corrêia Leite) que veio da Unicamp e propiciou então uma discussão um pouco mais aberta, questionando mais as relações de poder, como que estava relação do país na conjuntura, mas, saindo desse âmbito restrito da sala de aula que era limitador, nós tínhamos então essas possibilidades que o próprio movimento criou, e isso sim atraía os estudantes pois era uma coisa viva, uma coisa alegre e que animava o grupo que estava em descoberta permanente a partir de uma visão da cultura.

PF: Houve uma participação muito grande também em encontros como o ENECO (Encontro Nacional de Estudantes de Administração), SESAC (Semana de Saúde Comunitária), ENEAD (Encontro Nacional de Estudantes de Administração). Comente um pouco sobre essas experiências e o resultado desse contato do estudante capixaba com os estudantes de outros centros.

MAS: Isso foi riquíssimo, pois todos esses encontros nos possibilitavam contatos com estudantes que defendiam e pensavam um mundo diferente, um mundo que pudesse ser um mundo democrático, e foi importante essas conexões que nós tivemos com esses encontros. Nós também organizamos um encontro de economia no CCJE onde convidamos muitos professores da Unicamp, entre eles o João Manuel Cardoso de Mello, o Suplicy daqui da GV(Fundação Getúlio Vargas), o Bresser Pereira, enfim dos extremos da economia desse mundo acadêmico, diferente dessa visão mais conservadora da economia, e isso trouxe para os estudantes uma maior abertura, uma oportunidade de entender o mundo de outro jeito, e isso influenciou inclusive pessoas que depois vieram para São Paulo até porque tiveram esse contato com essas novas visões diferentes. Então eu acho que encontros como SESAC (Semana de Estudos de Saúde Comunitária), por exemplo, que era o encontro em nível nacional promovido pelos estudantes de medicina, mas que todos podíamos participar, como o encontro de

Londrina em 1977 que foi um marco, um encontro cheio de descobertas para todos nós por possibilitar ver outras pessoas de outros estados fadando, discutindo, questionando uma saúde comunitária. Nisso também teve uma importância fundamental o fato da gente não estar isolado, confinado em nós mesmos ali no estado de Espírito Santo, o que propiciou uma abertura, uma possibilidade da gente crescer. Depois que eu vim morar em São Paulo reencontrei pessoas que eu conheci através do movimento estudantil nos encontros no Rio de Janeiro, São Paulo, no Paraná, na Bahia, e essas relações estabelecidas nos encontros estudantis nacionais possibilitou mais tarde que eu começasse a militância no partido também aqui em São Paulo

PF: Um grande marco do movimento estudantil da Ufes dessa época foi a reabertura do DCE, que foi uma bandeira levantada por Joaquim Silva (Quincas) desde o primeiro momento da chapa Gota D'água ainda em 1976. Esta reabertura e dois anos depois com a eleição de Paulo Hartung. Fale um pouco deste processo.

MAS: O que me vem a memória é a reabertura do DCE foi um grande marco porque foi a luta de reconquista de um espaço que não ficou confinada no CCJE, mas que abrangia toda a universidade, e isso demonstrou a força e o crescimento do que nós já tínhamos feito antes, então, reconquistar o DCE empoderou extremamente o movimento estudantil, deu um novo gás e vigor para continuar o movimento.

PF: Qual foi o grupo ou os grupos que bateram chapa na época? Nessa disputa do DCE ficaram claro as diferentes posições existentes entre as lideranças?

MAS: Eu não sei se para as massas ficou claro esse embate ideológico, eu não sei se ele era uma coisa muito visível para o conjunto dos estudantes pois havia mais uma relações com as pessoas, a identificação com as pessoas e o trabalho que se fazia ali no nível micro, nas salas de aula, no dia-a-dia da política estudantil. Essa estratégia, que foi adotada a partir da nossa experiência com o Partidão, essa estratégia de fazer um trabalho que envolvesse a massa não era um trabalho elitista, pois havia uma preocupação de envolver todo mundo, na nossa sala de aula, por exemplo, nós tínhamos a preocupação de envolver todo mundo da sala não com discursos radicais, mas com a atitude de solidariedade, de inclusão daquele grupo que muitas vezes não estava na frente. Por exemplo, nós fazíamos uma coisa interessante que era estudar para as

matérias, virar as noites para depois passar para o resto do grupo da sala. Então tinha uma ligação maior, muito próxima dos colegas, sem discriminação da condição social que muitas vezes você percebia nos outros grupos. Então nós éramos um movimento que pensava em estar incluindo todo mundo. Tanto dentro do CCJE quanto do CBM havia líderes importantes do movimento estudantil que não se colocavam nessa condição mas que exerciam efetivamente essa liderança, líderes de massa, que era o caso do Paraíba, da Merli, do Claudino, isso no CBM, e no CCJE havia uma gama de pessoas como Nevaldo Bragatto e Stan Stein que desempenharam num determinado momento um papel importante, e o Paulo Hartung evidentemente.

PF: Como que o Paulo Hartung foi ganhando ascendência e construindo uma liderança dentro do grupo a ponto de chegar ser o presidente da chapa que ganhou a eleição na reabertura do DCE?

O Paulinho, ele era e ele ainda é brilhante na forma de fazer política e de se identificar com a massa. Ele tinha um discurso e um jeito de ser que se identificava com um conjunto de estudantes. Ele era uma pessoa que conversava com todo mundo, alegre, e que trazia uma experiência com esporte do tempo que ele foi do colegial, então ele trouxe isso para dentro da universidade. Ele também gostava da música, era muito simpático, solidário, generoso e muito carismático e com esses atributos conquistava o coração e as mentes das pessoas. Mas ele tinha isso não só em relação aos estudantes pois tinha uma visão já de longo prazo, tinha os conceitos da política por influência do pai dele que exerceu um papel fundamental, que foi militante do Partidão. O Paulo também mantinha uma relação muito interessante sem confronto, sem ser confrontativa com os professores, conversava e dialogava de uma forma civilizada com as instâncias de poder das instituições na universidade, e era uma pessoa estudiosa, uma pessoa que gostava de estudar, era um excelente aluno, então os professores gostavam muito dele. Então ele acabava reunindo essas qualidades todas isso eu acho que foi trazendo ele, consolidando essa liderança. Era muito inteligente, muito competente no que fazia, tinha essa visão de longo prazo, tinha visão da política e sabia o que queria, então, uma liderança nata, carismática, e foi desenvolvendo muito uma segurança no falar, tinha uma oratória que emocionava. E é uma pessoa que mostrava um companheiro solidário, de ajudar as pessoas, e isso era uma característica dele desde daquela época, então os

atributos que ele tinha que acabava convergindo para pessoas que ele atraía, todo mundo queria ficar perto dele. Nas festas ele também se divertia, gostava de música, da dança então tinha esse outro Lado, não era o tradicional intelectual sisudo não, ele tinha uma alegria, uma pessoa impressionante.

PF: Fale um pouco da relação entre professor e aluno. Era uma relação de confronto ou de cooperação?

MAS: Eu não sentia que nós tivéssemos uma relação de confronto não. Tínhamos críticas a professores com posturas mais opressivas, a professores com menos qualidade quanto ao conteúdo da disciplina, mas nós não tínhamos uma política de confronto aberto. Havia tensões e elas muitas vezes eram superadas de acordo com o que nós achávamos que era interesses dos estudantes a partir dos espaços da própria instituição. Então nós usávamos os espaços formais dentro da organização para poder fazer essas mudanças, então isso era um ponto de divergência com os outros grupos de esquerda que atuavam dentro da universidade. Nisso havia uma identificação da massa, porque a gente percebia que ela não queria esse confronto, o que ela queria era se formar, ela queria ter aulas com qualidade e que garantissem uma boa formação. Nós tínhamos, por exemplo, a nossa turma onde havia algumas pessoas que pertenciam a uma elite com situação econômica privilegiada, mas tínhamos um grande número de pessoas da nossa sala de aula que vinha de uma situação social mais difícil., que já trabalhavam, tinham pessoas que trabalhavam no banco, trabalhavam dando aulas e que já sustentava a família, então essas pessoas gostavam de participar, mas elas não queriam perder o ano, não queriam ficar entrando em greve, não queria confronto aberto que os prejudicassem, então tinha essa consciência, esse respeito, esse tipo de dinâmica.

PF: Essa geração, esse grupo acabou se tornando muito importante na política do estado do Espírito Santo hoje, na vida pública e inclusive em alguns setores da atividade privada. Havia já nesse momento da reabertura do DCE um pensamento desse grupo de entrar para vida pública, para a disputa eleitoral partidária?

MAS: É isso no começo não, mas aí depois disso foi se revelando e no final quando a gente estava se formando havia uma preocupação em transformar o estado, mudar as posições do estado do Espírito Santo, quer dizer, tinham assim projetos individuais,

pessoas com algumas motivações de que pudessem fazer mudanças dentro do estado, isso era uma coisa muito clara, entãoalgumas pessoas que militaram depois continuaram na política com essa intenção de fazer mudanças, de provocar mudanças. Acho que talvez isso não fosse uma coisa muito estruturada organicamente, mas meio intuitivo e que ao mesmo tempo acabou propiciando essas pessoas seguirem este caminho. Da mesma forma que a minha formação, a minha experiência no movimento estudantil e no Partidão determinou de forma radical o que eu fui depois e o meu olhar em relação ao mundo, eu acredito que também aconteceu com essas outras pessoas. Recentemente eu encontrei um grupo da minha turma, e as pessoas, mesmo aquelas que não eram de frente e que não participavam ativamente da militância de frente, eles estavam lembrando a influência extremamente positiva no que se refere a integridade, ao compromisso ético com as mudanças, mudança no país, etc. Acho que isso teve um papel fundamental. E eu vejo o Espírito Santo de uma maneira diferenciada em relação aos outros estados, por incrível que pareça, mas eu olhando de fora, de São Paulo, eu vejo que por exemplo, esse grupo se consolidou como um grupo que está na política e está fazendo uma diferença muito grande, e com uma integridade invejável. Eu acho que se formou uma rede de pessoas dispostas a provocar mudanças profundas e a gente percebe essas mudanças, diferente, por exemplo, do movimento no Rio de Janeiro, que você vê pessoas importantíssimas que participaram do Partidão, mas as ações parecem fragmentadas. O projeto de poder tem que ser organizado, tem que ter pessoas leais no nível da instância de poder, tem que ter pessoas importantes em cada uma das áreas e que juntas conduzam um projeto de mudanças, e eu vejo isso muito claro no Espírito Santo e eu atribuo isso a esse período da história desse movimento.

PF: Você tem algum outro comentário, alguma coisa a mais que você gostaria de falar sobre essa experiência?

MAS: Eu acho que para mim a experiência de ter participado desse período lá no Espírito Santo definiu muito como eu sou hoje e eu tenho orgulho disso. Tenho orgulho dos meus amigos, mesmo não estando em contato permanente e vivendo a distância. Eu tenho muito orgulho das pessoas com as quais eu militei e convivi muito anos e que hoje estão tendo um papel de destaque, promovendo uma mudança que vai fazer diferença, que está fazendo a diferença. Esse é o meu orgulho, ter participado disso, é

uma lembrança da minha vida que eu converso com meu filho, é uma coisa gostosa e fez essa diferença na pessoa que eu sou hoje.

Obrigado pelo seu depoimento.
São Paulo, 03 de Maio de 2007.

(*) Marli Alves dos Santos

Depoimento de Merli Alves dos Santos **

Paulo Fabres: Eu gostaria que a senhora comentasse um pouco como que foi a sua participação no início da retomada do movimento estudantil na Universidade Federal do Espírito Santo.

Merli Alves dos Santos: Bom, a primeira coisa é que para falar do movimento estudantil como uma coisa separada da história do partidão (PCB) já fica muito difícil porque enquanto militante comunista não existia movimento estudantil para gente separado da questão partidária. Nós éramos militantes de um partido que tinha uma orientação no sentido de que cada militantes atuasse onde ele tivesse uma inserção social, então como a gente era estudante a nossa inserção era dentro do universo estudantil, a gente participava e organizava essa coisa que a gente chama de movimento estudantil, mas meio difícil a gente separar as duas coisas, talvez isso seja possível para uma pessoa como milhares de estudantes que também deram uma contribuição enorme para a redemocratização do Brasil e que participaram dessa coisa que a gente chama de movimento estudantil estrito senso, eles não eram militantes de partidos políticos, e nem por isso deixaram de dar uma contribuição muito valiosa, eu não acho que só ajuda a fazer história e mudar o mundo quem tem um corte partidário, eu não achava naquela época. Tanto que muita gente, por exemplo, eu fico surpresa de ter gente que não foi militante do partido e que eu achava que era militante do partido, porque a gente não tinha essa preocupação obsessiva de primeira pessoa que falasse uma coisa mais articulada, inteligente, a gente tem que recrutar, não era isso, a gente acreditava no movimento da vida, em que a gente era uma organização partidária que tinha uma proposta de dar uma contribuição de peso para gente mudar o rumo do país, mas a gente não tinha esse nível de sectarismo, infelizmente como algumas organizações, talvez tivessem no sentido achar que só se deve respeitar o estudante que tenha um engajamento partidário, não é bem assim. Então só para explicar como fica difícil separar as duas coisas. Bom, mas então, como é que a minha entrada nesse chamado movimento estudantil na verdad,e como é que foi a minha entrada nessa trajetória de militância política? Foi mais ou menos o seguinte: o CEDOC que é o marco da história

acha que a gente pode pegar esse momento da história, que é bem significativo, pontual e de referência, inicia uma grande referência o XXX da um título muito interessante "O ano que não acabou" de 68, acho que foi muito feliz ao escolher esse título para nomear o ano de 68. Então em 68 eu tinha 15 anos eu estudava no Colégio Estadual lá em Vitória. O que que acontecia? Acontecia que tinha há um grêmio estudantil, e eu estava começando a me aproximar desse grêmio, tinha uma liderança nesse grêmio, estudantes que faziam movimento, e discutiam e organizavam discussões com os estudantes, eram estudantes naquele colégio, e não que eu estou fazendo movimento de me aproximar desse grupo, estamos e 1968 e então, de repente, na primeira greve a polícia invade, aquele colega que eu tinha conversado no dia anterior eu vejo ser enfiado num camburão, e foi aquele caos, foi o furacão e o grêmio foi desarticulado. Então, na hora que eu ia começar uma participação mais organizada, nesse recorte da luta estudantil isso não existia. E eu me lembro que eu e alguns colegas ficamos perplexos, meio que órfãos, as lideranças ou foram presas ou foram se refugiar num lugar porque estavam sendo caçados. A gente andava pelo pátio da escola e tinham uns cartazes: "Procura-se..." um professor, ou um primo de uma professora, um primo de um amiga. A gente começou a ver aquelas pessoas que a gente conhecia como lideranças estudantis, e o que a gente conhecia como lideranças da universidade da engenharia, do centro tecnológico, da medicina que tinham lideranças importantes naquela época, à gente começou a ver as fotografias daquelas pessoas naqueles cartazes de procura-se, não era vivo ou morto, mas lembrava um pouco o vivo ou morto do faroeste americano. Bom, então esse era o cenário quando comecei, quando eu tinha quinze, dezesseis anos. O clima de medo começou a invadir o ambiente do secundário, do colegial, era difícil conversar, todo mundo começou a desconfiar de todo mundo. Já em 68, a gente começou a falar pelos cantos do pátio, e as prisões acontecendo, o grêmio desarticulado. As lideranças da universidade estavam sendo caçadas, presas, aí vem 1969, vem 1970 e em 1970 eu me lembro que um jornalista da "A Gazeta" de Vitória. Como que ele se chama? Jorge Luiz de Souza. Não. Que era meu colega de cursinho de medicina no Colégio Americano, ele era jornalista, uma pessoa que eu gosto muito porque ele foi muito corajoso, ele resolveu não sei em que espaço de tempo no jornal, mais ele se sentiu voz suficiente para ousar e fez uma entrevista com estudantes secundaristas para saber o que eles achavam, o que andava acontecendo no Brasil, e ele me convidou para falar nessa

entrevista, eu fui uma das entrevistadas. Essa entrevista foi um XXX muito grande porque veio a público, e aquele policial famoso. como é que ele chamava? Alberto Monteiro, o Alberto Monteiro ficou na cola dele, queria as fitas das entrevistas, queria os nossos endereços porque ele não colocou fotos e não colocou os nomes, XXX, só sei que foi uma discussão muito grande, e essa entrevista ela deu o que falar. Mas a gente tentava, até com um grupinho de cinco pessoas que faziam colegial, que faziam cursinho, a gente tentava discutir as coisas e não conseguia. Então, de repente, eu entro na universidade em 73, e em 71 e 72 eu namorava uma liderança do movimento estudantil que era ex-presidente do diretório acadêmico de medicina, eu comecei a namorar uma liderança expressiva do movimento estudantil, liderança essa que estava sendo caçada, estava um pouco desarticulado. Mas tinha a hegemonia no Epírito Santo o PC do B, era PC do B quem tinha hegemonia, tinha o Marcelo, Marcelo que era casado com a Miriam Leitão, Marcelo Neto eu acho, Marcelo, Marcelinho lá de Vitória. Então tinha o Marcelo, esse rapaz que eu não namorava era o presidente do diretório acadêmico da medicina, então eu participava das conversas e via coisas muito temerosa, porque eu vi que eles estavam todos muito temerosos, eu senti o clima, eu via aquela circulação, aquelas discussões. Essa liderança foi substituída por uma liderança lá na medicina que era o Marcelo, na universidade a Miriam Leitão, tinha a Bete Madeira, um grupo grande da medicina de que eu fiquei mais próxima, minha amiga Bete, casada com Rogério Medeiros, Madalena, Guilherme, quer dizer era um grupo de liderança, um que fez anestesia, ficou preso muito tempo, enfim, umas lideranças da medicina com quem eu convivia antes de entrar na faculdade. E eu ficava ouvindo aquelas coisas todas e passei a ter acesso a um material, que era um material da militância do PC do B. Até então eu tinha aquela minha formação humanista e estava muito confusa na verdade, porque como eu passei pelo colegial e não tive a possibilidade de participar de discussões organizadas, e as informações eram muito truncadas na minha cabeça. Eu só tinha um sentimento muito grande de rebeldia com relação ao que estava acontecendo por conta das minha formação humanista, das minhas leituras, das minhas discussões isoladas, mas era uma coisa muito isolada, eu não participava de nada organizado, e de repente eu começo a perceber um esboço de uma coisa organizada, de um pensamento mais estruturado em termos não só de se discutir a dimensão do que era a vida dos estudantes, mas o que era uma proposta de sociedade. Tomei conhecimento da proposta

maoista, o que que estava acontecendo na China, fiquei muito curiosa, querendo saber, mas eu ouvia tudo aquilo sem integrar a discussão de uma forma organizada, e essa liderança toda foi decepada, as prisões, o 477, tudo isso foi violento no Epírito Santo. O DCE foi fechado, todos os centros e diretórios acadêmicos foram fechados, essa liderança ou foi presa ou ficou no recuo absoluto. Vitor Buaiz também nessa época foi preso. Então, aí eu entro na faculdade de medicina no momento em que não tinham organização nenhuma dos estudantes, e as informações que eu tinha, do ponto de vista de uma proposta partidária, proposta de modificação mais profunda mais radical da sociedade brasileira, era uma proposta na verdade ligado ao PC do B, mas eu por "ene" razões eu resistia um pouco, apesar de ter um profundo respeito, eu resistia um pouco porque ao mesmo tempo em que eu comecei a tomar conhecimento disso eu comecei também a tomar conhecimento de que existiam cisma entre os comunistas, e que tinha outro grupo de comunistas que era só comunistas do chamado Partidão, e aí eu fui querer conhecer essas propostas. Então, eu meio que sozinha, comecei a cutucar aqui, cutucar lá, e tive acesso a uma literatura que começava a colocar as diferenças dos partidos políticos, as diferenças de propostas de um que era centrado no modelo soviético, e outro que era centrado no modelo chinês, era os dois grandes modelos, embora também nessa época eu já toma-se tivesse tomado conhecimento contato com pensamento trotskista que eu achei extremamente interessante. Eu me lembro que a primeira vez que eu li a Rosa de Luxemburgo eu fiquei encantada, e mesmo algumas coisas do Trotski que eu li, mas era muito era um conhecimento muito supérfluo que eu tinha desses grandes intelectuais do movimento comunista internacional, minhas duas grandes referências que forçavam a minha cabeça a um posicionamento era na verdade com relação à proposta do Partidão e a proposta do PC do B. O PC do B tinha um trabalho muito bonito, muito grande no Espírito Santo, lideranças precisas e muito respeitadas, e o partidão também tinha, só que no momento em que eu começo a tomar conhecimento que partidos existiam e tinham uma propostas que achava interessante, no momento em que eu comecei a cutucar para me aproximar das pessoas que formavam esse partidão Espírito Santo, eu percebi que eles estavam muito recuados, eles estavam muito amedrontados, pois a caça aos comunistas no Espírito Santo estava muito aguçada neste momento, e eu o que eu fiz quando entrei na faculdade de medicina, a primeira pessoa com quem eu conversei sobre política, foi o Claudino (Antônio

Claudino de Jesus) que era meu colega de turma. Em uma aula eu fiz um comentário, ele rebateu, e nós fomos para fora da sala e começamos a conversar. Mas ele foi o meu primeiro interlocutor porque a gente tinha medo de conversar política, ele também tinha, depois me confessou, e a gente desabafa, vamos supor, porque a gente fez um comentário político sobre uma... poxa a gente descobriu o quanto a universidade com esse nível de problemas que a gente encontra aqui. Aí ele falou assim: "É eu estava pensando a mesma coisa. Vamos tomar um café? Aí começamos a conversar:" Você viu, está faltando isso, ta difícil aqui. Como é esse negócio?" Quer dizer, às nossas fantasias começaram que meio que ser ... a realidade começou a se impor, aí a gente foi começar a entender por que os estudantes construíam um movimento, eles tinham coisas concretas que os estudantes precisavam fazer face. Bom, então, eu entro na faculdade de medicina sem pertencer a nenhuma organização ao menos com o conjunto de idéias como milhares de outros estudantes, e que tinha uma formação democrata e tal. Bom, eu entro na universidade, e aí eu tomei contato com partido comunista numa minha vinda a São Paulo. Eu fui para o Rio de Janeiro passar férias e eu dei um pulinho em São Paulo, fui assistir a um debate, um debate organizado pelos estudantes de medicina da USP. Eu já era da faculdade de medicina e conheci o Davi Capistrano e vi esse debate, ouvir falar em XXX e aí, foi por aí que eu achei o partido de forma organizada, pelas mãos do Davi Capristano. Comecei a conversar com Davi a trocar idéias, então meu vínculo a minha referência de partido comunista passou a ser São Paulo embora o Rio fosse mais próximo, mas a minha referência passou a ser São Paulo, e aí eu comecei a namorar um paulista, o Laerte, cartunista, que também era do Partidão. E por aí eu comecei a ter contato então com material que o partido tinha, quer dizer, "A voz Operária" e outras publicações. E o mais interessante é o seguinte, eu estava no Espírito Santo e percebi pelas conversas que o partido tinha sido completamente desarticulado no estado, desarticulado como PC do B também tinha sido, estava todo mundo, quem não caiu na clandestinidade estava na semiclandestinidade, porque o negócio estava pesado mesmo em 1973 com o Médici. Então, frente a isso, eu mesmo percebi sem que fizesse necessário que ninguém me explicasse, eu percebi somando A com B que o melhor era tentar contato com esses companheiros, era tentar fazer o que fosse possível fazer, onde eu estivesse à orientação do partido era essa, não adianta a gente ir trabalhar em fábrica que tinham organizações que tinham esse tipo, que com todo respeito essas propostas

que os militantes, das pessoas que se ligasse a determinadas organizações de esquerda, a orientação dos seus grupos, das suas direções, era no sentido de que eles fossem virar operários mesmo. Assim como tinha muito um viés do PC do BC no sentido de que, fruto um pouco da revolução cultural chinesa, de que o revolucionar deveria virar um camponês, era a única forma de um revolucionário de fato fugir às tentações do pensamento burguês etc. e etc. Assim como os maoistas tinham essa concepção de que um revolucionário tinha que na verdade ser um camponês puro, digamos assim, o outro modelo, se embasava no modelo mais de desenvolvimento industrial e econômico, rumo ao socialismo mais nos moldes soviéticos. Muitos companheiros de outras organizações achavam que não tinham que estar na universidade, ficar na universidade era apenas um gancho, porque na verdade tinham que trabalhar como classe operária, literalmente, virar o operário e essas coisas. Nós não tínhamos essa orientação, a orientação do partido era no sentido que a gente, mesmo reconhecendo que a vanguarda da sociedade, quem tinha o potencial para fazer uma mudança radical na sociedade eram os trabalhadores, a chamada classe operária. A gente não tinha que fingir que a gente era operário para contribuir com essa revolução, a gente tinha que atuar onde tivesse. Então o meu pedacinho, que me tocava da minha pequena contribuição era enquanto estudante. Então enquanto estudante, o que for fazer? Sei que aí pode parecer surpresa, mas nunca ninguém sentou comigo para dizer: "Olha, você é um militante organizada, aqui sua carteirinha, seu número é esse, e você faz isso, isso e isso, cumpra a sua tarefa, volta aqui." Não tinha isso, isso é uma coisa muito interessante, o partido não podia nem se permitir fazer isso nessa época, a gente tem que entender que a gente tinha um comitê central que estava no exílio, e as direções que estavam tentando se reestruturar nos estados elas mal davam conta das tarefas dos seus próprios estados. Então não tinha ninguém se deslocando para o Espírito Santo para ficar ajudando. Primeiro porque é as coisas estão começando lá, estará plantando uma sementinha muito pequenininha no movimento estudantil. Bom, então não tinha isso de ninguém dizer que tarefa vai fazer. O que tinha era uma vontade grande de mudar as coisas, e que eu percebi que não era só minha, que era do meu colega de classe que também estava insatisfeito, mesmo que não tivesse querendo mudar não só as condições concretas da universidade, as condições de ensino, melhorar as condições de ensino, mesmo, que ele quisesse só isso, não quisesse como eu um pouco mais que isso, um pouco não, bem mais do que isso porque nós

tínhamos um sonho grande mesmo, nosso sonho de uma sociedade onde a gente elimine as injustiças. A gente tinha uma proposta de uma sociedade socialista, mas eu percebia que isso não importava, o que me importava era que me unia ao conjunto de estudantes da minha classe, da classe ao lado, do curso da economia, do direito. A gente tinha primeiro essa coisa fantástica que o jovem tem que é uma rebeldia inata, a gente não aceita, sabe, uma ditadura na cabeça, não aceita, jovem nenhum aceita, o jovem é o guardião da liberdade porque é um momento da vida da gente que a gente não tem rabo preso com nada, a não ser com os nossos sonhos, também eu acho que esse momento especial da vida da gente faz com que a gente desafie mesmo.

PF: Quem mais além do Claudino foi o primeiro núcleo?

MAS: O Claudino foi meu primeiro interlocutor que eu falava essas coisas, mas do ponto de vista da gente se organizar e participar foi bem depois.

PF: Como que foi?

MAS: Foi bem depois. Então, assim, o que passou pela minha cabeça naquele momento, é que tem um monte de estudantes aqui que pensa a mesma coisa, que eu está de saco cheio dessa censura horrorosa, das condições de ensino e do clima geral, clima de sufoco, clima cinza, a gente não pode escolher o filme que vê, a gente não pode escolher a música que quer ouvir, e eu não aceito isso e um monte de gente não aceita, então nós vamos começar desafiando isso daí. O que eu pensava? A partir do momento que a gente se reúna a gente já está começando a vencer o medo, quem se reúne para discutir o último filme de Joaquim Pedro de Andrade ou a peça do Chico foi censurada fazendo um debate cultural vai ter que discutir a situação política desse país, então eu acho que pela via do fazer concreto das coisas ligadas ao cotidiano é que a gente se dava com política não tinha que ter uma receita prévia um pacote para enfiar na cabeça de estudante nenhum, as coisas tinham que surgir com naturalidade. E o que eu fiz foi isso, foi criar condições, organizar uma semana científica, uma semana cultural. Tinha o movimento do cineclube, o Niltinho, solitariamente lá na odontologia, estava tentando organizar um cineclube na faculdade odontologia do centro, e um dia eu fui ajudar ele a colocar um filme lá e fiquei vendo, estava lotado, tinha aquela secura dos jovens para se juntarem para ver o filme, então tinha essa ânsia pelas coisas do mundo da cultura, pelas

coisas do mundo da ciência e pelas coisas do mundo da política que estavam tentando evitar que a gente participasse. O que eu fiz foi começar a organizar espaços e chamar as pessoas que eu percebia que se interessavam para fazer essas coisas juntos. Inclusive na primeira semana cultural no teatro, assim, indo conversar com as pessoas que eu conhecia da Fundação Cultural, contando com pessoal, e aí foi um sucesso, as pessoas queriam mais. E aí fomos discutir diretório acadêmico, e de repente organizamos uma chapa com Aloísio Falquetto, que é uma pessoa maravilhosa, um democrata radical, de uma coragem incrível, e ele foi o primeiro presidente do diretório acadêmico depois que ele tinha sido fechado. Então organizamos, retomamos o diretório acadêmico da medicina, mas assim, não tinha nenhum partido falando, faz isso agora, faz aquilo não.

PF: E quem era as pessoas que estavam envolvidas nessa organização dessa primeira chapa, a chapa de reabertura?

MAS: Só nós mesmos, eu mais as pessoas com que a gente foi conversar. Ninguém, não tinha partido nenhum.

PF: Sim, mas quem são essas pessoas?

MAS: Aloísio Falquetto, e tinha umas figuras até estranhas, por exemplo, tinha um menino do diretório acadêmico que era da minha turma, que todo mundo dizia que ele era policial, eu não sei se é verdade, mas eu me lembro que ele disse que ia parar de participar do diretório acadêmico porque estava com problema de grana e ele não estava recebendo nada para isso. Quer dizer, era uma coisa muito disforme, não tinha nenhuma discussão política, era um bando de estudantes querendo se organizar para discutir na sala de aula umas coisas elementares, enfim, tudo nasceu muito naturalmente, essa coisa de uma militância partidária e de ter uma discussão mais ideológica, ela veio na medida em que as questões foram sendo colocadas. Eu me lembro que eu não tive a menor pressa de sair recrutando ninguém, e quando as outras organizações começaram a ver que tinham encontros disso, como vocês fizeram lá (referindo ao CCJE) sem ter partido nenhum orientando, você, Chicó e mais o Quincas e outras lideranças, vocês também começaram a organização sem ter nenhum partido por trás organizando vocês. Então foi assim também que a minha militância partidária se deu. Um bando de jovens querendo participar, e com direitos de definir as coisas que queriam em volta, que queriam em seu

entorno. E lá na medicina por onde partidão entrou através da minha pessoa de uma maneira mais organizada, foi também no mesmo molde que vocês lutaram que era discutir as coisas concretas que os estudantes estavam interessados num dado momento. O que acontecia era que, cada vez que a discussão política possibilitava através de um artigo, eu me lembro que uma vez eu estava na porta do RU e o Paraíba (Ildeberto Muniz de Almeida), estava com uma "Veja" que publicou uma matéria falando era hora de discutir política. Então, com algumas pessoas, sempre que se tinha oportunidade a discussão avançava um pouco mais, mas sem falar sobre o partidão, "se você quer entrar para o partidão", não era assim, eu não acreditava nessa fórmula, eu achava que as pessoas tinham que começar a fazer política, a discutir, que elas de repente iam começar a perceber que existiam as estruturas organizadas, partidárias, que eu era de uma delas e se elas quisessem seria muito bem-vindas, mas eu nunca saí recrutando a torto direito, nunca tive essa preocupação, as coisas foram acontecendo naturalmente. Eu vinha a São Paulo, participava das reuniões partidárias, discutia, pegava material voltava para trás e chegava lá e deixava as coisas acontecendo. De repente, depois de uns dois anos, um ano, as coisas já estavam acontecendo no diretório acadêmico, acontecendo nos outros centros estudantis, porque para a organização da semana cultural vinha todo mundo, com um a gente, discutia que precisávamos retomar a representação no conselho universitário onde a gente não participa, então as coisas iam naturalmente, não era assim sabe: "olha, nós do partidão vamos tomar de assalto e reorganizar o conselho", não era assim: "olha nós do partidão agora vamos abrir o DCE", não é assim, as coisa foram acontecendo. Eu acho que uma das características do movimento do Espírito Santo, que eu acho interessante, foi bem essa na nossa estrutura, que eu acho que fez o partidão crescer muito, e ter uma base mesmo no meio de estudantes e depois quando a gente saiu para outros setores sociais. Eu acho que a gente tinha muito essa postura de deixar as pessoas descobrisse a política no movimento da própria política, no fazer políticas elas se viam mergulhadas na política, e quem faz política de repente descobre que tem instâncias de fazer política, e uma delas é uma instância partidária. Então eu me lembro que a primeira coisa, antes de discutir o partido com os companheiros da militância estudantil, ainda era tudo estudantil lá no Centro Biomédico, eu me lembro que a primeira coisa que me ocorreu é que a gente para avançar na discussão ideológica precisa fazer um grupo de estudos. Então, no fim de semana eu sugeri que a gente fosse

estudar Gramsci, que era minha paixão, então vamos estudar Gramsci para a gente entender, por que eu me lembro que nas leituras todas que eu fiz na minha militância, uma das coisas que realmente foi um choque na minha cabeça, foi eu descobri o Gramsci, principalmente quando ele falava do papel do intelectual na organização da revolução, e quando ele falava do papel dos extratos de classe média, e essa é uma grande discussão que existia naquela época entre as esquerdas. Qual que era o papel e como dar uma contribuição mesmo sendo que todos nós estamos vindo de um extrato pequeno burguês? Essa discussão ocupava a minha mente, ocupava os debates. E então eu achava muito interessante como é que ele e o Palmiro XXX tinham colocado os italianos em geral, mas, sobretudo o Gramsci. Então eu me lembro a primeira proposta que eu fiz para Fernandão (Fernando Herkenhoff), Geraldo (Geraldo Correia), Lauro (Lauro Ferreira Pinto), Claudino (Antônio Claudino de Jesus) e Adauto (Adauto Emmerich) para juntar um grupo lá. "Então como que é?" "Então vai ser lá em casa, vai ser sábado". Sábado à tarde estávamos nós lá discutindo o Gramsci, o texto do Gramsci, e depois a surgiram outros textos, e a gente começou a discutir e num dado momento deu para perceber quem é que estava mais avançado na discussão ideológica. Foi nessa hora que eu fiz o primeiro movimento no sentido de recrutar-los para o partido, e fiz de uma maneira inclusive que depois foi criticada por um companheiro de São Paulo, pois para ele eu tinha que passar por um rito e eu não sabia nem como é que era esse negócio, esse ritual, porque como não foi recrutada oficialmente não estava muito preocupada com isso. Eu não sabia nem direito como é que era isso e aí no que eu achei que já tava na hora de ter uma discussão sobre partido com algumas lideranças no meu em torno eu me lembro que eu chamei, eu coloquei para a direção, para um companheiro que se ocupava do movimento estudantil aqui em São Paulo, ele designou alguém para ir a Vitória, porque eu falei: "Oh, tem lá um grupo que a gente precisa recrutar, e eu preciso de ajuda porque eu não sei nem como que faz isso." Foi assim mesmo, eu acho linda essa parte da nossa militância, as coisas fluíam, não tínhamos nada de stalinistas entendeu, era uma beleza, não tínhamos nada de stalinista. Eu lembro que esse companheiro foi a Vitória e a primeira coisa que ele falou é que ele estava surpreso, e que ele nunca tinha visto recrutamento assim, em bloco, por questões de segurança. Eu fiquei meio sem graça. Mas aqui em Vitória as coisas são diferentes, vamos lá. Foi então que o primeiro grupo formado por Claudino, Lauro, Geraldo,

Fernandão, me desculpe se estou esquecendo de mais alguém. Aí eles foram para a primeira discussão sobre partido e então foi colocada a questão da organização partidária, mas já tinha um monte de lideranças. Não foi um ano depois não, foram dois anos depois de começar que o movimento em si, sem o corte partidário, de partidão ou de quem fosse. Eu estava muito tranqüila porque não tinha ninguém, não tinha concorrência, digamos assim. Acho que isso que deu uma certa tranqüilidade de ver que as lideranças com quem discutia não tinha ninguém ali sabe, querendo roubar, digamos assim, a liderança que a gente estava trabalhando para facção, para o grupo tal ou grupo tal, facção tal, não tinha, e também eu não tinha muita essa preocupação. Inclusive, de vez em quando alguém vinha comentar que o MR8 sentava discutindo, que o menino do MR8 ia para Vitória e chamava um monte de estudantes, faziam reunião, e eu ficava sabendo, os trotskistas iam lá, o PC do B foi lá, todo mundo foi ao Espírito Santo porque o Espírito Santo começou a chamar atenção, mas eu estava muito tranqüila porque eu falava: "Olha é na discussão do concreto que a gente vai ver." E se alguém achar que é do outro grupo, vai. Eu não tinha isso, de reserva de mercado sempre achei isso uma coisa ridícula, eu tinha essa tranqüilidade por conta da experiência pessoal. Eu deveria ter sido uma cria do PC do B e, no entanto, eu acho que é que nem religião sabe, assim, eu nasço na igreja católica e de repente alguma coisa na minha alma me diz que aquele ritual não bate com a minha personalidade, aí eu me adapto mais ao ritual, ao modo de adorar a Deus como os batistas fazem, então, eu vinha de uma religião, de uma participação religiosa, a minha família era protestante eu tive esse aprendizado. Aliás, quando eu era muito criticado pelos meus companheiros, quando eu tinha embates políticos com os meus companheiros de partido eu me lembro que eles diziam: "Merli você não é marxista, você é cristã." Eu dizia: "Porque não, eu posso ser uma cristã marxista, não vê lá o PCI. Qual que é o problema? O partido é laico." Porque tinha coisas que eu dizia que não tinha descoberto com Marx e tinha descoberto com Jesus, ora eu aprendi algumas coisas sobre a realidade humana, essas coisas com um tal Jesus, quando eu era criança o Marx só me ajudou a entender como é que é que eu mudo essas coisas, e luto por esses princípios. Não me venha querer me bagunçar não, porque eu não tenho nada contra ser cristã. Mas então, como eu não entendia quando era criança e essa coisa de por que é que o jeito que nós adoramos Deus era diferente dos batistas, eu ficava muito incucada com as diferenças, porque todo mundo fala do mesmo Deus e

tem 200 igrejas. Como é que é isso? Dava um nó na minha cabeça. Aí quando eu fui ser militante partidário ficou mais fácil de entender porque que todo mundo não ia ser do partidão, porque tinha que ter o PC do B, porque era natural ter oito, o MR8. Inclusive a gente tinha essa prática de política menos sectária no Espírito Santo com relação aos outros grupos políticos. Mas então foi assim, isso de recrutar gente para o partido, está na hora de recrutar e dar uma formatação organizada mesmo, por que o trabalho está precisando, têm coisas aqui que não vão avançar se não for assim, o que o movimento no seu nível menos, digamos assim, no seu nível mais elementar das demandas dos estudantes ele está indo muito bem, tem lideranças comprometidas, agora tem um outro patamar de organização que só é possível num recorte partidário, dentro de um recorte partidári. Foi só aí que eu com toda naturalidade fiz esse primeiro recrutamento em lote, e fui criticada, mas eu acho que foi ótima a experiência, porque não, realmente estava madura a discussão, e daí para frente esses companheiros também começaram a levar essa discussão partidária com naturalidade para outras pessoas e outras lideranças, e de repente o partidão começou a existir, assim como um dado momento a gente viu que tinha que ajudar a reconstruir todos os DAs. O DA da medicina é reconstruído, olha mais o CCJE, naturalmente movimento saiu dos muros da medicina, a gente se conectou com outros grupos de jovens que também queriam mudar a situação do CCJE, ninguém partidarizado, mas enfim, naturalmente já existia. Tivemos uma primeira luta que não era uma luta dirigida por partido, que só tinha eu organizada, dirigindo, que foi a primeira greve da universidade, que na verdade pegou o Centro Biomédico. Tivemos uma greve lá e as coisas amadureceram mais rápido lá. Mas me lembro que não veio o partido e de portas fechadas decretou: "que tire uma greve aqui por que se não a revolução não caminha".

PF: Como foi essa inter-relação com o CCJE que foi um centro onde o movimento estudantil ganhou vulto. Qual foi o canal? Como foi essa aproximação entre esses dois centros acadêmicos?

MAS: Foi assim, as coisas começaram a andar mais rápido na medicina. Em 73 eu já comecei a organizar a primeira semana cultural, chamar a gente para as discussões e tal, eu detesto usar esse "eu", viu? Eu só vejo o trabalho coletivo, então eu usei esse "eu

comecei a fazer" mas era verdade, eu não tinha parceiros, eu era ligada a um partido político mas eu não tinha parceiros. Mas então, o que acontece? Em 1974, a gente teve as eleições em 74, foram as famosas eleições de 74 quando pela primeira vez que o MDB ganhou as eleições em centros importantes do Brasil, foi um marco. As eleições de 74 foi um marco na luta democrática do Brasil. Então eu participei dessa discussão aqui em São Paulo, eu ía nas reuniões do MDB jovem e eu me lembro que lá em Vitória estava na faculdade e a gente começou a ter contato com gente de outros centros acadêmicos para discutir as questões das eleições, a gente que eu digo é o seguinte, eu e Claudino, a gente discutia as eleições, discutimos com Falquetto, assim tinha uma meia dúzia de pessoas ali, que a gente em 74, a gente começou muito timidamente a discutir: "Olha as eleições. Como é que vai ser?" Bom em 74, quando foi em 74 mesmo?, em 1975?, tinham vocês lá no CCJE, no tecnológico não tinha nada, só tinha no CCJE os outros centros estava tudo morto. O primeiro centro, se eu não me engano, onde os estudantes começaram a perder o medo e tentar reconstruir o movimento lá no campus, porque nosso campi era separado, foi no CCJE. Então a Marli entrou na faculdade, tinha aquela turma ali de Paulinho Hartung, Bragatto, de lideranças conhecidas, tinha um pessoal nessa época quando eu organizei a primeira semana cultural e que a gente reorganizou o centro acadêmico. O Penina entrou na universidade, e ele era um democrata, e a gente começou a perceber que a gente tinha que ocupar os espaços em torno da sub-reitoria comunitária porque a interlocução dos estudantes era em torno dessa sub-reitoria comunitária, e ele era o sub-reitor que tinha uma vocação para isso, ele se aproximou dos estudantes, ele inspirava confiança, então a gente começou a propor e ele nos procurava para fazer a política dele no MEC, mas não importa, nós aceitamos essa aproximação e também fizemos aproximação no sentido de: "olha a gente quer montar um cineclube", então juntou à nossa vontade com a necessidade que o MEC tinha de ter quadros nas reitorias e sub-reitorias que fizessem pontes com os estudantes, e para nossa sorte a pessoa designada para isso foi o Penina que era democrata. E então a gente abriu esse canal e aí começamos a mexer, a falar em cineclube na universidade, e falar em teatro, organizar grupos de teatro. Vocês no CCJE montaram, então a gente começou a montar teatro no Biomédico com o Claudino. Elisa Lucinda a nossa grande estrela nasceu no teatro no centro biomédico. "Quem que gosta de teatro? Vamos começar a organizar teatro." O Claudino teve um papel fundamental

nisso porque ele é um homem da cultura, uma pessoa que pensa a cultura. Então o Claudino começou a se ocupar dessa coisa no centro biomédico, mas aí, nas reuniões na sub-reitoria comunitária, de baixo do guarda-chuva da comunitária, chamam o pessoal do CCJE aí tinha Chicó, tinha a Martinha Baião, gente ligada às artes, então teve essa coisa e esses estudantes começaram a levar para dentro de seus centros essa discussão do centro acadêmico, de reabrir o centro acadêmico. Então, na verdade, os primeiros movimentos que a gente fez foi em torno da questão da cultura foi o teatro, exibir filme e organizar o grupos de teatro, e a gente organizou as mostras de teatro universitário, tudo sob o patrocínio da comunitária e Fundação Cultural. Mas o paralelo isso, a gente tinha a coisa do esporte, olha a atlética, era aquela coisa clássica separada dos chamados: "Ah! São os alienados, que ficam lá e não querem saber de política". Mas a gente não achava isso não, a gente achava que gostar de esporte era uma coisa interessante porque as pessoas, no mínimo, tinham uma vida associativa, se juntavam, se reuniam, ouviam música e se aproximavam. Onde jovens se aproximassem tinha sempre uma possibilidade deles fazerem uma reflexão sobre o que estava acontecendo. A gente não acreditava que esporte era sinônimo de alienação de jeito nenhum e essa coisa foi muito interessante, a gente se aproximou do pessoal do esporte do centro acadêmico da medicina, que em conexão com centro acadêmico, com pessoal do esporte do CCJE, começou a organizar o futebol, handebol. E aí Paulinho aparece também, e outras lideranças, várias lideranças viraram militantes e primeira aproximação deles com política foi pelo esporte, uma coisa muito interessante, bonita. Então essas coisas juntas, a gente num dado momento, sem ter nada dessa conotação sobre o partidão, "a direção mandou dizer que agora vocês vão lá e reabrem o diretório", não. Está maduro, vamos conversar? O que vocês acham? Então nas conversas depois do futebol, na cerveja, depois de teatro, as conversas começaram a acontecer naturalmente e centros acadêmicas começaram a ser reabertos. Num dado momento, com já bastantes lideranças forjadas em lideranças de greves, experiências de discutir política mesmo, política inclusive partidária, num dado momento em 77 a gente, com naturalidade, definiu as grandes bandeiras naquele momento, quer dizer, enquanto militante partidário. Eu, no primeiro momento sozinha, e depois com esses primeiros companheiros que passaram a pertencer ao partidão. A gente estava muito convencida de que a orientação do partido naquele momento era uma orientação justa e

absolutamente correta, e até hoje eu acho isso, quer dizer, a gente tinha uma orientação muito clara. É o seguinte, a questão central da história brasileira naquele momento no partidão era retomar a democracia, senão, não há como se pensar em socialismo. É inviável se organizar uma luta rumo ao socialismo sem passar pela questão da democracia, diferente de outras orientações, outras orientações políticas que achavam, ao contrário, que quanto pior, melhor. Deixe esse caos porque esse é um fermento, é um bom fermento para gente mostrar para a sociedade brasileira os limites da sociedade burguesa, e a gente parte direto para luta do socialismo. Grandes companheiros revolucionários colocaram sua melhor energia em alguns dela, a vida em torno dessa posição. Que pena que tenha sido um equívoco, pena, sobretudo porque muitos morreram. Está aqui uma crítica, mas eu acho que do ponto de vista nós cometemos muitos erros, alguns aspectos tanto do ponto de vista da tática e da estratégia do partido, não para o movimento estudantil, mas para o conjunto da sociedade, e que influenciaram a maneira como a gente militava no movimento estudantil ou no movimento operário, onde a gente estivesse, onde a gente estivesse inserido, ou no movimento médico. Essas orientações gerais eram nortes para nossa militância concreta. Eu acho que a gente teve sorte naquele momento, enquanto partido político, enquanto estudantes ligados a um partido político, de termos uma orientação que mostrou ser absolutamente correta naquele momento, que era a que gente tinha que lutar para democratizar e nessa luta, qualquer um que concordasse com isso tinha que estar, não podia ficar de fora. Então, o nosso empenho não era tanto sair recrutando gente para ter um partido de esquerda para fazer a revolução, nossa luta era trazer gente, o maior número de pessoas possível sem fazer discriminação, desde que essas pessoas estejam interessadas em que a gente volte a ter direito de decidir os nossos rumos pela vida política, pela vida da democracia representativa. Então a gente fazia política com muita alegria. Fazer política era uma coisa, nós tínhamos todos os medos que todo mundo tinha. Eu lembro que eu tinha que subir uma ladeira para ir para casa, uma escadaria pois eu morava no morro do Moscoso e na época não tinha a violência da bandidagem, do narcotráfico que fizesse a gente temer pela própria vida, então a gente ia sozinho do bar para casa, todo mundo, nós não tínhamos essa preocupação, mas nós que éramos militantes de esquerda e nós tínhamos uma preocupação muito grande até o trajeto de casa, então essa é a única hora que a gente tinha muito medo de ser seqüestrado, nós que

éramos lideranças, então nós arrumávamos uns esquemas de pai esperar, mãe, às vezesligar antes, enfim, ligarmos para o anjo da guarda: "Oh! Acorda aí porque eu estou indo para casa." Mas, fora isso a gente fazia política com paixão, com tesão, com alegria porque a gente estava aberto, quer dizer, o norte era esse e a gente acreditava nele, e que ele estava aberto para as aproximações, para que as pessoas viessem discutir. Não tinham grandes palcos, a gente tinha aquelas discussões intermináveis que varavam a madrugada, com vários confrontos com coisas mais ideológicas. As vezes nem tinham coisas tão importantes, mas a gente, na paixão, ficava discutindo uma vírgula porque achava que a revolução dependia daquilo. A gente era meio que turbilhonado pelo movimento que não saia do partidão, quem puxava essas discussões para definir porque essa vírgula tinha que ser definida essa noite, não saímos daqui sem definir porque senão nós não vamos ter revolução. Era o grupo mais de esquerda do partidão, sobretudo os grupos trotskistas, eles tinham essa preocupação, fazia parte da formação deles transformar qualquer reunião de lideranças num palco interminável de réplicas, tréplicas e num sei o que aquela coisa, como se fosse uma coisa meio tautológica, um exercício de si mesmo, exaustivo, que a massa se desaparecia no ar e eles ficavam de saco cheio, mas nós puxávamos esse tipo de discussão, então, via de regra ,as coisas que a gente propunha, as coisas que a gente fazia para envolver os estudantes numa discussão eram coisas agradáveis, onde a política vinha com naturalidade como deve ser, quer dizer, não tem nada que afasta mais as pessoas da política o jeito de fazer política dogmático, nós tínhamos isso. Então nós tivemos a felicidade de termos essa orientação já em 75, então se você me perguntar detalhes de nomes, como é que foi, não teve nada disso na minha participação. A minha participação foi uma participação até 78, eu só pensava isso o tempo todo, de plantar as condições, ajudar a criar as condições para que as pessoas viessem fazer política, fazer política no centro acadêmico, fazer política no teatro, fazer política em torno da discussão de cinema, os rumos do cinema brasileiro, na formação, o processo de XXX, onde tivesse a possibilidade de colocar a gente para discutir. Então, cada vez que a gente sentava para discutir nomes na semana cultural, a partir do momento em que eu tive parceiros para fazer isso, foi tudo feito com parceria, sabe assim: "Vamos fazer uma semana científica? O que ocê propõe? Defenda por quê?" Eu me recusava a chegar lá e falar: "Olha, esses, esses e esses nomes." Então foi um processo muito interessante, todo mundo fazia assim mesmo, Quem você acha

que deve vir falar? Quais os temas? Eu acho que a gente deveria falar de liberdade de imprensa. Quem nós vamos chamar? A nós vamos falar sobre o mundo da cultura. Quem? É o problema que eu propus. Vamos trazer Paulo Pontes, eu tinha lido uma entrevista do Paulo Pontes eu estava olhando ela ontem aqui, foi uma bomba no universo cultural da esquerda no Brasil onde ele se apropria das teorias do Gramsci para definir no contexto brasileiro, por onde passava militância da classe média, os intelectuais de classe média. Aquilo ali foi um divisor de águas porque foi de uma clareza e tal, tinha acabado de escrever a Gota D'água ,e aí a gente colocou o nome dele lá mais infelizmente na véspera dele vir falar ele foi internado. Então, assim, os contatos que eu tive e ainda quando movimento começou a deslanchar a gente começou a ter discussões então. Vamos organizar as associações de moradores? Vamos discutir com o povo, a questão da saúde, do centro de saúde, a questão da moradia. Então, naturalmente, as coisas começam a se aprofundar, os núcleos, os grupos que compunham o movimento estudantil, mas tudo com muita naturalidade. Discutir que a gente tinha que organizar a associação de moradores foi uma coisa que aconteceu naturalmente, porque, sabe, o estudante começa a participar do centro acadêmico e se ele é comunista tudo bem, vai nessa direção, mas não é porque ele não seja se alguém XXX: "Se viu aqui no bairro que a gente mora não tem rede de esgoto aqui? Você começa a discutir e aí se o cara tinha prática de sentar para discutir os problemas da cantina, da falta de retro projetor na faculdade, do professor que ganha mal e fica mais no consultório dele do que da aula, que história é essa? Essas coisas que se colocavam lá na medicina ele também aprendeu que: "Mãe, chama a Dona Maria a vizinha aqui e vamos discutir as coisas do bairro." É assim como todas as organizações de esquerda. A gente não teve muito essa coisa de aparelhar sabe, até onde eu acompanhei as coisas desenvolveram com muita naturalidade. Bom, mais então voltando a questão do DCE porque na verdade você me falou que eu tenho essa dificuldade de focar mais no movimento estudantil do que coisa partidária. Voltando ao movimento estudantil a gente tinha essa bandeira, o negócio é democratizar, então a gente tem colocar essa discussão na boca de cada estudante da universidade e os movimentos que a gente cria que extrapola os limites da universidade a gente tem que colocar essa discussão, quer dizer os debates abertos para a comunidade os debates culturais se otimizavam e onde a gente tinha possibilidade de intervir era essa a mensagem tem que se discutir a

democracia, o papel da democracia, como que a gente reconstrói democracia, a importância da democracia no Brasil, redemocratizar. Além disso uma outra bandeira que de maneira muito clara, ficou muito claro para o conjunto da sociedade sem um esforço hercúleo porque isso não é uma coisa anunciada as traças, primeiro porque quando a teoria não bate na verdade não tem jeito, porque se você tem uma teoria que ela não tem passagem na sociedade você tem que rever essa teoria e não rever a sociedade, quer dizer o que tem um intelectual que acha: "Pô esse povo é burro, muda o povo, a minha teoria está certa é o povo que é burro que não votou em mim.". Burro o povo, você não muda de povo você muda de teoria, que alguma coisa na sua teoria que não bate. Então a gente tinha uma capacidade do partidão de no conjunto da sua discussão, da suas lideranças, dos seus intelectuais, de seus militantes, dos seus intelectuais orgânicos a gente tinha uma capacidade, nós fomos muito felizes em termos de fazer um diagnóstico em realidade do momento em que a gente vivia, por isso que bateu e as bandeiras que a gente defendia a gente não tinha nenhum grande esforço para defenderem público nenhuma das nossas grandes bandeiras, fosse numa reunião pequeno estudante, fosse numa reunião grande, fosse num fórum junto com outros setores da sociedade interseção no momento em que estudantes estão participando de reunião junto a sindicatos a gente passava. Então primeiro foi essa coisa democracia não tinha como, a gente não tinha dificuldade para vender esse peixe, segunda coisa, a gente tem que definir uma nova lei, maior que esse país, nós precisamos de uma constituição nova essa constituição aí macerada, amputada, estuprada não serve, essa constituição a gente tem que substituir por uma constituição democrática e a gente vai ter que começar a passar essa idéia para o conjunto da sociedade. Nós tínhamos essa opinião, num primeiro momento partidão joga a questão dos embates dos outros grupos de esquerda é que cada um tinha sua visão, então quando a gente disser que a democracia era a questão nº. 1 a questão principal os outros grupos que não achavam, não achavam vendiam outra discussão, mas redemocratizar, a gente saiu vendendo essa idéia. Isso implica em fazer aliança com a burguesia, partidão fazer aliança com diabo, todo mundo não tem critério essa era a nossa avaliação não é uma questão de vender, construir alianças para propor o socialismo era para propor para os diferentes grupos da sociedade uma coisa mais simples, nós precisamos retomar a democracia sobre uma base, agora paralelamente a isso nós fóruns possíveis nas possibilidades que existiam a

gente sempre encontra com socialismo sempre, agora no limite de se articular para definir a qual que era a principal a batalha, era essa. E segunda questão era da constituição aí também os embates na nossa esquerda eram uns embates muito difíceis mais do ponto de vista de vender para a sociedade da mesma forma não foi difícil, não foi difícil vender isso para movimento estudantil para o conjunto dos estudantes, não foi difícil passar essa idéia para o conjunto da sociedade a idéia de que a gente precisar de uma constituição. Qual era a crítica? Constituinte. Constituinte com quem? Quem vai colocar? Figueredo. De baixo da ditadura. Não, primeiro derruba a ditadura e depois, bom à gente também acha isso, mas se não for possível, vamos construir o que for possível, a gente acabou, um a gente achava que a correlação de forças da sociedade que ia definir aquilo se era com Figueredo, sem Figueredo com José ou João, não era o partidão que ia definir se XXX que construísse a possibilidade para isso. Bom então, e no bojo nós temos que trazer quem foi para fora, que foi exilado, então a luta pela anistia foi uma luta que se alastrou pelo Brasil e essas três bandeiras passaram a ser bandeiras que se uniram o conjunto das esquerdas e foi muito interessante que o movimento estudantil jogou um peso muito grande. Quando eu falo do movimento estudantil eu queria colocar. Bom então, essas bandeiras eram bandeiras do partidão tinha, suas lideranças tinham e quem militava se apropriar das dessas elaborações teóricas para da forma que cada um pudesse onde estivesse encaminhar, era assim não tinha nada de pacotaço nada de stalinismo não, depois é que a coisa ficou a meia volta do comitê central que a gente começou a ter uma direção que em alguns momentos confundiu e quis enquadrar aqui, enquadrar lá e tacar pacote e foi complicado porque no fim a gente viu que o partidão XXX. A criatividade da militância estava no auge, a gente se apropriava das idéias, das concepções e das orientações e cada um propunha, tinha espaço para a criatividade não tinha essa coisa de cercear. Mas enfim, no bojo disso ficou fácil perceber aqui as coisas no movimento no estudantil em torno da universidade Vitória começaram amadurecer e com muita naturalidade se colocou que o DCE tinha que ser reaberto, foi no momento certo, não foi antes, olha que eu era militante desde 73 do partidão os outros companheiros logo em seguida eram militantes, mas a gente não se apressou, a gente deixou ficar maduro, conselho de entidades primeiro para as lideranças discutir e a gente discutia e de repente ficou maduro. Eu não me lembro os dados mais eu lembro que a votação não obrigatória foi uma festa, os

estudantes foram votar mesmo quer dizer não era uma liderança que decidiu que estava lá reabrindo o DCE não, essa liderança decidiu, incrementou as discussões e encaminhou e o conjunto de estudantes decidiu que era ele. Eu me lembro que foi loucura a votação, eu não me lembro, eu acho que foi mais de 80% dos estudantes votaram numa votação não obrigatória, quer dizer era um jeito de fazer política muito especial de respeito mesmo, não sei se você se lembra, foi uma festa a eleição do DCE. A direita já estava dando trabalho para mim nessa época, azucrinar a vida da gente, mas não adiantou, eu lembro que distribuíam panfletos. Foi ótimo. Dizendo que era uma coisa absurda os estudantes assinar no DCE, comissão pró-dce. Eu olhei aquilo, mas é muito simples nós temos uma chance de descobrir isso de sala em sala, vamos embora. A gente tem essa experiência, a gente viveu essa experiência. Porque eu estou falando isso, porque se você olhar, vale para ES, vale para São Paulo, vale para o país inteiro, se você olha para ES os militantes de esquerda nas suas diferentes áreas por ter participado de discussões onde nós éramos obrigados a pensar a realidade nos seus diferentes aspectos esse exercício intelectual que a gente se obrigava no exercício da militância de olhar as diferentes faces de um problema, nos ensinou a não sermos maniqueísta até no nosso campo profissional a entendemos que as coisas são multifatoriais que é um exercício que faz parte, por exemplo, do pessoal que andou pelas praias das ciências sociais, mais tirando as ciências sociais às outras profissões as outras categorias profissionais da nossa sociedade não tinha esse exercício, nós não somos chamados a esse exercício quem nos chamou para esse exercício foi à política e de coisa interessante que aconteceu por conta da gente termos feito esse exercício de temos que olhar as diferentes faces dos problemas antes de propormos uma solução, nos diferentes campos profissionais de todo mundo que participou da nossa geração, nessa luta belíssima da redemocratização do Brasil, todo mundo virou profissionais diferenciados. Bom então retomando. Porque eu estou falando disso, por eu acho que nós estamos vivendo um momento delicado da conjuntura política brasileira pode ficar para uma outra época mais eu já quero deixar isso registrado, em uma outra conversa assim. Que você olha quem são gestores nas diferentes áreas, tanto no setor público como no setor privado só, mas, sobretudo eu vou me referir o setor público, mas também vale para o privado, o setor privado tem quadros técnicos em todas as áreas desse país, excelentes que são quadros que nos anos 70 uma parte da geração dos anos 60 porque não vamos esquecer

que muita gente dos anos 60 retomou eu não quero parecer que a gente começou, inventou a roda nos anos 70 e que só nós as gerações que vem daqui para frente não a geração anterior que tinha sido reprimida que estava recueta, assim que a circunstâncias melhoraram essa gente toda voltou para a militância quer dizer teve uma somação aí de gente da geração anterior à nossa e mais a nossa e a geração que veio depois da nossa, umas três gerações mais ou menos aí que veio nesse ímpeto nessa mesma direção nos últimos anos do país tentando mudar os rumos da história brasileira. Bom, não só os que estavam de fora que voltaram mais os que estavam aqui também. Bom, mas você olha gente de todas as gerações aí dentro desse período da história brasileira que estão na máquina privada hoje que são excelentes gestores, você horas quadros da Petrobrás, vou pegar um exemplo olha os quadros da Vale do Rio Doce quanta gente dos quadros dirigentes, dos quadros técnicos da Vale do Rio Doce que foram quadros da militância gente que não aprendeu só técnica não, gente aprendeu a técnica de administração, de engenharia, de engenharia disso daquilo outro e que aprendeu a pensar com o objeto do seu trabalho, contextualizar àquela ação que vai fazer, aquela coisa que vai fazer está circundado por que esse exercício transformou essa gente toda em excelentes profissionais, nós temos quadros que se você for levantar a história dessa gente isso também da iniciativa privada mais na área pública é mais ainda. Vamos pegar só o exemplo do ES na XXX da turma do Serra, a turma do PT, a turma do PSDB a turma do Serra, até de outros partidos de gente que foi para o PDT porque tem gente que participou desse movimento, dessa matriz que vai uma gama enorme de gente que vai desde os democratas que são democratas radicais, mas que num tem uma proposta mais de esquerda, gente de grande valor, gente da maior importância até gente que está no outro extremo espectro da esquerda alguns grupos que eram trotskistas os que não sei se ainda são mais que eram, mas que eram de formação trotskista quer dizer, toda essa gama de gente que nas diferentes áreas dentro da XXX pública hoje são quadros da maior qualidade, se você pega o ES, quem dirige ES desde essa época, desde que a gente redemocratizou, desde da época que a gente decidiu que a gente ia lançar Berreiro de Menezes que era em torno da candidatura dele que a gente reuniria mais forças para caminhar o democrático ES, desde aquela época no ES que são esses quadros que organizam a república que ajudam a gerir os recursos públicos a administrar, isso é uma coisa fantástica. Você pega o Rio de Janeiro é a mesma coisa, a turma do Sérgio Cabral,

a turma anterior a ele, gente até que estava em torno do Garotinho muita gente que foi XXX, mas que tem esse corte e eu fico preocupada porque é o tipo de exercício, eu fico preocupada se a nova geração que vai nos suceder se está havendo uma formação de quadros com esse perfil, eu acho que não é culpa dos jovens nem de A, B o C, D é a conjuntura da história brasileira e da história mundial hoje, hoje não existem muitos sonhos a serem construídos, porque só os grandes sonhos são capazes de mobilizar a energia que nos mobilizou porque era uma energia fantástica para sobrar até hoje gente na máquina pública administrando e brigando contra a corrupção e qual que é a melhor proposta, o que é melhor para o povo não se discuti o socialismo, mas tem essa coisa de se manter essa conquista democrática de não se recuar nos direitos trabalhistas, então gente que foi mobilizando o pessoal do direito, da ciências sociais, sociólogos, economistas, médicos todas essas áreas tem essa massa de recursos que a gente chama de recursos humanos. Mas os militantes trabalhadores que militaram heroicamente em torno dos sindicatos e a luta mais difícil foi a luta deles mesmos porque a democracia no nível formal no primeiro momento da redemocratização à democracia nitidamente parava na porta da fábrica e foi mais fácil conquistar os direitos de falar as coisas que a gente quisesse fora da fábrica do que dentro da fábrica, até hoje que acontece dentro da fábrica ainda é uma quimera porque não vou dizer uma quimera porque seria está negando mas ela ainda está no meio muito elementar até hoje, a gente já tem um nível de democracia importante mais a gente não pode ter ilusões do nosso nível, a qualidade e a solidez da nossa democracia ainda não é lá essas coisas a gente tem muito que caminhar é só ver o retrocesso que a gente está tendo no Brasil do ponto de vista dos direitos dos trabalhadores. Então tem isso que eu acho uma coisa interessante recuperar a história do movimento estudantil não é tanto recuperar por recuperar é ter que dar o testemunho que eu vejo de três gerações digamos assim talvez quatro não sei como é que se computa esses dados. Mas enfim uma massa de jovens que desde os anos 60 então a primeira leva, já em 68 leva uma cacetada brava que pagaram com a vida, então gente heróica que deu melhor de si, dos seus sonhos para mudar o mundo quer dizer em seguida o leva uma pancada e o que vem atrás retoma, e a outra retoma. O que que fez, que energia maravilhosa capaz de fazer com que até hoje a gente não está lutando para socialismo não é essa a bandeira não esse que move a nossa energia mesmo porque com que proposta de socialismo eu continuo uma revolucionária no sentido de que eu acho

que a gente tem que mudar radicalmente a face do mundo, o discurso do neoliberalismo não me encantou não é nem por uma questão de profissão de fé porque analisando o que é o neoliberalismo ela não da conta de satisfazer o demandas sociais. Então eu continuo defendendo mudanças radicais para a sociedade não sei que direção, não sei como, acho que ninguém sabe uma coisa que a gente vai ter que talvez a minha direção não conseguia ter o prazer de dar um pouco da sua energia para caminhar nessa direção mas eu não tem a menor dúvida de que isso vai ser retomado. Então eu acho que a história não acabou a história continua e agora nós tivemos esses privilégios eu acho que muito de ainda ter essa energia permite mesmo não querendo lutar pelo socialismo a gente ainda quer ser profissionalmente competente, você, por exemplo, foi fazer uma nova faculdade continua querendo entender, querendo fazer, querendo construir, eu mudei de profissão era da área da saúde pública fui estudar de novo virei uma urgentista (especialista em urgências médicas) aos 50 anos de idade fui dar plantão no prontosocorro de novo, quer dizer muito de nós temos essa trajetória e ainda têm energia para dar essa contribuição, agora as gerações que se sucederam por que o momento nós tivemos o privilégio de estarmos no momento da história em que essas energias estavam perpassando, quer dizer o rumo da humanidade no momento em que nós tínhamos vinte e poucos anos, 19,20 anos os desafios da humanidade colocavam essa possibilidade de sonho de uma sociedade onde gente não ia ter mais injustiças enfim essa coisa que se chamava sociedade socialista de uma sociedade onde, não tem nada mais lido do que quem tem 20 anos defender um sonho desses aos 20 anos você, a não ser que você tenha nascido numa forma muito ruim e existe que a natureza enfim forjou seres humanos que são do mal mesmo mas a maioria não tem nisso, a maioria quer solidariedade, quer repartir, que sonhar junto, quer dançar, que ser feliz, quer comer, quer todos comam, quer comer, que todos comam, quer que todos tenham um teto, quer que todo ser humano no viverem resguardados. Então nós tivemos o privilégio de estarmos no momento da história onde além da nossa energia natural da juventude que quer transgredir que quer revolucionar, que quer mudar nós tínhamos no planeta inteiro tribos como a nossa lutando no mesmo XXX. Isso não tem mais e isso me preocupa, como é que vai ser essa coisa de administrar de termos quadro com uma competência técnica digamos assim nas diferentes áreas para gerir eu me preocupo, sobretudo com a máquina pública que o bem público por que o setor privado vai formar

seus quadros com uma lógica diferente não é porque, é bom que na máquina privada tenham uns caras que tenham um sonho com o horizonte mais aberto menos egoísta e tal para que na hora de fazer concorrência com os setores público não querer XXX ter um mínimo de decência, que é o que nós temos ainda, nós temos na máquina privada hoje gente que teve essa formação, essa militância que está dentro do setor privado lutando para garantir um mínimo de transparência e o mínimo de decência porque não existe corrupção se não existir o corruptor. A partir do momento em que na máquina pública e privada a gente tinha uma geração que só se preocupe com o acúmulo de capital em fazer grana, fazer o capital se reproduzir eu estou usando uma expressão meio "dinossaurica" do Marx, mais enfim gente que se preocupe só em multiplicar dinheiro da empresa onde ele está para ficar um pouco das sobras para si quando a gente tiver só esse tipo de gente à máquina pública está mais vulnerável eu não tenho a menor dúvida disso, então isso que me preocupa. Eu fico vendo o meu filho, ele e o s amigos falando: "Mão a gente inveja a geração sua e de seus amigos por que vocês tinham essa coisa de mudar o mundo." Eu falei: "Meu filho, não depende de vocês é um momento da história onde a gente está, não tem paradigma para nada é uma delícia já que não tem paradigma foi tudo por terra, vamos reconstruiu, é angustiante porque leva tempo. Agora então, não tem para essas novas gerações um paradigma que aponte no sentido de um sonho, porque tem que ser um sonho muito grande do tamanho do sonho que a gente tinha, e eu acho que foi muito legal. Merli que é ótimo, que depoimento maravilhoso eu queria saber se você teria mais alguma coisa só a acrescentar, infelizmente nosso tempo, mas se você gostaria de falar, acrescentar alguma coisa além do que você disse. O que eu tento a acrescentar é que eu acho fundamental isso de registrar esse momento da história quer dizer a nossa participação o que nos coube no conjunto da história brasileira, do Brasil, desse país quando éramos jovens quando fizemos parte desse chamado movimento estudantil. Acho fundamental porque não faz parte da nossa cultura infelizmente o registrar e o que não é registrado não sobrevive, as coisas que sobreviveram não foram registradas ou depois que o moço lá inventou o papel impresso, se não, não tem jeito, ou então com essas novas mídias aí, se não registrar vai se perder e eu acho que tem que registrar, tem que registrar não para enaltecer o papel de A, B ou C, mas para mostrar que no que concerne a esse extrato da sociedade quer dizer esse pequeno extrato da pequena burguesia tem importância e grande parte dela ainda

continua tendo razão e segundo porque para que as pessoas percebam posso fazer releitura e reavaliar e a gerações que se sucederam posso aprender a tirar alguma coisa alguma lição disso aí, o então possam dar algumas risadas que foi nossa trajetória.

São Paulo, 03 de Maio de 2007.

(**) Merli Alves dos Santos.

Depoimento de Neivaldo Bragato (*)

Paulo Fabres[ii]: Secretário, como foi seu primeiro contato com o movimento estudantil?

Neivaldo Bragato: Eu fiz contato com o movimento estudantil em algum momento em 1976. Em 1974 eu fiz engenharia , aí fiquei seis meses na engenharia, daí fui para os Estados Unidos e fiquei um ano, voltei no segundo semestre de 75, fiz mais alguns meses de engenharia mas então eu prestei vestibular para economia e re-ingressei na universidade em 1976 no curso de economia. Nesse momento foi que a gente teve o primeiro contato com o movimento estudantil, mais na conversa, na formação, no momento inicial da chapa Gota D'água. Foi aonde a gente começou um movimento na cantina, a conversar pela primeira vez eu acho, a gente foi montando uma chapa, o movimento estava começando, e você tinha muito a questão do grêmio, um grêmio mais esportivo cultural, e nesse momento eu entrei na chapa Gota d'Água junto com uma equipe de pessoas do curso de direito, de administração e da economia, em algum momento de 76 Foi nesse ano que eu tive o primeiro contato com o movimento estudantil.

PF: Na época havia uma lei de exceção no país, à ditadura estava instalada, as atividades do movimento estudantil regulamentada pelo decreto-lei 477 pelo decreto-lei 228. O Sr. Inclusive é citado em dossiês da Polícia Federal hoje guardados no Arquivo Público. Como que essa repressão política agia sobre o ânimo dos estudantes de um modo geral?

NB: Num geral muito forte, tanto que no início não foi fácil juntar pessoas para você compor as comissões, ou compor chapa, não era uma coisa fácil, não foi fácil. Pairava no ar, assim, aquele clima de repressão, muito embora, ao entrar na faculdade, eu particularmente, não tinha contato nenhum com movimento anterior, a repressão e 1969 estava muito perto ali. Na própria Ufes teve repressão até depois de 1969 mas que eu não conheci, então não tinha informação nem de família, nem de amigos, nem tinha vínculo nenhum para ter informações disso. Eu sei que era um momento de muito pouca participação política, praticamente nenhuma. Esse momento inicial era muito voltado para começar a renascer o movimento estudantil com suas bandeiras voltadas para a

escola e com uma pitada de democracia, que eu acho que era o termo correto, democracia para o país. Eu acho que essa era uma bandeira que você, o país estava em 1976, você já tinha saído do pior da ditadura, você tinha tido alguns momentos ruins mas aquela parte mais negra já tinha sido superada, então começava o movimento de você, da sociedade ir abrindo, através do partido, o MDB, as eleição, os jornais, osjornais de oposição, então acho que isso tudo fez com que pessoas, devagar, de pouco em pouco, ir voltando as agremiações, fazendo com que saísse só do cultural e do esportivo e entrasse mais na reivindicação de liberdade e democracia.

PF: Boa parte das lideranças da época acabou ingressando no partido comunista, inclusive o senhor fez parte dos quadros do Partidão. Como que foi esse contato, esse recrutamento? Foi uma coisa natural, porque estava dentro do grupo ou houve um processo de amadurecimento um pouco mais lento? Relate um pouco sobre isso.

NB: Na realidade, foi como você colocou, mas você vai participando, você vai quase que automático. Participar de movimentos clandestinos não é igual a se filiar ao MDB que você vai lá e assina a ficha como membro do MDB, que é o meu caso que eu assinei logo no início do movimento. Isso quase que foi natural, você vai participando, vai participando. Eu estava por perto mas da mesma forma que não tinha ninguém com vínculo anterior na minha família, eu praticamente não conhecia ninguém, isso foi que você vai se envolvendo, se envolvendo, se envolvendo, e no fundo, você não tem carteira de movimento clandestino, você lê os artigos, lê os documentos, discute, e vai nessa. Foi mais nessa linha a minha participação, eu participava dos movimentos mais nunca estava estampado que eu era desse ou daquele partido clandestino. Havia um pacote de gente caminhado mais fortemente e a gente não estava muito preocupado em saber quem era o líder ou quem não era o líder, a gente estava preocupado em fazer um movimento coletivo.

PF: E a vida partidária em si, porque o movimento estudantil ele assume um vulto muito grande, chegou determinado momento em que se extrapola os próprios muros da universidade e a um contato com a comunidade até que o grupo se

engaja no movimento partidário no caso do MDB. Isso foi uma coisa deliberada, foi uma coisa calculada, foi um processo também assim que evoluiu e chegou a esse ponto? Relate um pouco sobre essa passagem.

NB: Acho que essa participação no movimento partidário legal no Brasil, você tinha basicamente duas linhas com a Arena de um lado e MDB do outro, não é isso? Ele automaticamente se dava para ir para o MDB não tinha, quem queria fazer alguma participação legal isso teve alguns momentos com a eleição de governador, eleição senador, o regime militar ainda foi lá e babou uma eleição de senador, mudou uma regra lá dos dois terços dificultou a eleição, mas foi um caminho natural, vindo na escola você participar em sua grande maioria participar do MDB. Eu mesmo fui um dos que participaram, e participava com vontade porque por mais que você tivesse esse movimento dentro da universidade, você não conseguia expressar isso na sociedade. Você tinha lá seus movimentos que apesar de democrático, de melhor educação, RU, bandejão, melhores professores, melhor ensino, mas na hora de votar, você tinha que votar em deputado e senador que estavam filiados a partidos. Nada mais natural para mim que essa participação se desse, e se deu mesmo, se deu tanto quando a gente estava na escola como depois que a gente saiu, quanto depois com a participação de algumas lideranças do movimento estudantil como no caso o governador (Paulo Hartung), o Stan e o Felício que viraram candidatos para deputado estadual e para vereador. Então foi um movimento quase que natural essa participação no movimento estudantil e no MDB. Não falo da Arena, porque não conheci ninguém do movimento que estava na Arena.

PF: O DCE estava fechado e reabriu em 78. O que marcou mais nessa luta pela reabertura do DCE? Quais foram os pontos mais críticos ou mais relevantes nesse processo?

NB: O DCE para gente que vinha do DA do CCJE - eu era presidente do diretório acadêmico do CCJE - era um movimento maior, tinha um aspecto muito maior do que você reabrir um DA. O DCE era uma coisa forte, estava fechado, foi fechado, os Das ficaram meio que semi-abertos com atividades voltadas para cultural e esportivo, mas o DCE fechou e acabou mesmo, acabou e estava liquidado. Então o DCE vai ser reaberto no momento em que o país está muito mais agitado, muito mais animado com a anistia, liberdade democrática, com o país retomando as rédias da democracia. Ele tem esse viés

da sociedade que o empurra para fazer uma força, tem uma força de outros movimentos, de outros estados que você espelha em outras universidades que vão reabrindo os seus órgãos de representação em outros estados. Ele de certa forma galvaniza, ele organiza esses movimentos dos DAs e dá uma arrumação maior para as bandeiras dentro da universidade, como a de melhorias de ensino, alguma coisa do tipo, e fortalece de certa forma uma presença da universidade na sociedade porque o DCE atua desde do seu momento inicial de forma muito forte com inserção com movimento social, comunidade de base e a igreja onde ele tem essa inserção muito clara desde a sua fundação. Então o DCE tem esse mix de bandeiras na universidade, mas com um viés muito político com a sociedade.

PF: Quais eram os movimentos sociais que o movimento estudantil teve um contato mais estreito?

NB: Acho que o maior Paulo, era o movimento da igreja, o movimento da pastoral. Você não tinha muito sindicato, sindicato era uma coisa meio baixa, acho que a epressão pegou os trabalhadores muito forte, então eu não lembro muito de sindicatos. Você tinha esse viés partidário, político partidário, com algumas pessoas MDB no Espirito Santo, como Argilano Dario, Berreiro de Menezes, pessoas que estavam na fundação do MDB. Uns continuam na política, outros já até faleceram Você tinha o Roberto Valadão no núcleo inicial do MDB, você tinha essa participação do DCE- DB Você tinha também uma participação que eu considero muito forte com a igreja também, a igreja também era um movimento forte através dos seus movimentos de base, as pastorais, e acho que uma vinculação mais fraca para o movimento sindical que não tinha, era muito incipiente.

PF: E o movimento cultural, fale um pouco sobre o movimento cultural da Ufes nesse período?

NB: Essa parte é a parte que eu entendo pouco. Essa era um forma, o movimento cultural, era uma forma importante de você se manifestar. Como você tinha muita limitação de fazer movimentos políticos, com esse movimento cultural, teatral, era uma forma de se organizar. Você conseguia juntar mais gente e levar mais mensagens, tanto que há uma clara manifestação quando você pegava uma peça como o Auto da

ompadecida, que tem uma mensagem social forte, e fazia nisso um instrumento de você levar uma mensagem, conversar com mais pessoas, andar pelo estado, conhecer, dar uma perspectiva para quem tivesse vendo aquele espetáculo, conhecer, às vezes dar uma luz porque o cara está no interior do estado e necessariamente passa a ter acesso a quem está vivendo na capital dentro da universidade. Então esse foi um instrumento importante que foi utilizado pelo movimento, pelas pessoas desse entorno para levar uma mensagem de renovação de energia, de que as pessoas continuavam vivas com disposição de melhorar o país.

PF: Secretário algum outro registro que o senhor gostaria de fazer sobre esse período ou a relevância do movimento estudantil naquela época ou o seu desdobramento ?

NB: Acho que uma coisa que fica clara para mim é a importância que isso teve na vida das pessoas, particularmente na minha. Eu acho que a gente tem uma tese que diz uma coisa:numa empresa você tem dez por cento que é mais animado, oitenta por cento que está no meio e dez por cento que é conservador. O movimento de certa forma é os dez por cento que está na ponta da animação, da agitação de querer mudar as coisas e foi importante essa participação, tanto que a gente conseguiu gerar uma série de pessoas que entraram no movimento político, que entraram no movimento social, que ocuparam cargos, que são cargos ocupados por pessoas de um jeito ou de outro, e essa vontade dessas pessoas aqui, esse movimento para tentar influenciar esse meio termo das pessoas que não se envolvem muito, para você tentar trazer mais pessoas para uma idéia de um país melhor, um país mais vivo, um país democrático e com menos injustiças. Eu acho que deve nortear ou está norteando a cabeça de todas as pessoa que participaram disso, os que participaram mais os que participaram menos eu acho que essas pessoas todas nesse movimento de DA, DCE, movimento cultural todas elas, eu diria assim, tem muito mais que uma visão de esquerda, acho que tem uma visão de um mundo melhor, de um mundo mais justo, um mundo onde você tenha mais justiça e menos desigualdade. É a razão, é o papel que as pessoas tem que tentar desenvolver, principalmente nós no Brasil que temos um país tão desigual, muito desigual. Já se passaram trinta anos desde que saímos da escola, passamos por lá em 1977, o país cresceu muito, a população cresceu enormemente e nós continuamos assim,

infelizmente batendo recorde de desigualdade. Não tenho alegria nenhuma em dizer que nós somos talvez dos países grandes da face terra o mais desigual de todos, não o mais pobre, mas o mais desigual, e isso na minha visão é a principal causa da gente estar sofrendo tanta convulsão urbana e sem perspectiva fácil de resolver se nós continuarmos com esse mesmo pacote de desigualdade. Então esse movimento que a gente fez em 1976 a 1980, naquela época, teria esse papel de gerar e incutir nas pessoas uma idéia de que elas podem trabalhar para melhorar o local que elas vivem, o estado, a cidade, o trabalho, a comunidade, o país e o mundo.

.

Obrigado

Paulo Roberto Fabres

Contato:Fabres.paulo@gmail.com

Vitória, 04 de Junho de 2007.

(*) Neivaldo Bragato: economista formado pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e auditor fiscal da Receita Federal do Ministério da Fazenda. Tem MBA em Administração de Empresas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Já foi secretário de Finanças da Serra; presidente do Departamento de Imprensa Oficial do Governo; e subsecretário de Planejamento do Estado. Em Vitória, atuou como secretário da Fazenda; secretário de Planejamento; e secretário de Serviços Urbanos. Foi também secretário de Estado de Governo e secretário de Transportes e Obras Públicas, além de membro da Comissão de Transição do Governo.

Depoimento Paulo Hartung Gomes (*)

Paulo R. Fabres: Governador comente sobre as motivações que o levou a participar o movimento estudantil na UFES e como se deu sua inserção neste movimento.

PHG: Eu muitas vezes sou questionado por gente do movimento estudantil agora, sou questionado para entender porque que o movimento estudantil teve aquela explosão aquele momento nosso, motivação, participação, animação das pessoas, e eu acho que foram as circunstâncias que vivia nosso país. Seria uma avaliação absolutamente incorreta imaginar que uma liderança, duas lideranças, dez lideranças é que vão produzir um movimento sem sintonia com a realidade que está se vivendo. Muito pelo contrário, a liderança já nasce, na minha visão, ou as lideranças, das circunstâncias que estão postas. Eu acho que o ambiente no país era um ambiente propício, estimulador de movimentos de juventude. Nós tínhamos tido anteriormente os episódios de 1968, nós tínhamos tido a repressão de 1972, e a nossa geração carregava as informações desses momentos, depois foi procurar entender um pouco anterior a 1964, a Une, movimento cultural e assim por diante, mas nós tínhamos ali um gene muito ligado a 1968 e 1972 porque tinha pessoas nas nossas vidas ligadas a esse período, quer dizer, eu tive o primeiro contato com lideranças estudantis no secundário. Eu vim do interior, eu nasci em Guaçuí, fui para Iúna e comecei o primeiro ano do primário em Iúna. Minha família transferiu para Vitória nesse início de ano, quando estava começando a estudar, e eu estudei inicialmente num colégio chamado Padre Anchieta em Jucutuquara. Era um colégio que ficava em frente à antiga fábrica de juta e depois mudou para dentro da Ilha de Santa Maria. Mas meus pais acharam que o ensino estava de baixíssima qualidade, eu me lembro de um diálogo dos dois dizendo que não era possível educar um filho naquele colégio que eu estava, aí fizeram um sacrifício econômico e me colocaram para estudar no Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória. Em algum momento no colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória eu virei presidente do grêmio, foi à primeira vez que eu assumi uma liderança estudantil de um tipo diferente do que foi na universidade. Na época o grêmio tinha um jornalzinho, era o "Brasinha", e era uma coisa de literatura, para abrigar os nossos poetas de então, os cronistas de então, era um jornalzinho que

rodavam naqueles mimeógrafos antigos, e também cuidar de esporte que era uma coisa que eu me envolvia muito. Eu era jogador de handebol, de futebol de salão, ninguém acredita mas eu já fui jogador de vôlei e de basquete. Na época eu ficava lá como armador do time de basquete, longe do garrafão, baixinho desse jeito e fui levantador do time de vôlei, mas o esporte que eu pratiquei muito foi o handebol. Então eu presidi o grêmio do Colégio Salesiano, depois eu passei no vestibular de economia e chegando já no básico, antigamente a gente estudava tudo junto, pois misturavam os cursos e eu não sei como é hoje, mas já no básico começou a idéia de mexer com movimento estudantil dentro da universidade. Alguns tinham memória do movimento estudantil, outros tinham irmãos, amigos e assim por diante, mas isso desabrochou quando eu pisei no CCJE. Eu acho que ali é que desabrocha o movimento, o movimento já existia um pouco mais avançado lá no CBM com o pessoal mais antigo que tinha ligações a Merli (Merli Alves dos Santos), o Claudino (Antônio Claudino de Jesus), que já tinham uma ligação maior, mas a gente chegando ao CCJE, eu acho que o momento de disputa do DA (Diretório Acadêmico) que antigamente não era CA (Centro Acadêmico) era Diretória Acadêmico, e eu acho que ali é o encontro nosso com movimento estudantil mesmo, o movimento de juventude, um movimento com viés político com pretensões ligadas à luta democrática, as liberdades, a liberdade de manifestação, de expressão eu acho que aí está representado naquela chapa da Gota D'água, que tinha o Quincas (Joaquim Silva) como nosso presidente. Curiosamente eu sou o diretor de esportes na chapa, e a Dalva Ramaldes sempre brincava, já na campanha, "isso é um desperdício esse menino, esse menino tem que vir para a parte política da chapa", mas a minha ligação forte ainda era com o esporte, quer dizer, eu fui da seleção universitária, disputei jogos fora, disputei jogos aqui representando o curso de economia e eu tinha uma relação muito forte com o esporte. Então, essa ligação se torna absolutamente política, acho eu pela lembrança que ainda tenho, quando eu sou o escolhido para representar a nossa universidade, junto com Adauto Emmeric e eu não me lembro o terceiro nome que foi com a gente, só lembro que era um estudante morador aqui de Vila Velha, para ir ao ENE, acho que era o terceiro Encontro Nacional dos Estudantes em Belo Horizonte. Saímos daqui da antiga Praça Misael Pena, que é de onde saiam os ônibus, e eu acho que nós já saímos da Mesael Pena com a Polícia Federal tomando conta da gente. O ônibus foi parado duas, três vezes noite adentro daqui à Belo Horizonte. Nós,

por orientação das lideranças estudantis na época, fomos em ônibus separados, mas chegamos em Belo Horizonte, os três, presos. Houve um impedimento de organização desse evento em Belo Horizonte e os estudantes de Belo Horizonte fizeram passeatas no dia, mas nós ficamos lá no DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), viramos uma noite no DOPS e fomos soltos no dia seguinte porque coincidia com o dia da visita da esposa do presidente dos EUA, acho que era Carter, Jimmy Carter, e ele tinha uma campanha ligada a direitos humanos e a sua esposa visitando o Brasil criou um constrangimento e soltaram os estudantes. Eu acho que foi no sábado que nós fomos soltos, fomos presos na sexta e soltos no sábado, eu me lembro que foi sábado porque tinha aquela feira hippie de Belo Horizonte e eu ainda fui lá matar o horário até voltar para Vitória, e comprei lá uma grande bolsa de couro que depois serviu para Anselmo Tose distribuir documento clandestino do Partidão, e essa bolsa durou muito tempo. Acho que ali, nesse momento, a minha introdução movimento se torna mais política do que o víeis esportivo. O esportivo era político também porque nós disputamos a Gota D'água com uma outra chapa que eu não me lembro o nome, Opção, que era a turma conservadora e tinha entre seus membros o Jajá (Antonio José Ferreira Abikair), que agora é progressista, tinha "Despertar" também, mas em fim, mesmo ali nós já tínhamos uma decisão por um grupo político, já era uma influência, nós tínhamos alguns professores que jogava no campo mais de esquerda como o saudoso Pedro Mansur, que teve um papel importante. Ali eu acho que a gente já entra por um viés mais de participação política e nós vamos crescer no movimento até chegar à presidência do DCE quando a gente conseguiu reorganizar a entidade.

PF: Há um determinado momento do movimento estudantil que o Partidão (PCB) vai fazer o recrutamento dentro da universidade, quer dizer ele acaba se reestruturando a partir dessas lideranças do movimento estudantil que ele trás para o seu quadro. Em que momento foi esse contato do Partidão com o senhor?

PHG: Data eu não me lembro, o movimento ganhou uma dinâmica de organização e dentro do movimento geral tinham figuras já ligadas ao partido, que eu acho que era o caso da Merli e do Claudino. A minha entrada no Partidão é em algum momento que Luiz Paulo (Luiz Paulo Velloso Lucas) vem do Rio e monta uma reunião com Merli,

Claudino, Geraldo (Geraldo Correia), e não me lembro, Fernando Herkenhoff e é nesse momento que eu me integro ao Partidão. Evidentemente que minha história tem a ver com Partidão pela ligação com meu pai. Meu pai foi a vida toda um simpatizante do Partidão, contribuía financeiramente, os velhos do Partidão, seu Clementino, seu Gasparziano, tinham lá as convicções deles e meu pai sempre debateu muito essa questão com os filhos, com os dois filhos, comigo e com o Júlio. Então, quer dizer, da mesma forma que a vinda minha para movimento estudantil da universidade tinha um lastro ainda pouco estruturado do meu próprio envolvimento no movimento secundarista, de uma forma muito ainda despolitizada, também a minha entrada no partidão tem a ver com a história da minha família, do meu pai, das coisas que ele pensava, meu pai era defensor da União Soviética. Mas é esse o encontro com Luiz Paulo que já estava no partidão no Rio e aí é feita essa ligação do Rio com ES. Acaba sendo uma ligação muito forte do ponto de vista até do pensamento ideológico, da evolução do pensamento, do segmento mais na direção do pensamento italiano do Gramsci, dessa visão mais um lado o chamado euro comunistas do antigo PCI (Partido Comunista Italiano) que é mais para onde vai a turma jovem que acaba entrando no Partidão, é mais para onde a turma evolui em termos de pensamento político. Depois vem os textos locais como texto do *Carlos Nelson Coutinho* que foi um marco importante do pensamento político, publicado naquela revista "Civilizações Brasileiras", que é Democracia como valor universal. Acho que aí é um corte importante na formação intelectual daquele grupo que estava se formando na universidade. Agora o curioso, o movimento se fez e o partidão entrou dentro do movimento, é isso, o movimento se fez e o Partidão entrou dentro do movimento e virou um partido com grande militância no estado. Depois se envolveu com movimento dos trabalhadores, com movimentos sociais diversos, militância dentro do movimento dos jornalistas, dos professores universitários, do Sindiupes, aí fez conexões na sociedade como um todo, com simpatias na própria igreja católica mas, em fim, o início é esse, o movimento estudantil é que vem, se forma, anima, e o Partidão entra e pega carona num grupo de jovens idealistas e dispostos. Isso dá um choque quando vem a direção nacional do exílio depois da anistia. Quando chega a direção nacional o partido daqui conhece a direção do partido, aí há um desânimo, vamos colocar assim, um desânimo. O encantamento que existia com a mística da clandestinidade e da história do partido, do

Prestes, dos livros de Jorge Amado e de tudo que se escreveu a respeito da história do Partidão, com um contato com a direção nacional a expectativa é que vinha gente com capacidade formulação política, com linha política, e o que se viu foi uma luta pessoal, isso tirou a motivação de muita gente. Muita gente que abandonou a política, teve gente que enlouqueceu com essa situação, e gente que manteve os valores, manteve os princípios, pegou o aprendizado do Partidão que é extraordinário, um excelente treinamento, uma bela formação. Para a política num país que não têm escola de política aquilo ali que significou uma escola de política para muita gente, mas com o desencantamento houve uma negação de participar da briga de Giocondo contra Prestes, e Prestes contra não sei quem. Fica a lembrança de figuras queridas, Gaspasiano Meirelles que já se foi, queridas porque tiveram a vida de militância, e tantos outros, como Gregório Bezerra, que não era formulador, aquilo era uma força da natureza. A vinda do Gregório aqui foi um marco importantíssimo para gente, mas ele não era um formulador, era um líder de movimento social, carismático, uma figura forte, bela, mas é evidente que os estudantes, aquela moçada, aspiravam por um projeto de poder no sentido de nação, assim por diante, então isso não foi visto e trouxe muito desencantamento nesse momento. Mas esse desencantamento marca aquele período, mas na formação dos quadros o encontro com Partidão foi muito importante, foi muito importante porque definiu primeiro o treinamento da geração em relação à política, entender o papel da política como instrumento civilizatório, pois sem a política é a luta de todos contra todos, é a barbárie; entender a força da política como elemento civilizatório. Da história da militância do partidão se extraiu a questão da democracia e em toda essa influência do pensamento italiano, a democracia não como tática, mas como estratégia, de democracia como valor para ser trabalhado na sociedade. E o terceiro elemento que eu acho que nasce da militância, do treinamento do Partidão é a disposição de lutar contra a miséria, a ignorância, a disposição de lutar pela emancipação humana. Eu acho que isso a escola, usando a linguagem do meu velho pai, incutiu na cuca daquela meninada, e essa meninada virou adulto, coroa, e está aí carregando seja na vida profissional, na atividade privada, na atividade pública. Eu acho que foi uma das boas escolas, o Partidão, o movimento estudantil, o movimento de juventude, o movimento social que é o movimento de juventude, boa escola que a gente adquiriu nessa caminhada.

PF: Governador umas das coisas marcantes da época era a lei de exceção, estava vigorando o AI-5, o decreto-lei 477 e o 228. O senhor mesmo citou a prisão em Belo Horizonte, ocorrem outros casos semelhantes com outros estudantes, o DCE foi cercado pela polícia na véspera da posse de Eurico Rezende como governador do estado sucedendo a Élcio Alvares, em fim, comente sobre o impacto dessa legislação de exceção naquele momento no ânimo das lideranças e do conjunto dos estudantes da universidade?

PHG: Existia no início do processo muito medo, muito medo. Estava ali aberta a ferida da perseguição, da tortura, do exílio. Estava aberta aquela ferida enorme, ferida que o país convivia naquele momento. Nós somos uma geração que nasceu e praticamente se forjou dentro do regime de exceção. Então existia medo, mas existia vontade de virar essa página do país, acho que isso é que motiva muito o nosso tempo, é uma tentação também, tem que reconquistar a democracia, porque que eu não vou poder publicar o que eu escrevo, porque eu não vou poder debater os temas do país, porque que não posso denunciar uma chaga existente na vida social. Eu acho que isso que marca esse contexto do nosso tempo, você tinha medo ao lado de uma tentação, de um desafio, de uma vontade que isso na juventude é mais solta, tem menos laços, não têm filhos para criar ainda, não tem que ter um salário de final do mês às vezes, às vezes tem, como no nosso caso, filhos de que uma classe média, filhos da classe média baixa existiam alguns, mesmo trabalhando para estudar. É a juventude, vontade de fazer a mudança. Então eu acho que esses sentimentos se misturavam no início da caminhada, em determinado momento eu sinto tranquilamente que o desejo de mudança superou a apreensão que se tinha com as forças militares. É claro que assustava ser preso quando ia numa reunião, ser proibido como na SESAC (Semana de Estudos de Saúde Comunitária) quando nós ficamos trancafiados dentro do campus e aí nós fizemos o nosso protesto, fizemos do limão uma limonada. Não deixa a gente ir a gente vai fazer o protesto aqui, vamos criar o fato, e criamos um fato social importante, políticos de oposição foram parar dentro do campus universitário em solidariedade, a sociedade ficou solidária, evidente que as famílias divididas entre a solidariedade e o medo dos filhos envolvidos, mas eu acho que devagarzinho foi se ganhando confiança na força de

que nós íamos virar aquela página do país. Eu fui à Polícia Federal depois, nunca vi esses depoimentos, uma hora tem que ter curiosidade para ver. Mas eu fui para explicar porque que ia fazer semana cultural, para explicar porque ia fazer eventos científicos, é claro que nós embutíamos nesses eventos culturais e científicos a nossa luta pela democracia e eles também não eram bestas, mas isso dava apreensão, dava, dava medo, dava receio, mas é aquele negócio, é o desafio empurrando e indo em frente. Eu acho que crescentemente o movimento de juventude se estabeleceu no Brasil inteiro naquela época. O bonito da época foi que não foi só movimentos de assembléias, discursos e reuniões, foi um movimento que misturou teatro, misturou cineclubismo, poesia, várias atividades culturais tecendo uma ambiência. Eu acho que quando a gente lia Darci Ribeiro, o negócio da vida universitária, do ambiente universitário, eu acho que nós vivemos num ambiente universitário, coisa que depois conseguiu se estabelecer, porque o meu interesse pelo cinema nasceu dentro da universidade, eu fiquei um apaixonado pelo cinema, mas nasceu dentro da universidade, lá nos movimentos de cineclubismo, nas mostra de cinemas, quer dizer, eu fui ver o cinema de outros países em mostras de cine clube dentro da universidade. Aquela idéia de universidade que forma para além da matéria específica que você está estudando que é economia ou matemática e assim por diante, a vida universitária ali naquele momento produziu isso e o sentido de uma universidade se fez, se fez dentro da sala de aula. Eu acho que em alguns casos se fez mais fora da sala de aula do que dentro da sala de aula porque é uma coisa própria de um espaço de reprodução de conhecimento, de difusão de conhecimento e de saber e assim por diante. Foi um momento muito rico, por isso eu sempre falo foi um momento que forjou uma geração, forjou uma geração e forjou uma maneira de pensar, de agir, de fazer avaliação das coisas.

PF: O DCE estava fechado desde 1972 e seis anos depois, em 1978, ele é reaberto em uma concorrida eleição com uma grande mobilização do conjunto dos estudantes. Como se deu esse processo?

PHG: Olha, foi uma construção política, nós começamos organizando os centros que na época que eram os DA's. O nosso cálculo político na época era que na hora que a gente conseguisse reorganizar boa parte dos centros nós ganharíamos musculatura para pensar

na entidade central. E as coisas aconteceram dessa forma, nós comemos mingau pela beirada, então fomos organizando, Educação Física, Engenharia, fomos a Alegre, organizamos um núcleo em Alegre e é evidente que eu acho que os dois pólos dinâmicos do movimento estudantil da nossa época, no início do processo era o CBM e o CCJE, mas nós fomos criando. Eu me lembro que nas reuniões preparatórias para reabrir o DCE, e era uma coisa que a lei proibia, aquele negócio do fato se sobrepondo a lei, a realidade se sobrepondo a lei, eu me lembro que a gente ali na sub-reitoria comunitária que o Rômulo era o sub-reitor e o Manuelito (Manuel Ceciliano Abel de Almeida) o reitor da época, a gente já reunia ali, num centro que permitia a gente sentar quase que numa roda, a gente já reunia os diversos centros da universidade, e foi dali que se criou as condições para propor a reabertura e fazer a primeira eleição. Eu acho que foi uma construção correta, ela ganhou musculatura e quando se estabeleceu não teve retorno, mas criou a entidade, montou a eleição, criamos a junta eleitoral, fizemos uma bela eleição com se eu não me engano quatro ou cinco chapas, eu não me lembro quantas a chapas tinham, mas teve vários concorrentes e a nossa chapa foi a Construção, e eu não imaginava, eu imaginava participar da chapa e não imaginava ser o presidente da chapa, isso veio de uma articulação não do CCJE, curiosamente veio do CBM, quer dizer, o CBM propôs o meu nome e eu acabei virando presidente da chapa, a chapa Construção. A nossa fixação por Chico Buarque de Holanda era denunciado no nome das nossas chapas, uma hora Gota D'água, outra hora Construção, e acabamos tendo uma belíssima votação, eu acho que consagradora, mais de setenta por cento, uma grande participação, primeiro isso, e depois mais de setenta por cento dos votos para a chapa deu muita legitimidade para começar o trabalho. Eu acho que o DCE, a construção do DCE ajudou reconstruir, por exemplo, o movimento dos professores e na sociedade ajudou muita coisa, quer dizer, aos movimentos sociais. O DCE teve presente na luta dos trabalhadores da construção civil, na retomada da luta dos trabalhadores da construção civil, o DCE esteve presente no movimento de apoio aos desabrigados da enchente de 1979, o DCE esteve presente junto com Ewerton Montenegro Guimarães, saudoso, na anistia teve um papel importante. O movimento estudantil ajudou a distribuir o livro do Everton, tem essa história que é importante, que era um livro que contava a história de esquadrão da morte e que nós ajudamos a fazer a venda no nosso sebo, famoso, que foi um pólo de resistência também, ajudou a fazer a distribuição não

só do livro do Everton como do jornal "Posição" que era um instrumento importante. Então eu acho que esse movimento não só criou uma ambiência dentro da universidade, um ambiente dentro da universidade, mas também abriu portas para os outros movimentos sociais da sociedade, políticos, fazer de novo a primeira passeata depois da repressão dura no período de 1962 a 1968, quer dizer, importante aquilo para a sociedade como um todo, e tudo minuciosamente pensado, a segurança, a possibilidade da repressão, um planejamento para aquela passeata não fechar a Jerônimo Monteiro, aquela idéia de que nós precisamos ganhar a sociedade, nós precisamos trazer a sociedade para o nosso lado, nós precisamos ter bandeiras que sensibilize os demais setores da sociedade para as nossas lutas. Mesmo assim apanhamos para burro lá na passeata, mais é um marco importante, nós saímos lá do antigo restaurante universitário e percorremos eu acho até a Praça Oito, e nós conseguimos chegar com a passeata. Isso aí é uma história importante para dentro da universidade, para fora da universidade, numa idéia de que a universidade tinha que dialogar com a sociedade, tinha que interagir com a sociedade, que não podia ficar ali fechadinha na idéia do seu muro, de uma academia de pensantes distantes da realidade do dia-a-dia na vida da sociedade. Eu acho que nós estabelecemos muitos elos internos e externos, nós jovens, nós movimento de juventude de estudantes daquele período

PF: O movimento estudantil caminhou mais ou menos sem grandes divisões até o processo de reabertura do DCE e depois há um processo de fragmentação criando várias correntes, principalmente a partir do momento em que entra em disputa a reabertura da Une com as várias tendências no nível nacional. Relate um pouco sobre isso.

PHG: Na verdade o mesmo processo que nós fizemos interno para recriar o DCE nós participamos a nível nacional para a reconstrução da Une. O movimento estudantil foi ganhando força e foi restabelecendo sua estrutura para poder recriar a sua entidade nacional, e da mesma forma que o Partidão entra dentro do movimento ele entra na hora da criação da Une. As diversas correntes que organizavam movimento estudantil a nível nacional penetram dentro da Ufes e disputam os espaços e as lideranças, e assim por diante, e o movimento se torna um movimento com várias forças políticas a partir do

congresso de Salvador. Eu costumo brincar que a delegação capixaba saiu unida daqui e chegou lá e votou cada um para um lado, porque os oradores se sucediam, figuras lindas, brilhantes, das diversas correntes políticas, e o encantamento, o encantamento é forte, o movimento de recrutar gente no Brasil inteiro, os grupos procurando fazer o seu elo pelo Brasil, até porque a partir daquele congresso nós íamos ter as eleições que iam acontecer, então todo mundo queria estruturar a sua chapa e assim por diante. Então o ônibus, a caravana de ônibus vai unida e volta dividida, evidentemente a gente ainda com força dentro do movimento, com maioria dentro do movimento. Nós só perdemos a sucessão no DCE porque eu acho que na escolha de candidato, escolheu-se o Pig (Fernando Pignaton) que era do CBM, foi um erro que o CBM não cometeu ao me puxar como candidato lá de trás, porque a maioria dos estudantes estava em Goiabeiras, ali é a cabeça. A emoção pelo Pig, pelo jeito do Pig, pela desenvoltura dele, pela doação dele ao movimento estudantil e ao próprio partidão na época pesou mais do que o cálculo objetivo que o candidato tinha que ser de Goiabeiras, fosse ele quem fosse, porque ali está a maioria dos estudantes. Você só tinha dois núcleos separados, três núcleos sendo dois núcleos separados naquela época, o CBM e Alegre, Alegre que votava com a gente inclusive. E aí nós perdemos a eleição fruto já daquela disputa que vinha dos erros que nós cometemos. Curiosamente perdemos a eleição e no momento seguinte da eleição, as primeiras assembléias massivas que tiveram na Ufes, nós comandamos as assembléias, quer dizer, nós perdemos a direção formal do movimento, mas continuamos com comando do movimento estudantil, as assembléias eram realizadas na antiga reitoria, eu me lembro muito bem, quer dizer, elas acabaram sendo conduzidas pela minha fala, pela fala do Stan, pela fala do Ernesto Neris. Depois, imediatamente após o Stan foi eleito, o Arimatéia foi eleito, seu não me engano eu acho que essa é a seqüência. Mas aí já era um movimento amplo, próprio de um país que vai estar se democratizando e as forças políticas estão se organizando com a riqueza da vida, das disputas políticas, que é o que a gente lutava afinal de contas, e muita gente que foi forjada dentro da nossa luta do movimento estudantil, dentro do Partidão, e acabou ajudando ao organizar PT e outras forças políticas e assim por diante, mais isso aí é a beleza da vida democrática.

PF: Governador, inclusive nós temos muitas informações sobre esses detalhes, de sua escolha como candidato do DCE, conforme o depoimento do Paraíba (Idelberto Muniz) que fala com mais detalhes sobre isso.

PHG: Ele conhece os bastidores, eu não conheço. Eu na verdade fui surpreendido quando eu não sei se foi ele ou foi a Merli me deram à notícia de que a preferência deles era pelo meu nome, e evidente que eu não imaginava porque eu era pouco experiente assim da vida, boa parte deles tinham mais estrada do que eu, mas, o pensamento deles foi um pensamento estratégico, de entender o movimento estudantil como um todo e que a possibilidade de me levar trazendo o CCJE e a sua influência para o campus de Goiabeiras de certa forma criavam a maioria, e não deu outra, nós tivemos eu não sei, setenta e quanto por cento, eu acho que setenta e três por cento, acho que foi setenta e três por cento dos votos, tinham quatro ou cinco chapas e nós tivemos uma maioria firme nessa votação.

PF: Governador, o senhor gostaria de fazer mais algum registro, gostaria de falar algo mais do que foi dito sobre esse período do movimento estudantil.?

PHG: Eu assim, eu tenho alegria de ter participado desse período e vivido esse momento do nosso estado, do nosso país, porque somado à formação que os meus pais me ofereceram, formação que eu tive nas escolas, um momento que agregou na minha vida, se fosse na linguagem dos economistas, teve agregação de valor importante na minha vida, foi a minha passagem no movimento estudantil e no Partidão nesse período. Eu acho que ali eu vivi uma das escolas importantes, escolas da vida, forjando o meu pensamento político, os meus valores, consolidando valores e princípios adquiridos, compromissos com a vida, com o meu estado e o meu país. Então esse é um momento muito rico e eu quando falo nele sou meio saudosista, eu me emociono porque marcou muito a minha vida, a vida de uma geração, uma coisa é intensa, uma coisa tão intensa que no carnaval cada um não iria para seu lugar, faziam um acampamento em um lugar e ia todo mundo junto para um canto. Imagina que intensidade de vida, de estudo, de grupos de estudo, de debates, de trocas de documentos, enfim, eu acho que foi um

momento riquíssimo da minha vida, da vida dos meus companheiros de geração e alegria minha pessoal de ter podido entrar na vida pública que é um lugar difícil no país como o nosso, desafiador, árido, porque é um espaço ainda regido por leis muito precárias, ultrapassadas, de outras épocas. Mas entrar num espaço como esse e poder reproduzir toda uma história, todo um conjunto de princípios, de valores e ajudar inclusive no caso dessa quadra última, ajudar a tirar o estado de uma situação difícil, complicadíssima, e trazê-lo para um outro caminho onde os desafios também estão postos, não tem esse negócio de mágica, nossa geração nunca trabalhou com isso. É a realidade dura, um passo de cada vez, mas fazer belas caminhadas, um passo de cada vez, eu acho que é isso que nós estamos fazendo. Então eu tenho alegria de ter participado, de ter tido essa oportunidade, muitos jovens sempre me perguntam: "Porque o movimento estudantil hoje não é como foi no seu período?", principalmente os que se envolvem com o movimento estudantil. Porque é a circunstância, o momento em que o país viveu, e os ideais daqueles tempos, as ideologias muito vivas. O mundo mudou muito de lá para cá, o fracasso do socialismo real, a queda do muro de Berlim, uma certa ação um pouco integrada das economias do mundo produzindo muitos produtos, muitos bens, mas muito sofrimento, muita decepção, muito isolamento, muita angústia e ansiedade. Então é muito diferente o tempo que nós vivemos do tempo que nós estamos vivendo hoje. Consequentemente o movimento de juventude naquele tempo, com animação, com vigor, mesmo com medo, com apreensão, tinha muito vigor, não é a mesma coisa de hoje, mas a vida é assim, cada coisa no seu tempo. Eu particularmente tenho muita alegria e muito orgulho de ter participado e de ser dessa geração.

Obrigado governador.

Paulo Roberto Fabres

Vila Velha, 30 de Maio de 2007.

(**) Paulo Hartung Gomes ingressou naq Universidade Federal do Espírito Santo em 1976 e concluiu sua graduação em economia ano de 1979, tendo atuado ativamente no movimento estudantil do CCJE, sendo eleito presidente do Diretório Central dos

Estudantes em 1978, ano de sua reabertura. Iniciou sua trajetória na política partidária como Deputado Estadual e elegeu-se por duas vezes Deputado Federal e posteriormente como Senador da Republica. Foi eleito Governador do Estado em 2002 sendo reeleito para o período de 2006-2010.

Depoimento de Ricardo Luiz Silva *

Paulo Roberto Fabres Fabres[ii]: O movimento estudantil na segunda metade da década de 1970 foi marcado num determinado momento pelo surgimento de vários grupos de esquerda, ainda que clandestinos, divididos em várias correntes. Quais eram os principais grupos e quais eram suas vinculações?

Ricardo Luiz Silva: Olha, tinha várias correntes, a esquerda basta juntar três pessoas que já surgem duas correntes com a tendência de uma terceira. A intelectualidade da esquerda sempre gostou muito debater, discutir e formar correntes de acordo com as interpretações individuais. Eu acredito que as pessoas que partiram da esquerda, já por essência são pessoas revolucionárias internamente, então tem uma crença muito grande nas suas manifestações. As principais correntes que se digladiaram, de um lado você tinha Caminhando e a Refazendo que aqui em São Paulo, são nomes mais tipicamente de São Paulo, a Caminhando como uma corrente ligada a estrutura dois do PC do B (Partido Comunista do Brasil). O PC do B na época, por questão de sobrevivência, se constituiu em dois partidos independentes, eles tinham dois PC do Bs que só se juntavam no comitê central, que era se caso caíssem algum militante do PC do B e fosse torturado ele não entregava o militante, ele não sabia quem era porque não tinha ligação, não se conhecia o militante da outra estrutura. Então na estrutura dois do PC do B nós tínhamos a Caminhando como a principal manifestação de corrente, na estrutura um isso se dividia, isso se pulverizava em vários grupos, e de outro lado a Refazendo que era uma aglutinação do pessoal da antiga AP (Ação Popular) a APML (Ação Popular Marxista Leninista) meio que se apresentavam como Refazendo. E a partir daí, isso como consolidação, eu acho que a terceira vertente que se consolidou na época, que parecia consolidada era a Libelu, a Liberdade de Luta, que representava mais uma corrente trotskista, quer dizer que vinha ligada à quarta internacional, a famosa OSI (Organização Socialista Internacional) e que depois também foi também se desmembrando, e vai surgindo a convergência socialista, vão surgindo outros segmentos dentro do trotskismo. Mas acho que Caminhando, Refazendo e Libelu, Caminhando do PC do B, Refazendo enquanto grupo de visão marxista leninistas também. como a Caminhando mas com outras propostas estratégicas, táticas, e a Libelu com a proposta trotskista, e paralelo a isso eu acho que você tinha tão importante quanto, o papel do pessoal do Partidão (Partido Comunista Brasileiro) que atuava com a

proposta de unidade. O Partidão nesse sentido, eu acho que eles tinham mais bom senso, eles achavam que essa fragmentação toda era muito maluca, e que buscavam unidade, agora, é aquela coisa da esquerda Paulinho, você fala em unidade, mas quando você fala em unidade você fala em unidade sobre o meu comando, unidade dentro das minhas teses de unidade, e aí a coisa pegava. Era difícil o processo político, esse processo de aglutinação, é muito mais fácil você dividir do que aglutinar, é mais fácil você fazer rupturas e quebras do que você juntar. O velho Ulisses Guimarães tinha uma frase que eu sempre achei muito curiosa, que falava que "quem cisca para fora é galinha, político tem que ciscar para dentro." Então, o Partidão teria sempre uma visão mais pragmática de juntar. Aliás esse é outro grande problema da esquerda, porque esse pragmatismo todo acaba em um determinado ponto permitindo certas alianças que no mínimo são estranhas. Quando você vê a esquerda brasileira se aliando com Delfim Neto ou com Paulo Maluf ou coisas do gênero, mesmo dentro do Partidão quando você lembra do Luís Carlos Prestes se aliando com Getúlio Vargas depois do Getúlio ter mandado a mulher do Prestes para os campos de concentração nazistas, é um pragmatismo que às vezes é difícil da gente compreender de entender.

PRF: O PT como é que ele aparece no movimento estudantil e como que ele se manifesta?

RLS: O PT ele está surgindo mais ou menos nessa época. O PT vem do movimento sindical, do ABC, quer dizer do Lula do Alemão, aquele pessoal todo que começou a fazer as lutas sindicais a partir de 1975 e 1976 embrionariamente, e 1977, 1978 um pouco mais forte, e junta-se com grupo de intelectuais de esquerda que vinham retornando de exílio e estavam começando a reaparecer na cena política. Aí se abre uma grande discussão na época, se era saber se o PT era um partido estratégico ou um partido tático. O que significava isso? Era saber se o PT era um partido de esquerda que seria levado ao poder, ou se o PT era um partido meramente tático onde você deveria manter a tua estrutura de esquerda, a tua organização de esquerda e atuar dentro do PT, tomar uma carona, e num determinado momento você atropelava o PT e assumia-se o poder, assumia-se a liderança das massas, mas usando o PT enquanto isso. Essa discussão rolou rios e rios e rios de debates no PC do B do qual estive próximo na época, estive mais ligado à estrutura da Caminhando, e significou grandes rupturas. O

próprio Genuíno, por exemplo, naquela época considerava o PT um partido meramente tático que deveria se manter a estrutura, já naquela época o Genuíno, eu e o Vladimir Palmares e uma série de pessoas do PC do B já tinham sido expulsas do PC do B por que o Amazonas quando volta ele rompe a estrutura. A estrutura um e a estrutura dois são rompidas e a partir do bloco que reunia Genuíno, Palmares é que vai se criar um Partido Comunista Brasileiro Revolucionário o PCBR, PRC, um monte de siglas que se criou naquela época, e se achava que esses partidos deviam atuar no PT para empurrar o PT até possibilidade da legitimidade sócio-econômica política existente e a partir dali fazer a ruptura. Lembra-se que na época, hoje eu brinco muito, hoje eu tenho uma visão de que a nossa geração é o estertor do movimento romântico do século XIX, esta a visão revolucionária, a visão de Che Guevara, fuzil na mão, boina na cabeça andando pelo meio das matas, quer dizer essa visão nos entusiasmava muito, essa visão é muito próxima da visão dos filmes de capa e espada, então a gente se sentia os grandes revolucionários liderando a massa popular em direção a terra de leite e mel, como dizia inclusive o hino dos sandinistas na época. E foi muito bonito, eu acho que foi poético, eu acho que independente de qualquer coisa, mesmo que hoje possa se ter grandes críticas a isso, foi um movimento poético, muito poético, eu acho que todos éramos grandes sonhadores, e acho que demos uma cor ao mundo muito bela, muito bela, e acho que de lá surgiram grandes lideranças políticas que seguiram por vários partidos, que entraram por vários lugares. Por exemplo, você tem no Espírito Santo o próprio Paulo Hartung, um cara que vem da época ligada ao Partidão e se revela como uma das grandes lideranças dessa nossa geração, em Minas você tem o Aécio Neves, quer dizer, independente da gente gostar ou não dos personagens, tem aí um José Dirceu, José Serra e toda uma gama de políticos de esquerda que vieram um pouquinho antes de nós ou na nossa época que vão se afirmando no quadro nacional como líderes, e é interessante, esse movimento tinha poesia. Eu temo um pouco pelo é futuro porque as gerações atuais me parecem que estão muito presas a internet da vida, muito fechadas dentro do seu mundo, e eu não sei daqui a trinta anos quem serão as lideranças políticas desse país, como é que elas surgirão.

PRF: O senhor teve contato com pessoal do movimento estudantil da UFES em 1977 e manteve relações próximas ao grupo nos anos seguintes, inclusive indo

frequentemente à Vitória. Que leitura que o senhor faz com de movimento estudantil da UFES naquele momento?

RLS: Eu acho que assim, na época meu papel é de uma liderança intermediária ou pequena dentro do processo do movimento estudantil. Eu estava iniciando o processo de participação dentro da esquerda, a gente vinha de uma ditadura no período Médici, eu não fazia parte da esquerda do movimento estudantil na década de 60 e eu não tinha tido consciência disso, a minha consciência despertou quando lá pelo segundo e terceiro ano que estava na Fundação Getúlio Vargas. Lembra-se que para as pessoas que não viveram naquela época, elas não entendem mais a gente tinha uma censura violentíssima, nós não tínhamos acesso a nada, quer dizer a textos, a livros. Os professores de morriam de medo de falar, nós tivemos vários casos, vocês tiveram lá na UFES e nós tivemos na GV de colegas nossos que foram tirados de dentro de salas de aula e de repente sumiram. De repente apareciam lá dois orangotangos com aquelas peruas da Chevrolet, aquelas peruas clássicas sem pintura nem nada, daqui a pouco você via um colega seu ser carregado e arrastado para uma perua daquela e ir embora, e você não tinha mais notícia. Então havia um medo, a ditadura militar principalmente nesse período do Médici foi uma ditadura de terror, um terror muito forte, e a gente não tinha acesso a muitas informações, o debate, a polêmica, isso não aparecia. Então muitos da nossa geração demoraram algum tempo até para poder ter contato. Graças a sobrevivência de alguns intelectuais, algumas pessoas que pensavam em todos os segmentos e que aos poucos foram contatando a gente. E aí já em 1977 nós organizamos, quer dizer, já havia dentro do movimento estudantil algumas disposiçõeszinhas. Qual era o grande objetivo do movimento estudantil? Era reconstruir a Une, uma entidade de nível nacional que pudesse articular o movimento estudantil num país como um todo. A Une tinha todo um simbolismo do pré 1964, tudo que ela representou, a força da Une, e se falava isso nos bastidores, se você falava isso abertamente você tomava duas cacetadas e ia amargar um tempo ali dentro do DOI-COD ou da Oban, do DOPS daquele pessoal todo. E uma das formas eu acho que as lideranças da época encontraram foi organizar encontros setoriais, que passavam mais ou menos, não é que passavam despercebidos, eram mais palatáveis. Então Encontro Nacional dos Estudantes de Administração de Empresas (ENEAD) com uma pauta para discutir temas relacionados à administração de empresas, a ditadura militar que não era

muito inteligente aplaudia, "poxa, olha que legal, os administradores futuros executivos etc e tal que vão se reunir", e essa reunião na realidade, ela servia para se aproximarem pessoas com uma reflexão crítica e que se encontravam em escolas de administração de empresas esparramadas pelo Brasil todo. Isso servia para outros segmentos, tinham encontros nas faculdades de jornalismo, de medicina, quer dizer, dependendo da onde tinha alguma organização tentava se fazer, óbvio que encontro nacional de estudantes de ciências políticas iria ser reprimido violentamente, então era mais fácil fazer pelas escolas que tinham menos foco da ditadura na época. Em 1977 a gente estava organizando, eu participei da organização do 4º Encontro Nacional de Estudantes de Administração e foi quando nós tomamos contato inclusive com movimento do ES, que é movimento que vinha da UFES, e foi algo impressionante porque junto com Alagoas foram as duas maiores delegações em termos de mobilização que apareceram. O encontro foi feito em São Paulo, na Fundação Getúlio Vargas, e a UFES apareceu com 40 pessoas lideradas pelo Paulo Fabres, que está aqui nessa entrevista, e foi uma surpresa muito grande para nós de São Paulo de repente falar: "nossa o ES tem esse movimento todo?" Quer dizer não era algo, por que você estava habituado ali com movimento da USP, da PUC e a GV, que faziam um tripé mesmo de movimento na época era GV, PUC e USP que tinham lideranças fortes dentro do movimento estudantil na época. A gente tinha contato com lideranças no Rio de Janeiro, Bahia, Rio Grande do Sul, mas no ES a gente não tinha. Gozado, essa coisa de que acho que meio de São Paulo centrismo, achar que as coisas acontecem em São Paulo e não está atento com o que acontece no resto, e foi uma surpresa, uma surpresa extremamente agradável, foi aquela delegação monstruosa chegando, monstruosa para época, hoje gente fala em quarenta pessoas parece que não é nada, mas você dentro de uma ditadura militar mobilizar quarenta estudantes de administração no ES, por essa turma toda dentro de ônibus, trazer para São Paulo uma viagem de quase 12h e acomodar essas pessoas aqui e elas estarem dispostas a ficarem, a passarem uns dias até mal acomodadas para sentarem para discutir pautas de administração, foi um evento, foi um evento. E eu me lembro que já nessa época eu me aproximei pessoalmente muito do pessoal do ES por uma questão de concepção, independente da questão pessoal, da simpatia pessoal das pessoas. Desse encontro tinha uma questão política, eu particularmente dentro do movimento sempre defendi o movimento de base, eu era aquilo que se podia se chamar

de basista, eu acreditava que o movimento vinha de baixo para cima e não dentro dos cânones leninista ou trotskistas tradicionais aonde uma minoria definia o que era bom para o resto e aí se impunha. E eu acho que encontrei eco também nessa coisa, eu acho que era a mesma preocupação que vinha da UFES, onde o pessoal da tinha a
mesma visão de fazer um trabalho de base, e isso nos aproximou muito, de tal forma que logo após essa reunião eu viajei para ES para fazer uma reunião de avaliação e tinha representante da Bahia, representantes do Nordeste, vieram representantes de Minas e vários outros estados, nós fizemos já um encontro de lideranças dentro da Ufes, bebemos muita vodka, dançamos muito, fizemos muita folia e discutimos muito e avaliamos muito o que foi aquilo. Nessa época eu tive um contato bastante produtivo com o Paulinho Hartung, ele sabia que eu tinha que eu vinha pela "Caminhando" pelo PC do B ele já fazia parte, ele tinha a ligação dele com partido comunista, trocamos idéias ali, esgrimamos um pouco no sentido muito positivo, e o Paulo me impressionou muito nessa época. Eu não imaginaria outro futuro para ele que não esse que ele tem hoje, porque ele é um cara sério, sério, eu me lembro que no movimento estudantil enquanto a gente, a gente estava ali, gente tinha aquele ímpeto jovem de fazer a discussão, de fazer a revolução e encher a cara, e sair, e namorar, quer dizer, tinha um conjunto, não era uma coisa isolada. O Paulo tinha uma postura mais, sabe assim, ele era de uma seriedade, para ser sincero eu não me lembro de ter cruzado com Paulo Hartung em festas em Vitória, assim as baladonas que a gente fazia, aqueles festões, aquela turma dos cachaceiros militantes, eu nunca vi o Pulinho nisso, eu acho que ele era um cara que ele tinha uma definição muito clara do papel que ele queria representar no país dentro desse processo. Então foi uma pessoa que me marcou na época, olhei para ele e me marcou a seriedade dele. E eu acho que a partir daí nós fizemos as nossos reuniões e avaliações com outras lideranças e acabamos marcando o quinto encontro já em Belo Horizonte. Lembra-se que esse encontro já foi em 1978 e já estávamos às vésperas do amadurecimento para criar a Une que foi recriada em 1979. Em 1978 os rachas internos nossos se configuraram, eu me lembro que batia de frente com a "Refazendo" de São Paulo, na época foi com uma delegação de SP e o representante, os representantes das delegações, entre as lideranças estavam eu e o Amaro da GV, e nas defesas de teses e posições eu me lembro que eu questionei muito certas questões que foram colocadas, que eram mais questões cupulistas, de cúpula, defendendo mais que o

movimento se organizasse em estruturas de base, e houve um racha naquele encontro muito forte, houve um bate-boca forte, aqueles rachas que a gente tinha, e eu me senti muito acolhido pelo grupo do ES os que eu acho que você e outros na época, algumas pessoas de Belo Horizonte, tinham pessoas do Rio, fecharam uma frente comigo e nós derrubamos a proposta inclusive que era uma proposta mais de cúpula, que vinham do pessoal da "Refazendo". E com isso, o Partidão jogando mais naquela coisa olha: "vamos juntar, vamos juntar!", quer dizer, apostando mais no "não racha", o Partidão tinha uma visão de acumular forças, e tinha razão por que o principal inimigo de cada um de nós ali acabava sendo o outro companheiro de esquerda e não a ditadura militar. A ditadura militar era o grande inimigo, mas se eu tivesse que brigar com um cara da Libelu eu ia brigar primeiro com o cara da Libelu e depois me preocupar com a ditadura, uma insanidade, uma insanidade nossa na época. E aí eu achei que foi bom aquele encontro isso deu as bases concretas para que já no ano seguinte nós nos reuníssemos não mais num encontro setorial, mas sim em um grande encontro que foi em Salvador, aquela coisa deliciosa, aquela emoção que só quem esteve lá pode falar a respeito, a recriação da Une. Eu particularmente tenho assim nas minhas memórias um momento muito grato de ter podido viver aquele momento.

PRF: Fale um pouco desse encontro de reabertura da UBNE em Salvador em 1979..

RLS: Esse encontro de Salvador ele é uma coisa muito gozada. Outro dia estava comentando sobre a forma como eu fui. Como eu tinha acabado de me formar na GV e estava dentro do movimento, discutia isso dentro da minha célula comunista, do encaminhamento, eu fiz vestibular eu disse que eu ia fazer vestibular de novo, tinha feito vestibular entrei nas ciências sociais da USP, porque como eu vinha aquatro anos nesse movimento político dentro do movimento estudantil eu queria participar daquele momento como estudante, então acabei viajando, não mais pela GV porque eu já tinha me formado, mas sim como estudante de ciências sociais agora da USP. Viajei para Salvador e foi muito gozado porque eu recebia incumbência do partido de levar na minha bagagem todo material de divulgação, jornais do partido comunista, textos para discussões, revistas, toda forma de debate que o PC do B ia fazer dentro da Une, e para fazer isso foi escolhido para viajar comigo uma companheira, camarada Laura, que era esposa do Alan que era grande liderança do PC do B na medicina, era a grande

referência da medicina. Como o Alan era muito visado pela polícia e eu era pouco visado, eu e a Laura viajamos como o casal em lua-de-mel. Nós fomos de avião com as malas lotadas e os dois, "casalzinho bonitinho", entramos no avião e não deu outra, a gente subiu e subiu atrás da gente um baita de um sujeito dois por quatro, de terno, e sentou do nosso lado naquela fileira de três bancos, sentou e aí ele olhou, aquela coisa social de cumprimentar, a gente já sentido cheiro de polícia, o cara nos cumprimentou educadamente e falou: "Ah vocês estão indo para Salvador? "É, nós casamos, estamos em lua-de-mel", aquela coisa clássica. Aí o cara falou: "Ah que bom, mas vocês estão sabendo que está tendo um encontro de jovens lá, mas parece que é um negócio dos comunistas que estão se reunindo", eu falei: " Não, imagina!" E a Laura já começou a ficar apavorada. E o cara foi nessa política de intimidação e terrorismo, dizendo: "Esses estudantes são uns loucos, eles vão chegar lá, vão ser presos vão apanhar", e eu falei: " Nossa, tomara que eu nem passe lá por perto porque eu estou em lua-de-mel." Foi aquela coisa, eu fui tentando, quer dizer, com estômago colado nas costas porque se o sujeito manda abrir as malas estava toda a documentação que na época dava cadeia direto, estava tudo ali nas malas. Mas aí a gente vê a fragilidade que a gente tinha em certas coisas, a gente crente que estava nadando de braçadas e os órgãos de repressão estavam acompanhando a gente, quer dizer, eles sabiam que eu e a Laura estávamos viajando, eles sabiam e se eles quisessem ter impedido a coisa naquele momento eles teriam impedido.

PRF: Houve algum embate grande em termos da concepção de como que a Une deveria ser reaberta?

RLS: Eu acho que ninguém tinha muitas dúvida de que era momento, de que Une tinha ue ser criada, que as condições que você tinham a sua volta permitiam. Podia ter uma ou outra discordância em relação a isso, mas eu acho que de uma forma geral havia uma concordância. O Partidão sempre foi mais recolhido nisso, sempre achava que a gente não devia avançar muito, que devia fazer a política mais por debaixo do pano, os Trotskistas sempre querendo avançaram excessivamente, querendo já pegar em armas e sair dando tiros, quer dizer, entre os Trotskistas e o Partidão você tinha o restante dos movimentos em suas várias gradações, o PC do B, Refazendo, MR8, quer dizer as várias composições, com graduações, e essas gradações iam aparecer no que, nas

palavras de ordem, era saber se a palavra de ordem era abaixo a ditadura, se a palavra de ordem era abaixo ao imperialismo, se a palavra de ordem era pela assembléia geral, a assembléia constituinte geral e irrestrita, se era pela anistia geral e irrestrita, quer dizer no fundo essas palavras de ordem iam refletindo o que cada agrupamento estava trazendo, então você saber ao levantar a palavra de "abaixo a ditadura", o que isso significa? O que está por traz disso? Elevar uma consciência a população, quer dizer se a gente grita bastante abaixo à ditadura, a população vai começar a ter consciência de que nós temos uma ditadura e que nós temos que enfrentá-la, e enfrentá-la de qualquer maneira. Se você grita "por uma anistia geral e irrestrita" ao invés de "abaixo a ditadura", o que você está dizendo? Olha, vamos esquecer o que passou, se é geral e irrestrita você vai anistiar aqueles que estavam na esquerda e vai anistiar os torturadores também, isso é o geral e irrestrito. "Aí não, não pode, por que os torturadores são criminosos de guerra tem que ir para a cadeia, anistia só para os que foram perseguidos." Então, esses embates, eles eram, a maneira como eles eram argumentados, a assembléia nacional constituinte por uma assembléia nacional, é a forma de você caminhar pela via legal, e não pela via das armas. "Olha, mas o momento é de uma assembléia nacional", aí você cria um governo fraco, como foi o do Kerensky, muita gente acreditava nisso, leva o PT para o poder e ele vai ser o Kerensky, então dentro disso você faz a revolução armada. E hoje em dia o MST ainda acredita nisso, quer dizer, o movimento dos sem-terra ainda faz muito essa idéia, quer dizer radicalismo dentro do governo de esquerda considerando que ele vai ser um governo que não vai ter força para reagir ao avanço da esquerda revolucionária, e aí você atropela e toma o poder, pelo poder das armas numa mobilização das massas. Várias experiências foram feitas na China, em Cuba e outros países e ainda muita gente sonha que o caminho transformador é por aí. Então eu acho que na recriação da Une essas coisas estavam em pauta, eu acho que as grandes discussões, lembre-se que o estudante é por excelência a nata da intelectualidade da sociedade, o estudante universitário ele está ali com tudo quente na sua cabeça, e mais todo os hormônios, quer dizer, pela idade que está ali a flor da pele, preparado para detonar isso. Então foi o momento muito rico não é Paulo? Muito, muito rico, e onde esses embates foram colocados. Eu costumo dizer hoje que não fui eu que promovi a democracia no Brasil, mas eu participei, você entende, quer dizer eu estava lá e pus um tijolinho também, e eu sinto prazer em saber

que eu participei desse momento. Não fui uma grande liderança política, não fui uma liderança de ponta, fiz o que foi possível, o que eu tinha competência para fazer naquele momento e participei do processo. Hoje as minhas reflexões já seguem outros caminhos, mas valeu a pena.

PRF: Gostaria de acrescentar mais algum outro registro ao seu depoimento?

RLS: Olha, eu acho que o registro fundamental, que é o que fica para mim toda vez que eu deito e vou refletir sobre isso, é o aspecto poético dessa época. Eu acho que existem dois filmes muito interessantes que devem ser vistos, são duas obras-primas, um é continuação do outro, um chama-se " O Declínio do Império Americano" e o outro "As Invasões Bárbaras", eu acho que o que está nesses filmes reflete muito aquilo que eu penso e que eu sinto, e a maneira como eu vejo. Eu acho que o mundo se transforma, eu não sou um saudosista, eu não sou desses homens que estão chegando a 60 anos de idade e fala: "Ah! O meu tempo era melhor, o meu tempo..." O meu tempo era meu tempo e o tempo de hoje é o tempo de hoje, com certeza eu não faço parte desse tempo de hoje, quer dizer, eu vivo dentro dele, mas a dinâmica do tempo de hoje já não é mais a dinâmica que norteou o meu coração, as minhas, emoções e as minhas paixões. O que para mim fica, o grande marco que fica do movimento estudantil não é o político não, eu acho que o político foi importante, eu acho que as questões econômicas foram importantes, mas para mim o que fica é a arte expressa na poesia, ou seja, se você olha hoje, se você retira o teu olhar crítico, quer dizer, de intelectual, o intelectual tem aquela coisa meio do Lênin se referindo a Maiakovisk, na época que ele assistiu uma apresentação, ele dizia assim: "Olha, eu não sei bem para que isso serve, mais eu acho que deveria manter", quer dizer, esse é o intelectual, o intelectual até admira assim a poesia, ele admira essa coisa, não é prático, não é prático, nós precisamos cuidar do poder, precisamos cuidar disso aqui, precisamos cuidar das diretrizes, da construção do futuro, quer dizer, intelectual acha que vai resolver um pouco por aí, e é importante o papel do intelectual, e todo intelectual acha que ele é o mais importante. E eu tendo hoje a achar que o mais importante é o poético, e até o intelectual tem um papel dentro da poesia, até ele faz parte disso, e é o que fica para mim, esse é o registro fundamental. Eu hoje, quando eu fecho os meus olhos e olho para o passado, eu vejo um quadro, uma grande pintura daquele momento, e uma pintura estilo Harry Potter, sabe, assim, onde

os personagens se movimentam, o quadro com movimento, de uma poesia, de uma poesia indescritível, indescritível, indescritível. Para a gente que viveu, que esteve ali, foi fantástico, fantástico, fantástico, e sinto, quer dizer, acho que talvez não faça mais falta para gerações atuais, talvez elas não sintam falta disso, para mim foi o ápice do nosso movimento, foi o poético, daquele momento eu acho que esse foi registro fundamental.

PF: Obrigado.

RLS: Obrigado a você.

São Paulo em 06 de Março de 2007.

Paulo Roberto Fabres

Contato: Fabres.paulo@gmail.com

(*) Ricardo Luiz Silva atuou no movimento estudantil da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo e teve contato com o movimento estudantil da UFES no ano de 1977 quando estudantes do curso de administração participaram do ENEAD – Encontro Nacional de Estudantes de Administração na FGV-SP com uma delegação de quarenta alunos, e no realizado na PUC de Belo Horizonte em 1978 quando a delegação capixaba foi formada por oitenta estudantes. Participou ativamente Comissão Organizadora do Encontro de Estudantes de Administração realizadas no CCJE em 1977 e 1978 e estabeleceu estreitos laços de amizade com algumas lideranças da UFES neste período.

Depoimento Robson Moreira - Chicó (*)

Paulo Roberto Fabres[ii]: Relate para nós como que se deu a sua inserção no movimento estudantil e a sua aproximação com o grupo que formou a chapa Gota d'Água que concorre e vence as eleições do Diretório Acadêmico do CCJE (Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas) em 1976?

Robson Moreira: Na verdade, é o seguinte: eu já atuava como jornalista no Espírito Santo. Era repórter de A Tribuna quando fiz o vestibular. O curso de jornalismo só chegou em Vitória em 1975 e eu fiz parte da turma pioneira. Quando cheguei na UFES, portanto, eu já conhecia quase todo mundo. Coincidentemente, o Quincas Silva, que também era repórter de A Tribuna, havia passado no vestibular de Direito e fomos todos parar no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, o famoso CCJE, justamente no momento em que estava começando o processo de sucessão no Diretório Acadêmico. Tinha apenas uma chapa inscrita, encabeçada pelo Homerinho (Homero Mafra), também do Direito. E logo percebemos que aquela chapa era continuidade de uma situação que vinha de anos. Então, O Quincas me propôs entrar naquela briga e eu topei. Mas tinha de ser com uma coisa diferente, criativa. Começamos, então, a pensar numa chapa pra entrar na disputa. Como o Quincas era do Direito, que dava as cartas até então, encabeçaria e eu sairia como vice. Se queríamos entrar para acabar com a mesmice, teríamos de fazer uma coisa que causasse algum tipo de impacto e que chegasse para vencer. Foi quando lembramos do Chico Buarque e o nome da chapa surgiu de imediato: Gota D'Água. Hoje, sem falsa modéstia, considero que a Gota D'Água foi uma das coisas mais originais que aconteceu no movimento estudantil na época, no Espírito Santo. Mas não foi fácil. Recém-chegados, não tínhamos o domínio dos mecanismos. Mas começamos a visitar todos os cursos, à procura de gente que quisesse aderir à nossa idéia. A outra chapa nem se preocupava muito, pois achava que aqueles novatos não tinham chance de causar nenhum incômodo. Pois não é que começamos a encontrar adeptos, muita gente que queria mudar? E não é que ganhamos as eleições? E ganhamos com uma campanha barulhenta, agitada. O Quincas teve a idéia de botar umas caixas de som enormes na cantina e, nos intervalos, a gente mandava aquele som: "Faça não, pode ser a gota d'água". Aí entravam o Quincas ou eu

de locutores, a todos pulmões: "Chapa Gota D'Água!". E aquilo foi pegando. É claro que o processo foi difícil, principalmente na fase de montagem da chapa. Tínhamos que arregimentar uns trinta nomes e as pessoas queriam mais nos apoiar do que entrar numa chapa. Tem até uma história na qual me envolvi com o Paulo Hartung, que falo mais adiante. O importante é que vencemos as eleições e começamos a mudar os rumos de tudo o que acontecia no CCJE. Do meu ponto de vista, acho que a partir da Gota D'Água foi possível entender que as ações do movimento estudantil não deveriam se limitar à área geográfica da universidade. Ao contrário, elas deveriam ter uma relação permanente com a sociedade. As ações naquele momento poderiam ser consideradas poucas, mas as nossas intenções foram plantadas e desenvolvidas posteriormente por outras pessoas, que nem sempre reconheceram suas origens.

PRF: O DA criou um jornal chamado O Grito, promoveu um trote mais voltado para a integração e convivência entre calouros e veteranos, por favor, relate sobre as primeiras ações do grupo à frente do diretório.

RM: Bem, a gente tinha assim um espírito que ele era pautado pela diversidade e pela democracia. Não víamos cor partidária no movimento estudantil. E isso gerou muita polêmica, pois tinha muita gente do Partidão naquela época, principalmente na Medicina, com quem tínhamos uma certa rivalidade, e depois com a própria inserção do Paulo Hartug no contexto mais geral. Era uma época difícil e achávamos que se as direções partidarizassem o movimento, seria ainda mais complicado mobilizar os estudantes para nossas idéias. Infelizmente, o Partidão acabou dominando o movimento estudantil no Espírito Santo e venceu a primeira eleição para o DCE. Mas lutamos até onde o nosso limite nos permitiu. Agora, na Gota D'Água mantivemos sempre o nosso princípio e fizemos uma gestão plural, com espaço aberto para quem tivesse idéias e quisesse participar. Você falou de O Grito. Pois criamos O Grito com recursos precários, tanto que era feito com caneta BIC e rodado em mimeógrafo. Mas era um instrumento importante de agitação, de levar uma idéia nova dentro da universidade, de mostrar que o movimento estudantil tinha potencial para contribuir com a sociedade. Além, é claro, do combate ao fascismo que encontramos na universidade. Uma de nossas maiores marcas foi a luta contra o 477 (decreto lei 477), por exemplo. Muito antes da greve desencadeada pelo pessoal da Medicina, já fazíamos greves localizadas

nos vários cursos do CCJE. Nós vivíamos percorrendo salas de aulas, falando contra a precariedade do ensino, despertando a consciência no sentido de que não deveríamos aceitar a letargia. Aí nós inventamos muitas coisas, muitas ações, como o trote ecológico, por exemplo. Pode parecer bobagem, mas fez uma diferença. Porque tinham coisas que beiravam a insanidade. Eu me lembro que a Medicina uma vez fez um trote na sala de autópsia. Mesmo aquele negócio de jogar tinta e raspar a cabeça dos calouros à força, eram coisas ridículas. O pior é que isso continua acontecendo até hoje. Recentemente, em São Paulo, um calouro morreu depois de ter sido jogado numa piscina. Mas o fato é que no CCJE nós mudamos isso. Colocamos um fim naquele negócio de que pudesse ser normal que os chamados de veteranos subjugassem os que estavam chegando com agressões e humilhações, numa coisa extremamente atrasada. E nós fomos vítimas disso. Com a Gota D'Água, portanto, os trotes eram diferenciados, ecológicos e culturais. Começamos a criar um outro clima dentro da universidade. O movimento Gota D'Água arejou, abriu portas, indicou caminhos. Cada um depois foi para o seu canto, mas ali é que teve o início de muitas coisas. Nós éramos uma diretoria que lutava por tudo aquilo que tivéssemos direito. Estabelecemos uma luta permanente contra o sistema policial que tinha dentro da UFES. Fizemos muitas ações contra o Alberto Monteiro, um policial cuja missão era reprimir os estudantes por qualquer tipo de manifestação. A gente vivia uma época de ditadura, mas não se calava.

PRF: Falando sobre a repressão especificamente, o senhor ou o grupo sentiu alguma intimidação pelo fato do decreto lei 477 e todas as demais leis repressivas da ditadura estavam em vigor?

RM: Nós não nos intimidávamos. Éramos franco-atiradores e jogávamos muito aberto. Cada um de nossa diretoria depois tomou rumos diferentes, chegamos a ter um problema no meio do mandato, mas quando tudo começou éramos um grupo coeso e pronto para tudo. Queríamos mudar e isso assustou a direção da universidade. Era como se perguntassem: "Quem são esses caras? Isso nunca aconteceu aqui". Então, eles endureceram. Passaram a pegar pesado. Éramos vigiados por onde íamos. Utilizavam-se até de professores reacionários para nos perseguir. Esses professores vinham com um papo dizendo que não tínhamos assistido às aulas e que por isso não poderíamos fazer

provas. Que a nota seria zero. Um absurdo. Mas aí é que aumentavam ainda mais o nosso ânimo e o nosso entusiasmo para a militância estudantil.

PRF: Como que foi esse conflito, esse choque que houve dentro da Gota D'água que o senhor comentou. O que aconteceu exatamente?

RM: O processo de formação da Gota D'água começou basicamente com o Quincas e eu. Os nomes eram pensados e anotadas para consulta posterior. Lúcia Tose, Toninho Perim, Angélica, Haroldo (Haroldo Correia Rocha), Neivaldo Bragatto, a Jacqueline, o Tino (Constantino Colodeti), e por aí afora. Não era fácil pois tínhamos de achar muito gente que topasse formar a chapa. Eu me lembro que, no final, ficou faltando alguém que representasse o grupo do esporte, o que era complicado, pois queríamos ter nomes de pessoas envolvidas em todas atividades do CCJE. E foi aí que aconteceu um episódio interessante, pelo qual eu conheci o Paulo Hartung. A coisa foi mais ou menos assim: ficou comigo a missão de encontrar alguém. Cheguei, me apresentei, expliquei a nossa idéia, mas o pessoal não se animou muito. Já se sabia que a moçada do esporte era um tanto desligada para essas coisas. Foi quando alguém sugeriu que eu falasse com o "artilheiro". Mas quem é o artilheiro?, eu perguntei. O Paulo Hartung, artilheiro do handebol, me responderam. Ele ficou meio assim, mas, depois de muita conversa concordou que botássemos o nome dele, ainda que fosse "para fazer número". Vencidas as eleições, começamos nosso trabalho de acordo com aquilo a que propuséramos. Não eixar ninguém de fora, alheio ao que estava acontecendo. Queríamos que todos participassem e demos atribuições a cada um dos membros da diretoria, ao Paulo Hartung inclusive. E não conto isso agora só por que o Paulo Hartung se transformou em um político bem-sucedido, mas apenas por ter sido um episódio que me ficou na memória. O certo é que logo ele começou a achar a coisa interessante e se mostrou com grande capacidade de articulação. Também abrimos nossas reuniões para quem quisesse participar, e até alguns professores apareciam. Um deles, que mais se integrou ao espírito Gota D'Água, foi o Pedro Mansur, que dava aula justamente na Economia. Ele era do Partidão e começou a ter uma ligação muito forte com o Paulo Hartung. Coincidentemente, passamos a ter idéias divergentes dentro da Diretoria, na medida em que outros diretores também começavam a se aliar a posições que vinham do pessoal ligado ao Partidão. Foi assim que tivemos um racha já no segundo ano de gestão. Esse racha teve início num encontro de estudantes em Londrina. Eu havia sido incumbido de

defender uma proposta em nome do DA do CCJE, quando, para minha surpresa, o Paulo Hartung se inscreveu antes e se pôs a falar de uma idéia diferente. Bem, o que aconteceu na volta é que eles saíram da diretoria. Os primeiros foram o Paulo Hartung e o Neivaldo Bragatto. Depois outros, que agora não me lembro. Buscamos nomes para substituí-los, por meio de assembléia conforme previa o estatuto, e continuamos o nosso trabalho. Mas, aí, já tínhamos uma oposição, nascida entre nós mesmos. E o Paulo Hartung imediatamente começou a voar alto. Pulou na dianteira nas articulações para as primeiras eleições do Diretório Central, que também discutíamos, mas em outros moldes. Passou a articular isso com a Medicina, onde o DA era dominado pelo Partidão. Nós, da Gota D'Água, tínhamos muitas dificuldades com a Medicina. Nada pessoal, mas eles achavam que eram os donos da bola, que tinham de ditar as regras, e contra isso a gente resistia. Só que estávamos tão envolvidos com as questões do CCJE que acabamos ficando para trás na questão do DCE. Quando fomos
nos dar conta, o processo deles já estava por demais adiantado, com a chapa praticamente completa, a quem deram o nome de "Construção". Sequer fomos convidados a participar de qualquer tipo de discussão. Era como se não existíssemos. Tentamos barrar um pouco, mas não deu. Mais uma vez, nos restou a resistência. Articulamos, então, uma chapa de oposição e entramos no processo com "O Bicho de 7 Cabeças", uma chapa anarquista que não tinha candidato à presidência. A gestão seria feita por um colegiado. É difícil lembrar de todos os nomes, mas sei que a Marta Baião, a Lúcia Tose, a Angélica e o Toninho Perin estavam lá, firmes e fortes.
Perdemos, é claro, mas tivemos trezentos e poucos votos. Um quase nada diferente, pois nos fez pensar que se tivéssemos articulado de igual para a igual, o espírito Gota D'Água teria deixado uma marca ainda maior na história do movimento estudantil no Espírito Santo.

PRF: Qual o momento que o senhor considera como um dos mais marcante do movimento estudanti,l da sua participação, da participação do grupo que o senhor pertencia?

RM: Não sei, rapaz. Não teria um momento mais marcante. Acho que cada coisa que fazíamos no dia-a-dia, cada gesto, cada ação, tudo era para nós muito marcante. Sei lá. Lembro que teve um dia muito bonito. Não sei ao certo, mas acho que era um protesto

contra uma das atitudes do Alberto Monteiro, o policial. Começamos a entrar de sala em sala, em todos os cursos do CCJE. E era uma confusão, porque havia professores que tentavam nos impedir. E a gente passava por cima, invadia, para falar com os estudantes. Podem falar o que quiserem, mas esse diferencial ninguém tira da Gota D'Água. Não éramos de ficar sentados, só com eternas reuniões no DA. Circulávamos o dia inteiro por todo o Campus. Como eu estava dizendo, naquele dia fizemos isso, de sala em sala, pedindo para que todo mundo abandonasse as aulas num determinado horário, tipo às 11 horas, e saísse para o pátio onde todos deveriam permanecer sentados no chão por 15 minutos. Chapou de gente. Foi realmente incrível.

PRF: O senhor trabalhou como jornalista ao mesmo tempo em que você fazia o seu curso, atuava no movimento estudantil foi também um dos principais responsáveis pelo jornal "Posição" que tinha uma postura oposicionista forte e até mesmo contundente para a época. . Como que foi a sua entrada, esse contato com o jornal "Posição" e o Jô Amado que foi um dos seus principais idealizadores? Isso tem alguma relação com o movimento estudantil?

RM: Não, não tem relação. Na verdade eu conheci o Jô em "A Gazeta" em 1974, um ano antes, portanto, de entrar no movimento estudantil. Ele tinha voltado do exílio e trabalhava na Editoria de Internacional. E assim que a gente se conheceu, nasceu uma forte amizade. Uma coisa impressionante, tanto que permanece até hoje. No final de 74 eu fui para A Tribuna e, coincidentemente, o Jô também. Já nessa época, início de 75, o Jô já falava em se fazer um jornal alternativo. E ele não parava de pensar nisso. Começou a bolar a idéia e a batizara com o nome de Posição. Era um assunto que não saía da cabeça dele. Portanto, podemos dizer que o Jô foi o verdadeiro pai do Posição. Até que no final de 75 aconteceu uma grande demissão em A Tribuna, e, paradoxalmente, foi essa demissão a gota d'água para o surgimento do Posição. Ela aconteceu por causa de uma reportagem que fiz, ao cobrir uma reintegração de posse ordenada pela Justiça no Cantinho do Sossego, uma área na Serra que tinha sido ocupada por umas quinhentas famílias. Eu acompanhava o caso e recebi uma informação de que algo iria acontecer numa madrugada. A fonte não quis se identificar, mas sugeriu que a coisa aconteceria a partir do presídio de Vila Velha. Catei o Joaquim Nunes e rumamos pra lá. Não deu outra: quase de manhã, encostaram dois ou três caminhões, aqueles protegidos por lonas, e neles começaram a entrar presidiários. De

nossa "campana", o Joaquim, grande repórter-fotográfico, passou a registrar tudo. Resultado: seguimos os caras e os caminhões foram direto para onde? Para o Cantinho do Sossego. Foi uma cena incrível. Os presidiários, sob a guarda de fuzis, metralhadoras e baionetas do "poder constituído", desceram dos caminhões munidos de barras e ferro e estacas de madeira, e arrebentaram tudo. Não sobrou nada. O Joaquim e eu éramos os únicos jornalistas a testemunhar aquilo tudo. Esbaforidos, chegamos ao jornal umas seis da manhã, chamamos o Luzimar, que era o editor de geral, e contamos a história. Foi um alvoroço só. O Joaquim foi para o laboratório, fez os "contatos" das fotos e esparramou pelo chão. E aí apareceram vários editores de outras áreas, o Bininho, o Jô, o Fabrini, dos que me lembro, e iniciou-se uma edição coletiva do material. A foto escolhida com a principal para a primeira página, era fantástica; uma mulher grávida, tendo a ponta de uma baioneta em sua barriga de quase nove meses. Quando a edição chegou às bancas no dia seguinte, foi um furor. O governador Élcio Álvares estava inaugurando uma obra em Alegre e, pelas informações que nos chegaram, ele teria ligado direto para o João Santos, dono do Grupo A Tribuna, pedindo providências contra quem tinha publicado aquilo. Se isso é verdade ou não, o certo é que todos que participaram e deram palpite naquela edição foram demitidos. Pode ser que o Rubinho Gomes, que era o diretor de redação, e o Sérgio Egito, que era o editor-chefe, saibam mais coisas sobre isso. E foi aí que esse grupo de desempregados acabou se unindo à idéia do Jô de criar o Posição. Envolvemos mais gente, como o Rogério Medeiros, e, em meados de 76, surgiu o jornal. Todo mundo duro, mas tínhamos um jornal que seria a nossa própria voz. Um jornal de resistência que, aos trancos e barrancos, acabou fazendo história. Muita gente ficou pelo meio do caminho, mas, sem falsa modéstia, eu e o Jô seguramos o Posição 24 horas por dia até o finalzinho de 78, início de 79. E aqui é que entra a relação entre o Posição e o Movimento Estudantil. Eu já estava na universidade e levei o jornal lá pra dentro. Eu o vendia na cantina e estimulava os estudantes de jornalismo a participarem. Nesse aspecto, eu fui um privilegiado, pois as polêmicas que tínhamos na Ufes eram semelhantes às que enfrentávamos no dia-a-dia do Posição. Tinha gente que queria transformar o Posição numa coisa de partido político, e o Jô e eu batíamos de frente. Veja bem, não estou querendo tirar a legitimidade da militância político-partidária, mas achávamos que tudo tinha que acontecer nos seus respectivos campos. Hoje, eu fico olhando e me pergunto: o que são

os partidos? Não é que eu já desacreditasse da instituição partidária, mas achava que as pessoas poderiam separar sua militância partidária de uma militância mais coletiva, onde estivessem presentes correntes diversas de pensamento. E era isso que a gente tentava praticar no Posição. Teve quem dissesse que o Jô e o Robson eram ditadores. Mas era o contrário: o Jô e eu lutávamos para que não entrassem ditadores lá. Todo mundo que quisesse poderia chegar junto, para contribuir, desde que as idéias e os propósitos batessem com os objetivos do jornal. Se alguém decidisse "cagar regra", dar uma de cacique, dava problema. E isso aconteceu muito. Teve até um caso curioso, que só fomos saber muito tempo depois, numa reportagem que saiu publicada em A Gazeta, acho. Dizia que a gente era ingênuo por ter convivido com um cara, o Luis Cláudio, que era infiltrado da Polícia Federal no Posição. Mas não era essa a questão. Conheci o Luis Cláudio na universidade e ele se interessou muito pelo jornal. Não tive dúvidas. Falei que ele poderia aparecer para ajudar, pois era tudo que estávamos precisando. E ele foi. Agora, fazer o quê, se anos mais tarde descobriram que ele ela olheiro da Polícia Federal? Era um risco que corríamos na época, e pronto.

PRF: O senhor gostaria de fazer mais algum outro registro, acrescentar alguma coisa a mais ao seu depoimento?.

RM: Eu gostaria de fazer um registro sim, por que o movimento estudantil, além dessa confusão toda que a gente conversou aqui, me propiciou uma coisa de ordem pessoal , que hoje é uma grande realização. Foi lá que descobri que poderia também ser ator. Daí, Chicó. Foi no CCJE que um dia apareceu um pessoal convidando interessados para a montagem de uma peça. Era O Auto da Compadecida, do Ariano Suassuna. Fui lá para ver como é que era e conheci o Gobbi, que dirigia a turma. Era um monte de gente e eu sei que sobrou para mim fazer o papel do sacristão, uma ponta. Sei que dias antes da estréia o ator que iria fazer o Chicó teve um problema qualquer e o Gobbi, pela facilidade que eu tinha demonstrado em decorar o texto, me informou que o papel seria meu. Na hora, achei que ele tivesse ficado louco, mas no final dei conta do recado e acabei sendo eleito o melhor ator da mostra naquele ano. E aí, em Vitória, eu virei Chicó. Participei de várias outras montagens, trabalhei com o Milson Henriques, criamos o Grupo Ponto de Partida, que também fez história, e hoje continuo atuando em São Paulo com a Marta Baião, que teve uma participação intensa no teatro capixaba e na nossa luta no Movimento Estudantil, integrando com vigor a chapa O Bicho de 7

Cabeças. Uma grande figura, a Marta, a quem admiro de coração. Valeu.

Obrigado

Paulo Roberto Fabres

Contato: Fabres.paulo@gmail.com

São Paulo, 04 de Maio de 2007.

(*) Robson Moreira, conhecido na militância estudantil como Chicó, apelido que recebeu quando atuou na peça de teatro O Auto da Compadecida, nasceu em Minas Gerais na cidade de Joaíma, tendo cursado o ensino fundamental em Itambacuri, e concluiu o ensino médio em Vitória. Ingressou na Universidade Federal do Espírito Santo em 1975, formando-se em jornalismo no ano de 1978. Foi Vice-presidente do Diretório Acadêmico do CCJE na Chapa Gota d' Água, que venceu as eleições em 1976, e disputou a eleição do Diretório Central dos Estudantes no ano de sua abertura pela chapa "O Bicho de Sete Cabeças". Robson Moreira participou da fundação do Partido dos Trabalhadores no Espírito Santo. Integrou a equipe de gabinete de Luiza Erundida na Prefeitura de São Paulo entre 1190 e 1192. Robson Moreira teve uma atuação determinante no Jornal Posição, assumindo integralmente as atividades do jornal que participou como um dos seus fundadores. Trabalhou como jornalista nos jornais A Gazeta e A Trbuna no Espírito Santo, e em São Paulo trabalhou no Jornal Estado de São Paulo e foi editor assistente da revista Exame. Robson foi presidente do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo de 1987 a 1990. Exerceu a função de Diretor de Programação da STV – Rede Sesc/Senac de Televisão. Como ator participou da montagem das peças O Auto da Compadecida, Flicts: era uma vez uma cor, O Santo Inquérito, Como Conquistar um Coronel sem Fazer Força, Papel Noel no Bang-bang, Muro de Arrimo, Jato de Sangue, Ovo – Metáfora do Sacrifício Feminino e De Profundis. Robson Moreira continua residindo na cidade de São Paulo exercendo as duas atividades que se confundem com a sua própria história de vida, que é o jornalismo e o teatro.

Como citar esta entrevista:

MOREIRA, Robson. **Geração Gota d'Água: Memória de um movimento estudantil pelas liberdades democráticas no país. Universidade Federal do Espírito Santo 1976–1980.** 2007. Entrevista concedida a Paulo à Fabres, Vitória, 04 mai. 2007.

Depoimento Rômulo Augusto Penina *

Paulo Roberto Fabres[ii]: O senhor foi sub-reitor comunitário depois reitor da Universidade Federal do Espírito Santo e vivenciou como gestor universitário a retomada do movimento estudantil de uma forma mais organizada a partir de 1976. Qual era a posição da gestão da universidade, de um modo geral, com relação ao ressurgimento do movimento estudantil naquele momento?

RAP: Esse período foi enriquecedor em todos os sentidos. Na época fui chamado pelo Reitor Manoel Ceciliano Abel de Almeida em sua residência que já tinha sido nomeado Reitor da UFES, mas não tinha tomado posse, quando convidou para que fosse Sub-reitor Comunitário. Sabia que lidaria diretamente com estudantes, professores, servidores, etc. Para aceitar o honroso convite, fiz uma indagação. Como professor do Curso de Odontologia já lidava com a estudantada no Centro Biomédico, tinha noção exata de que a reabertura do DCE aconteceria a qualquer momento, perguntei: "O Senhor é favorável à reabertura do DCE?". Se ele dissesse não, confesso que não aceitaria o cargo, porque teria que ser fiel à linha do Reitor. Ele respondeu: "Faça aquilo que você acha que deve ser feito". Senti que a resposta era positiva. Ao assumir a Sub-reitoria Comunitária, abrimos a instituição para atividades esportivas, culturais e envolvendo a todos em um momento em que tudo era proibido, vigiado, principalmente atividade estudantil. Os estudantes começaram a aparecer através de ações no cineclube, mostras de teatro, música, artes plásticas, esportes, etc. Um estudante de medicina chamou atenção, Lelo Coimbra, veio conversar comigo: "Professor Penina, eu estou achando que o Senhor está chamando os estudantes aqui para que a gente fique a mostra para os órgãos repressores. Estou sentindo que parece até o Golbery (Golbery de Couto e Silva figura importante da revolução naquele período)". Até hoje brinco com ele, votei nele agora para deputado federal: "você mesmo na prática vai observar se tem esta finalidade que você está levantando". Como foi um período bastante rico através de

atividades culturais organizadas junto com os Centros Acadêmicos, como nas mostras de teatro que preparavam trabalhos e apresentavam no teatro Carlos Gomes durante uma semana, com entradas pagas e todos os recursos financeiros levantados naquelas mostras eram revertidos para os diretórios acadêmicos. A censura sempre presente nos ensaios, nas apresentações, essas peças iam para Brasília para serem censuradas, causou um impacto tão bom que o próprio diretor de Censura da Polícia Federal veio ao Espírito Santo verificar como elas eram apresentadas, inclusive um jornalista de teatro do Jornal do Brasil veio assistir algumas apresentações, então houve uma repercussão muito grande. Aconteceu um fato interessante, porque essas peças eram sorteadas para serem apresentadas de segunda a domingo, na terceira mostra de teatro houve um sorteio de um trabalho a ser apresentado por estudantes de engenharia e o título era "Como Conquistar um Coronel sem Fazer Força", a coincidência que nesse dia havia um movimento nacional de luta contra a revolução no país, e o autor da peça, por incrível que pareça, era irmão do Presidente Figueiredo. Surgiu um processo de represália para que essa peça não fosse encenada, nós garantimos que seria apresentadas, tropas do exército se colocaram nas proximidades da Catedral, pronto para invadir o Carlos Gomes se durante os atos, eram dois, se no intervalo de um ato para outro fosse apresentado qualquer moção contra a revolução, os militares iriam descer e invadir o Carlos Gomes. Fizemos um apelo aos estudantes que não fizessem nenhuma moção, apresentassem somente o trabalho, assumiram o compromisso, mas invés de serem dez minutos de intervalo de um ato para o outro levou meia hora, e até o Reitor estava no teatro. Na apresentação, o segundo ato não aparecia de jeito nenhum, e eu pensei assim: "Se esses meninos vierem com um documento, se lerem alguma coisa a respeito da revolução eu não sei o que vai acontecer". A gestão do Reitor Manoel Ceciliano foi muito importante em todo processo de abertura. A reabertura do DCE foi da maior importância. Considero o inicio da redemocratização da Universidade Federal do Espírito Santo, na reabertura do DCE. No dia da eleição, dormi no Campus, tudo estava preparado para que qualquer ação externa no Campus, os fatos seriam comunicados diretamente ao Governador. Os estudantes não sabiam disso, e o Paulo Hartung, foi eleito por uma votação extraordinária, ali se iniciou o grande processo de redemocratização da Universidade Federal do Espírito Santo.

PF: Professor, na gestão do reitor Manoel Ceciliano como também na gestão do senhor, uma coisa que marcou foi a discussão em torno da autonomia da universidade, um espaço que não poderia ser invadido pela Polícia Federal ou qualquer tipo de polícia, havia uma suposta autonomia, pelo menos entre aspas, Houve pressão por parte dos órgãos de repressão da ditadura sobre os gestores da universidade no sentido de adotarem medidas coercitivas contra professores e alunos, já que existia na própria estrutura da instituição um órgão denominado ASI (Assessoria de Segurança e Informação) que era coordenada pelo Alberto Monteiro.

RAP: Eles não aceitavam essa posição, o Campus era considerado intocável, qualquer ação policial era inaceitável. Preservamos a nossa autonomia até como uma questão de honra. A própria Assessoria de Segurança e Informação dentro da UFES, ela não aceitava, não aceitava de maneira nenhuma, fazia toda uma ligação com os órgãos repressores fora da Universidade ou infiltrados dentro da Universidade. A existência de nossa autonomia foi para nós motivo de muita satisfação, mas de muito sacrifício, mas valeu à pena. A unidade existente entre Reitoria e estudantes foi nossa grande força.

PF: Houve alguns momentos de maior tensão, como no caso de uma carta dos estudantes entregue ao Ministro da Educação Ney Braga no campus da UFES na época da invasão policial na UNB.

RAP: Esse episódio marcou profundamente a instituição. O Ministro da Educação Ney Braga queria diálogo com os estudantes. Ele veio visitar a UFES, conhecer a reforma acadêmica que estava sendo produzida. As lideranças estudantis tinham pedido ao reitor para que pudessem ter um encontro com o Ministro. Acredito que na época de revolução, os estudantes se encontrando com o Ministro da Educação dentro do campus foi de fato uma exceção muito bem absorvida pelo Ministro e por todos nós. Um fato histórico e de indelével lembrança, até para o Ministro levar e ter um conceito diferente de lideranças estudantis dentro do processo existente.

PF: E no caso estudantes que em 1977 quando oitenta estudantes ficaram impedidos de viajar para São Paulo para participar da SESAC (Semana de Estudos de Saúde Comunitária), os ônibus foram apreendidos pela Polícia Federal. Oi organizado pelos estudantes um acampamento no campus universitário como forma de protesto, o que teve uma grande repercussão naquele momento. Qual foi o momento maior de tensão naquele episódio?

RAP: A prisão de um estudante. Um deles foi preso e levado para a Polícia Federal, os demais estudantes acamparam no campus. E uma figura extraordinária, o Miguel Mota Fraga, já falecido, que comandava o Restaurante Universitário, o chamado Miguelzinho, mantinha a estudantada alimentada, cafezinho, água e sanduíches, etc. E os estudantes forçaram viajar, os ônibus foram prendidos e depois traçaram um esquema de irem um ônibus de carreira, mas a polícia estava lá vigiando, e um deles foi preso. O professor Manoel Ceciliano, a pedido de Paulo Hartung e outras lideranças, se dirigiu ao Palácio Anchieta e teve uma conversa com Dr. Élcio Álvares, e na mesma hora o Dr. Élcio Álvares interviu para que esse estudante fosse liberado, e aí o movimento praticamente acabou.

PF: O senhor citou o Élcio Álvares que era um Governador nomeado pelo Governo militar. O senhor considera que o Élcio foi um homem democrata naquele período a frente do Governo do estado?

RAP: Em relação à Universidade sim, eu vou citar um caso, que aconteceu uma prova concreta dessa ação dele em favor da Universidade, dos estudantes. O Governador Élcio Álvares ia passar o cargo para Dr. Eurico Rezende, Governador nomeado, saiu no jornal A Gazeta que os estudantes iam fazer um movimento no sentido de mostrar a discórdia com o fato de nomeações e não de eleições. A uma e meia da madrugada recebo um telefonema na minha residência, morava ali no Parque Moscoso, na Rua 23 de maio ao lado do antigo cinema São Luiz. O telefonema era do Presidente do DCE, Paulinho (Hartung), dizendo que a sede no Campus estava bloqueada, cercado, exigia uma ação do Reitor junto ao Governador do Estado, falei para Paulinho que o Reitor estava viajando, mas insistia que como Sub-reitor tomasse as providências junto ao Governo do Estado. Liguei para a casa da Secretária da Casa Civil, que era Mariazinha Lucas, me atendeu prontamente informava que o Secretariado não estava mais atuando porque

tinha sido exonerado. Mas passou o telefone de cabeceira no Palácio do Governador Élcio Álvares. Liguei para o Governador às 2h da manhã, tinha uma missão de dar um retorno a Paulo. Os estudantes estavam esperando um retorno, a situação era muito sensível, perigosa mesmo. Liguei, o Governador atendeu, me apresentei, falei do que estava acontecendo, ele repetiu o que Mariazinha havia dito, que não havia mais Secretariado, os Secretários haviam sido exonerados, mas tomou a iniciativa de ligar para o Comandante da Polícia Militar, pediu que fôssemos ao campus e se a polícia continuasse lá dentro que informasse ele. Eu peguei meu fusca, fui lá para o Campus de Goiabeiras, dei um retorno a Paulo dizendo que o Governador estava tomando as providências, ao chegar ao campus, foi uma das maiores alegrias da minha vida acadêmica, ver os camburões da Polícia Militar, as rádios patrulhas na época, saindo do campus, o DCE deixou de ser cercado. Essa é uma prova concreta de que o Governador Élcio Álvares, quando solicitado agia de maneira mais correta em benefício da liberdade dos estudantes e da democracia dentro do campus.

PF: Houve outro episódio que é o caso da Rose de Freitas com mais dois alunos da Universidade que foram presos dentro do campus e na hora de sair eu sei que foi pedido que se passasse na Reitoria antes de ir para a Polícia Federal. E o pessoal ficou retido numa sala da Reitoria e houve uma série de diligências junto ao Ministro da Justiça que era o Armando Falcão e com Nei Braga que era o Ministro da Educação. O que o senhor pode comentar sobre os acontecimentos dos bastidores daquele episódio.

RAP: Esse episódio marcou também, porque a UFES estava em processo de vestibular, esse período é um momento em que a Universidade sempre primou por total organização, incorruptível. As comissões organizadoras do nosso vestibular têm uma ação séria, disciplinada, e temia-se que aquela movimentação prejudicasse até o processo seletivo, o vestibular. E foi nesse sentido que essas pessoas foram levadas para o gabinete do Reitor, no sentido de prestar esclarecimentos. Mas tudo não passou disso, mas mostrou também a força da Reitoria no sentido de evitar esse tipo de arbítrio. O Antônio Claudino de Jesus, estudante de medicina, foi um baluarte na defesa das liberdades estudantis na Instituição

PF: Durante o período tanto da sua gestão frente à Sub-Reitoria Comunitária quanto na qualidade de Reitor da Universidade, a Assessoria de Segurança e Informação (ASI) estava em pleno funcionamento. Havia algum tipo de gerência SEI dentro da vida da Universidade? Comente um pouco sobre isso, relate para nós como que foi extinta essa assessoria.

RAP: Essa Assessoria de Segurança e Informação veio no bojo do processo revolucionário, em cada ministério em Brasília havia uma Coordenação Geral, no caso nas Universidades Públicas Federais estavam lá presentes as Assessorias de Segurança e Informação, tinham um poder muito grande, até na contratação de professores, fato até certo ponto desconhecido.

PF: Tinham poder sobre os alunos também?

RAP: Sim, tinha todo o dossiê dos estudantes, acervo esse que um pouco mais tarde falo para onde foi. Vou dar um exemplo da iniciativa que fiz, feliz por ter feito essa "loucura". Os professores do Curso de Odontologia foram ao gabinete do Reitor porque os estudantes estavam sem aula em determinada disciplina da Odontologia, uma disciplina especializada, vamos dizer assim, na área final do curso. O professor que eles queriam, tinha participado como estudante do congresso de Ibiúna, onde vários foram presos, inclusive o petista José Dirceu e vários daqui do ES. O referido estudante se formou, se especializou, o curso o queria para cobrir essa lacuna com os estudantes. A contratação não saía por causa desse processo que se encontrava no Ministério da Guerra no Rio de Janeiro. Por ser Professor de Odontologia, resolvi ir até ao 38° B.I., para tentar resolver o caso do professor, fui sozinho, resolvi assumir esse fato, pois conhecia o professor, pessoa da mais alta qualificação. Consegui uma audiência,expliquei o que queria, é lógico que a Assessoria de Segurança passou as informações de tudo. Fui recebido, antes passando por várias salas, tudo proibido, proibido, proibido, reservado, reservado, reservado, até chegar no final do túnel, no final do corredor, um Capitão do Exercito se apresentou. E ele me disse: "O que o senhor veio fazer aqui, ainda mais nessa área de segurança.?" Pensei: "acho que não volto, não vou cumprir minha missão". Citei o fato, o nome do professor, o congresso de estudantes que ele tinha comparecido, a sua capacitação, e a necessidade de contratá-lo, pois estávamos com os alunos sem professor nessa disciplina, e que não poderia

continuar. O Capitão, depois que nos ouviu perguntou: "Terminou?", e respondi: "Terminei", então ele disse: "Nós estamos recebendo o senhor para mostrar que o Exército tem educação. Só por isso." Quase que perguntei: "Posso sair?", mas disse: "Muito obrigado pelo senhor ter recebido aqui. Deixo a minha mensagem". Ele se levantou e fui embora. E a coisa funcionou, depois de vinte dias o processo era liberado no Ministério da Guerra que funcionava no Rio, foi possível contratar o Mestre. Mas a Assessoria de Segurança e Informação era que preparava os processos de cassação pelo decreto 477, já como Reitor da Universidade Federal do Espírito Santo, numa audiência, com os vários Reitores no Senado, com o líder do Governo, o Senador Jarbas Passarinho, fomos a audiência porque estavam em greve às Universidades Públicas, quando foi anunciado o nome da Universidade Federal do ES presente, o Senador veio dizer, parou para citar esse fato, quando estava saindo do Ministério da Educação, tinham uns cinco processos referentes ao decreto 477 enviados pela Universidade Federal do Espírito Santo para o Ministério da Educação. Para não deixar para o Ministro que vinha assumir, resolveu assinar e atender a Universidade Federal do Espírito Santo na cassação de quatro ou cinco estudantes. Essa assessoria tinha muita força. E você citou um fato aí importante. Como que ela acabou? Eu fiz outra "loucura", agora como Reitor, dentro do processo revolucionário no país. Preparei uma mensagem para o Conselho Universitário pedindo o fim da Assessoria de Segurança e Informação, solicitando autorização ao Conselho Universitário para que o acervo dessa Assessoria de Segurança e Informação fosse encaminhada para o Ministério da Educação. O Conselho Universitário aprovou por unanimidade, peguei toda a documentação referente a essa decisão e encaminhei ao Ministério de Educação. Qual foi a nossa surpresa de que daí a alguns dias, o Gestor de Segurança do Ministério da Educação, veio ao Espírito Santo especialmente para conversar comigo. Eu estava fora de Vitória, no Rio de Janeiro, na UFRJ, tomei conhecimento da presença dele no campus, voltei para Vitória, estava lá esperando, só ia embora depois que falasse comigo. Teve a audácia de exigir do Reitor que tornasse sem efeito aquele ato. Foi à primeira Assessoria de Segurança e Informação do país que foi extinta através de um ato do Conselho Universitário, e com mensagem nossa. Disse com toda calma e educação que era um ato do Conselho Universitário, que Reitor nenhum poderia tornar sem efeito. Aí ele foi enfático: "Eu exijo que o senhor faça isso e agora.", e eu disse: "Então o senhor

vai se retirar do meu gabinete, do campus universitário, o senhor é uma pessoa não grata aqui dentro. Por favor, se retire." Foi um ato forte, mas que nós do ES, nós da Universidade Federal do Espírito Santo tínhamos que dar um exemplo ao país. Esse fato ficou praticamente anônimo, nenhum jornal teve interesse ou curiosidade de saber talvez nem pudesse publicar pela censura prévia que sofria. Foi dessa maneira que a Assessoria de Segurança e Informação dentro da Universidade Federal Espírito Santo foi extinta, extirpada, e eu me orgulho muito disso até hoje!

PF: Professor o senhor gostaria de fazer mais algum registro sobre esse período que nós estamos falando de 1976 a 1982 que foi a época em que o senhor esteve à frente da gestão da Universidade como Sub-reitor e depois como Reitor. Há algum registro a mais que o senhor gostaria de fazer a respeito desse tema.

RAP: Gostaria de reiterar a importância da liderança estudantil capixaba dentro do processo anti-revolucionário na UFES. Foi uma coisa fantástica, só homens verdadeiros, jovens naquela época, que imbuídos de um ideal podiam ter essa coragem cívica de se confrontar com forças poderosíssimas, a Une era proibida de existir, o DCE idem, os Diretórios Acadêmicos também. Acredito que foi o nosso Diretório Central dos Estudantes, o primeiro que se reabriu nas Universidades Federais do Brasil, um estudante se destacou, esse registro quero fazer. Não é à toa que esse homem recebeu o título Doutor Honoris Causa da Universidade Federal do Espírito Santo. Será que foi pelo processo de desenvolvimento econômico que como Governador ele implantou nesse estado? A origem vem de lá de trás, ele antecipou o processo de redemocratização na Universidade Federal do Espírito Santo, através da reabertura do DCE.

Muito obrigado professor Rômulo Penina.

Vitória, 22 maio de 2007.

Paulo Roberto Fabres

E-Mail: Fabres.paulo@gmail.com

(*) Foi professor de odontologia do Centro Biomédico, Sub-Reitor Comunitário e posteriormente Reitor da Universidade do Espírito Santo por dois mandatos. Teve

importância fundamental nos acontecimentos políticos dentro da Universidade no período relativo a este estudo que vai de 1976 a 1982. Atuou como mediador e mesmo como defensor das lideranças estudantis em algumas situações críticas na relação dos estudantes com os órgãos repressores da ditadura. No período de sua gestão frente à Sub-Reitor ia Comunitária é que foi implementado um dos mais vigorosos e expressivos programas culturais da UFES, a Mostra de Teatro Universitário, que contou com a colaboração do Prof. Gilson Sarmento que lecionava no Centro de Artes. Estabeleceu contato estreito com algumas lideranças estudantis, principalmente com Antônio Claudino de Jesus, estudante do curso de medicina que exerceu grande influência no movimento político e cultural estudantil e que foi responsável pela difusão do cineclubismo tanto dentro quanto fora da área de influência da Universidade. Entrevista concedida em Vitória no dia 22 de Maio de 2007.

Contato: Fabres.paulo@gmail.com

(**) RomuloPenina

Como citar esta entrevista:

PENINA, Romulo. **Geração Gota d'Água: Memória de um movimento estudantil pelas liberdades democráticas no país. Universidade Federal do Espírito Santo 1976–1980.** Entrevista concedida a Paulo Fabres, Vitória, 22 mai. 2007.

Depoimento Taurio Lucilo Tessarolo - Tataca (*)

Paulo Roberto Fabres[ii]: O Senhor teve contato movimento estudantil do CCJE já em 1977 quando o grupo da chapa Gota d' Água estava à frente do Diretório Acadêmico. Por favor, relate um pouco sobre esse primeiro contato, e qual foi suas motivações e os seus canais de inserção na militância estudantil. .

Taurio Lucilo Tessarolo: Bom, primeiro falar da mágica daqueles tempos, que foi um tempo riquíssimo que marcou a vida de todos nós, que foi um momento muito produtivo em termos de organização política, de reconstrução de um conjunto de entidades que estavam ainda sofrendo aquele embate mais forte da ditadura, aquele momento em que a ditadura agiu de forma mais dura e mais cruel. Quando entramos na faculdade, nos primeiros semestres, já há a constatação de que a universidade como um todo estava completamente recuada, as entidades todas fechadas, não havia um diretório aberto, e nós fomos quase que naturalmente, a sociedade está passando por um processo de reabertura de horizontes e percepção do grau crueldade e de força que a ditadura estava utilizando contra os movimentos sociais e sobre a liderança de Paulo Hartung, que era um estudante que tinha uma vinculação mais próxima com organizações políticas então atuantes, e mais um conjunto de estudantes que naturalmente foi se organizando e foi se compondo, fomos reabrindo os diretórios até por uma manifestação espontânea mesmo, necessidade de se ter espaço de atuação. Esse movimento caminhou junto praticamente em dois terços do curso, eu não tenho aqui precisamente datas, mas entramos na faculdade em 1976 e saímos em 79 para 80. Esse grupo permaneceu coeso durante praticamente dois terços de todo o curso, e com muita produção em termos de reabertura das entidades, manifestações públicas, as primeiras manifestações públicas da cidade depois de um longo tempo se deu nesse período, a primeira passeata da cidade, e depois houve um momento, houve assim momentos muito importantes de

seminários, de congressos, e os congressos eram os momentos, os espaços onde se praticava ou se exercia mais livremente, embora sabíamos com a vigília, não a vigília mas com uma espionagem bastante forte dentro do movimento, os congressos da SESAC da saúde, porque a saúde era um espaço muito atuante, e tinha também alguns congressos o ENECO, o congresso de economia, eu particularmente para mim pelo fato de ser estudante de economia nós tínhamos uma atuação nessa área, houve um momento inclusive em que o ENECO se transformou quase que no momento simbólico quando as forças policiais praticamente fecharam um estado tentando impedir a saída dos estudantes, e foi assim uma demonstração do quanto o aparato militar dedicava a repressão especial a movimento estudantil, porque os estudantes foram retirados de dentro dos ônibus, ônibus comerciais, além da dificuldade de se alugar um ônibus para se seguirr em caravanas, nesse episódio especificamente os estudantes foram retirados de dentro dos ônibus comerciais, e nos reunimos na universidade, ocupamos parte da universidade, foi um movimento bastante simbólico Nesse momento, houve uma ação para mim particularmente muito interessante, muito simbólica também, que foi o furo, furamos o bloqueio dessas forças policiais com um carro com cinco pessoas que vou tentar me lembrar, Lelo, Paulo Hartung, eu, eu acho que Laurinho, acha que o carro era do Lauro, o carro era do Laurinho era um Fiat. A proximidade era tanta que eu vejo várias pessoas nesse carro, todas as pessoas que eu me lembro não cabem nesse carro, eu sei que só tinham cinco pessoas, mas eu não sei se a Marli estava nesse carro, o Paulo Hartung eu tenho certeza, o Lauro eu tenho certeza, acho que o Bragato estavatambém. E fizemos um circuito alternativo por dentro do estado eu sei que nós somos sair lá no Rio de Janeiro, evitando as rodovias e conseguimos ir para um congresso que era São Paulo. Um outro momento muito interessante foi o congresso da Une em Salvador, e isso é que eu acho que deveria se discutir mais, foi um momento ue eu não chamaria nem de uma ruptura política porque a nossa proximidade, a nossa elação pessoal, a fraternidade entre nós era tão grande, que a ruptura política se deu de ma maneira até interessante, porque foi muito do momento político dos movimentos sociais que deram origem ao PT, e aí tinha até a igreja e o movimento sindical que estavam atuando de forma bastante organizada para a construção do PT, para a fundação do PT. Esse movimento começou a acontecer uns dois anos mais ou menos antes da efetiva fundação do partido, e aí alguns setores, inclusive eu me engajei no movimento

estudantil, naturalmente se identificaram com essa nova idéia, com essa nova concepção. E aí se deu a uma ruptura mais em função de uma fundamentação ideológica que se existia em função de um tradicionalismo que vinha do partido comunista, de uma reação, inclusive à formação do PT que se deu muita função disso, de uma reação ao que se entendia como uma prática pouco incisiva em relação à ruptura do modelo que estava instalado, pois se entendia, nós partidários da fundação do PT entendíamos, que havia por parte do partidão uma ação pouco incisiva, havia o que se chamava de "reforma" na época gente chamava, que a idéia não era só reformar, mas era efetivamente transformar e revolucionar, e aconteceu uma divisão interna no movimento estudantil.

PF: Secretário, quem eram as pessoas que estavam em torno desse eixo que foram para dentro do PT, aliaram e que inclusive acabaram participando da disputa dentro do Diretório Acadêmico e depois do DCE pela direção do diretório acadêmico numa eleição? Quem são esses atores?

TLT: Olha num primeiro embate havia o Zonatelli (Cláudio Zanotelli), eu, a Lena Signorelli (Maria Helena Costa Signorelli), eu não me lembro de muitos nesse momento não, mas havia um engajamento bastante grande, tanto que houve um primeiro momento, em que disputamos o diretório do CCJE contra o grupo liderado por Paulo Hartung, e foi uma disputa bastante acirrada inclusive, para movimento que tinha poucos meses de existência, foi uma disputa bastante acirrada, e a eleição se deu por uma diferença pequena de votos, acredito que foi cem votos a diferença. Então, vou um movimento que mostra muito o dinamismo, em que as pessoas estavam efetivamente engajadas, e foi um momento assim de uma ruptura, dado o calor do momento, então a disputa se deu mesmo expondo para todo o movimento estudantil o que se entendia, que se entendia e o que deveria ou não deveria ser praticado dentro do movimento estudantil. E esse momento foi um momento que me marcou muito, porque mesmo que setores do movimento estudantil passaram a si digladiar muito fortemente, mas aqueles quadros que estavam mais envolvidos na luta política, não se deixaram levar, mesmo com toda experiência natural da idade, não houve embates que extrapolassem a questão ideológica e política, se preservou a fraternidade, se preservou a fraternidade, claro que houve exceções e situações em que pessoas se envolveram o se debateram no campo

mais pessoal, mas foi um debate muito politizado, muito ideologizado. Eu credito a esse momento, um momento muito rico, aliás, que é resultado é de todo um processo muito intenso de reflexão política do que aconteceu no período anterior Aí as entidades já estavam abertas, quer dizer, mostra a importância das ações anteriores de reabertura das entidades, de interlocução por setores que estavam também se organizando em relação à ditadura. Então esse momento eu considero determinante, onde as questões ideológicas tomaram mais corpo e se deu ali o surgimento do PT. Fale um pouco mais sobre o surgimento do PT, mais especificamente dentro da universidade. Como essas coisas começaram a se organizar? Quem eram as pessoas envolvidas? Quais eram as questões principais daquele momento? Enfim porque ali era todo o nascedouro do partido.

TLT: Eu tem uma certa dificuldade em de raciocinar a questão do movimento dentro da universidade, porque no momento em que a idéia que deu origem ao PT, as idéias começaram a se conformar, como eu já disse, dentro da igreja dentro do movimento sindical, houve uma diretriz de se agregar o movimento social a esse movimento. Então foi o momento em que eu me desliguei um pouco da universidade, que passei a me aproximar de movimentos sociais, e aí foi também um momento muito rico, porque nós começamos a fundar núcleos de bairro, núcleos operários com categorias profissionais, não só operários, mas com categorias profissionais, e eu acredito que isso foi o momento de amadurecimento do movimento estudantil.

PF: E os estudantes participam ativamente desse processo?

TLT: ma boa parcela sim, porque dessas pessoas que eu citei que estavam vinculadas ao PT, havia uma aproximação com setores da igreja, e também com o movimento sindical, e aí a gente foi em direção movimento social, aos movimentos sociais e aos movimentos populares, às organizações populares. E aí também começou a se organizar os jornalistas, com o surgimento do jornal "O Movimento", e algumas pessoas também que chegaram novas na cidade e que se integraram a esse movimento de jornalistas. O que aconteceu nesse momento, pelo menos o que está aqui depois de toda essa readaptação desse momento, é um pouco o afastamento do movimento estudantil, não o afastamento, não o descolamento, mais a gente passou a dedicar mais tempo a esses outros movimentos, e aí era a semana inteira de reuniões em bairros, e foi um

movimento bastante intenso organizado pelo setores da igreja como falei, que davam o tom do movimento sindical também e aí mais profissionalizado.

PF: Voltando um pouco antes desse momento de se extrapolar os muros da universidade e partir para um trabalho de constituição do PT, fale um pouco mais sobre essas diferenças ou dificuldades que o conjunto ou a parcela do conjunto de estudantes passaram a ter em relação ao grupo que tinha seu núcleo dentro do partidão. Quais eram as questões fundamentais que estavam envolvidas nesse processo?

TLT: Eu vivenciei mais os primeiros momentos da ruptura, eu não vivenciei os momentos seguintes que foi o da consolidação do DCE, pois aí eu já estava fora, praticamente saindo. Então na vitória de Paulo Hartung, com a primeira chapa que queria reconstrução do DCE, nesse momento ainda havia uma unidade, e aliás essa era a palavra, "unidade", e foi a chapa "Construção", e eu me lembro morávamos juntos numa república e tínhamos uma prática permanente de discussão, uma coisa que foi fantástica para formação de todos nós. Esse momento da consolidação dessa ruptura eu não estava mais dentro disso, eu acho até que houve alguns exageros de parte a parte nesse processo natural da realidade em que a gente vivia, de muito engajamento, de muita energia no processo, mas eu consigo ver de forma mais clara só até que momento, eu acho que algum bloqueio emocional aconteceu, porque foi muito doloroso ver um afastamento daquelas pessoas que tinham uma convivência, que tinham uma relação pessoal muito próxima, mas por alguma razão que eu não consigo identificar, a posição ideológica falou mais alto.

PF: Em relação à questão da ideologia. Qual era assim a orientação ideológica mais marcante, eu digo em termos de leitura de textos, quais foram as grandes influências recebidas através da leitura. Fale um pouco sobre isso.

TLT: Na época o Pedro Mansur teve um papel fundamental na ajuda, na formação dessa base teórica, e também havia uma disposição bastante grande nossa de estudar, então a base era fundamentalmente os princípios marxistas, e como a nossa formação era na área de economia, então a sociologia e a economia é que nos deram a mais condições de identificar de forma mais clara as contradições daquele modelo econômico que estava se

construindo. E aí os textos clássicos desde Rosa Luxemburgo, os textos clássicos de Engels e Marx, estudamos muito "O Capital". Mas não muito, eu digo não muito porque eu dispunha de tempo, não era uma situação efetivamente orgânica. Alguns membros tinham uma relação mais orgânica com os partidos e esses praticavam mais, também o surgimento das tendências no movimento estudantil, o surgimento não, porque já existiam, mas as consolidações das tendências, levavam as pessoas para espaço teoricamente mais consistentes, e aí dentro das suas tendências cada uma se aprofundou nos estudos, algumas tendências clandestinas, clandestina todas eram, mas que tinham algumas ações mais concretas na clandestinidade. Mas eu acredito que o momento que nós vivenciamos foi mais no final da ditadura, o momento menos sanguinário, eu diria, também com muita força, mas o momento sanguinária já havia passado, e então nós vivenciamos a reação da sociedade àquilo que ela tinha sofrido de forma tão dura, que foi às cassações, as mortes, as perseguições, os exílios. Então nós tivemos a felicidade de não sofrer na pele tão duramente, tão diretamente, o que a geração anterior sofreu em termos de perseguição. Em termos de prática e estudo era isso, mas todos tinham um engajamento bastante intenso em termos de discussão, porque vivíamos, convivíamos e vivíamos no movimento estudantil, era uma possibilidade que a gerações hoje tem uma outra visão. Hoje mesmo pela manhã eu estava lendo um texto sobre isso, de que a geração de hoje desenvolveu concepções diferenciadas, o articulista estava dizendo que o Che foi muito importante mais de um mau hábito de carregar armas, eu achei ser interessante porque isso na nossa época era a questão mais natural do mundo, uma reação, mas nos moldes da ação que se sofreu.

PF: Secretário há algum outro registro que você gostaria de fazer desse período, fique a vontade.

TLT: Esse é um assunto que é muito prazeroso falar sobre ele. O registro é da importância que o movimento estudantil tem na formação política das pessoas. Eu acho que se perdeu um pouco isso, e a universidade se tornou muito mais pragmática, menos reflexiva. Nos últimos anos, acho que não mais que um ano, a gente vê surgir aí uma fagulha de ações com um ideário mais utópico. Com essa pragmatização do processo, essa visão mais a utopia, a utopia, passou, deixou até de ser mencionada, então ser jovem e não ter utopia é muito triste eu acho, e eu acredito que a nossa geração, isso foi

tão forte para nossa geração, que nós não perdemos a utopia, estamos todos nós aqui fazendo parte de um nível até de direção da sociedade, de uma inserção, mas eu sinto que todos nós temos a percepção de que a construção daquele sentimento, a percepção de que uma utopia tem sempre que fazer parte, que a utopia tem sempre que fazer parte das nossas vidas, não se perdeu e isso eu acho que é fundamental. Eu gostaria de ver isso nas gerações, e eu não vejo muito, não que isso não exista, mas eu não vejo com a mesma intensidade que nós vivenciamos. Na prática, quando a gente se encontra, as pessoas todas que vivenciaram esse momento, têm isso dentro de si, nós nunca vamos deixar. Eu converso com o governador quando nos encontramos, a impressão é de que a gente nunca deixou de ser estudante, com toda a mudança natural que as pessoas sofrem, mas a construção desse momento, eu acho, fez parte das nossas vidas e vai fazer parte sempre.

Obrigado.

Paulo Roberto Fabres
Contato: Fabres.paulo@gmail.com

Vitória no dia 05 de Julho de 2007

(*)

Como citar esta entrevista:

TESSAROLO, Taurio. **Geração Gota d'Água: o movimento estudantil da ufes entre 1976 a 1982.** 2007. Entrevista concedida a Paulo Fabres, Vitória, 05 jul. 2007.